

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA
E METODOLOGIA DAS CIÊNCIAS

CORPO, REPRESENTAÇÃO E O DOMÍNIO DO REAL:

a constituição do conceito de realidade psíquica em Freud

CLOVIS EDUARDO ZANETTI

ORIENTADOR: PROF. DR. RICHARD THEISEN SIMANKE

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Filosofia da Universidade Federal de São Carlos, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Filosofia, área de concentração: Epistemologia da Psicanálise.

SÃO CARLOS – SP
2006

**Ficha catalográfica elaborada pelo DePT da
Biblioteca Comunitária da UFSCar**

Z28cr

Zanetti, Clovis Eduardo.

Corpo, representação e o domínio do real: a constituição do conceito de realidade psíquica em Freud / Clovis Eduardo Zanetti. -- São Carlos : UFSCar, 2006.
291 p.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal de São Carlos, 2006.

1. Psicanálise. 2. Corpo - psicologia. 3. Representação.
4. Aparelho psíquico. 5. Realidade. 6. Matéria. I. Título.

CDD: 150.195 (20ª)

CLOVIS EDUARDO ZANETTI

CORPO, REPRESENTAÇÃO E O DOMÍNIO DO REAL:
A constituição do conceito de realidade psíquica em Freud

Dissertação apresentada à Universidade Federal de São Carlos, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Filosofia, área de concentração: Epistemologia da Psicanálise.

Aprovado em 01 de dezembro de 2006.

BANCA EXAMINADORA

Presidente PROF. Dr. RICHARD THEISEN SIMANKE
(Orientador -UFSCar)

1º Examinador PROF. Dr. JOSÉ MIGUEL HENRIQUES FERNANDES BAIRRÃO
(Membro Titular – USP / Ribeirão Preto)

2º Examinador PROF. Dr. HÉLIO HONDA
(Membro Titular – UEM / PR)

DEDICATÓRIA

Para Juliana F. N. Villari Zanetti e

Fernando Eugênio do Nascimento

(in memoriam)

AGRADECIMENTOS

Ao Prof. Dr. Richard Theisen Simanke que aceitou orientar esta pesquisa, pelo aprendizado que me propiciou com a excelência de seu trabalho e dedicação ao texto de Freud. Aos Profs. Bento Prado Jr. , Mark Julian Richter Cass e João de Fernandes Teixeira pela qualidade de seus cursos e pelo aprendizado crítico em filosofia. A Rose, Sueli e Robson, funcionários da secretaria, pela disponibilidade e auxílio. Ao CNPq pela bolsa concedida que viabilizou a pesquisa. Agradeço também aos Profs. Drs. membros da banca de qualificação e defesa José Miguel H. F. Bairrão e Hélio Honda pela leitura atenta e por terem conferido qualidade e importância ao trabalho realizado. Aos colegas André Medina Carone, Lea Silveira Sales e Fátima Caropreso pela acolhida e pelas trocas. A Juliana, Rina, Margareth e Sylvio Villari e aos meus pais Maria de Lourdes e José Clovis Zanetti pelo suporte que deram aos meus estudos. A Juan Fernando Peña pela leitura inicial, a Luiza Wisniewski, Sonia Petrocini e Vera Lucia Taques presenças importantes na minha formação em psicanálise.

Eis por que os textos de Freud revelam ter, no final das contas, um verdadeiro valor formativo para o psicanalista, ao habituá-lo, como ele deve estar – nós o ensinamos expressamente – ao exercício de um registro fora do qual sua experiência não é mais nada.
(Lacan)

RESUMO

Através de uma gênese conceitual a dissertação tem por objetivo elucidar o estatuto do real e da realidade psíquica do desejo inconsciente na metapsicologia freudiana. A originalidade desses conceitos se encontra em três premissas que pesquisa deve sustentar: 1ª. Para dar conta da realidade que é preciso inferir através das observações clínicas, é necessário situá-la no interior da estruturação de um aparelho, ou seja, sua gênese, *necessariamente*, se entretence com a teoria da estruturação do aparelho psíquico. 2ª. Essa gênese e estruturação pressupõem uma *materialidade* até então não problematizada no contexto da constituição e da duplicação do domínio da realidade pelos processos e atividades no aparelho. 3ª. A problematização de um conceito de matéria em Freud, permite verificar, sobretudo, o laço indissociável existente entre *corpo* e *representação* na constituição do “psíquico verdadeiramente real”, bem como, da “realidade psíquica” do desejo inconsciente que é “uma forma particular de existência” do primeiro. Foram estabelecidos *quatro tempos* da constituição do conceito de realidade, correlatos aos quatro primeiros trabalhos metapsicológicos de Freud em torno da construção de um modelo de aparelho psíquico clinicamente correlacionado: “Ensaio sobre as afasias” (1891), “Projeto de uma Psicologia” (1895), Carta 52 (1896) e “A Interpretação dos sonhos” (1900). Esses trabalhos representam uma progressiva tentativa clínica e conceitual, orientada pela investigação das neuroses, de circunscrever *o psíquico* desde seu ponto de origem infantil, e fornecer com isso um modelo de funcionamento adequado para o aparelho que justifique o estrito determinismo dos eventos mentais. As transições entre os textos metapsicológicos também serão estudadas visando reconstituir o contexto e a progressão dos problemas em questão, o que, por outro lado, possibilitará também assistir ao próprio nascimento da psicanálise desde as questões que lhe foram originalmente colocadas sobre o corpo, a representação e o domínio do real.

Palavras-chave: corpo, representação, matéria, aparelho psíquico, realidade.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1. Esquema psicológico da representação de palavra. p.55

FIGURA 2. Esquema cronológico do desenvolvimento psíquico e sexual. p.148

FIGURA 3. Esquema explicativo da etiologia e da formação das psiconeuroses. p.150

FIGURA 4. Diagrama esquemático da estratificação mnêmica do mecanismo psíquico. p.154

FIGURA 5. Esquema do aparelho reflexo. p.240

FIGURA 6. Esquema do aparelho de memória. p.241

FIGURA 7. Esquema do aparelho psíquico. p.242

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
-------------------	----

PARTE I

TEORIA E MATERIALIDADE DO CONCEITO DE REPRESENTAÇÃO NOS PASSOS INAUGURAIS DA METAPSICOLOGIA FREUDIANA	19
--	----

Cap.1 – Questões acerca da natureza real da sintomatologia da histeria	20
---	----

1.1 As primeiras hipóteses sobre a base do <i>status</i> histérico	20
1.2 A circunscrição da participação psíquica inconsciente	25
1.3 A palavra enquanto recurso terapêutico primário e a introdução da noção de afeto	30
1.4 A relação entre a formação dos sintomas e os modos de reação do mecanismo psíquico	34

Cap. 2 – O Aparelho de Linguagem no ensaio “Sobre as afasias” (1891)	35
---	----

2.1 Exame crítico do conceito de representação: <i>Projektion e Repräsentation</i>	38
2.2 A ultrapassagem do localizacionismo e do paralelismo psicofísico: <i>Repräsentation e Vorstellung</i>	41
2.3 A autonomia do ponto de vista funcional e a espacialização do psíquico	45
2.4 O aparelho de associações e as representações de palavra	49

Cap. 3 – Representação e matéria: o conceito de real enquanto possibilidade permanente de sensação	52
---	----

3.1 <i>Das Ding</i> e o processo de significação: o não fechamento da representação de objeto	52
3.2 A origem psicológica da idéia de matéria e realidade exterior	57

Cap. 4 – A representação do corpo e sua relação com a justificação teórica da existência e eficácia do inconsciente	62
--	----

4.1 O modo de existência das representações excluídas e sua alteração material	62
4.2 Uma nova concepção de corpo sustentada pela teoria da representação	69
4.3 Ação e eficácia do mecanismo psíquico dos fenômenos histéricos	74

PARTE II

O SENTIDO E A NATUREZA DA CONCEPÇÃO DE REALIDADE E A TEORIA DA MEMÓRIA NO “PROJETO DE UMA PSICOLOGIA” (1895)	78
Cap. 1 – A constituição do Aparelho Neuropsíquico	79
1.1 Postulados, funções e estrutura	80
1.2 Memória e percepção	83
1.3 Qualidade e consciência	89
1.4 O interior do corpo e a mola impulsiva do mecanismo psíquico	93
Cap. 2 – A realização alucinatória de desejo e o signo de realidade (<i>Realitätzeichen</i>)	96
2.1 Vivências constitutivas: desamparo e satisfação	96
2.2 Conseqüências psíquicas: afeto, desejo e vida representacional	103
2.3 O signo de realidade	106
Cap. 3 – O sentido da crença na teoria freudiana do juízo	110
3.1 Pensamento e desejo	110
3.2 Crença e juízo de realidade	115
Cap. 4 – Traços de realidade e realidade do pensar (<i>Denkrealität</i>)	120
4.1 Os signos de descarga lingüística	120
Cap. 5 – Psicopatologia e os processos primários póstumos	123
5.1 Os sonhos: desejo e alucinação onírica	123
5.2 A compulsão histérica: formação de símbolo	127
Cap. 6 – Sexualidade e etiologia	130
6.1 A etiologia traumática e a teoria da sedução	130
6.2 O processo sexual e a teoria do aparelho	132
6.3 A temporalidade do trauma e a significação do sexual	134
6.4 Estados afetivos e a <i>Proton pseudos</i>	138

Cap. 7 – A materialidade das descargas sensoriais e a concepção de realidade no “Projeto...” (1895)	140
7.1 O psíquico <i>versus</i> o subjetivo	140

PARTE III

DA TEORIA DO TRAUMA A INTRODUÇÃO DA FANTASIA: ESTRATIFICAÇÃO DA MEMÓRIA E A PRODUÇÃO DA CENA PSÍQUICA INCONSCIENTE 142

Cap. 1 – Repressão e prazer: o núcleo do enigma	143
1.1 Progresso clínico <i>versus</i> pressuposições teóricas	143
Cap. 2 – <i>Working hypotheses</i>	148
2.1 Um novo esquema etiológico: infância e cronologia	148
2.2 Da cronologia a tópica: a estratificação do psíquico (Carta 52)	151
Cap. 3 – Questões acerca da autenticidade e da realidade das cenas	157
3.1 A resenha crítica de Adolf von Strümpell	157
3.2 As evidências em três domínios: clínico, lógico e terapêutico	159
3.3 A correlação com a estratificação psicológica e as primeiras dúvidas quanto à hipótese da sedução	160
Cap. 4 – A introdução da fantasia e a tópica inconsciente	162
4.1 Estruturas protetoras <i>versus</i> derivados das pulsões	162
4.2 A natureza dos impulsos e as novas formações de compromisso	165
Cap. 5 – Não acredito mais em minha neurótica	168
5.1 No inconsciente não existe um signo de realidade	169
Cap. 6 – O elemento universal e a derivação do infantil	173
6.1 Épido Rei: uma compulsão	173
6.2 O caráter infantil e ‘ <i>a coisa</i> ’ por de traz da repressão	175
6.3 A fonte do inconsciente	177

Cap. 7 – A teoria da memória segundo a formação das fantasias	179
7.1 O mecanismo psíquico do esquecimento	179
7.2 Pequenos avanços na teoria do desejo	182
7.3 Lembranças encobridoras	184
7.4 A produção da cena inconsciente	187
7.5 Do real dos traços a realidade das fantasias	193

PARTE IV

A CIRCUNSCRIÇÃO DO INFANTIL E O DOMÍNIO DO REAL: A PRIMEIRA TÓPICA FREUDIANA

194

Cap.1 – O sonho é a realização disfarçada de um desejo reprimido	197
1.1 A deformação onírica: o manifesto e o latente	197
Cap.2 – Memória onírica: o material e a fonte dos sonhos	200
2.1 Não existem excitadores oníricos indiferentes	200
2.2 O infantil como fonte dos sonhos	203
2.3 Pensar e vivenciar são uma e a mesma coisa	206
2.4 A elaboração da excitação somática e os propósitos do sonho	207
Cap.3 – Sonhos típicos e a psicologia do desejo infantil	210
3.1 Sonhos de embaraço por desnudez	210
3.2 Sonhos de morte de pessoas queridas	212
3.3 <i>Oedipus Rex</i> e Hamlet: um patrimônio psíquico inalterado e universal	218
Cap.4 – O trabalho do sonho e a transformação do material latente em conteúdo manifesto	220
4.1 Os trabalhos de condensação e deslocamento	220
4.2 Os meios de representação do sonho e a repulsa como afirmação (<i>Bejahung</i>) da realidade	223
4.3 Consideração pela figurabilidade: uma unidade de ação isenta de censura	226

4.4	O afeto faz do sonho uma vivência real	229
4.5	Elaboração secundária: uma trama inteligível	233
Cap.5 – O Aparelho Psíquico: desejo inconsciente, ética e o domínio do real		235
5.1	O processo da regressão: a cena de ação e a transmutação ao sensível	236
5.2	Desejar: a atividade psíquica por excelência	245
5.3	O sonho e sua função: a tramitação da excitação inconsciente	248
5.4	A lacuna na eficácia funcional e o que se separa do desenvolvimento	251
5.5	O psíquico verdadeiramente real	257
5.6	<i>Psychische Realität</i> : uma forma particular de existência	264
CONCLUSÃO		276
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS		279

INTRODUÇÃO

É comum encontrar na literatura psicanalítica a utilização de noções e conceitos cuja distância que se encontram do contexto em que foram produzidos acaba por banalizá-los. Descontextualizados, se abrem a um deslocamento semântico que os destituem de sua eficácia e originalidade. Costuma-se apresentar a *realidade psíquica* em Freud na sua suposta forma acabada, no entanto, uma leitura mais cuidadosa permite verificar que a questão se quer foi formulada. Nos casos em que se formulou, na falta de um trabalho prévio com o texto freudiano, encontra-se mal colocada, pois sua originalidade e consistência conceitual são inseparáveis do contexto clínico e dos problemas de fundamentação teórica a qual ela responde. Com freqüência confunde-se nas considerações sobre a realidade o que é *psíquico* com o que é *subjetivo, psicológico*, como é o caso de FRAYZE-PEREIRA (1999), entre outros. Pouca ou nenhuma atenção é dada à emergência e aos antecedentes dessa diferença, aparentemente trivial, da qual decorrem conseqüências de grande envergadura, como as inovações introduzidas pelo conceito freudiano de representação, por exemplo.

São raros os trabalhos que se ocupam em reconduzir noções e conceitos aos lugares que lhe são próprios. É o que justifica este estudo que se propõe a acompanhar os movimentos iniciais da obra de Freud em torno do problema da natureza e da concepção de realidade em sua teoria. Pretende-se demonstrar que, a proposta de Freud de formular uma explicação que justifique a existência e a eficácia do inconsciente através da construção de um modelo de aparelho psíquico representacional, acabou por circunscrever um conceito de realidade próprio e exigido pelos problemas postos pelas neuroses a prática clínica e a sua

fundamentação. A originalidade dessa concepção se assenta em três premissas que a pesquisa pretende sustentar:

1º. Para dar conta da realidade que é preciso inferir através das observações, é necessário situá-la no interior da estruturação de um aparelho, ou seja, sua gênese, *necessariamente*, se entretetece com a teoria da estruturação do aparelho psíquico.

2º. Essa gênese e estruturação pressupõem uma *materialidade* até então não problematizada no contexto da constituição e da duplicação do domínio da realidade pelos processos e atividades no aparelho.

3º. A problematização de um conceito de matéria em Freud, permite verificar, sobretudo, o laço indissociável existente entre *corpo* e *representação* na constituição do “psíquico verdadeiramente real”, bem como, da “realidade psíquica“ do desejo inconsciente que é “uma forma particular de existência” do primeiro.

É importante pontuar que na circunscrição dessa problemática partilhamos do pressuposto de que o arsenal teórico freudiano possui certo potencial intrínseco, tanto para resolução de seus impasses, quanto para melhor definir seus conceitos. (SIMANKE, 1994a, p.11). Portanto, através do estudo da origem dos problemas e hipóteses que levaram Freud a formular uma concepção de realidade pertinente a seu objeto de estudo, foram estabelecidos *quatro tempos da constituição desse conceito*, correlatos aos *quatro primeiros trabalhos metapsicológicos* de Freud em torno da construção de um modelo de aparelho psíquico clinicamente correlacionado, são eles: “Ensaio sobre as afasias” (1891), “Projeto de uma psicologia” (1895), “Carta 52” (1896) e “A interpretação dos sonhos” (1900). Esses trabalhos representam uma progressiva tentativa clínica e conceitual, orientada pela investigação das neuroses, de circunscrever *o psíquico* desde seu ponto de origem infantil, e fornecer com isso um modelo de funcionamento adequado que justifique o estrito determinismo dos eventos mentais. As transições entre os textos metapsicológicos também serão estudadas visando

reconstituir o contexto e a progressão dos problemas em questão, o que, por outro lado, possibilitará também assistir ao próprio nascimento da psicanálise desde as questões que lhe foram originalmente colocadas sobre o corpo, a representação e o domínio do real.

Assim, o plano geral da pesquisa comporta quatro partes: a *primeira parte* tratará dos antecedentes do conceito de realidade no contexto de uma problematização sustentada pelas dúvidas quanto à natureza real da sintomatologia da histeria e da necessidade de se justificar a existência e a eficácia do inconsciente por meio do conceito de representação. Nessa primeira etapa da constituição do conceito será discutido e avaliado o ponto de ruptura freudiano no cerne de um debate interno a clínica médica em torno do localizacionismo; uma teoria neurológica posta em questão pelas características clínicas das afasias e da histeria. As conclusões tiradas por Freud, através do exame crítico do conceito de representação no texto “Sobre as afasias” (1891), lhe renderam um ponto de vista funcional que permitiu conceber a espacialização de um aparelho de linguagem que não precisa mais coincidir com a localização anatômica cerebral; um passo inaugural e definitivo para metapsicologia. No aparelho assim concebido, as associações entre representação de palavra e representação de objeto fornecem os fundamentos de uma relação com o real, que neste momento, com base na filosofia de Stuart Mill, é definido por meio do conceito de “coisa”. A introdução por parte de Freud do conceito de “coisa” no coração da representação de objeto, marca, do ponto de vista psicológico, a base material onde se inscreve a conceituação sobre a constituição do psíquico e sua relação aberta com a base e a periferia corporal.

Nessa etapa, serão examinados e comentados os primeiros textos freudianos publicados entre 1888 e 1895, principalmente: Histeria (1888); Prefácio à tradução de *Suggestion* de Bernheim (1888 [1888-91]); Tratamento psíquico (1891); Sobre as afasias: um exame crítico (1891); Um caso de cura pela hipnose – com algumas pontuações sobre a gênese dos sintomas histéricos através da contravontade (1892); Algumas considerações para

o estudo comparativo das paralisias motoras orgânicas e histéricas (1893[1888-93]); Sobre o mecanismo psíquico dos fenômenos histéricos: comunicação preliminar (1893) e as “Considerações teóricas” de Breuer em “Estudos sobre histeria” (1893-95). Também serão examinados os seguintes textos de Stuart Mill referidos por Freud: “Sistema de lógica dedutiva e indutiva: exposição dos princípios da prova e dos métodos de investigação científica” (1843), “Um exame da filosofia de Sir William Hamilton” (1865).

A *segunda parte* se ocupará da primeira circunscrição efetiva do conceito de realidade pela teoria freudiana do aparelho psíquico enquanto gênese e estruturação de um aparelho de memória. No texto do “Projeto de uma psicologia” (1895) iremos acompanhar como essa primeira teoria da constituição do psíquico comporta, nela mesma, a organização de um domínio de realidade apto a se inscrever através das atividades e dos processos no aparelho. No “Projeto...” essa primeira concepção duplica-se em dois registros: a realidade da percepção e a realidade do pensamento; em ambos os domínios o que define o estatuto de real conferido aos seus processos é a materialidade das descargas sensoriais: os signos de realidade para a percepção, e os signos de descarga lingüística para o pensamento. É o trâmite destes signos qualitativos no interior do aparelho que torna percepção e pensamento susceptíveis de consciência e rememoração, ou seja, é o que lhes confere uma *existência subjetiva*. Já o que Freud considera como *psíquico* propriamente dito, diferente desse domínio subjetivo, é estritamente definido enquanto *inconsciente*. Como se pode notar, o que está em jogo nessa primeira teoria da realidade é o estabelecimento de uma *realidade subjetiva* para esses processos mentais, cuja contraparte inconsciente, a *realidade psíquica*, ainda não é explicitamente tematizada pela teoria.

A *terceira parte* do trabalho irá mostrar as insuficiências e incompatibilidades dessa concepção de realidade subjetiva diante dos deslocamentos e transformações ocorridas na hipótese do aparelho psíquico em razão dos impasses clínicos e teóricos com as neuroses.

Essas transformações representam o momento crítico da constituição do conceito de realidade psíquica, que passa a ser cada vez mais requisitado na medida em que a teoria da fantasia começa a substituir, gradativamente, a hipótese do trauma e da sedução; momento em que o desejo sexual infantil entra em cena como o grande organizador na formação dos sintomas e da vida psíquica em geral. Neste percurso, o aparelho é repensado através da hipótese da estratificação psíquica e da tradução entre sistemas, onde o recurso à representação tópica se revelará o principal instrumento metodológico na circunscrição de um novo domínio do real, estranho e extrínseco ao campo subjetivo. Os textos a serem analisados e comentados nessa etapa serão aqueles escritos no período de 1894 a 1898, incluindo “A correspondência de Sigmund Freud a Wilhelm Fliess” (1887-1904), são eles: “Sobre os critérios para destacar da neurastenia uma síndrome particular intitulada ‘neurose de angústia’” (1894); “Hereditariedade e a etiologia das neuroses” (1896); “Novos comentários sobre as neuropsicoses de defesa” (1896); “A etiologia da histeria” (1896); “O mecanismo psíquico do esquecimento” (1898) e “Lembranças encobridoras” (1899).

Já a *quarta* e última parte dedicar-se-á ao estabelecimento final desse novo conceito de real correlacionado a um novo redimensionamento do aparelho psíquico que ocorre no texto “A interpretação dos sonhos” (1900). No trabalho será possível avaliar a força do golpe conceitual dado pela introdução da idéia de um aparelho no cerne de uma psicologia das neuroses. A produção da teoria de um aparelho clinicamente correlacionado é, segundo Freud, a grande novidade de sua elaboração; é o que marca a diferença entre sua concepção de inconsciente e aquelas advindas de outros domínios, como da filosofia ou da psicologia de Theodor Lipps, por exemplo. Nesse contexto, Freud estabelece os fundamentos estruturais dessa nova ordem de realidade organizada pelas fantasias, em torno da estruturação da experiência originária e constitutiva com o desejo. O trabalho com os sonhos possibilitará perceber que a referência ao desejo inconsciente implica na própria definição da realidade

psíquica como uma forma particular de existência do núcleo infantil, o centro psíquico de nosso aparelho mental, desde o ponto de vista de suas raízes pulsionais. Também será possível avaliar a pertinência e o alcance da explicitação do conceito de matéria pressuposto – reconduzido ao domínio natural das excitações – para a elucidação do conceito de real e da particularidade de sua forma de existência psíquica, bem como de seu contraponto na realidade material independente do desejo. Nessa última etapa trabalharemos com o texto “A interpretação dos sonhos” (1900) a luz do saldo obtido pelo conjunto do trabalho que o precedeu.

Ao final da pesquisa, espera-se que seus resultados possam contribuir com a avaliação do alcance e a precisão conceitual que essas concepções em torno desse conceito de realidade podem adquirir quando remetidas ao quadro teórico e clínico a qual elas respondem. Espera-se também que este estudo possa situar a psicanálise diante da especificidade e a originalidade de seu projeto conceitual, contribuindo com alguns pontos de referência para se pensar o trabalho clínico, a diferença entre as diversas metapsicologias pós-freudianas, bem como a interlocução com outras áreas do conhecimento.

PARTE I:
TEORIA E MATERIALIDADE DO CONCEITO DE REPRESENTAÇÃO NOS
PASSOS INAUGURAIS DA METAPSIKOLOGIA FREUDIANA

CAPÍTULO 1

Questões acerca da *natureza real* da sintomatologia da histeria

1.1. As primeiras hipóteses sobre a base do *status* histórico

O artigo “Histeria” (1888), que é uma das quatro contribuições de Freud para enciclopédia médica Villaret (1888-91)¹, deixar ver, a princípio, as conseqüências clínicas e as primeiras insinuações teóricas decorrentes do encontro do jovem neurologista Freud com o trabalho clínico de Charcot em Paris (1886). A histeria é definida aí como uma neurose *stricto sensu*, ou seja, uma enfermidade do sistema nervoso que não apresenta alterações anatômicas e que repousa inteiramente em modificações funcionais. Segundo o autor, sua *essência*, de acordo com essa tese, deveria expressar-se mediante uma *fórmula* que levasse em conta as alterações da excitabilidade entre as partes que compõe o sistema. (FREUD, 1988a, p.45). Tal fórmula, a ser construída, teria a função de fundamentar e justificar a recente sistematização da sintomatologia da histeria organizada por Charcot em um quadro nosográfico distinto, tanto das afecções orgânicas nervosas, quanto de outras neuroses. Uma tarefa inaugural, como se vê, e de extrema importância para o reconhecimento da histeria no campo das doenças mentais, que até então “*não recebera se não o anátoma do ridículo onde seus estados eram considerados como simulações indignas de observação clínica.*” (FREUD, 1988a, p.45).

¹ As outras três contribuições referem-se a trabalhos que tratam da anatomia do cérebro, das afasias, paresias e paralisias infantis. (Cf. STRACHEY, 1988a, p.43)

Freud nesse trabalho pretende sustentar a tese de que as perturbações histéricas *não carecem de lei* (FREUD, 1988, p.46), fato esse que, se justificado, conferiria legitimidade ao quadro clínico recém estabelecido. A primeira tarefa é mostrar como é possível um diagnóstico diferencial da histeria, e segundo, notar que dessa rigorosa distinção pode-se extrair os primeiros elementos de uma fórmula que explique a especificidade da formação dos sintomas através das peculiaridades da distribuição da excitação dentro do sistema nervoso.

Os sintomas analisados que compõe o quadro nosográfico típico da histeria são: ataques convulsivos, zonas histerógenas, perturbações da sensibilidade, paralisias, contraturas e perturbações psíquicas. O que distingue e caracteriza em geral esses sintomas como histéricos é o fato clinicamente estabelecido de que em todos eles há uma grande liberdade em relação à regra anatômica. As anestésias histéricas diferentemente das orgânicas, por exemplo, não interferem nas atividades motoras, além de que, podem, mesmo que sua extensão e intensidade sejam muito acentuadas, escapar inteiramente ao conhecimento e a percepção do paciente. (FREUD, 1988a, p.49). As convulsões histéricas, outro exemplo, diferente das epiléticas não apresentam aumentos de temperatura e seus movimentos coordenados contrastam fortemente com a brutalidade dos ataques na epilepsia; há também como característico desses ataques histéricos uma fase alucinatória denominada de – *attitudes passionnelles* – que exhibe posturas, ações e palavras que correspondem ao conteúdo psíquico de cenas que são alucinadas durante o ataque, o que não ocorre, em absoluto, na epilepsia. Com relação às paralisias histéricas não há uma preferência pela porção distal do membro como nas orgânicas. Enfim, Freud aponta inúmeras outras distinções diagnósticas, mas para nossos propósitos é suficiente destacar que todos os sintomas encontrados na histeria são *móveis*: mudam de uma forma que, de saída refuta toda a conjectura de uma lesão material *e de modo algum refletem a constelação anatômica do sistema nervoso* como o fazem os sintomas das afecções orgânicas. (FREUD, 1988a, p.53). É

justamente essa mobilidade que sugere uma alteração do fluxo da excitação na base das afecções e também o que explica a eficácia da terapêutica hipnótica, uma vez que a sugestão sob hipnose atuaria nessa distribuição pela mediação psíquica.

Por meio da consideração dos *sintomas psíquicos* da histeria Freud introduz, já em 1888, as primeiras hipóteses e postulados sobre os quais irão se edificar os conceitos fundamentais de sua futura metapsicologia.

As alterações psíquicas, que é preciso postular como base do *status* histérico, se desdobram por inteiro no âmbito da atividade encefálica inconsciente, automática. Talvez ainda se possa destacar que na histeria a influência dos processos psíquicos sobre os processos físicos do organismo está aumentada, (como em todas as neuroses), e que os pacientes histéricos trabalham com um excedente de excitação no sistema nervoso, o qual se exterioriza ora inibindo, ora estimulando, e que se desloca com grande liberdade dentro do sistema nervoso. (FREUD, 1988a, p.54).

As alterações psíquicas assinaladas como *a base* do estado histérico são designadas, antes de tudo, como alterações no decurso e nas associações entre representações, inibições da atividade voluntária e a acentuação ou sufocação de sentimentos. Assim, já no seu ponto de partida, o psíquico é referido fundamentalmente a esfera representacional: como uma *atividade cerebral inconsciente*, e essa, por sua vez, responderia pelas modificações funcionais na distribuição sobre o sistema nervoso, tanto de quantidades estáveis de excitação, como ocorre no estado de saúde normal, quanto do excedente verificado nos transtornos histéricos. (FREUD, 1988a, p.54).

Segundo essa hipótese, pode-se presumir que uns dos fatores que melhor respondem à formação desse excedente de excitação dentro do órgão mental são aqueles relacionados à *vida sexual*; pois se deve admitir o importante papel desempenhado por suas *constelações funcionais* na etiologia das neuroses, isso devido à elevada *significatividade psíquica* desta

função². (FREUD, 1988a, p. 56). A sintomatologia da histeria seria uma demonstração de como a formação desse “*excedente de estímulo é distribuído por intermédio das representações conscientes e inconscientes*”. (FREUD, 1988a, p.63).

A observação da existência de grandes intervalos de tempo entre os fatores desencadeantes e as irrupções sintomáticas sugere ainda que os distúrbios neuróticos requeiram um período de latência durante o qual *a causa segue atuando* (produzindo efeitos) no inconsciente. (FREUD, 1988a, p.58). Em seguida, a respeito do tratamento o autor volta a afirmar que este deve consistir na eliminação da causa psíquica fonte da formação de sintomas e que a mesma deve ser buscada, sobretudo, no *representar inconsciente*. (FREUD, 1988a, p.62). Como observa SIMANKE (2004b, p.13), é no plano clínico que a noção de inconsciente começa a se impor. Contudo, será necessário um trabalho crítico para que essas hipóteses sobre a natureza dos fatores inconscientes em ação nas histerias ultrapassem o domínio da observação e da intuição clínica e alcancem um estatuto conceitual amparado por uma teoria da representação.

A respeito do método terapêutico faz uma importante menção ao trabalho de Breuer que pode ser considerado como uma fonte de influência importante sobre a formulação dessas hipóteses que sugerem um mecanismo psíquico para os fenômenos histéricos. Este método

consiste em reconduzir o enfermo, hipnotizado a pré-história psíquica do padecer, e compeli-lo a reconhecer a ocasião psíquica a raiz da qual se originou a perturbação correspondente. Esse método é mais adequado por que imita fielmente o mecanismo segundo o qual se originam e dissipam as perturbações. (FREUD, 1988a, p.62).

² Apesar de reconhecer a importância da significação psíquica da função sexual na causação dos sintomas, Freud mantém uma posição dúbia em relação a seu papel etiológico. Ora, se põe ao lado de Charcot e afirma que a causa da histeria deve ser buscada inteiramente numa disposição hereditária para a perturbação da atividade nervosa; deixando aos fatores traumáticos adquiridos o lugar secundário das causas desencadeantes. Ora, partilha das descobertas de Breuer e sustenta que as causas devem ser buscadas na pré-história psíquica do padecer, na ocasião traumática que deu origem a perturbação nervosa. Nos trabalhos subsequentes, como no texto “Charcot” (1893), pode-se verificar que Freud toma partido das causas sexuais adquiridas, dizendo que Charcot superestimou a hereditariedade como agente causativo não deixando espaço algum para a aquisição da doença nervosa. (FREUD, 1989, p.24).

Não há dúvida de que a idéia da existência e da eficácia de um inconsciente psíquico representacional é absolutamente essencial ao conjunto destas hipóteses que visam explicar a sintomatologia clínica da histeria. No entanto, o sentido e a natureza da noção de representação com que Freud está manejando neste momento ainda não são claros. Muito embora, os sintomas da histeria dão indícios que se trata:

1º. Da representação do corpo no córtex, enquanto uma atividade cerebral inconsciente.

2º. Que essa representação não pode ter por base as regras anatômicas da distribuição nervosa, uma vez que esses sintomas são absolutamente refratários à anatomia.

3º. Que isso tem a ver com a significação psíquica atribuída as funções corporais representadas.

Nesse sentido seu estatuto está mais próximo do domínio *funcional* do que do *morfológico*³, como indica o uso do conceito funcionalista de atividade e de modificações da distribuição sobre o sistema nervoso de quantidades estáveis de excitação por causas não orgânicas. Se as causas devem ser buscadas no “representar inconsciente” por meio da recondução do paciente à pré-história psíquica da doença até a ocasião traumática que deu origem aos sintomas, o conceito de representação também deverá comportar uma função mnêmica capaz de explicar a eficácia póstuma desses eventos. No entanto, até o momento esses desdobramentos permanecem implícitos neste ponto de vista neurológico é evidente, porém, já de todo funcional. Os futuros desenvolvimentos mostrarão qual é a noção de representação que Freud tem por referência, ao mesmo tempo em que irá submetê-la a um exame crítico decisivo que resultará numa reformulação de seu estatuto conceitual

³ Segundo LEVIN (1980, p.12), essa alternativa entre a apreensão funcional ou morfológica dos fenômenos nervosos foi amplamente debatida pela neurologia e psiquiatria do século XIX. A controvérsia girava em torno “da utilidade relativa da Anatomia Patológica (acompanhar os pacientes até à autopsia a fim de correlacionar sintomas com dados anatômicos) e da Fisiologia (ênfase na experimentação em animais de laboratório, com a finalidade de investigar os modos de funcionamento em lugar da estrutura) para a elucidação da natureza dos processos patológicos.” Como torna evidente esse texto de 1888, Freud opta por esse segundo o estilo de abordagem.

adequando-o aos novos problemas e necessidades colocados pelas características clínicas da neurose.

1.2. A circunscrição da participação psíquica inconsciente

Nesse mesmo ano de 1888, no prefácio escrito por Freud a sua tradução do livro de Bernheim sobre a sugestão, (*De la suggestion et de ses applications à la thérapeutique*) encontra-se um prolongamento das questões abordadas em “Histeria” (1888) aplicadas ao problema da hipnose. Esse prefácio pretende apresentar ao público médico alemão os argumentos a favor do estudo e da prática terapêutica do hipnotismo contra a “*crença de que o problema da hipnose estaria, como assevera Meynert, envolvido num ralo de absurdidade*”. (FREUD, 1988b, p.81). Bernheim teria, e esse segundo Freud seria seu grande mérito, despojado as manifestações do hipnotismo de sua raridade, correlacionando-as com os fenômenos e com as leis da vida psicológica normal e do dormir. Como entre histeria e hipnose existem nexos bastante íntimos, trata-se de sustentar ao lado de Charcot, entre outros, tanto *a realidade* dos fenômenos hipnóticos quanto a *natureza real* da sintomatologia da histeria que fora posta em dúvida pela ciência médica alemã.

Os partidários a favor da hipnose se dividem em dois grupos: aqueles como Bernheim que defendem que os fenômenos do hipnotismo procedem unicamente dos *fatores psíquicos* produzidos pela *sugestão*, ou seja, da introdução de uma *representação consciente* desde o exterior no órgão anímico do hipnotizado e que é acolhida como se tivesse surgido espontaneamente; e outros, como Charcot, que afirmam que no mecanismo dos fenômenos hipnóticos sobressaem os *fatores fisiológicos*, pois tem por base *deslocamentos da*

excitabilidade dentro do sistema nervoso *sem a participação das partes que trabalham com consciência*. (FREUD, 1988b, p.83). É interessante notar a diferença em torno da concepção de psíquico entre os autores. Segundo a definição dada em “Histeria” (1888), Freud entende que o psíquico como atividade neurológica inconsciente. Bernheim, por sua vez, o concebe enquanto representação psicológica consciente. Já as alterações fisiológicas sem a participação consciente que Charcot postula como a base dos fenômenos hipnóticos é o que Freud reconhece como atividade psíquica cerebral.

Como observa Freud, as opiniões de Bernheim, se aceitas integralmente, destituem por completo a objetividade da sintomatologia histérica. Pois, se o hipnotismo se fundamenta exclusivamente na sugestão, a hipnose de pacientes histéricos careceria de características próprias na medida em que o médico poderia produzir em seus hipnotizados, sem saber, qualquer sintomatologia que desejasse falseando as observações. Esse seria um excelente exemplo de como um grande observador como Charcot se viu levado de maneira falsa e artificial, por desconsiderar o fator psíquico da sugestão, a criar um tipo clínico a partir da total arbitrariedade e maleabilidade de uma neurose. Não obstante, Freud sustenta a tese de que a sintomatologia da histeria clinicamente justificada é de *natureza real*, objetiva, e não pode ser falseada pela sugestão do observador. Isto não significa que se deva desprezar o mecanismo psíquico das manifestações, porém, este não pode ser reduzido ao mecanismo da sugestão. (FREUD, 1988b, p.85). A avaliação é de que, se a sintomatologia da histeria sugere um mecanismo psíquico, este deverá articular ambos os argumentos, e propõe a busca de uma mediação, de um *elo*⁴, entre processos psíquicos e fisiológicos postulados por esses autores através de um exame crítico do conceito de sugestão.

⁴ Como bem observou SIMANKE (2004b, p.61) “na clínica da histeria, não se tratava de escolher entre uma explicação fisiológica, que relegava os sintomas a fenômenos deficitários incompreensíveis, e uma abordagem interpretativa que lhes revelasse a significação imanente, mas de formular uma explicação psicológica dos distúrbios neuróticos que justificasse seu sentido histórico e individual na sua função de determinante causal dos processos, sem abrir mão da materialidade atribuída aos mesmos.”

O uso ambíguo do termo *sugestão* é tido como o grande responsável por esta antítese entre fatores psíquicos e fisiológicos. Segundo sua definição: por sugestão se entende uma espécie de influência psíquica que se singulariza frente outras modalidades de influência, como a comunicação, a ordem ou o ensinamento, por despertar num segundo órgão mental, *uma representação cuja origem não é submetida a um exame*, sendo aceita como se houvesse sido gerada espontaneamente neste órgão. (FREUD, 1988b, p. 88).

O ponto de partida para o reconhecimento do mecanismo em questão é o estabelecimento da diferença entre a *sugestão direta* (psíquica) e *sugestão indireta* (fisiológica). Por exemplo, se dissermos a uma pessoa hipnotizada: ‘seu braço direito está paralisado; você não pode movê-lo’, essa seria uma sugestão psíquica direta. Em vez disso, observa Freud, Charcot dá um leve golpe no braço do hipnotizado produzindo uma sensação dolorosa, ao que segue o mesmo resultado, a paralisia do braço independente da sugestão psíquica direta do médico. Nesse segundo caso é preciso reconhecer a presença de *auto-sugestões* na produção do sintoma, ou seja, uma série de *elos intermediários* oriundos da própria *atividade psíquica do sujeito* se intercala entre o estímulo externo aplicado (o golpe) e o resultado (a paralisia). Não obstante, nessas auto-sugestões se tratam de processos psíquicos que não recebem a atenção da consciência como nas sugestões diretas. É por via desta tendência à auto-sugestão enquanto atividade psíquica própria inconsciente que se pode explicar *o mecanismo de produção* das paralisias histéricas espontâneas. É essa inclinação que é característico da histeria muito mais do que a sugestionabilidade em relação ao médico. (FREUD, 1988b, p.89). Pode-se dizer com isso que Freud estabelece diferenças importantes entre: psíquico consciente (sugestão direta); a atividade psíquica inconsciente (auto-sugestões) e atividade fisiológica não psíquica.

Nesse mecanismo de produção as auto-sugestões são descritas apresentando tanto fenômenos psíquicos quanto fisiológicos (corporais) e Freud propõe que o *elo* buscado entre esses possa ser explicado mediante *leis de associação*: “ – *sugerir – tem o mesmo significado que o despertar recíproco de estados psíquicos segundo as leis da associação.*”⁵ (FREUD, 1988b, p.89). Por exemplo, a sugestão indireta do fechamento dos olhos, que é um dos concomitantes mais regulares do dormir, desperta o estado psíquico do sono associado à representação do dormir, ou seja, um componente dos fenômenos do sono sugere os outros que completam a manifestação como um todo; e conclui:

Esta capacidade de associar elementos faz parte da natureza do sistema nervoso, não depende do livre arbítrio do médico; não pode subsistir sem apoiar-se em alterações dentro da excitabilidade das partes encefálicas em questão, dentro da inervação dos centros vasomotores, etc., e igualmente oferece uma face psicológica tanto como uma fisiológica. (FREUD, 1988b, p.90).

Assim, através da consideração dessa *capacidade associativa* a antítese em questão é desfeita e a suspeita de que a sintomatologia seria imposta pelo médico perde o sentido. A sugestão direta ou indireta seguida da auto-sugestão não faz outra coisa que desencadear por meio de uma representação uma série de estados corporais que se encontram associados a estados psicológicos; outro exemplo: a representação psicológica do dormir pode engendrar os sentimentos de fadiga nos olhos e músculos e vice versa. (FREUD, 1988b, p.90). O fundamento desse enlace apóia-se nas particularidades funcionais associativas do sistema nervoso hipnotizado e na noção de *representação*, pois como demonstra o estudo da sugestão, a excitabilidade parece ser distribuída no sistema conforme as alterações no decurso das representações segundo as leis de associação.

⁵ As leis de associação a que Freud se refere e que estão na base da formação dos fenômenos são: associação por similaridade, por contiguidade e a formação de uma associação indissolúvel entre dois fenômenos contíguos ou similares pela frequência e pela repetição com que são experimentados. Para um exame da fonte dessas leis na psicologia de Stuart Mill ver adiante Parte I, seção 3.2.

Freud observa que o modelo da função cerebral de Meynert *reduz* o domínio psíquico a estrutura anatômica do córtex e o fenômeno fisiológico as fibras subcorticais. O que dá margem para a pergunta (bastante freqüente na época) que indaga se as alterações da excitabilidade na hipnose afetam o âmbito psíquico ou o fisiológico; a resposta de Freud é contrária à idéia da localização estrita das funções mentais: não se tem “*critério algum que permita separar com exatidão um processo psíquico de um fisiológico, [ou seja] um ato no córtex cerebral de um ato nas massas subcorticais.*” (FREUD, 1988b, p.91)⁶. Concluindo então que: tal *processo*, como um todo, resiste a uma localização estrita e apresenta efeitos globais em que se deve considerar suas duas faces interdependentes.⁷

Ao remeter o psíquico à *atividade* cortical inconsciente e não a sua *localização* anatômica, Freud inicia uma crítica a idéia de localização das funções mentais em partes específicas do órgão cerebral que se tornará uma *condição de possibilidade* para elaboração de sua teoria da constituição do aparelho psíquico. Neste momento se executa os primeiros passos de um movimento conceitual que irá superar criticamente tanto o localizacionismo quanto a tradicional identidade estabelecida entre psíquico e consciência:

a “consciência”, seja ela o que for, não corresponde a toda atividade do córtex cerebral, e nem sempre corresponde na mesma medida a alguma das suas atividades em particular, *não é algo ligado a uma localidade psíquica dentro do sistema nervoso.* (FREUD, 1988b, p.91, grifo nosso).

⁶ Com essa resposta Freud está se posicionando contra a teoria de Meynert que pretende ver nos fenômenos hipnóticos “uma – depressão da atividade cortical – uma forma de imbecilidade experimental; [...] e até chega a localizar o princípio do – mal – nas partes subcorticais do cérebro.” (FREUD, 1988c, p. 105).

⁷ Com efeito, observa NASSIF (1977, p.117), “só uma teoria que dê a possibilidade de pensar em termos de processo, e que não faz da consciência um critério de existência desses processos, permite interpretar os fatos clínicos colocados em evidência por Charcot em seus estudos das paralisias histéricas.”

1.3. A *palavra* enquanto recurso terapêutico primário e a introdução da noção de *afeto*

O texto “Tratamento psíquico” publicado no ano de 1890 é um exemplar preciso do rendimento clínico e teórico obtido por Freud nestes primeiros anos de seu trabalho com as neuroses. Nele pode-se encontrar uma síntese da temática que abre e expõe o contexto do qual surgirão às questões e os conceitos fundamentais da teoria psicanalítica. Sua articulação mais próxima está internamente ligada com o lugar ocupado pela linguagem e a necessidade de correlacioná-la com a idéia de um aparelho de associações. Nesse sentido, esse texto pode ser considerado como o *contraponto clínico* do ensaio crítico especulativo “Sobre as afasias” (1891). (Cf. BIRMAN, 1993, p.71). Nele podem-se observar alguns dos motivos que levaram Freud a escrever esta crítica inaugural para sua metapsicologia.

As duas principais questões aí abordadas são: o lugar e o sentido dado à *palavra* enquanto recurso terapêutico primário e a introdução da noção de *afeto* enquanto elo de mediação e eficácia entre processos psíquicos e corporais. Segundo Freud, a expressão *tratamento psíquico* significa: o tratamento (seja de perturbações mentais ou corporais) com recursos que de maneira primária e imediata influem sobre a mente humana. “*Um recurso desta índole é sobre tudo a palavra, e as palavras são, com efeito, o instrumento essencial do tratamento mental.*” (FREUD, 1988c, p. 115). Como os principais meios mediadores de influência entre os humanos, as palavras estiveram inicialmente a serviço das práticas curativas sacerdotais. Freud, por sua vez, situa seu trabalho como parte da recente reordenação do campo da medicina em razão de sua inserção no domínio das ciências naturais. Cabe então, afirma o autor, tornar compreensível o modo como à ciência pode devolver a palavra uma parte de seu préstimo curativo. Para tanto é necessário um

remanejamento na orientação bastante difundida pelos progressos da medicina moderna que restringiu seu interesse ao corporal. A falta de autonomia clínica e conceitual do domínio psíquico é problematizada e discutida e a avaliação de Freud é que ciência médica segue uma orientação unilateral.

É verdade que a medicina moderna teve ocasião de estudar os nexos entre o corporal e o mental, nexos cuja existência é inegável; [...] A relação [...] é de *ação recíproca*; mas [...] a ação do mental sobre o corpo, não era visto com bons olhos pelos médicos. Pareciam temer que se concedessem *certa autonomia a vida mental*, deixariam de pisar no seguro terreno da ciência. (FREUD, 1988c, p.116, grifo nosso).

No entanto, houve uma modificação importante nessa orientação causada pela própria experiência clínica com determinado tipo de transtornos que se tornaram um grande desafio a prática médica. Freud dá alguns exemplos destes quadros clínicos: pacientes que não podem realizar trabalhos intelectuais devido a dores de cabeça e por impossibilidade de concentração; outros têm dores nos olhos quando lêem; as pernas se cansam quando caminham; sofrem de dores imprecisas; padecem de transtornos digestivos com sensações penosas; espasmos, insônia, etc. As provas clínicas de que as causas não se encontram em lesões orgânicas se encontram no fato de que esses sintomas exibem grande variabilidade, podendo haver substituições, mudanças repentinas de localização, e em alguns casos, uma alteração nas condições de existência pode por fim a essas afecções sem deixar seqüela alguma.

Tais estados têm recebido o nome de nervosismo (neurastenia, histeria) e se os define como enfermidades *meramente funcionais* do sistema nervoso. [...] Ao menos em alguns desses casos os signos patológicos não provem senão de um *influxo alterado da ação de suas mentes sobre seus corpos*. Portanto, a causa imediata da perturbação deve ser buscada em suas mentes. (FREUD, 1988c, p. 117, grifo nosso).

Contudo, antes de se interrogar pelas causas (que em última instância Freud remete a relação do psíquico a sua base corporal), o autor adverte que é preciso reavaliar então essa relação de reciprocidade entre mente e corpo. Começa por observar que o cotidiano dá exemplos irrefutáveis da influência psíquica sobre o corporal, como é caso do que se pode observar naquilo que se designa por “expressão das emoções”⁸. (FREUD, 1988c, p.118). As expressões emocionais exteriorizam estados mentais por meio da tensão ou relaxamento dos músculos, das alterações cardíacas e respiratórias, do afluxo sanguíneo no interior do corpo e vasos da pele, do modo de emprego do aparelho fonador, das posturas em geral, e dos comportamentos das mãos e dos olhos em específico; ou seja, *grande parte das atividades psíquicas exhibe conseqüências corporais*. Dentre todas essas atividades psíquicas Freud isola alguns estados psicológicos que são identificados como *afetos*.⁹ Segundo o autor, os *estados afetivos* como o medo, a ira, as dores anímicas e o prazer sexual são os melhores exemplos da intensa e significativa co-participação corporal na expressão de estados psíquicos. Nos casos mais graves como na persistência de estados afetivos de natureza *depressiva*, por exemplo, a nutrição do corpo é rebaixada, os cabelos embranquecem, gordura é reduzida e são causadas alterações patológicas nas paredes dos vasos sanguíneos. O inverso também pode ocorrer: sob afetos de felicidade o corpo floresce dando sinais de renovação. (FREUD, 1988c, p.119). Portanto, pode-se concluir que:

Os afetos em sentido estrito se singularizam por uma relação muito particular com os processos corporais; mas, a rigor, *todos os estados mentais*, incluindo os que habitualmente consideramos “*processos de pensamento*”, são em certa

⁸ (Cf. DARWIN, C. A expressão das emoções nos homens e nos animais).

⁹ É importante observar que no texto anterior a sintomatologia da histeria fora estabelecida como uma demonstração de como a formação de um excedente de estímulo no órgão mental é distribuído por intermédio de representações. Apesar da referência a importância da função sexual, a fonte de onde provém o excedente de estímulo não é claramente especificada, se é de origem endógena ou exógena, se provém de uma disfunção orgânica ou de uma estimulação sensorial. Nesse texto sobre o tratamento psíquico, a excitação assume a forma de afeto, que por sua vez é constituído a partir de uma vivência específica e não de uma espontaneidade do somático. Assim, é a carga afetiva associada à representação psíquica dessa vivência que é distribuída na inervação corporal.

medida afetivos [...]. Até mesmo a tranqüila atividade de pensar em “representações” provoca, segundo seus conteúdos, excitações permanentes sobre os músculos lisos e estriados. (FREUD, 1988c, p.120, grifo nosso).

Nesta *generalização* operada da ação recíproca entre processos corporais e afetivos para os processos do pensamento como um todo está à base que lhe permitirá, num futuro próximo, realizar o redimensionamento que irá conferir a desejada, porém, relativa, autonomia conceitual e clínica aos processos psíquicos em geral¹⁰.

Nesse contexto, o recurso à palavra, quando manejada no interior do estado hipnótico, tem sua eficácia maximizada. Freud observa que nessas situações qualquer intervenção que o médico empreenda comporta sempre duas partes: a atitude mental do enfermo, seu desejo de curar-se, e o poder que atribui à pessoa de seu médico. Aí onde se conjuga: um estado semelhante ao sono (em que se mantém a atenção do paciente desperta somente as palavras do hipnotizador), somada a estima e obediência crédula para com o médico, é que se pode compreender *uma parcela* do poder curativo conferido a palavra enquanto instrumento essencial do tratamento psíquico. (FREUD, 1988c, p.127).¹¹ A outra parcela será avaliada no passo seguinte que é o de correlacionar toda esta problemática com a estruturação de um aparelho de linguagem que possa fornecer uma intelecção mais profunda dos processos sob os quais se constitui a vida psíquica representacional.

¹⁰ Essa autonomia conceitual, que não deve ser confundida com *autonomia causal* combatida por Freud (Cf. SIMANKE, 2004a), será reconhecida justamente no momento em que for estabelecido o laço conceitual que liga inextrincavelmente a atividade representacional aos afetos através do conceito de *representação afetiva*. (Cf. Parte I, seção 4.3) Para tanto será necessário o exame crítico do conceito de representação e sua correlação com as funções e estruturas de um aparelho, primeiro referente à linguagem e depois, com a inclusão do domínio pulsional, enquanto aparelho psíquico propriamente dito.

¹¹ Nas práticas hipnóticas as quais Freud se refere, as palavras são utilizadas sob a forma de sugestões com o objetivo de que o enfermo renuncie a enfermidade adquirida, ou seja, um tratamento sintomático. Porém, por influência de Breuer, Freud fez um uso diferente deste procedimento, praticou a hipnose também como forma de investigação. Ao invés de sugerir a eliminação dos sintomas reconduzia o paciente à pré-história psíquica do adoecer fazendo-o reconhecer à ocasião que deu origem a perturbação. Portanto, um tratamento causal, onde as palavras proferidas pelo próprio enfermo vem para o primeiro plano revelando os efeitos do representar inconsciente.

1.4. A relação entre a formação dos sintomas e os modos de reação do mecanismo psíquico

Nesses três primeiros movimentos do pensamento freudiano encontram-se elementos importantes para algumas pontuações preliminares acerca da natureza real da sintomatologia da histeria. Assim, pode-se verificar que a princípio essa afirmação tem o seguinte sentido, segundo Freud: *a sintomatologia é de natureza real se, e somente se, não carece de lei*. No entanto, essa lei somente pode ser devidamente verificada através da formulação de um mecanismo psíquico que leve em conta a hipótese do excedente de excitação distribuído conforme as alterações no decurso das representações segundo leis associativas.

Portanto, a sintomatologia é real, ou seja, não carece de lei, com a condição que se possa observar uma *relação constante e necessária* entre a formação de sintomas e um determinado modo de reação do mecanismo nervoso. Encontrar essa relação constante é o que torna possível conferir uma legitimidade teórica para a ação psíquica suposta nos fenômenos observados. Pois, se nos sintomas há uma liberdade em relação à regra anatômica isso não significa que não sigam regra alguma. Contudo, o mecanismo não pode se reduzir à sugestão; é da natureza do sistema associar, e o corpo deve ser pensado como um conjunto de traços em que a organização não é mais totalmente regida pelas leis da fisiologia mais segundo as da associação¹². (NASSIF, p.1977, 248).

Freud se ocupa em fornecer provas clínicas dessa relação constante e necessária. Um passo importante nessa investigação é a avaliação da ação recíproca entre os estados afetivos e

¹² Contudo, segundo essa perspectiva, a natureza real da sintomatologia somente receberá sua legitimação conclusiva no texto “Algumas considerações com vistas ao estudo comparativo entre paralisias motrizes orgânicas e histéricas” (1888-1893), que torna evidente o processo pelo qual a formação dos sintomas histéricos incide, não sobre o corpo anatômico, mas, sob o *corpo psiquicamente representado* segundo as leis de associação.(Cf. Parte I, seção 4.2).

suas conseqüências corporais. Nessa avaliação é possível pontuar uma outra perspectiva na abordagem do real. Se por um lado, pode-se dizer que o real é tratado como aquilo que resulta da apreensão científica direta e indireta dos fenômenos estudados, ou seja, trata-se aí de um real construído pela ciência¹³, por outro, o real é apreendido tal qual ele se dá diretamente à experiência. Esse real enquanto vivido pode ser parcialmente apreendido no reconhecimento por parte de Freud de que as dores em geral, por exemplo, podem ser acentuadas até o limite por influências mentais denominadas habitualmente de *imaginação*. Todavia, afirma o autor, essas dores de *natureza afetiva* não deixam de ser menos *reais* nem menos fortes que as causadas por feridas e inflamações (FREUD, 1988c, p.120). Esse tipo de observação clínica abre também a possibilidade de pensar teoricamente à eficácia própria aos processos psíquicos pela avaliação da ação recíproca entre estados afetivos e processos corporais.

CAPÍTULO 2

O Aparelho de Linguagem no ensaio “Sobre as afasias” (1891)

O trabalho crítico realizado no ensaio “Sobre as afasias” (1891) pode ser considerado como parte de um movimento interno da investigação sobre a histeria. Com efeito, Freud só consegue dar seqüência a essa investigação a partir dos resultados obtidos nesse ensaio. Um dos grandes problemas formulados no curso deste trabalho é o da impossibilidade de um isomorfismo entre função psíquica e anatomia cerebral. O re-equacionamento desta relação

¹³ Pois, como observa NASSIF (1977, p.122), no caso de Freud “todos os processos que concernem aos eventos psíquicos são inferidos do mesmo modo que são inferidos os processos mecânicos nas ciências da natureza.”

deve tornar possível responder a seguinte questão que recobre todo esse percurso inicial: “*Como se ordena a estrutura do psiquismo para que o ato psicanalítico fundado na palavra seja uma experiência possível?*” (BIRMAN, 1993, p.38).

Tendo em vista o ponto de partida freudiano no interior de uma tradição médica constituída historicamente sobre a clínica do *visível*, no momento em que Freud elege *a escuta* do discurso afásico e histérico como objeto de sua pesquisa, executa um movimento que o levará a uma ruptura com esta tradição. O mais significativo desta ruptura, como observa SIMANKE (1994b, p.7), é que ela “*é produto de uma crítica de natureza epistemológica dos métodos, dos conceitos e dos objetos tipicamente médicos que foram seu ponto de partida.*” Portanto, um movimento próprio de um trabalho que pretende abrir o domínio e estabelecer as bases de uma nova disciplina no campo do saber. (Cf. NASSIF, 1977).

Como pretendemos demonstrar, a teoria desenvolvida no ensaio sobre as afasias permite também verificar que não há uma diferença de natureza entre corpo e representação, ambos são concebidos como dois níveis de um mesmo processo material. Esse entendimento quanto à natureza material partilhada entre corpo e representação é o que da inteligibilidade a ação direta do psíquico sob os processos corporais como foram apresentados nos textos anteriores.

Segundo Freud, a teoria das afasias proposta por Wernicke através de esquemas baseados na idéia de *localização* de funções mentais em áreas anatomicamente definidas era bastante difundida e aceita pela neuropatologia da época. Sua crítica pretende demonstrar que essa teoria contém premissas que precisam ser revisadas, pois delas se deduzem formas de dissolução da linguagem que não podem ser confirmadas pela observação. No entanto, de

acordo com os objetivos desse trabalho, iremos concentrar os comentários desse ensaio no que tange a elaboração da *teoria da representação* que encontra aí seu momento crítico¹⁴.

As hipóteses de Wernicke, afirma Freud, além de tentarem relacionar as perturbações da linguagem observadas na prática clínica a um número equivalente de lesões cerebrais localizadas, pretendem oferecer uma explicação de seu processo fisiológico postulando-o como um *reflexo cerebral*. Segundo esse ponto de vista, os sons da linguagem são levados pela via do nervo acústico a uma região situada no lóbulo temporal, onde suas impressões sensoriais são *armazenadas* sob a forma de *imagens sonoras* individuais em *células* nervosas separadas, constituindo assim, um *centro sensorial* para a linguagem. Por outro lado, as imagens mnêmicas, resíduos das *impressões glossocinestésicas*¹⁵ das palavras faladas, são reagrupadas em uma região cortical reconhecida como *centro motor* da linguagem. Assim, os estímulos sonoros são transmitidos do centro sensorial ao centro motor, e desta associação entre imagens sonoras e impressões motoras resulta o *impulso* para a linguagem articulada. (FREUD, 1973, p.19). Os centros de linguagem estariam separados por um território cortical desprovido de função designado por Meynert de *lacunas funcionais*. A conexão entre os centros armazenadores seria realizada através de um feixe de fibras de condução por meio das quais se produziria as *associações*¹⁶ sensório-motoras necessárias à articulação da palavra falada. Portanto, é possível identificar na base desta teoria de Wernicke três grandes

¹⁴ Para um exame mais detalhado das afasias remetemos o leitor aos trabalhos de NASSIF (1977) e CAROPRESO (2002).

¹⁵ As *impressões glossocinestésicas* se referem às sensações de inervação ou de percepções de movimentos efetuados no ato de falar. (FREUD, 1973, p.60).

¹⁶ Esse uso do conceito de associação, como pondera NASSIF (1977, p.269), indica que o modelo da psicologia associacionista está sendo importado para o domínio da análise neurológica. Com efeito, como foi apontado por GABBI JR. (2003, p.11) e desenvolvido por SIMANKE (2004, p.5) a psicologia implícita do localizacionismo de Wernicke e Meynert é o associacionismo britânico de James Mill. No entanto, no caso de Freud, essa influência está muito mais próxima do empirismo de Stuart Mill; um autor que apresenta diferenças importantes em relação a essa versão atomista e mecânica do associacionismo.

postulados: 1º o processo de linguagem enquanto reflexo cerebral; 2º o armazenamento de impressões psíquicas em células nervosas corticais; 3º a distinção entre vias e centros separados por áreas isentas de função. (NASSIF, 1977, p.271).

2.1 Exame crítico do conceito de representação: *Projektion e Repräsentation*

A explicitação desses postulados tem por objetivo redirecionar o exame crítico da teoria das afasias de Wernicke para seus fundamentos na doutrina de Meynert sobre a organização e funcionamento cerebral. No que diz respeito ao exame crítico do conceito de representação, o problema assume a forma da seguinte questão: *de que modo se encontra representado o corpo no córtex?* Segundo Freud, Meynert entende esta representação como uma verdadeira *projeção*: uma representação ponto por ponto, incluindo músculos, áreas da pele, glândulas, vísceras etc., ou seja, um conceito de representação completa e topograficamente exata do corpo no órgão cerebral. (FREUD, 1973, p.64).

Esse conceito de projeção (*Projektion*) se apóia na suposição da existência de feixes de fibras projetivas que *refletem* a periferia no córtex. Porém, observa Freud, as investigações sobre a anatomia cerebral mostram que nenhum feixe de fibra chega da periferia do corpo até as partes superiores do cérebro sem haver antes entrado em alguma conexão com a substância cinza da medula espinhal. Essa descoberta da existência de conexões nervosas que se intercalam no trajeto das fibras da periferia ao centro é um dado importante contra a suposição de uma representação do corpo enquanto imagem completa e topograficamente similar.

Freud toma como ponto de partida para a refutação dessa idéia de projeção os resultados dos estudos de Henle. Suas pesquisas afirmam que o número de fibras que partem

da periferia do corpo e chega à medula espinhal não é o mesmo daquele vai da medula até o córtex cerebral: nesse último trajeto há uma redução do número de fibras. Por conseguinte, a relação da medula com o corpo é diferente de sua relação com o cérebro, e somente na medula espinhal existem os pré-requisitos para uma projeção. (FREUD, 1973, p.66).

Por tanto é adequado empregar termos diferentes para estes dois tipos de representação no sistema nervoso central. Se chamamos “projeção” o modo como a periferia está refletida na medula espinhal, sua contraparte no córtex cerebral poderia ser convenientemente chamada de “representação” [repräsentation]¹⁷. (FREUD, 1973, p.66).

Esse argumento a favor de um novo conceito de representação (*Repräsentation*) se apóia na consideração crítica de que a idéia de Meynert sobre um feixe de fibras aferentes que *retém sua identidade* no trajeto até o córtex, mesmo depois de haver atravessado um grande número de núcleos, é insustentável. Freud afirma a impossibilidade de conceber que essa fibra permaneça idêntica devido à observação de que a mielinização avança gradualmente de um núcleo a outro, e que, para cada feixe de fibras aferentes emergem três ou mais feixes eferentes desde um só núcleo. Essas freqüentes interrupções e arborizações que o feixe sensorial aferente sofre na passagem pelos núcleos permitem supor que haja uma *mudança* no *significado funcional* desta fibra ao longo deste trajeto a cada vez que emerge de um núcleo. (FREUD, 1973, p.67). Freud dá o exemplo do nervo óptico: em seu trajeto, uma fibra nervosa translada uma impressão retiniana até um gânglio (tubérculo quadrigêmeo anterior), daí em diante outra fibra vai desse gânglio até o córtex occipital. No gânglio ocorre um entrecruzamento de fibras aferentes onde a impressão retiniana se associa a uma impressão muscular do movimento dos olhos e assim por diante; o mesmo acontece com as sensações dérmicas e musculares em geral. Portanto, aquilo que chega ao córtex não é algo simples, mas uma *multiplicidade de associações* entre diversas impressões sensoriais que determinam à

¹⁷ Tradução comparada com o texto original alemão. (Cf. FREUD, 1992, p.93).

alteração qualitativa e o ganho complexidade que o significado funcional dos processos adquire durante esse percurso. Com isso, só podemos presumir que:

os feixes de fibras que chegam ao córtex cerebral depois de haverem passado por outras massas cinzentas mantêm alguma relação com a periferia do corpo, mas não refletem uma imagem topograficamente exata dele. Contém a periferia do corpo da mesma maneira que – para tomar um exemplo do tema que nos interessa aqui – um poema contém o alfabeto, ou seja, uma disposição completamente diferente que está a serviço de outros propósitos, com múltiplas associações dos elementos individuais, nas quais alguns podem estar representados várias vezes enquanto outros podem estar completamente ausentes. (FREUD, 1973, p.68).

O princípio subjacente a essa reordenação é puramente funcional, afirma o autor, *as relações topográficas se mantêm por se ajustarem as funções* (FREUD, 1973,p.68). Isso significa assumir:

1º. Que não há relações topográficas pré-estabelecidas, essas são constituídas como decorrência do exercício das funções.

2º. As mudanças no significado funcional dos processos ocorrem de acordo com as seqüências associativas estabelecidas pela experiência.

Portanto, a primeira representação do corpo diz respeito antes de tudo à importância funcional da parte representada. Um modo de representação que admite variações, pois as partes do corpo a serem mais ou menos representadas são selecionadas de acordo com a importância funcional que adquirem no decorrer dos processos.¹⁸

¹⁸ É importante notar que essa representação do corpo que resulta desse processo material é destituída de uma significação *a priori*. A significação do corpo se constrói *a posteriori*, mediante a associação com as representações de palavra, como veremos adiante. Também é importante observar que o processo de formação de uma representação é algo distinto e independente daquilo que se experimenta enquanto consciência.

2.2. A ultrapassagem do localizacionismo e do paralelismo psicofísico:

Repräsentation e Vorstellung

De posse desse conceito de *representação* Freud retorna ao exame das afasias com o objetivo de desconstruir a idéia – fundamentada nas concepções de Meynert – de que o aparelho de linguagem estaria formado por centros corticais distintos separados por uma região isenta de função e conectados entre si por feixes associativos. Centros esses cujas células, se supõem, conteriam as imagens das palavras, sua projeção. A crítica se endereça justamente a essa tendência em localizar faculdades mentais ou mesmo elementos psíquicos, como os define a terminologia psicológica, em certas áreas do cérebro. (FREUD, 1973, p.69).

Para executar essa desconstrução dos pressupostos localizacionistas Freud se apropria de alguns conceitos e instrumentos metodológicos advindos de sua leitura da neurologia de Jackson. Segundo esta metodologia, processos psíquicos e fisiológicos devem ser investigados separadamente. Portanto, a princípio, a cadeia psíquica e a neurológica não devem ser abordadas numa relação de causa e efeito; a relação de identidade entre esses processos deve ser recusada. Segundo a doutrina de Jackson, o processo psíquico é *paralelo* ao fisiológico, mais precisamente, se trata de um “concomitante dependente”. (FREUD, 1973, p.70) Assim, quando se afirma que uma representação está contida numa célula se incorre num erro categorial que leva a confundir dois processos que não necessitam ter nada em comum. A operação no seu conjunto pode ser assim descrita: das modificações fisiológicas ocorridas nas fibras nervosas produzidas pela estimulação sensorial decorrem sucessivas reorganizações funcionais na condução dos estímulos periféricos até serem, finalmente, *representados* (*Repräsentation*) no órgão cerebral. As alterações aí produzidas se convertem

então, segundo o paralelismo, no *correlato* neural de uma representação psíquica (*Vorstellung*)¹⁹. (FREUD, 1973, p.70).

Freud ainda alerta que dessa confusão conceitual denunciada por Jackson resulta a inferência infundada de que aquilo que na psicologia é uma simples representação deva corresponder no domínio neurológico a algo também simples e localizável como pretende a teoria da projeção. Porém,

tal inferência, naturalmente, carece de todo o fundamento; as qualidades desta modificação têm que ser estabelecidas em si mesmas e independentemente de seus concomitantes psicológicos. Qual é o correlato fisiológico de uma representação simples ou de uma representação [*Vorstellung*]²⁰ que volta a *emergir*? Obviamente nada de estático, mas algo da natureza de *um processo*. (FREUD, 1973, p.70, grifo nosso).

Contrapondo a noção dinâmica de processo à noção estática de localização pretende-se refutar a hipótese da existência de centros de linguagem. O processo, segundo a apropriação que Freud faz desse conceito de Jackson, é algo que se difunde amplamente por todo o córtex deixando atrás de si *modificações permanentes* (traços), portanto, não há necessidade de postular a existência de centros estáticos e de vias de condução. São essas modificações processuais que permitem que haja possibilidade de recordações, pois segundo este raciocínio, a cada vez que o processo volta a ocorrer suscitando os mesmos estados corticais, o evento psicológico concomitante surge novamente enquanto recordação. (FREUD, 1973, p. 71). Assim, para cada emergência de uma simples representação psíquica corresponderia a uma rede associativa neurológica complexa.

¹⁹ WIDLÖCHER (1989, p.239, grifo nosso) esclarece que “a dependência do psiquismo em relação ao somático dá ao evento psíquico a função de *representar a excitação somática*. Representar aqui no sentido de ter lugar, de estar no lugar de (*Repräsentanz*). A outra via é a da representação (*Vorstellung*), que na atividade mental se refere ao objeto [ou a vida relacional]”.

²⁰ Tradução comparada com o original alemão (Cf. Freud, 1992, p.99).

Um inconveniente dessa apropriação da doutrina de Jackson é que o paralelismo implica na identidade entre o psíquico e a atividade psicológica consciente assim como era para Bernheim no exame sobre a sugestão. Freud diagnostica essa implicação, quando afirma que, segundo essa doutrina, é duvidoso que “*essa modificação [traço deixado pela difusão do processo] corresponda também a algo psíquico. Nossa consciência não apresenta nada, que desde o ponto de vista psicológico, possa justificar o termo ‘imagem mnêmica latente’.*” (FREUD, 1973, p.71). Tendo em vista as elaborações anteriores (Histeria, 1888) a respeito do *representar inconsciente*, pode-se sustentar que Freud esteja a par deste impasse e que a adoção do paralelismo psicofísico seja provisória e requerida apenas enquanto metodologia, o que não lhe obriga, a princípio, a nenhum compromisso ontológico determinado (Cf. IBERTIS, 2005; ARAÚJO, 2003). Por outro lado, como sustenta SIMANKE (2004a), é possível reconhecer já no ensaio sobre as afasias os elementos que levariam Freud nos trabalhos subsequentes a ultrapassar juntamente com o localizacionismo, o paralelismo psicofísico, rompendo com a identificação entre o psíquico e o consciente. “*Ruptura essa não só característica, mas, no limite, constitutiva da psicanálise*” (SIMANKE, 2004a, p.2), uma vez que o próprio conceito de inconsciente depende dos resultados dessa crítica que se dá justamente pelas inovações introduzidas mediante o conceito de representação.

Como vimos, com Freud, a representação deixa de ser entendida enquanto cópia ou duplo psíquico das impressões sensoriais como queria a teoria da *projeção*, para ser o resultado de uma sucessiva recriação da informação sensorial segundo princípios associativos determinados. Meynert postulava uma identidade do elemento ao longo do trajeto, não havendo alterações qualitativas durante a condução da periferia ao córtex. Enquanto que Freud, apoiando-se no conceito de representação e hierarquia funcional de Jackson e na influência das idéias de Stuart Mill, como se verá adiante (Cf. GABBI JR., 2003; HONDA, 2002), dá evidências de que nessa passagem do simples ao complexo, da periferia ao córtex,

são produzidas diferenças funcionais qualitativas que afetam progressivamente a significação dos processos. Portanto, o processo pode ser pensado como uma sucessão de recriações associativas que dão ensejo à *emergência* de propriedades distintivas que não se encontram nos elementos individuais²¹, ultrapassando a idéia da existência de dois processos paralelos e da inexistência de uma relação causal entre o psíquico e o corporal.²²

Mesmo que Freud não assuma de imediato as conseqüências de sua crítica, segundo a tese sustentada por SIMANKE (2004a, p. 32), é possível reconhecer que ele tenha chego, mesmo que inadvertidamente, a uma solução *emergentista* para o problema mente-cérebro. Assim, a idéia de emergência se insinua aí enquanto *possibilidade*²³ no modo como se concebe a representação ao longo desse ensaio, dando todos os indícios de que essa *Vorstellung* consistiria então,

no conjunto de *propriedades distintivas que os processos corticais adquirem* ao se verem organizados de uma determinada maneira, no nível mais evoluído e de maior complexidade e flexibilidade, segundo os princípios jacksonianos; *haveria, então, uma diferença funcional entre o neurológico e o mental, mas não mais uma diferença essencial ou de natureza*, abrindo caminho para a formulação de uma psicologia materialista, como a que Freud vai empreender no *Projeto...* e que não deixa de ser a meta e o horizonte de toda a metapsicologia.(SIMANKE, 2004a, p.32, grifo nosso).

Dado os desenvolvimentos anteriores, também se pode estender essa conclusão a relação do psíquico com sua base corporal, pois, assim como no caso anterior pode-se sustentar que não há uma diferença de natureza entre corpo e representação, uma vez que a representação nada mais é do que o nível mais elevado de uma progressiva reorganização dos elementos sensoriais provenientes da periferia corporal. Portanto, corpo e representação

²¹ Para uma exposição completa dos argumentos a favor dessa leitura ver: SIMANKE (2004a), JACKSON (1971) e TEIXEIRA (2000a); a respeito das idéias de Stuart Mill sobre a química mental enquanto fonte clássica da doutrina da emergência, ver NAGEL (1978), MILL (1971).

²² A relação causal justificada nesse momento se encontra clinicamente circunscrita, por exemplo, no texto “Tratamento psíquico” (1890).(Cf. Parte I, seção 1.3).

²³ (Cf. Parte II, seção 1.2).

apreendidos no seu registro funcional e não anatômico, fazem parte de um único processo material. Essa continuidade material se deixa apreender, por exemplo, se considerarmos que *durante o processo* da representação (Repräsentation) que parte da periferia para o centro, a emergência de uma representação psicológica (Vorstellung) sob a forma de uma recordação, deve ser concebida como algo dotado de uma materialidade acústica, visual ou cinestésica inegável.

2.3. A autonomia do ponto de vista funcional e a espacialização do psíquico

Na seqüência, Freud descarta o postulado sobre a existência das *lacunas funcionais*, e esta refutação, segundo ele, acabará por desencadear uma completa transformação na concepção do aparelho de linguagem. (FREUD, 1973, p.72). A idéia a ser examinada é a seguinte: as áreas que funcionam como centros de linguagem estariam separadas por hiatos isentos de função. Meynert, segundo Freud, compreende que todo o *processo de aquisição psíquica* e de aprendizagem de novas línguas se dá por meio da ocupação do córtex por novas imagens mnêmicas armazenadas individualmente em células separadas. Com efeito, a esses hiatos funcionais são atribuídas funções importantes na aquisição da linguagem: são espaços livres de função utilizados para a expansão topográfica das imagens adquiridas pela aprendizagem.

Se isto fosse correto no caso de novas aquisições lingüísticas cada uma delas estaria armazenada em locais diferentes dessa região desocupada, por conseguinte, uma lesão orgânica, dependendo de sua localização, poderia afetar primeiramente a língua materna, por exemplo, restando intacta as aquisições lingüísticas mais tardias. Porém, no caso de lesões

orgânicas isso jamais acontece, a linguagem materna ou aquela utilizada com maior frequência são sempre as últimas a serem afetadas. Freud apóia-se no conceito de Jackson de “retrogressão funcional” e nas observações clínicas de outros autores para mostrar que as funções lingüísticas são afetadas *segundo a ordem de sua constituição*, das mais recentes e menos organizadas, portanto, mais flexíveis, até as mais primárias, automáticas e inflexíveis. Por exemplo, no caso de uma afecção do aparelho de linguagem a capacidade primária de repetir palavras permanece intacta mais tempo do que a linguagem espontânea que é uma aquisição mais tardia do aparelho. (FREUD, 1973, p.45).

Assim, a aprendizagem da fala estaria limitada pela organização de uma “hierarquia funcional” que se estabelece em diferentes épocas: primeiro o sensorio-auditivo, depois o motor, em seguida, no caso da escrita, o visual e finalmente o gráfico. Por conseguinte, conclui Freud, as afasias não fazem outra coisa que reproduzir um estado que existiu no curso do processo normal da aprendizagem da fala. *O conjunto de associações sobrepostas é danificado antes que o primário qualquer que seja a localização da lesão.* (FREUD, 1973, p.75).

Essa argumentação pretende sustentar a afirmação de que as formas de dissolução da linguagem observadas contradizem a concepção de Meynert baseada na noção estática de localização que compreende o processo de aquisição de linguagem enquanto expansão topográfica. Para concluir a refutação dessa teoria Freud recorre às hipóteses funcionais de Bastian sustentando que: no caso de lesões ou outros tipos de afecções o aparelho de linguagem reage não como uma interrupção localizada mas com uma *modificação de seu estado funcional*. (FREUD, 1973, p.45). Uma lesão da área motora, por exemplo, nunca resulta na perda de palavras específicas que estariam contidas nesta área, mas sim, numa *diminuição funcional* da atividade motora da linguagem como um todo.

Bastian distingue três estados de *redução da excitabilidade* na atividade de uma função, que, segundo Freud, também representam níveis de *retrogressão funcional* dos processos no interior do aparelho: primeiramente, numa redução mínima da excitabilidade, a função deixa de reagir à estimulação voluntária, porém segue reagindo a estimulação por associação de outra área e pela estimulação sensorial direta; em casos mais graves passa a responder apenas a estimulação sensorial direta; por último, no nível mais baixo de funcionamento, deixa reagir. (FREUD, 1973, p. 45).

Com esses últimos argumentos, pode-se dizer que Freud inaugura aquilo que se pode chamar em sua teoria de uma *autonomia do ponto de vista funcional*. (SIMANKE, 2004b, p.51). A principal característica dessa autonomia é a possibilidade de descrever o aparelho de linguagem pelo que ele faz (um conjunto de operações e processos representativos) e não pelo que ele é; se trata tão somente da inscrição das condições que permitem que o aparelho funcione. Segundo SIMANKE (2004a, p.21), a própria noção de aparelho de linguagem (*Sprachapparat*) “*se reveste de uma significação funcional e designa o conjunto de processos necessários para a execução das funções da linguagem, assim como o modo como eles devem estruturar-se para tanto*”.

A principal consequência dessa consolidação é a ruptura com a idéia de que as funções mentais têm de ser simétricas a sua descrição anatômica. Assim, pode-se dizer que a teoria do aparelho passa a ser uma teoria aberta em relação aos lugares anatômicos. Eles existem, pois o cérebro é concreto e está localizado no espaço, porém, o equivoco conceitual que Freud encontra no localizacionismo é justamente o espelhamento entre essas duas dimensões que não são homólogas. O mais significativo é que essa autonomia dos processos funcionais não depende do conhecimento do cérebro: por mais que se conheça o cérebro um esquema não tem que equivaler ao outro. Essa crítica abre um caminho epistemológico em direção à teoria psicológica na medida em que a característica funcional nunca é igual à

descrição anatômica. Freud reivindica uma legitimidade própria para a representação psicológica.²⁴

Como vimos é da neurologia de Jackson que Freud extrai os conceitos e argumentos necessários para conceber essa representação psicológica dos processos mentais. Como pondera NASSIF (1977, p.111), Jackson tenta orientar a neurologia na via de uma localização se inspirando em modelos verdadeiramente funcionalistas. Dois conceitos são concebidos para isso: o de *dissolução*, (que Freud traduz por *retrogressão funcional*), e o de *processo*. Com a introdução desse último não é mais um músculo que é localizado na área motriz, mas um processo motor permitindo descrever um tipo de movimento: “*centros nervosos representam movimentos, não músculos*”. (JACKSON, 1958a, p.29). Com efeito:

O corte jacksoniano [...] teve êxito em separar a dimensão do lugar do estudo anatômico dos tecidos nervosos. Desde então, tornou possível conservar a exigência científica inerente a toda localização, sem assimilar com isso o psíquico ao somático com objetivo de uma redução, nem tentar estabelecer entre eles qualquer correspondência. [...] A problemática que se desdobra desta abertura implica que o lugar ele mesmo é construído e não mais somente descrito. [...] É ele mesmo uma dimensão deduzida da análise. (NASSIF, 1977, p.127).

Esta noção de lugar enquanto dimensão deduzida da análise, resultado das diferenciações funcionais produzidas pelos processos, permite uma *especialização do psíquico* que não precisa mais coincidir com o espaço anatômico cerebral. A idéia de espaço aí não serve a nada mais do que inscrever as condições necessárias ao funcionamento do aparelho: são relações topográficas, afirma Freud (1973, p.68) que “*se mantém somente na medida em que se ajustam as necessidades da função*”; aí está à originalidade dessa noção de lugar que adquire uma acepção funcional e não mais morfológica. Portanto, como pondera SIMANKE (1994a, p.3) “*a topografia psíquica não pré-existe ao processo, mas é*

²⁴ Cf. SIMANKE (2004a,b), TEIXEIRA (2000,b) e Parte II, seção 1.2).

estabelecida por ele”. Esse autor também faz notar que não é preciso esforçar-se muito para ver aí as origens da concepção estritamente freudiana de tópica, tal como é afirmada na seção B do capítulo VII da *Traumdeutung*.

2.4. O aparelho de associações e as representações de palavra

Ter êxito em construir um aparelho de processos, afirma NASSIF (1977, p.264), “*que permita verificar as leis de associação é um sonho partilhado por todos os cientistas que Freud freqüentava*”. Com esse intuito, realizada essa etapa crítica de seu ensaio, Freud passa a extrair as conseqüências dessas revisões e da introdução desses novos conceitos para a compreensão dos processos que, segundo seu ponto de vista, constituem o aparelho de linguagem (*Sprachapparat*). O que acaba por conferir maior alcance a armação conceitual que vincula de maneira indissociável corpo e representação. A primeira dessas conseqüências diz respeito à substituição da hipótese dos centros separados por lacunas onde as recordações estariam armazenadas em células que se associam por meio de fibras de condução, pela idéia da constituição de um aparelho cuja: “*a área de linguagem é uma região cortical contínua dentro do qual se tem lugar as associações e transmissões que subjazem as funções da linguagem.*” (FREUD, 1973, p.76). Essa redefinição permite conceber o aparelho de linguagem organizado por uma *área associativa* contínua que se estende entre as *regiões sensoriais* dos nervos ópticos e acústicos e os *nervos motores* periféricos²⁵ dentro da qual se associam os elementos visuais, auditivos e motores na produção da linguagem articulada.

²⁵ É importante para acompanhar os desenvolvimentos posteriores continuar destacando que essa distribuição espacial do aparelho de linguagem é bastante próxima àquela proposta para o aparelho psíquico no capítulo VII da “Interpretação dos sonhos” (1900). (Cf. Parte IV, seção 5.1).

Com esses desenvolvimentos, *a palavra*, anteriormente definida como “o instrumento essencial do tratamento psíquico”, passa então a ser correlacionada com a estruturação de um aparelho de associações. Freud reafirma sua pretensão de avançar no entendimento da organização das funções do aparelho seguindo a opção metodológica de manter separado o aspecto psicológico do aspecto anatômico do problema. Assim, desde o ponto de vista psicológico, a palavra produzida por esse aparelho deve ser considerada como a *unidade funcional da linguagem*. Porém, Freud dá a entender que a emergência desta unidade psicológica simples corresponde, e tem por base, à formação de uma representação complexa (*komplexe Vorstellung*)²⁶ constituída pelas associações entre elementos auditivos, visuais e cinestésicos. (FREUD, 1973, p.86). Diante disso, a representação de palavra (*Wortvorstellung*) seria formada por uma rede composta de quatro elementos constituintes: a imagem sonora; a imagem visual da letra; a imagem motora da linguagem (glossocinestésica) e a imagem motora da escrita (quiocinestésica).

Consequentemente, a produção da linguagem articulada deve ser concebida como precedida, necessariamente, por uma etapa de aquisição de algumas dessas representações realizada por meio de atividades e processos associativos²⁷ que no limite presidem a própria constituição do aparelho de linguagem. Freud propõe uma idéia do processo de aprendizagem²⁸ das diversas atividades lingüísticas centrada na noção de *sobreassociação*. No caso específico da fala diz: *aprendemos a falar associando* uma “imagem sonora da palavra” com uma “impressão da inervação da palavra”. Após termos falado adquirimos uma “imagem

²⁶ Tradução comparada com o texto original alemão (Cf. FREUD, 1992, p.117).

²⁷ Por mais que o arco reflexo esteja na base desse desenvolvimento complexo e adquirido da linguagem, a introdução da aprendizagem implica que o processo não pode ser reduzido unicamente a um reflexo cerebral.

²⁸ Como também observa IBERTIS (2005), a entrada em cena da aprendizagem tem um peso argumentativo importante a favor do ponto de vista psicológico, que equivale à importância dada anteriormente as modificações processuais (traços) do ponto de vista neural.

motora da palavra”. Numa etapa infantil do desenvolvimento da fala, pondera Freud, nos servimos de uma diversidade de sons construídos por nós mesmos e os associamos aos sons das palavras. Num segundo momento, mediante o auxílio de um agente prestativo, aprende-se a repetir. Como pondera NASSIF (1977, p.52), essa estrutura da relação ao outro é decisiva para que as seqüências produzidas sejam efetivamente seqüências de linguagem²⁹.

Aprendemos à linguagem dos outros mediante o esforço por adequar tanto quanto possível a imagem sonora produzidas por nós mesmos com aquela imagem sonora que serviu de estímulo para o ato de inervação de nossos músculos da linguagem, ou seja, *aprendemos a repetir*. (FREUD, 1973, p.87, grifo nosso).

Por meio da *repetição* adquirimos então um conjunto de associações entre imagens sonoras e cinestésicas de palavras. No caso da aprendizagem da linguagem contínua, sugere Freud, é preciso observar que as palavras são produzidas em série: para que a inervação dos músculos da linguagem da palavra seguinte seja acionada, é preciso esperar que o som ou a impressão verbal cinestésica da palavra precedente tenham sido produzido. O encadeamento é *sobredeterminado*, e a cada nova associação lingüística resulta necessariamente na alteração da significação funcional dos elementos e de suas conexões anteriores. Com efeito, como observa SIMANKE (2004, p.40), para compreender como se dá aprendizagem e o uso efetivo da *linguagem espontânea* é preciso considerar o modo como às palavras adquirem significado.³⁰ Freud introduz então outro conceito de representação de objeto: “*a palavra*

²⁹ Esse autor ainda observa que é necessário admitir que a ordem introduzida na aprendizagem vai traçar definitivamente às vias do funcionamento do aparelho de linguagem. (NASSIF, 1977, p.343).

³⁰ Segundo SIMANKE (2004, p.41) em Freud “repetição de palavras e fala espontânea são pensadas dentro de uma hierarquia de processos, progressivamente mais complexos, mais flexíveis, mais evoluídos, no sentido jacksoniano, caracterizados pelo surgimento de propriedades distintivas na passagem de um nível a outro, e não mais como dois processos autônomos que ocorrem lado a lado sem interferirem necessariamente um com o outro [como se deduzia dos esquemas localizacionistas].”

adquire seu significado mediante a associação com uma representação de objeto [Objektvorstellung].³¹” (FREUD, 1973, p. 90).

CAPÍTULO 3

Representação e matéria: o conceito de real enquanto possibilidade permanente de sensação

3.1. *Das Ding* e o processo de significação: o não fechamento da representação de objeto

A representação de objeto (*Objektvorstellung*), tal qual a de palavra, também tem por base um intrincado processo associativo, ou seja, sua emergência psicológica também é precedida por uma progressiva reorganização funcional do material sensorial bruto ao longo do trajeto da periferia do corpo ao córtex. Porém, se trata de uma referência extralingüística, integrada por uma diversidade indefinida de impressões que, a princípio, precede a formação de palavras, ou seja, sua *emergência enquanto processo psíquico é absolutamente independente da constituição dos processos lingüísticos* (Cf. RIZZUTO, 1993); daí a aproximação estabelecida por Freud entre essa concepção de objeto e o conceito de “coisa”. Segundo sugere esta aproximação freudiana, a representação de objeto comporta sempre *um resto que se subtrai ao processo de significação* por meio da associação com as

³¹ Tradução comparada com o texto original alemão. (Cf. FREUD, 1992, p.122).

representações verbais. Como se vê, a adoção dessa concepção de objeto extraída da filosofia de Stuart Mill³² é de fundamental importância, não só para sua teoria da significação, como para a teoria do aparelho psíquico como um todo.

Segundo nos ensina a filosofia, continua Freud, a representação de objeto *não contém nada mais que isto*: um complexo de associações integrado por diversas impressões sensoriais, visuais, táteis, acústicas, cinestésicas entre outras. (FREUD, 1973, p.91). Na seqüência diz:

sua aparência de ser uma “coisa” (Ding) *se origina somente do fato* de que ao enumerar as impressões sensoriais percebidas desde um objeto deixamos aberta a possibilidade de que se integre uma larga série de novas impressões a cadeia de associações (J.S. Mill). (FREUD, 1973, p.90, grifo nosso);

Em outras palavras, a representação de objeto não contém nada mais que associações entre impressões sensoriais, porém, ela assume a aparência de ser algo absolutamente diferente disso: uma *coisa*, ou seja, assume a aparência de ser algo extrínseco que não depende de nossas sensações para existir. No entanto, Freud localiza os fundamentos desta metamorfose de algo cuja constituição dependente unicamente das impressões sensoriais, para algo que passa a assumir a forma de uma coisa externa, perdurável e inapreensível pelos órgãos sensoriais, diz: “*Essa aparência se origina somente do fato*” de que da recepção das impressões sensoriais advindas da experiência com o objeto (*Gegenstand*)³³, resta sempre *em aberto à possibilidade permanente* de novas impressões. Com isso se quer dizer que, da experiência com os objetos fazem parte todo um conjunto impressões sensoriais despojadas

³² A referência que Freud faz a obra de Stuart Mill concerne ao livro I, capítulo III, do “Sistema de lógica dedutiva e indutiva: exposição dos princípios das provas e dos métodos da pesquisa científica” (1843) e ao texto “Um exame da filosofia de Sir Willian Hamilton” (1865), trabalhos que recorremos para elucidar estas passagens do texto freudiano.

³³ Segundo nota da edição castelhana Amorrortu das obras completas, os termos utilizados por Freud nessa passagem, *Ding* e *Gegenstand*, geralmente designam: *coisa material* e *objeto do mundo*, respectivamente. (FREUD, 1989b, p.211); (Cf.FREUD, 1992, p.122).

de conteúdo cognitivo que no estado de afecção atual existem somente enquanto possibilidade. Mas isso não significa dizer que a presença dessas possibilidades permanentes sejam algo externo a sensibilidade, elas apenas assumem essa aparência devido ao fato de que *sua base na sensação é esquecida*. Essa explicação compacta que não é desenvolvida por Freud, poderá ser mais bem compreendida após o exame das referências que ele faz ao empirismo associacionista de Stuart Mill, como veremos na próxima seção.

Assim, da experiência de sempre se poder obter renovadas impressões de um mesmo objeto (que no limite pode ser o próprio corpo) extraímos *a razão*, conclui o autor, pela qual sua representação não se nos apresenta como fechada, e dificilmente poderia sê-lo, trata-se de um *complexo associativo permanentemente aberto*. (FREUD, 1973, p.91). O complexo da representação de palavra, por sua vez, considerado em si mesmo é um *complexo associativo fechado*; capaz de extensão evidentemente, contudo, suas associações estão restritas as recombinações entre seus quatro elementos constitutivos, não havendo a possibilidade de se agregar outras impressões sensoriais. (FREUD, 1973, p.90).

Cada um desses dois grandes complexos associativos se organiza em torno de um elemento fundamental. No caso da representação de palavra o elemento central é a *imagem acústica* da palavra; já o complexo da representação de objeto se organiza e se representa principalmente através da *imagem visual*. A palavra, entendida como uma organização de elementos sensoriais, quando associada a um objeto vira um nome; mas essa associação não se faz em bloco, mesmo que opere como uma unidade, a conexão se dá via elementos (Cf. SIMANKE, 2004a). As representações de palavra se associam as representações de objeto mediante as imagens acústicas, ou seja, em seu extremo sensorial as impressões sonoras lingüísticas se ligam preferencialmente às imagens visuais do objeto, e esse é o processo associativo por meio do qual a palavra adquire seu significado. (FREUD, 1973, p.91). A significação mesma pode ser posta como dependente desta *topologia* induzida a partir da

relação do complexo fechado da representação de palavra com o complexo aberto da representação de objeto. (NASSIF, 1977, p.378).

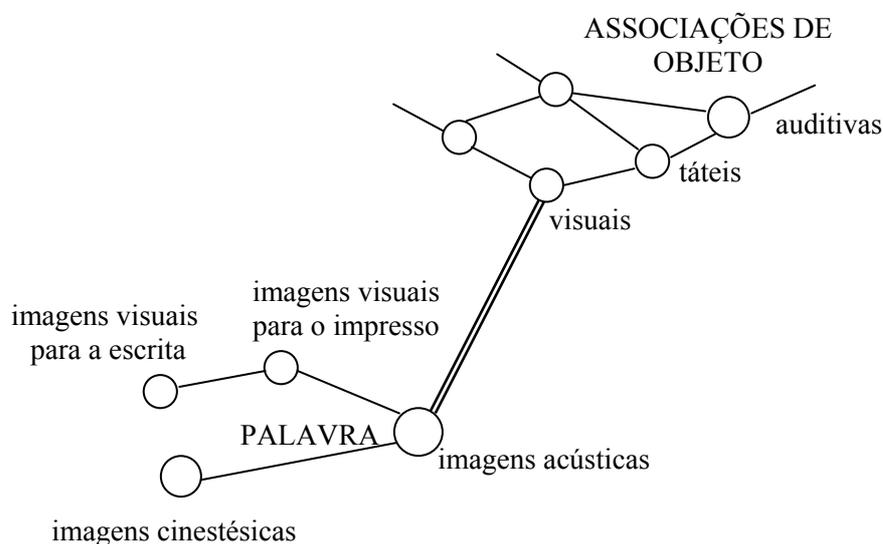


FIGURA 1. Esquema psicológico da representação de palavra.

Essa rede associativa composta pela associação entre esses distintos grupos de representação equivale ao esquema psicológico da representação de palavra. Mais ainda, esse esquema permite supor que, muito embora a representação de palavra seja um complexo fechado composto por elementos finitos, ela *se abre* no seu extremo sensorial a representação de objeto, composta por uma série infinita de associações. Essa abertura sensorial é de tal natureza, como demonstrou a constituição do conceito de representação, que *a linguagem passa a obter, necessariamente, um caminho fundamental que remete tanto para ordem do corpo como para a experiência com mundo.* (Cf. BIRMAN, 1993, p.60; RIZZUTO, 1993) ³⁴. Em sentido estrito, pode-se dizer que corpo e mundo se fazem *representar* no aparelho através dessa abertura em relação às associações de objeto.

³⁴ Para a particularidade do modo de apreensão do corpo próprio por meio de sua representação psicológica, ver também Parte I, seção 3.2.

O fato de essas representações comportarem sempre um resto permanente que se subtrai ao processo de significação das representações verbais, e da afirmação de Freud de que “*todos os estímulos* [causas] *para a linguagem espontânea surgem das associações de objeto*” (FREUD, 1973, p.92, grifo nosso), permite supor, como faz NASSIF (1977, p.383 e 628), que: *a linguagem espontânea define a tentativa, incessante, de organizar as associações de objeto*, ou ainda que, *a própria significação representa a tentativa indefinida por parte do aparelho de linguagem de cernir o não fechamento das impressões advindas da experiência com o objeto*.

Em linhas gerais, pode-se concluir que o ensaio “Sobre as afasias” (1891), rendeu a teoria freudiana um ponto de vista funcional que permitiu conceber a especialização de um aparelho de linguagem que não precisa mais coincidir com a localização anatômica cerebral; sem dúvida um passo inaugural e definitivo em sua obra. Contudo, os desenvolvimentos anteriores permitem ainda extrair as conseqüências e os elementos necessários para situar e compreender *qual a concepção de realidade que se encontra implícita e que fornece a base material sob a qual Freud desenvolveu sua teoria da representação*.

De acordo com o apresentado, pretende-se sustentar que, no caso de um aparelho assim constituído, a relação entre o complexo fechado da representação de palavra e o complexo aberto da representação de objeto fornece os *fundamentos de uma relação com o real* definido por meio do conceito de “coisa”. Os elementos que sustentam essa afirmação se encontram, evidentemente, na introdução, por parte de Freud, do conceito de “possibilidades permanentes de sensação” – extraído da filosofia de Stuart Mill – no coração de sua teoria sobre a representação de objeto.

3.2. A origem psicológica da idéia de matéria e realidade exterior

Nos textos referidos por Freud: capítulo III do livro I do “Sistema de lógica dedutiva e indutiva: exposição dos princípios das provas e dos métodos da pesquisa científica” (1843), e “Um exame da filosofia de Sir Willian Hamilton” (1865), Stuart Mill tem entre seus objetivos fornecer *uma explicação para a origem e o desenvolvimento da idéia de matéria ou de realidade exterior que não contra diga as leis naturais*. Para melhor compreensão de seus argumentos é preciso ter em mente o discernimento feito pelo autor entre duas modalidades do conhecimento: o intuitivo e o não intuitivo. Quanto ao conhecimento *intuitivo*, no “Sistema da Lógica...” (1843), afirma que dessa modalidade fazem parte as verdades *imediatamente conhecidas* pela consciência como nossas próprias sensações corporais e afecções mentais. Por outro lado, o conhecimento *não intuitivo*, é composto por aquilo que conhecemos pela vida da *inferência*, ou seja, os fatos que acontecem na nossa ausência. (MILL, 1984a, p.84). Contudo, afirma Mill, a maior parte do nosso conhecimento consiste reconhecidamente em inferências, pois para decidir suas condutas, todos têm, a cada momento, a necessidade de constatar fatos que não observamos diretamente. “*Esta é a única ocupação à qual a mente se dedica sempre, e pertence ao domínio do conhecimento geral*”. (MILL, 1984a, p. 85).

Em comum acordo com essas duas modalidades do conhecimento, Mill propõe uma teoria psicológica que é a base da qual extrai sua concepção da origem da formação da idéia de matéria e de realidade exterior. Para tanto, é preciso também observar dois importantes postulados de sua psicologia:

- Primeiro postulado: A mente humana é capaz de “expectativa”. Em outras palavras, após termos *sensações reais*, somos capazes de formar a concepção de *sensações*

possíveis, ou seja, sensações que não estamos sentindo no momento presente, mas poderíamos vir a experimentar em certas condições. (MILL, 1984b, p.262).

- Segundo postulado: A experiência é regida pelas leis de “associação de idéias”: 1º fenômenos similares tendem a ser pensados juntos; 2º fenômenos experimentados em contigüidade idem, tanto por simultaneidade quanto por sucessão imediata; 3º a freqüência da repetição entre dois fenômenos experienciados conjuntamente formam uma “associação indissolúvel”, se torna impossível pensar em tal coisa separada de outra; 4º coisas que somos incapazes de conceber separadamente parecem incapazes de existir separadamente, e a crença nessa coexistência, apesar de ser um produto da experiência (que aprendemos a inferir) se nos apresenta como algo intuitivo, ou seja, imediato e evidente por si mesmo. (MILL, 1985b, p.263).

Para Mill as sensações constituem o fundamento original do todo. Segundo essa concepção a principal característica que distingue nossa noção de *matéria* de nossa noção de *sensação*, é a idéia de *permanência*. A matéria ou substância exterior seria uma coisa fixa, perdurável, que existe quer nos estejamos presentes ou não. Isso significa que, enquanto a substância exterior continua sendo sempre a mesma, nossas sensações são passageiras e variam de acordo com as contingências. Diante disso, apontar uma origem para esta concepção complexa é o mesmo que explicar o que significamos pela crença na matéria. (MILL, 1984b, p.263).

Segundo sua teoria psicológica, a concepção que formamos do mundo existente compreende, juntamente com as sensações presentes, uma variedade incontável de possibilidades de sensação que poderiam ser experimentadas sob determinadas circunstâncias. As possibilidades são permanentes, as sensações presentes são fugazes. As sensações que

fazem parte dessas possibilidades estão ligadas a grupos; desses grupos, apenas uma parte muito pequena das possibilidades se atualizam enquanto sensações reais. Contudo, sempre que determinada sensação se faz sentir, todo grupo a ela associado se apresenta enquanto possibilidade, como uma espécie de *substrato permanente*. (MILL, 1984b, p.265). Mill acentua ao extremo o contraste entre sensação atual e os grupos de possibilidade, tanto que chega a sustentar o seguinte:

As sensações, apesar do fundamento original do todo, acabam sendo consideradas como uma espécie de acidente que depende de nós; e as possibilidades como muito mais reais do que as sensações reais, *como as próprias realidades das quais estas últimas são somente as representações*, aparências ou efeitos. (MILL, 1984b, p.266, grifo nosso).

Também é um dado da experiência, continua o autor, que quando as possibilidades permanentes assumem tal dissimilitude de aspecto e de relação com as sensações atuais passamos a concebê-las sendo *algo diferente* das sensações, pois *sua base na sensação é esquecida*.³⁵ (MILL, 1984b, p.266). Ainda mais que, como observa o autor, podemos nos afastar ou sermos afastados de qualquer de nossas sensações externas, mas mesmo que as sensações cessem, as possibilidades continuam existindo: “*elas são independentes de nossa vontade, de nossa presença e de tudo o que nos pertence*.” (MILL, 1984b, p.266). Tais possibilidades são compartilhadas, são comuns a nós e aos nossos semelhantes; como é possível verificar, todos fundam suas expectativas e condutas nas mesmas possibilidades.

Isto coloca o ponto final em nossa concepção dos *grupos de possibilidades* como a *realidade fundamental na natureza*. [...] O mundo de sensações possíveis, que se sucedem umas as outras segundo leis, está tanto em outros seres quanto está em mim; tem portanto uma existência fora de mim; é um mundo exterior. (MILL, 1984b, p.266, grifo nosso).

³⁵ Como tentamos tornar evidente na seção anterior, não é preciso muito esforço para encontrar aí os motivos pelos quais Freud afirma que representação de objeto assume a aparência de ser uma “coisa”, isso se dá precisamente devido ao fato desse esquecimento.

Assim, conclui Mill, a matéria, desde a teoria psicológica, é definida como possibilidade permanente de sensação; acreditar nas possibilidades é acreditar na matéria. A expectativa e a confiança quanto à existência de objetos reais, tangíveis e visíveis, significa a crença na existência das possibilidades dessas sensações quando nenhuma delas está presente.

Com essa breve exposição pretendeu-se situar o contexto conceitual em que se insere a referência de Freud a Mill, que é de onde emerge a concepção freudiana sobre a representação de objeto. Diante disto, pode-se sustentar o seguinte argumento: a afirmação de Freud de que a representação de objeto *não contém nada mais que isto*: um complexo de associações integrado por diversas impressões sensoriais (FREUD, 1973, p.91), significa assumir, de acordo com sua referência a Mill, que: a existência do objeto enquanto matéria – do ponto de vista psicológico – não pode ser provada extrinsecamente em relação às impressões que dele temos (*não contém nada mais que isto*: sensações complexas), descartando com isso a idéia da existência de uma *coisa em si*. Com efeito, o que se nos apresenta como fixo, perdurável e inapreensível, não é o objeto, e sim a existência universal do que Mill denomina de *possibilidades permanentes de sensação*.

Contudo, não se pode dizer que Freud assuma por completo essa concepção de realidade e matéria enquanto possibilidade permanente de sensação. Pois, sua reflexão, além de não constituir uma visão de mundo, também passa por outros domínios além da filosofia, como a clínica, a física, a química e a própria materialidade dos estudos sobre o tecido nervoso que permeiam toda neuropatologia desses primeiros anos. No entanto, pode se afirmar, com segurança, que esse é o contexto de onde ele extrai *o essencial* para pensar sua própria concepção de real em termos da incognoscibilidade do processo material em questão.

Para avaliar a sustentabilidade dessa tese é preciso, antes de tudo, considerar que a pretensão de Mill é justamente a de fornecer uma explicação da origem psicológica da idéia de matéria que não contradiga as leis reconhecidas pelas ciências naturais, entre as quais

Freud situa sua própria investigação. Assim, de acordo com o horizonte psicológico aberto pelas ciências naturais, Mill considera que sua concepção de existência real em termos de “possibilidades permanentes de sensação” remete ao domínio natural das *excitações*:

A significação do nome abstrato existência e a conotação do nome concreto ser consistem, como a significação de todos os outros nomes, em sensações (...) sua peculiaridade é que *existir é excitar*, ou *ser capaz de excitar*. (MILL, 1984a, p.136, grifo nosso).

Existir é excitar ou *ser capaz de excitar*, conclui o autor, mesmo no caso em que o antecedente da excitação (o estímulo) seja algo negativo como uma possibilidade de sensação. É justamente essa recondução última do real ao domínio natural das excitações que confere materialidade ao conceito freudiano de representação, e também, é o que mais tarde lhe servirá de base para a afirmação do inconsciente como “o psíquico verdadeiramente real”.³⁶

Quando no ensaio sobre as afasias (1891) Freud afirma que sensação e associação são dois nomes para um mesmo processo representacional indivisível: “*não podemos ter uma sensação sem associá-la de imediato [...] elas dependem de um processo único que, começando em um ponto do córtex, se difunde sobre a totalidade do mesmo*” (FREUD, 1973, p.71), isto implica em conceber que a associação cortical dos elementos sensoriais, precedida por uma sucessiva reorganização da informação sensorial no trajeto da medula ao córtex, consiste, em última análise, num processo excitatório. Essa é, sem dúvida, a base material sobre a qual Freud desenvolveu sua teoria da representação.³⁷

Uma das principais conseqüências que se pode extrair disso é a possibilidade de conceber o enraizamento do processo da representação numa continuidade material com sua

³⁶ (Cf. Parte IV, seção 5.5).

³⁷ Contudo, diferente de Mill, em Freud “a percepção é despojada de conteúdo cognitivo – não é mais algo dado e dotado em si mesmo de significado, nenhuma percepção pura pode atingir a consciência mas apenas uma representação construída pelos processos neurológicos no nível cortical.” (SIMANKE, 1994a, p.4); (Cf. DAYAN, 1985, p.374).

base corporal: corpo e representação se constituem como momentos diferentes do mesmo processo material. Porém, Freud apenas irá ter uma concepção própria de realidade a partir do momento em que for possível correlacionar essa base material aos processos decorrentes da constituição de um aparelho psíquico.

CAPÍTULO 4

A representação do corpo e sua relação com a justificação teórica da existência e eficácia do inconsciente

4.1. O modo de existência das representações excluídas e sua alteração material correspondente

De posse dos rendimentos teóricos obtidos com o exame crítico das afasias: os conceitos de representação e de aparelho de linguagem, o próximo passo freudiano é dar conta de conceber qual seria o mecanismo psíquico capaz de dar inteligibilidade aos fenômenos neuróticos e ao mesmo tempo justificar teoricamente o modo de existência e eficácia, ou seja, a realidade das representações inconscientes. A questão é posta exatamente nesses termos no trabalho subsequente “Um caso de cura pela hipnose – com algumas pontuações sobre a gênese dos sintomas histéricos através da contravontade” (1892). Freud nesse texto pretende apresentar dois casos que demonstrem os êxitos terapêuticos obtidos pelo tratamento com a sugestão e a hipnose, bem como comprovar através deles o mecanismo psíquico das

perturbações tratadas relacionando-o com processos semelhantes em outras perturbações nervosas. (FREUD, 1988d, p.151).

No primeiro caso trata-se de uma jovem mãe que se tornou incapaz por dificuldades neuróticas de amamentar seus filhos, somente obtendo êxito nessa tarefa com o auxílio do tratamento sugestivo sob hipnose. A sintomatologia do caso, altamente significativa do ponto de vista da ação de determinantes psíquicos nos fenômenos corporais, apresentava: escassez de leite, dores no peito, repugnância por comida (anorexia), vômitos, insônia e irritação. A cada tentativa de amamentar o filho a incapacidade aumentava contrariando sua vontade em fazê-lo, o que agravava seu estado nervoso. A sugestão consistiu em contradizer energicamente todos seus temores e sensações em que esses se apoiavam. Apesar da recorrência dos sintomas a cada nova gestação, o tratamento obteve êxito em remover os sintomas em todas as ocorrências. (FREUD, 1988d, p.154).

Freud propõe então elucidar qual pode ter sido o *mecanismo psíquico* dessa perturbação. Porém, devido à impossibilidade de ter obtido informações diretas sobre tal mecanismo se vê forçado a ter de deduzi-lo, e como já pontuamos, Freud se mostra bastante familiarizado com esse modo de conhecimento indireto dos processos mentais. No ensaio “Sobre as afasias” (1891), por exemplo, a respeito do controle exercido pela experiência sob as conclusões deduzidas, observa que, se aquilo que é inferido dedutivamente puder ser confirmado pela observação clínica, essa seria uma prova válida da correção das premissas (FREUD, 1973, p.24); é o que se propõe esse artigo de 1892.

Freud parte da seguinte premissa: “*existem representações as quais se conectam um afeto de expectativa*”. (FREUD, 1988d, p.155). As representações se dividem em duas classes: aquelas que se referem ao êxito das ações que possam ser realizadas (as intenções), e outras que dizem respeito às expectativas em relação a algo possa ocorrer. A incerteza subjetiva em relação ao êxito da ação ou referente ao que possa vir a acontecer é representada

em seu conjunto por uma rede de representações designadas *representações aflitivas contrastantes*. (FREUD, 1988d, p.155). Ao que segue a seguinte questão: que tratamento daria uma pessoa de vida representativa saudável as representações contrastantes com suas intenções? As sufocaria, as inibiria, afirma Freud, *excluindo-as das associações* com as outras representações e,

na maioria das vezes conseguiria a tal ponto que a *existência da representação* contrastante com a intenção **deixa de ser evidente**, e apenas pela consideração das neuroses cobram verosimilitude [se tornam uma possibilidade.](FREUD, 1988d, p.155, grifo nosso).

Cabe então investigar as condições e os efeitos pelos quais se pode inferir o modo de existência dessas representações inibidas. A histeria torna evidente que do ponto de vista psicológico a representação aparentemente deixa de existir a partir do momento em que é arrancada de sua associação com a intenção ou expectativa consciente. Freud postula como condição para essa exclusão associativa uma inclinação da histeria para a dissociação da consciência. No entanto, em consonância com esse mecanismo, a representação aflitiva contrastante, pelos efeitos que continua a produzir, dá todos os sinais de que mesmo deixando de ser psicologicamente evidente permanece agindo sob uma forma particular de existência, como uma representação separada inconsciente para o próprio enfermo. (FREUD, 1988d, p.156).

Como dissemos, Freud pretende dar provas da correção desse mecanismo através da apresentação do tratamento de uma mãe histérica que se encontra impedida, contra sua própria vontade, de realizar sua intenção de amamentar seu filho. Se essa mãe não fosse uma neurótica, pondera Freud, sua conduta teria sido outra, poderia estar muito ansiosa e preocupada com os perigos possíveis, e se essas representações aflitivas contrastantes se tornassem dominantes, a paciente poderia abandonar a intenção devido ao medo de executá-

la. A histérica se conduz de modo diverso, não estando consciente de seu receio e de suas dúvidas, passa a executar sua intenção, no entanto, comporta-se de modo contrário, como se sua vontade fosse absolutamente não amamentar. O característico da histeria é que “*quando chega o momento de executar a intenção, essa representação contrastante inibida se objetiva, por via da inervação corporal [...] como ‘vontade contrária’*” (FREUD, 1988d, p.156). Por essa via as representações exercem um controle sobre o corpo produzindo no aparelho digestivo, por exemplo, uma série de sinais objetivos que uma simulação seria incapaz de engendrar. (FREUD, 1988d, p.157).

A objetivação (*Objektiviert*) da representação aflitiva é contrária mesma a sua subjetivação que consistiria em torná-la consciente. Contudo, isso abre espaço para a seguinte questão: como uma representação afetiva sob a forma de um pensamento excluído pode passar para a inervação somática e continuar a ser um pensamento? (Cf. DAVID-MÉNARD, 2000). Essa intrigante pergunta pode ser parcialmente respondida se considerarmos que o acesso da representação excluída ao corpo se encontra justificado pela concepção de que ambos compartilham da mesma natureza material. Fato esse plenamente estabelecido e empiricamente comprovado pela observação freudiana no contexto dos estados afetivos, pois todas as atividades psíquicas exibem, conforme seus conteúdos (medo, ira, prazer etc.), conseqüências corporais. O que há de novo é que essa idéia é expandida para a formação de sintomas histéricos como vômitos, anorexia etc. No presente trabalho, esse mecanismo se explica pela consideração de que as representações quando excluídas se organizam numa atividade psíquica separada e assumem o controle do corpo expressando uma vontade contrária incompreensível para o próprio sujeito.³⁸

³⁸ Aqui fica bastante claro, como bem observa MEZAN (1998b, p.354), que “o próprio da representação não é reproduzir o mundo exterior, mas ativar na psique determinadas reações que se traduzem por uma vivência afetiva”.

No segundo movimento desse texto Freud relembra que o mecanismo psíquico acima descrito foi obtido por meio de inferências, uma vez que não havia meios de obter informações diretas sobre ele. Contudo, com a apresentação do segundo caso ele pretende assegurar que “*investigando os enfermos sob hipnose [foi possível obter] por repetidas vezes a comprovação direta de um mecanismo semelhante para sintomas histéricos.*” (FREUD, 1988d, 157). Freud dá entender que a diferença entre esses dois casos em relação ao estabelecimento direto ou indireto do mecanismo em questão, foi o método utilizado. No primeiro, a eliminação dos sintomas se deu através da sugestão sob hipnose, no segundo, houve uma mudança, Freud utilizou a hipnose como instrumento de investigação. Portanto, pode-se supor que no primeiro a ação do mecanismo teve de ser deduzida, pois não houve uma investigação sobre as causas, e no segundo tal ação pôde ser *comprovada diretamente* devido às informações obtidas referentes à origem do sintoma, bem como por seu desaparecimento simultâneo a essa descoberta.

Nesse segundo caso trata-se de uma paciente histérica que se encontrava incapacitada por numerosos impedimentos neuróticos, dentre eles, o mais chamativo era um ruído peculiar, parecido com um *tic*, que se intrometia em sua conversação por meio de um estalido da língua. Ao ser interrogada sobre a ocasião que havia se originado esse estalido respondeu não saber. Numa segunda ocasião, à mesma pergunta foi feita agora sob hipnose e a resposta foi obtida sem a necessidade da sugestão. O ruído havia se originado quando a paciente cuidava da filha que se encontrava muito enferma, sofrendo de convulsões; quando a criança adormeceu, a paciente pensou: “agora você tem que guardar total silêncio para não acordá-la”, e aí, nesse momento o ruído apareceu pela primeira vez. Numa segunda ocasião estava numa carruagem durante uma tempestade quando um raio atingiu uma árvore que caiu interrompendo a estrada, então pensou: “agora não podes gritar, pois assim assustaria os

cavalos”, foi quando o estalido sobreveio e persistiu desde então. (FREUD, 1988d, p.158).

Contudo, assegura Freud,

pude convencer-me de que o estalido não era um *tic* genuíno, pois desde sua recondução a seu fundamento desapareceu.” [Está foi] “ a primeira oportunidade que tive de apreender a gênese de um sintoma histérico mediante a objetivação de uma representação aflitiva contrastante.(FREUD, 1988d, p. 158).

A representação aflitiva objetivada pelo estalido se tratava da idéia de que, mesmo com todos os cuidados para não acordar a criança enferma, ela, não obstante, poderia fazê-lo ou não seria capaz de evitá-lo. Essa representação concomitante absolutamente contrária a sua intenção, devido ao estado de esgotamento que se encontrava, se intensificou e teve acesso a inervação da língua produzindo o barulho temido.

O mesmo mecanismo se observa nas explosões de linguagem obscena e erótica descritas em crianças de educação refinada e em monjas, por exemplo; esse grupo de representações que nesses casos se encontra laboriosamente suprimido da cadeia associativa consciente se transpõe em ação quando esses sujeitos se encontram esgotados pelo estado nervoso neurótico, que possivelmente, pondera Freud, possa ser produzido justamente por esse mesmo permanente e desgastante processo de supressão contra essas representações. (FREUD, 1988d, p.160). Nesse estado, a emergência da representação contrária é responsável pela característica marcante na histeria que se apresenta como uma *perversão do caráter*, ou seja, pelo traço que se exterioriza

na incapacidade dos pacientes de fazerem alguma coisa precisamente quando e onde eles mais ardentemente desejam fazê-la, de fazer justamente o contrário do que lhe é pedido, e verem-se obrigados a depreciar e por sob suspeita aquilo que mais valorizam. (FREUD, 1988d, p.160).

Diante disso é preciso dar conta das condições que garantem a existência dessas representações sufocadas enquanto elas não se realizam, ou seja, enquanto essas representações permanecem como uma possibilidade.

A pergunta acerca do que acontece com as intenções inibidas parece carecer de sentido para o representar normal. A essa pergunta se responderia que nem se quer se produzem [simplesmente não existem]. O estudo da histeria mostra que, não obstante, estão presentes [realmente existem], ou seja, **que a correspondente alteração material se mantém**; são armazenadas e passam por uma **insuspeitada existência** numa espécie de reino das sombras, até emergirem como fantasmas e assumirem o controle do corpo que, ordinariamente, estava aos serviços da consciência do ego dominante. (FREUD, 1988d, p.161).

Portanto, o que garante a existência das representações mesmo enquanto são apenas uma possibilidade, ou seja, enquanto não participam da cadeia associativa consciente, é a manutenção de sua *alteração material* correspondente. Como foi estabelecido no exame crítico “Sobre as afasias” (1891), os processos associativos se difundem pelo órgão mental deixando atrás de si *modificações permanentes* que se constituem, segundo o paralelismo estratégico adotado por Freud, como os correlatos neurais das representações psicológicas. Assim, segundo esses argumentos, a cada vez que o processo volta a ocorrer suscitando os mesmos estados corticais o evento psicológico concomitante emerge novamente enquanto recordação. Aqui o argumento é mantido, porém, é utilizado para justificar a existência de representações que tem sua eficácia afetiva intensificada mesmo depois de suprimidas da cadeia associativa dominante. Com essa hipótese sobre as modificações processuais, as representações aflitivas inibidas têm sua *existência material* garantida, mesmo não podendo ser recordadas por meio de sua integração atividade psíquica consciente.

4.2. Uma nova concepção de corpo sustentada pela teoria da representação

Como sugere esse artigo sobre a cura hipnótica, o isolamento associativo de representações penosas acaba por resultar numa intensificação patológica de seu afeto aflitivo, o que as força a se objetivarem através da inervação corporal sob a forma de sintomas. No trabalho subsequente “Algumas considerações para o estudo comparativo das paralisias motoras orgânicas e histéricas” (1893) Freud reformula a ação desse mecanismo introduzindo a noção de *trauma*; essa tarefa é realizada ao mesmo tempo em que avança na compreensão daquilo que a histeria revela sobre a particularidade com que o corpo é apreendido quando se trata de sua representação psicológica. A formação do sintoma é concebida na dependência do trâmite que esse modo particular de representação recebe diante das condições que decidem o destino de seu afeto traumático.

Segundo Freud, a clínica nervosa reconhece duas classes de paralisias motoras que estão em perfeito acordo com os dados da anatomia do sistema nervoso, são elas: a paralisia periférico-espinhal e a paralisia cerebral, ou segundo a diferença no modo de representação da periferia, se na medula ou no córtex: *paralisia de projeção* e *paralisia de representação* respectivamente. Freud atribui essa diferença aos resultados obtidos em seu exame sobre as afasias (1891) em relação à estrutura do sistema nervoso retomando as características das duas modalidades de representação³⁹. Com a *Projektion* se trata da relação ponto a ponto que a estimulação periférica mantém com medula espinhal, e com a *Repräsentation*, da relação entre as terminações sensoriais periféricas e o córtex, mediada por sucessivos processos de seleção, recombinação e organização das conduções nervosas nos núcleos intermediários. (SIMANKE, 2004b, p.15). De acordo com essa diferença na estrutura nervosa as paralisias se

³⁹ (Cf. *Projektion* e *Repräsentation*: seção 2.1 do capítulo 2 dessa dissertação)

dividem em paralisias em *détaillé*, que são as de projeção, e as paralisias *em masse*, as de representação.

Com base nessa distinção Freud da continuidade ao exame clínico comparativo entre essas paralisias orgânicas e as paralisias histéricas iniciado no artigo “Histeria” (1888). Contudo, iremos nos concentrar na teoria da representação que aí está em jogo. Quanto a isso, diante das evidências, Freud entende que “*se pode sustentar que a paralisia histérica é também uma paralisia de representação, mas de um **tipo especial de representação** cuja característica deve ser descoberta*”. (FREUD, 1988g, p.200, grifo nosso).

Buscando responder as características desse tipo de representação com o qual as paralisias histéricas estão associadas, Freud pondera que não há a menor dúvida de que as condições que dominam a sintomatologia da *paralisia cerebral* são os fatos anatômicos referentes organização do sistema nervoso. Cada detalhe clínico das paralisias cerebrais se explica em um detalhe da estrutura cerebral. Por exemplo, se um segmento distal de um membro é mais atingido pela paralisia que seu segmento proximal, isso se deve ao fato anatômico de que as fibras representativas do segmento distal são mais numerosas, o que aumenta sua influência cortical; e assim por diante. Por outro lado, não se pode afirmar o mesmo quanto às paralisias histéricas, pois é impossível explicar seus traços característicos através da distribuição e organização da anatomia cerebral. A histeria, por exemplo, combina em suas paralisias uma delimitação exata com uma intensidade excessiva, uma impossibilidade do ponto de vista nervoso.

Freud propõe elucidar essas questões interrogando a *natureza da lesão* que estaria em jogo nas paralisias histéricas. Segundo Charcot, afirma Freud, trata-se na histeria de uma lesão cortical, no entanto, essa lesão é de natureza unicamente *dinâmica ou funcional*, ou seja, um tipo de lesão em que não se pode detectar nenhuma alteração tecidual por meio da autopsia. Charcot acredita que essa lesão dinâmica possa decorrer de perturbações

perfeitamente localizáveis como edemas, anemias ou hiperemias; todavia, Freud observa que essas perturbações, apesar de transitórias, são ainda autênticas lesões orgânicas.

Afirmo o contrário, que a lesão das paralisias histéricas deve ser por completo independente da anatomia do sistema nervoso, posto que *a histeria se comporta em suas paralisias e outras manifestações como se a anatomia não existisse, ou como se não tivesse nenhuma notícia dela.* (FREUD, 1988g, p.206, grifo do autor).

A sintomatologia histérica ignora a distribuição dos nervos, e aí está à tese que Freud quer introduzir, aderindo de forma plena, como ele mesmo reconhece, às concepções de Pierre Janet a favor da particularidade com que o corpo é representado do ponto de vista psicológico. A histeria: *“toma os órgãos pelo sentido comum, popular, dos nomes que eles têm: a perna é a perna até sua inserção no quadril”* (FREUD, 1988g, p.202), quando que, no sentido estritamente anatômico, a perna consiste na parte do membro inferior que vai do joelho ao pé. Assim, o mecanismo responsável pela função de nomear encontra suas analogias na vida cotidiana, perna é perna e não fibras, músculos. (GABBI JR 1991,p.197).

Para apreender a particularidade da formação dos sintomas na histeria é necessário rever essa noção de lesão funcional extraíndo-a do âmbito da anatomia para o da psicologia das neuroses. Nessa acepção a lesão, enquanto alteração de uma propriedade funcional (como uma diminuição da excitabilidade ou de uma qualidade fisiológica constante) passa a estar correlacionada com a dinâmica dos nomes com que o corpo é representado de acordo com a experiência perceptual de cada paciente construída e partilhada na relação com os semelhantes.

Afirmo, com Janet, que [...] essa concepção (*Vorstellung*)⁴⁰ não se funda em um conhecimento profundo da anatomia nervosa, se não em nossas

⁴⁰ Nesse artigo de 1893, escrito originalmente em francês para os *Archives de Neurologie*, Freud reserva o termo “répresentation” para designar “Repräsentation” e emprega “conception” para a “Vorstellung”.

percepções tácteis e, sobretudo, visuais. [...] A lesão da paralisia hística será então, uma lesão da concepção de braço; a idéia de braço, por exemplo. (FREUD, 1988g, p.207)

Se por um lado há um débito para com Janet, por outro se pode reconhecer que, em termos estritamente freudianos, o que está em jogo na nomeação do corpo é a relação associativa entre *Wortvorstellung* (representação de palavra) e *Objektvorstellung* (representação de objeto). Freud afirma nesse momento que a *Vorstellung* em questão que designa: a tomada dos órgãos pelo sentido comum dos nomes que recebem (portanto uma representação de palavra), tem seus antecedentes fundamentais em nossas percepções tácteis, sobretudo as visuais, e não em imagens sonoras lingüísticas, por exemplo. Com isso, está propondo que a apreensão sensorial do corpo, que resulta numa representação de objeto primária, deva preceder a sua nomeação através da associação com as representações de palavra, que é uma aquisição mais tardia. O ato da nomeação se faz, portanto, através da associação entre impressões corporais periféricas, representadas por meio de suas imagens tácteis e visuais, e as impressões lingüísticas sonoras, representadas pelas imagens acústicas.⁴¹

⁴¹ Partindo da distinção clínica entre patologias orgânicas e doenças neuróticas iniciadas no artigo “Histeria” (1888), a investigação freudiana acaba por abrir o campo e fundar as bases de uma nova concepção de corpo sustentada pela teoria da representação e distinta da idéia de organismo definida desde o ponto de vista da ciência anatômica. O trabalho com as paralisias dá um passo importante na compreensão desses fenômenos. A histeria toma o corpo desde sua representação e desconhece completamente o saber adquirido pela ciência anatômica. Trata-se de um corpo construído par a par com a experiência, muito diferente do corpo revelado pela autopsia. Contudo, como foi possível fundamentar, a nomeação da experiência com o corpo nunca tem fim, ela se faz a partir de um aparelho de linguagem organizado em torno de uma relação aberta com a experiência sensorial. De acordo com isso a representação do corpo deve sempre comportar um resto que se subtrai ao processo de significação por meio da associação com as representações verbais.

Tendo em vista o ponto de partida freudiano no interior de uma tradição médica constituída historicamente sobre a clínica do visível, no momento em que Freud elege a escuta do discurso afásico e hístico como objeto de sua pesquisa, executa um movimento que o levará a uma ruptura com esta tradição. Desse movimento foi possível destacar o estatuto inédito que o corpo adquire a partir de uma clínica da escuta e de uma teoria da representação cujo enraizamento material torna inteligível a passagem de um pensamento e de sua carga afetiva para a inervação corporal, onde o sintoma advém no lugar de uma fala capaz traduzir e liberar o afeto de uma vivência sem palavras.

A lesão funcional da qual resulta a paralisia histérica deve então incidir não sobre o corpo anatômico, e sim sobre sua representação psicológica: trata-se da lesão de uma representação.

Considerada psicologicamente, a paralisia de braço consiste no fato de que a concepção de braço não pode entrar em associação com as outras idéias que constituem o eu do qual o corpo do indivíduo forma uma parte importante. A lesão seria então *a abolição da acessibilidade associativa da concepção de braço*. Essa se comporta *como se não existisse* para o jogo das associações. (FREUD, 1988g, p.208, grifo nosso).

Freud pretende demonstrar com a introdução dessa noção de abolição da acessibilidade associativa que a representação psicológica pode estar inacessível, (*como se não existisse*) sem que seu substrato material correspondente esteja lesionado ou destruído. Para isso re-introduz a noção de afeto:

Se a concepção de braço está envolvida numa associação de grande valor afetivo, será inacessível ao livre jogo das outras associações. O braço estará paralisado em proporção a persistência desse valor afetivo ou da sua diminuição por meios psíquicos apropriados. (FREUD, 1988g, p.208).

Assim, conclui Freud, a representação de braço existe no substrato material, mas não está acessível aos impulsos conscientes, e isso se dá devido ao alto valor afetivo relacionado com a recordação de um evento traumático com que está envolvida numa associação subconsciente.

Tanto nesse trabalho com as paralisias como no texto anterior sobre a cura pelo hipnotismo 1892, mantêm-se o paralelismo adotado no ensaio de 1891, conseqüentemente Freud não consegue romper com a identidade entre o psíquico e a consciência. Muito embora, como observa CAROPRESO (2003, p. 337), o uso do termo *subconsciente* para designar tanto os processos psíquicos envolvidos nas paralisias quanto o âmbito de sua atuação,

indique os primeiros movimentos a favor da superação dessa identidade, a existência psíquica da representação permanece dependente de sua acessibilidade psicológica consciente. Seu substrato material, apesar de psicologicamente eficaz, com bem demonstrou a sintomatologia apresentada nos dois textos examinados, não é concebido como fazendo parte dos processos psíquicos, e sim como o correlato neural de uma representação.

4.3. Ação e eficácia do mecanismo psíquico dos fenômenos histéricos

No final do ensaio sobre as paralisias Freud remete seus argumentos ao trabalho escrito em colaboração com Breuer “Sobre o mecanismo psíquico dos fenômenos histéricos” (1893), uma comunicação preliminar em que expõe as teses a serem comprovadas nos “Estudos sobre histeria” (1893-1895) ⁴². Essa obra tem grande importância para o aprimoramento dessas hipóteses iniciais, quais sejam: o modo de ação do mecanismo psíquico frente à recordação de um evento traumático e o processo terapêutico como ab-reação do afeto aflitivo via expressão verbal. De acordo com essa teoria: *toda impressão psíquica está provida de um montante de afeto*, de um valor afetivo (FREUD, 1988g, p.209); ou seja, toda representação é em si mesma, segundo a ordem de sua constituição, um processo afetivo. Essa tese permite estender a hipótese desse mecanismo psíquico básico em ação nas paralisias histéricas para a formação dos sintomas neuróticos em geral.

⁴² Devido à extensão e a importância dos “Estudos...” (1893-1895) para a gênese dos conceitos freudianos, bem como a qualidade da literatura existente, optamos por examinar as hipóteses e conceitos aí estabelecidos na forma em que se encontram desenvolvidos no “Projeto de uma psicologia” (1895), momento em que são correlacionados a constituição e ao funcionamento de um aparelho psíquico representacional (Cf. Parte II, .cap. 6). Para um exame detalhado do alcance desse trabalho em colaboração com Breuer e da transição de suas hipóteses para o “Projeto...” remetemos o leitor ao trabalho de SIMANKE (2004b), ROSSI (2004) e CAROPRESO (2002; 2003).

A comunicação preliminar de 1893 traz os resultados obtidos pelo aprimoramento do método de investigação hipnótica, mas também permite apreciar o alcance dos primeiros trabalhos sobre a representação e o aparelho de associações, bem como da crescente necessidade da elaboração de uma teoria sobre a memória. Investigamos no sintoma (observam os autores), sua causa desencadeante: o processo em virtude do qual o fenômeno se produziu pela primeira vez. Esse método permite verificar que no ponto de origem dos transtornos encontram-se vivências traumáticas que o enfermo, não somente reluta em comentar, mas que, principalmente, realmente não as recorda. (FREUD, BREUER, 1987a, p.29). São traumas psíquicos decorrentes de vivências que suscitaram afetos penosos de horror, vergonha, angústia, medo e dor mental, e que fazem parte de uma história de sofrimento, de uma trama de recordações. Descobrimos, continuam, que os sintomas desapareciam quando conseguíamos evocar nitidamente a recordação do processo que o determinou despertando o afeto envolvido e demandando ao enfermo uma descrição detalhada, uma tradução em palavras: *“O decurso do processo psíquico originário tem de ser repetido com a maior vivacidade possível, deve ser levado de volta a seu status nascendi e então receber expressão verbal.”* (FREUD, BREUER, 1987a, p.32).

Os efeitos decorrentes da tradução do afeto põem em questão a capacidade que as recordações das vivências demonstram em produzir efeitos tão intensos mesmo quando aparentemente esquecidas. Segundo essa teoria, a perda da afetividade de uma lembrança depende de alguns fatores, mas o essencial é saber se diante do evento que provocou o afeto houve ou não uma reação adequada.

Por reação entendemos aqui toda série de reflexos voluntários e involuntários em que, segundo sabemos pela experiência, se descarregam os afetos: desde o choro até a vingança. [...] Se essa reação se produz em escala suficiente, desaparece boa parte do afeto. [...] Se a reação é sufocada, o afeto permanece conectado com a recordação. (FREUD, BREUER, 1987a, p.34).

O acréscimo da soma de excitação afetiva se dá pela vias sensoriais, a diminuição por vias motoras, o que os autores propõem diante da reação sufocada é que o trabalho com a linguagem, por meio da expressão motora verbal e da retificação associativa, possa ser um substituto para a ação.⁴³ Assim, se o sujeito, por algum motivo não pode ou se recusa a tramitar esse excedente afetivo via reação motora ou por um trabalho associativo, a recordação dessa impressão psíquica continua a existir tomando parte na organização de um grupo de representações afetivas isoladas do comércio associativo. Excluídas e inconscientes elas adquirem uma intensificação excessiva, tornando-se causa para a formação de sintomas.

Mesmo com os avanços obtidos nos “Estudos sobre histeria” ambos os autores hesitam em admitir uma natureza psíquica para os processos inconscientes, por razões declaradas que dizem respeito às suas opções metodológicas e as dificuldades reais inerentes a matéria. Em “Psicoterapia da histeria” (1895), por exemplo, a respeito da hipótese da presença de pensamentos inconscientes impossíveis de serem recordados, afirma que não tem uma idéia definida sobre a natureza dessas representações:

deve-se supor que se trata realmente de pensamentos nunca produzidos, e para os quais haveria uma **mera possibilidade de existência**, de modo que a terapia consistiria, então, na consumação de uma ato psíquico interceptado? É evidentemente impossível enunciar algo sobre isto, ou seja, sobre o estado do material patógeno antes da análise. (FREUD, 1987c, p. 304, grifo nosso).

No artigo “As neuropsicoses de defesa” (1894), ao discutir sua teoria da defesa enquanto mecanismo psíquico em ação contra a emergência de idéias sexuais incompatíveis com a vida representacional, a dúvida quanto à natureza do inconsciente é exposta claramente:

⁴³ Nesse ponto Freud se apóia na observação espirituosa de Jackson de que o primeiro homem que em vez de lançar uma lança contra seu inimigo lhe lançou um insulto foi o fundador da civilização, desse modo à palavra é o substituto da ação.(FREUD, 1989b,p.38).

a separação da representação sexual e de seu afeto, e o enlace desse último com outra representação, adequada mas não incompatível: são processos que acontecem sem consciência, que somente é possível presumir sua existência, e nenhuma análise clínico-patológica é capaz de demonstrar. Talvez fosse mais correto dizer que tais processos [inconscientes] não são de modo algum de natureza psíquica, mas processos físicos. (FREUD, 1989c, p.54).

Essa problemática levará Freud a uma revisão sobre a natureza da representação sem a qual o psíquico inconsciente, apesar de perfeitamente estabelecido em termos clínicos, permaneceria teoricamente excluído do campo psicológico aberto pela histeria e pela hipnose. Como pretendemos demonstrar ⁴⁴, a necessária desvinculação entre o psíquico e a consciência se consuma, definitivamente, no texto “Projeto de uma psicologia” (1895), permitindo que a representação possa produzir toda uma série de efeitos e ter seu comportamento descritível em termos psicológicos sem aceder à consciência. (SIMANKE, 2004b, p.59).

⁴⁴ (Cf. Parte II, seção 1.2)

PARTE II:
**O SENTIDO E A NATUREZA DA CONCEPÇÃO DE REALIDADE E A TEORIA DA
MEMÓRIA NO “PROJETO DE UMA PSICOLOGIA” (1895)**

CAPÍTULO 1

A constituição do Aparelho Neuropsíquico ⁴⁵

Nessa segunda etapa da pesquisa iremos situar e analisar os problemas e as hipóteses que estão na origem daquilo que se pode denominar: uma primeira circunscrição do conceito de real pela metapsicologia freudiana. Nesse contexto o “Projeto de uma psicologia” (1895) tem uma importância fundamental devido ao fato de poder ser considerado como uma grande síntese das observações e da teoria desses primeiros anos. Um trabalho cujo problema fundamental é o de fornecer uma justificativa teórica adequada e uma base constitucional para a hipótese clínica da defesa. Esse é núcleo do argumento freudiano a favor do reconhecimento do lugar das causas adquiridas na etiologia das neuroses e na própria constituição do aparelho psíquico. Sendo assim, nosso objetivo neste momento é situar o sentido e a natureza da concepção de realidade que se pode extrair dessa primeira teoria sobre o aparelho, e com isto responder a seguinte questão: Qual é a concepção de realidade manejada no interior da teoria da defesa e da sedução?

No “Projeto...” (1895) também é possível acompanhar a construção da primeira teoria freudiana sobre a memória ou como define Freud, *o psíquico propriamente dito*, que surge, como observa SIMANKE (2004b, p.59), como consequência e culminação do argumento anti-localizacionista desenvolvido desde o “Ensaio sobre as afasias” (1891). Trata-se mesmo de um do estabelecimento do fundamento conceitual

⁴⁵ O termo neuropsíquico se justifica, como será examinado adiante (Cf. Parte II, seção 1.2 Memória e percepção), pelo fato de que Freud nesse trabalho passa a atribuir uma natureza psíquica aos processos neurológicos identificando-os aos processos inconscientes. Uma operação conceitual que implica na ultrapassagem do paralelismo psicofísico problematizado anteriormente. (Cf. Parte I, seção 2.2). Essa identificação e ultrapassagem trazem consequências fundamentais para conceituação do laço indissociável entre corpo e representação, principalmente com a introdução da noção de pulsão enquanto a mola impulsiva de toda atividade psíquica. (Cf. Parte II, seção 1.4).

sobre o qual pode-se erigir a teoria de um inconsciente psíquico, representacional, psicologicamente ativo, concedendo, enfim a carta de cidadania metapsicológica às intuições clínicas que já há algum tempo se acumulavam e que tão reticentemente eram consideradas por Freud. (SIMANKE, 2004b, p.59).

1.1. Postulados, funções e estrutura

De maneira introdutória iniciaremos com uma descrição geral da estrutura e do funcionamento do aparelho psíquico tal como é proposto no “Projeto de uma psicologia” (1895) ⁴⁶. Freud tem como ponto de partida dois postulados fundamentais para abordar a estruturação do aparelho, o da *quantidade (Qn)* ⁴⁷ e do *neurônio (N)*. A concepção quantitativa lhe foi sugerida pelas observações clínicas, particularmente pela presença patológica em obsessões e histerias das chamadas *idéias excessivamente intensas* (überstarken Vorstellungen) que deram evidências da existência de processos de excitação neuronal em fluxo.(FREUD, 1988h, 340). Já o segundo postulado sobre o neurônio, acrescido e combinado a essa concepção quantitativa, foi fornecido pela descoberta recente advinda da

⁴⁶ Existem divergências sobre o valor deste escrito na obra de Freud, geralmente a literatura se divide em duas grandes posições: ou o texto é tido como um desvio neurológico na constituição da psicanálise, como é o caso da avaliação feita por autores como GARCIA-ROZA (2001,p.60) e FRAYZE-PEREIRA (1999) por exemplo, ou é tomado como já sendo uma teoria psicológica, onde o neurológico deve ser encarado apenas como metáfora da psicologia implícita nele, como se encontra em algumas leituras lacanianas. Em ambas as avaliações o valor e o lugar desse texto na composição da teoria freudiana é deslocado e reduzido. Existe em contrapartida uma terceira avaliação realizada por autores como MONZANI (1989) GEERARDYN (1997), GABBI JR. (2003), SIMANKE (2004 a,b) entre outros, que tende a localizar e explicitar lógica e historicamente, o lugar que esse trabalho ocupa no desenvolvimento da teoria psicanalítica, seus pressupostos epistemológicos, a origem e a construção de seus problemas, suas hipóteses, e sua contribuição para o conjunto da obra. O presente trabalho, que não tem como foco essa problemática em específico, tem como referência essa terceira via, e situa o *Projeto...* (1895) dentro da orientação científico-naturalista de Freud, onde é possível verificar que o campo das ciências naturais e a psicologia do inconsciente nunca foram alternativas excludentes para o autor.

⁴⁷ Freud utiliza duas notações para designar a quantidade: Q e Qn, cuja diferença nem sempre é clara ao longo do texto. Contudo, a hipótese mais sustentável sugerida tanto pelo editor como por GABBI JR. (2003, p.24) é de que o termo Q seja utilizado para referir-se a quantidade em geral, de origem externa, e Qn a de origem interna. Importante destacar que Qn é sinônimo de excitação neuronal.(Cf. FREUD, 1988h, p.340).

histologia da época, de que o sistema nervoso seria composto por neurônios distintos mediados entre si por uma massa nervosa, numa estrutura em que a direção da condução nervosa estaria prefigurada. Eles receberiam quantidade através dos prolongamentos celulares (dendritos) e a emitiram através dos cilindros de eixo (axônios). (Cf.SIMANKE, CAROPRESO, 2005). A combinação proposta por Freud entre esses dois postulados principais deu forma a uma primeira dedução teórica segundo a qual *quantidade em fluxo* implicaria, sob certas condições, a *ocupação dos neurônios*.

O signo de realidade é concebido nesse trabalho neuropsicológico de cunho clínico-especulativo em decorrência da introdução de um terceiro sistema na teoria do aparelho neuronal, o *ômega*. Esse sistema é introduzido ao lado dos dois outros já estabelecidos, o da memória *psi* e o da percepção *phi*. *Ômega* se torna necessário no momento em que os dois postulados para a construção de uma psicologia científica naturalista, o da quantidade (Qn) e do neurônio (N), encontram seus limites em dar conta de explicar a característica qualitativa atribuída à consciência, que então passará a ser atribuída às operações deste novo sistema.

A modalidade de funcionamento que antecede a introdução da consciência na constituição do aparelho é regida por uma lei que Freud empresta da física newtoniana e que traduz de forma adequada sua hipótese sobre o movimento neurônico, a *lei da inércia*, um modo de funcionamento regulado pelo seguinte princípio: “*toda célula nervosa aspira a libertar-se de Q*”. (FREUD, 1988h, p.340). A ação deste princípio explica, segundo Freud, a arquitetura bipartida dos nervos e neurônios em pólos motores e sensoriais que impõe uma orientação para a condução nervosa. Portanto, *toda quantidade* (Qn) recebida pelo aparelho deve ser descarregada automaticamente pela via motora, ou seja, este modo de processamento da quantidade visa, através de uma ação puramente reflexa, orientada no sentido sensório-motor, reconduzir todo o aumento da tensão interna a $Q_n = 0$.

A hipótese de um aparelho como esse, regido exclusivamente pelo *princípio de inércia*, cuja única fonte de excitação provém da estimulação externa, desempenha a princípio a função de uma ficção teórica, uma vez que esse regime de processamento é incompatível com a realidade de um organismo vivo, como veremos. Essa hipótese será modificada até se adequar aos dados da observação, mas, no que concerne ao fundamento, será mantida, pois, segundo Freud, este *princípio geral da atividade nervosa* que estabelece que o sistema neuronal em seu conjunto aspira a aliviar-se dos acréscimos de tensão (Qn), permite: 1. “*compreender a arquitetura, desenvolvimento e as operações de seus sistemas*” (FREUD, 1988h, p.340); 2. com essa estrutura teórica, organizar e explicar os processos e mecanismos envolvidos na formação e na etiologia das neuroses.

Nos desempenhos proporcionados por essa arquitetura bipartida, segue-se o desenvolvimento de duas funções: uma *função primária* que é a eliminação de Qn, ou seja, a *descarga*; e uma *função secundária* que é a *fuga de estímulo*. (FREUD, 1988h, p.340). Essa última se estabelece em razão do fato de que no desempenho das operações no interior do aparelho são preferidos e mantidos aqueles caminhos que levam ao cancelamento do estímulo. A *função secundária* se utiliza desses caminhos selecionados para realizar a operação necessária à *fuga*.

De acordo com essa hipótese inicial, sua adequação a um organismo vivo exige uma série de substituições, pois a *manutenção da vida* implica que se leve em conta uma segunda fonte de excitação interna ao organismo acrescida desde as necessidades vitais, Freud refere-se às grandes urgências da vida: *a fome, a respiração e a sexualidade*. No caso dessas necessidades, a fuga de estímulos por meio da resposta reflexa é completamente ineficaz, e sua resolução exige a substituição da ação reflexa automática por uma *ação específica* dirigida ao mundo externo no sentido de obter o provisionamento dos objetos necessários a resolução da tensão. (FREUD, 1988h, p.341).

Essa inclusão exige uma alteração significativa na tendência à inércia, uma vez que, sob este regime o aparelho é incapaz de tolerar qualquer acréscimo de excitação, o que é inconcebível para um organismo vivo. Neste sentido, o princípio de inércia é substituído pelo que Freud denomina *princípio de constância*. Esse último exige que o aparelho seja capaz de tolerar um mínimo de acúmulo de excitação em seus sistemas, uma cota de energia necessária para o cumprimento da função secundária e para iniciar os rudimentos de uma ação específica.

Até o momento foi possível acompanhar as repercussões produzidas pela consideração das fontes internas de excitação na teoria do aparelho psíquico. Isso marca a passagem de uma ficção teórica de um aparelho regido pela inércia para uma especulação sobre a gênese do aparelho a partir de suas vivências fundamentais de dor e de satisfação, até chegar, em seu desenvolvimento mais complexo e organizado, à constituição da consciência, como veremos adiante.

1.2. Memória e percepção

Essa nova modalidade de funcionamento, regida pela tendência a manter a tensão interna *constante* defendendo-se contra todo acréscimo de excitação, segue a mesma orientação de eliminação sensório-motora estabelecida pela tendência à inércia; a diferença está em que para o cumprimento dessa função secundária é preciso que uma parcela da quantidade seja retida no interior do sistema, não pode ter sido completamente eliminada. Essa retenção de uma cota de excitação para ser utilizada na realização dos desempenhos do aparelho está diretamente articulada à constituição da memória. Isso se deve ao fato de que

nessas operações de fuga e descarga são selecionadas e mantidas aquelas trilhas abertas pela condução nervosa que levam ao cancelamento do estímulo, assim, ambas, retenção de Qn e seleção de caminhos, articulam-se na constituição de um sistema mnêmico.

Para tanto, é preciso supor uma *resistência* que faça oposição às descargas, algo como barreiras que contenham o livre curso da excitação. Freud introduz, então, a hipótese das *barreiras de contato* situadas entre os neurônios. (FREUD, 1988h, p.342). Tais barreiras se articulam e se justificam devido à observação de que a condução nervosa atravessa o protoplasma indistinto provocando aí uma *diferenciação* e, com isto, uma melhora da faculdade condutiva para as conduções posteriores. O que demonstra a capacidade do tecido nervoso de ser “*alterado permanentemente por processos únicos.*” (FREUD, 1988h, p.343). As barreiras de contato ainda tornam possível uma outra inferência sobre a diferenciação no tecido nervoso que divide as células em duas classes de neurônios: o sistema (ϕ), que serve à *percepção*, cujas barreiras de contato são completamente *permeáveis* ao decurso da excitação (logo, após cada processo de condução eles estão no mesmo estado que antes; não há alteração, portanto, não há registro, apenas recepção sensorial) e o sistema (ψ), representando a *memória* e os processos psíquicos propriamente ditos, em que as barreiras de contato conservam sua resistência à passagem da excitação, o que as torna relativamente *impermeáveis* ao processo excitatório. Uma vez que o decurso da excitação atinge uma intensidade “x” capaz de vencer as resistências oferecidas pelas barreiras, com a passagem da condução elas caem num estado de alteração permanente, se tornam mais susceptíveis à condução, menos impermeáveis: “*Designamos este estado das barreiras de contato como grau de facilitação.*” (FREUD, 1988h, p.344). As diferenças entre os graus de facilitações existentes entre os neurônios *psi* é que constituem então o fundamental da explicação da memória dentro dessa teoria do aparelho psíquico.

Essa hipótese das facilitações se ajusta bem à observação da experiência psicológica, Freud cita o exemplo da aprendizagem como evidência de que a memória se faz por facilitações. Essa justificativa teórica da memória é traduzida na linguagem da experiência como *o poder de uma vivência de seguir produzindo efeitos continuamente*. O poder de efetividade permanente de uma vivência está na dependência de dois fatores: *“da magnitude da impressão e da frequência com que essa mesma impressão fora repetida.”* (FREUD, 1988h, p.345). No plano metapsicológico, originariamente, a quantidade é o fator eficaz, e o resultado, a facilitação; a *posteriori*, em termos de eficácia, a facilitação pode substituir a quantidade, assim como a recordação substitui a vivência.

Todas as operações do aparelho devem-se adequar à tendência à constância; nessa orientação, as facilitações como base para a memória também servem à função primária da descarga. Frente a um acréscimo de tensão advindo de uma vivência, a seleção dos caminhos de eliminação é determinada pelo grau de facilitação das barreiras de contato, ou seja, em relação aos posteriores decursos da excitação serão selecionadas as trilhas que melhor conduzem à cessação do estímulo. (FREUD, 1988h, p.345). Assim, os caminhos preferenciais são estabelecidos pelos próprios processos e experiências e não estão previamente determinados por restrições anatômicas.

Descrita como fato psíquico fundamental, a memória, que demonstra a capacidade do tecido nervoso de ser alterado permanentemente por processos únicos, encontra sua justificativa teórica através da teoria das barreiras de contato, que também é o fundamento em que repousa a possibilidade das *aquisições psíquicas*: *“Toda aquisição psíquica consistiria, então, na articulação do sistema psi por um cancelamento parcial e topicamente definido da resistência nas barreiras de contato, que distingue phi e psi”*. (FREUD, 1988h, p.346).

A fim de diminuir a arbitrariedade de suas construções, Freud, após esgotar as possibilidades de explicação mecânica, via de regra concebe um fundamento evolutivo para

seus conceitos, o que se aplica tanto para explicação da memória como para percepção através da ação da quantidade sobre os neurônios. A hipótese é de que a ação da quantidade se deu de modo diferente ao longo da evolução dos sistemas *phi* e *psi*. Do ponto de vista da história evolutiva, a divisão entre essas duas classes de sistemas se justifica pelo fato de que os neurônios *phi* da *percepção* estariam submetidos a uma quantidade externa muito mais intensa do que aquelas advindas do interior do corpo. Com isso, *as barreiras de contato* entre seus neurônios tornaram-se completamente *permeáveis* ao curso da quantidade; enquanto as barreiras de contato dos neurônios em *psi*, por sua localização tópica mais interna, afastadas da ação direta dos estímulos, mantiveram certa *impermeabilidade* (resistência) ao curso da quantidade: “*Por conseguinte, a arquitetura do sistema nervoso serviria ao afastamento; a função, à eliminação de Qn’ dos neurônios.*” (FREUD, 1988h, p.350).

O sistema *phi*, voltado para recepção sensorial do mundo exterior, tem por finalidade duas tarefas: reduzir o impacto das quantidades exógenas, e descarregar, através do pólo motor, as quantidades excedentes que penetram em seus neurônios. O que vale também para o sistema *psi*, que não tem conexão direta com o mundo externo, e recebe as quantidades de duas fontes: aquela advinda de *phi* e outra proveniente dos estímulos endógenos advindos do interior do corpo.⁴⁸

⁴⁸ Com relação aos dois sistemas em questão Freud tece uma comparação que confere uma continuidade de base em relação ao Ensaio sobre as afasias (1891). O sistema de neurônios *phi* é correlacionado à substância cinza da medula espinhal, e o sistema *psi* a substância cinza do cérebro. Da crítica da idéia de projeção realizada no ensaio resulta que: *phi* (assim como a medula espinhal) é o único sistema que tem uma conexão direta com o a periferia externa, enquanto que o sistema *psi* (comparado ao córtex) distante da periferia sensorial é o único que tem *vias diretas até o interior do corpo*. (FREUD, 1988h, p. 347). A fecundidade e o alcance do trabalho crítico com as afasias podem ser conferidos ainda pelo uso que Freud faz dele no esquema proposto pela Carta 52 (1896), por exemplo, quando trabalha com a estratificação sucessiva da memória e suas retranscrições, que é uma primeira versão do aparelho psíquico apresentado na Interpretação dos sonhos (1900). (Cf. Parte III, seção 2.2). Na Interpretação dos sonhos a crítica a favor da representação contra a idéia de projeção assume características psicológicas que dizem da seleção e recombinação dos pensamentos do sonho no conteúdo manifesto. (Cf. Parte IV, seção 4.1).

O curso da quantidade proveniente das *fontes endógenas* de excitação, após atingir certo limiar, ultrapassa a resistência existente entre o aparelho e o interior do corpo. Ao ultrapassar essa resistência oferecida pelas barreiras de contato entre os neurônios, o curso da quantidade *abre trilhas* nessas barreiras entre os neurônios em *psi*, as *facilitações*. Na próxima recorrência do decurso excitatório, esse é induzido a percorrer novamente essa trilha já facilitada, ou seja, está garantida a possibilidade da repetição dos processos.⁴⁹ Essa é a base material da memória que fornece os elementos necessários à constituição de uma representação.

No caso da recorrência do curso psíquico por essas trilhas facilitadas devido à ação da quantidade de origem endógena, trata-se então, da constituição de *representações mnêmicas das excitações* provenientes do *interior do corpo*. Existem também as *representações mnêmicas* provenientes da percepção *phi*, constituídas pela ação da *quantidade externa* sob o aparelho. No caso do fenômeno da dor, que é o exemplo dado por Freud, o curso da quantidade de origem externa, por sua intensidade, rompe os dispositivos de proteção contra Q, deixando atrás de si poderosas *facilitações* em direção à representação do objeto hostil, essas funcionam como *motivos compulsivos* no interior de *psi*.

Com essas considerações, Freud toca o limite do que é possível deduzir e explicar a partir da articulação entre os postulados principais da quantidade e do neurônio na sua

⁴⁹ No “Ensaio sobre as afasias” (1891) essa possibilidade decorria da hipótese de uma modificação permanente que os processos deixavam após a sua passagem, os traços mnêmicos. Aqui, essa modificação permanente, que até então permanecia sem uma definição mais precisa, é especificada pela teoria memória sob a forma da abertura de *facilitações* nas barreiras de contato entre os neurônios. Segundo SIMANKE (2004b), a teoria da memória desenvolvida no “Projeto...”(1895), consolida a prevalência e autonomia do ponto de vista funcional sob a concepção estática e localizacionista da memória criticada por Freud desde 1891. A consolidação se apóia em duas substituições: 1º. A idéia do localizacionismo de que os elementos mnêmicos estariam contidos no interior da célula nervosa, é substituída pela concepção funcional de que “a única coisa que um neurônio, entendido com a unidade material de composição do sistema nervoso, pode inteligivelmente conter é certo montante de quantidade (Qn).” (SIMANKE, 2004b, p.52). 2º. A hipótese de que a rememoração é garantida pela permanência de uma modificação cortical morfológicamente concebida, é substituída pela idéia de que o processo deixa sim atrás de si uma modificação, “mas não no neurônio, que permanece idêntico (...), mas na barreira de contato que, uma vez ultrapassada, tem a sua capacidade de oferecer resistência ao fluxo da quantidade diminuída.” (SIMANKE, 2004b, p.53).

intenção de construir uma psicologia científica naturalista. O limite dessa construção é colocado pela impossibilidade de se conceber a *consciência* unicamente pela ação da quantidade; para tanto, é preciso incluir a qualidade e as sensações. Até este momento da estruturação do aparelho, tanto as atividades quanto a própria constituição da memória, base de todos os processos psíquicos, prescindiram completamente das funções desempenhadas pela consciência:

Explicitemos uma premissa que nos tem guiado até aqui. Temos abordado os processos psíquicos como algo que poderia prescindir do conhecimento dado pela consciência, como algo que existe independentemente de uma consciência. [...] A consciência não nos proporciona um conhecimento completo nem confiável dos processos neuronais; e esses, em toda sua extensão, tem que ser considerados em primeiro lugar como inconscientes e devem ser inferidos do mesmo modo que as outras coisas naturais.(FREUD, 1988h, p.352).

É importante observar que com isso Freud empreende um movimento conceitual de grandes proporções que implica na própria ultrapassagem do paralelismo psicofísico, uma possibilidade aberta desde 1891:

1°. Reafirma que a existência dos processos psíquicos é independente daquilo que se experimenta como consciência.

2°. Atribui uma natureza psíquica aos processos neurológicos, ou seja, aquilo que no “Ensaio sobre as afasias” (1891) era tido como o correlato da representação “*é agora pensado como consistindo na própria representação, enquanto processo psíquico inconsciente*”. (CAROPRESO, 2002, p.100).

A ultrapassagem se dá justamente no momento em que a teoria da memória torna possível identificar os processos psíquicos que ocorrem na ausência da consciência aos processos neurológicos. De acordo com esses desenvolvimentos, a própria opção de Freud no “Projeto...” (1895) pelo termo *Vorstellung* ao invés de *Repräsentation* para designar seu

conceito de representação (SIMANKE 2004a, p.25), indica, justamente, a efetivação do que desde as afasias se tornara uma possibilidade: conceber a *Vorstellung* como

conjunto de *propriedades distintivas que os processos corticais adquirem* ao se verem organizados de uma determinada maneira, no nível mais evoluído e de maior complexidade e flexibilidade, segundo os princípios jacksonianos; haveria, então, uma diferença funcional entre o neurológico e o mental, mas não mais uma diferença essencial ou de natureza (SIMANKE, 2004a, p.32, grifo nosso).

SIMANKE (2004b, p.58), ainda extrai dessa reordenação conceitual elementos que permitem conceber a relação entre o psíquico e sua base neural escalonada em três níveis:

O primeiro corresponde a uma série de facilitações deixadas por algum processo anterior que constitui um complexo associativo de neurônios operando, desde então, como uma unidade funcional; pode-se dizer que este sistema de traços mnêmicos constitui a representação em potência [uma possibilidade]. (...) O segundo nível corresponde ao processo da representação (*Vorstellungsablauf*) propriamente dito, quando o complexo torna-se novamente ativo devido à sua ocupação pela quantidade, e a representação pode ser dita psicologicamente eficaz. Isso, por si só não significa que a representação torne-se consciente, o que configuraria o terceiro nível da relação mente-cérebro.

1.3. Qualidade e consciência

Dada os limites da construção anterior que esbarrou na impossibilidade de se conceber a consciência unicamente pela ação da quantidade é necessário incluir a qualidade e as sensações. O problema é abordado inicialmente desde a localização tópica da origem da qualidade no aparelho. Freud descarta três possibilidades para essa origem: ela não pode estar

no mundo externo que em sua visão fisicalista é composto apenas de massas em movimento. Não pode se dar no sistema *phi* da percepção, dado o pressuposto de que a consciência esteja localizada em níveis superiores de organização do funcionamento psíquico; e por último, não pode estar no sistema *psi*, pois seus processos psíquicos, o recordar e o reproduzir são, por natureza, sem qualidade.

Diante dessas dificuldades, Freud se vê obrigado a postular a existência de um terceiro sistema, o *omega*, que dê conta de explicar a origem e as operações que envolvem as *sensações conscientes de qualidade*. Essa hipótese, apesar de ser requerida pelo desenvolvimento precedente, não decorre das noções anteriormente apresentadas, não pode ser deduzida dos princípios assumidos desde o início. (SIMANKE, 2004b, p.138). Freud também não consegue estabelecer a origem evolutiva deste sistema, que é introduzido mais como uma ficção que poderá ser útil até o momento em que se possa encontrar uma hipótese mais adequada a sua construção.

Neste mesmo sentido, dando seqüência ao argumento, Freud afirma que dessa arquitetura dos sistemas de neurônios cabe esperar que ela consista também “*em mecanismos que transformem as quantidades externas em qualidades, com o que parece triunfar de novo a tendência originária ao afastamento da quantidade.*” (FREUD, 1988h, p.353). O problema passa a ser quais são as operações necessárias para que o aparelho neuronal seja capaz de consciência, ou seja, como é possível ao aparelho operar uma transformação que partindo da quantidade resulte, ao final de um processo dinâmico, em qualidade; o sistema *omega* seria capaz deste desempenho. Para tanto, é necessário que este sistema estabeleça dois modos diferentes de relação aos outros: um por meio da *quantidade* e outro pela da *apreensão da característica temporal* gerada pelo curso da quantidade, *o período*. Com essa hipótese do período transmitido juntamente com a quantidade, “*é preciso mostrar que, embora essa não possa ser plenamente derivada das proposições anteriores, não está em desacordo com elas,*

nem contradiz as idéias até agora aceitas e, em princípio, demonstradas.” (SIMANKE, 2004b, p.140).

Dada à localização de *ômega* ser a mais interna e afastada da periferia sensorial (*phi* – *psi* – *ômega*), a quantidade a que está submetido é mínima, pois já vem fracionada pela passagem pelos crivos protetores dos órgãos sensoriais, pelo sistema *phi* e pelo sistema *psi*. De acordo com essa distribuição, Freud propõe então que as sensações conscientes sejam produzidas “*apenas ali onde as quantidades estão reduzidas ao máximo.*” (FREUD, 1988h, p.355).

Ao lado dessa questão tópica e econômica, é preciso responder a questão das propriedades desses períodos. Os períodos seriam os aspectos formais que acompanham o movimento, uma propriedade dos estímulos, como as *diferenças* de frequência e oscilação que chegam à percepção com um amplo e diverso grau de variações. O sistema *psi*, por sua vez, também possui um período próprio ao curso da quantidade durante seus processos, porém seu período é *monótono*. A divergência entre as variações dos períodos provenientes da percepção e a monotonia característica do período em *psi* permite avançar mais uma hipótese, que é a seguinte: “*as divergências, segundo este período psíquico próprio, chegam à consciência como qualidades.*” (FREUD, 1988h, p.354). Essas diferenças de período também se explicam pela ação protetora dos crivos dos órgãos sensoriais que apenas permitem a passagem de determinados processos com certos períodos. Seleccionadas essas propriedades temporais, elas são transmitidas da periferia para o centro, até chegar a *ômega*, onde esse *estado de afecção* pelo contraste de períodos produz sensações conscientes de qualidades.

A propagação do período não está submetida às resistências das barreiras de contato entre os neurônios, essas funcionam apenas para o curso da quantidade, portanto, sua circulação é livre entre os sistemas. Porém, essa total permeabilidade entre os neurônios quanto ao período exclui a possibilidade de que haja, por essa via, uma memória dessas

sensações qualitativas que são a base material e o fundamento da consciência perceptiva. É bastante evidente que a natureza dessa transformação da divergência dos períodos para produção de consciência permanece enigmática. Com essa concepção Freud obtém apenas as condições de possibilidade da consciência, mas não a elucidação do mecanismo ou da natureza da consciência ela mesma; este seria um limite interno da metapsicologia freudiana. (SIMANKE, 2004b, p.128).

A ocupação dos neurônios em *ômega* pela *quantidade* advinda de *psi*, apesar de ser mínima, também incita à descarga de excitação. Essa possibilidade de ocupação gera uma *segunda série* de sensações: a de *prazer* e *desprazer*. Essa série proporciona uma mediação entre os processos em *psi* e a consciência. O desprazer seria a sensação *ômega* frente ao aumento da excitação neste sistema; já o prazer seria a sensação consciente decorrente da liberação da tensão nervosa, ou seja, são sensações que resultam do nível da quantidade neste sistema, muito diferentes da série qualitativa relacionada à presença dos objetos na percepção que acompanha a propagação do período.

A aptidão do aparelho para sensações de prazer e desprazer em função dessa via de comunicação entre *psi* e *ômega* abre a possibilidade de uma segunda modalidade de consciência imediata ao lado da percepção; *a posteriori*, com a aquisição de linguagem, passa a existir também a possibilidade de uma consciência mediada, através da articulação das representações verbais. Essa seria uma possibilidade de consciência para as *representações psi*, que deve ser distinguida da consciência como função da *percepção phi*, como Freud tem desenvolvido até o momento. Essa nova série qualitativa (prazer-desprazer), que resulta da conversão das quantidades em qualidades, está em comum acordo com a tendência geral da vida psíquica em manter-se livre de acréscimos de tensão, que assume, a partir de então, a forma de uma tendência geral do aparelho em evitar o *desprazer*. (FREUD, 1988h, p.356).

Neste ponto, Freud faz uma consideração importante sobre as conseqüências do entrecruzamento dessas duas séries de sensações no interior de *ômega*, uma advinda da propagação do período e outra da quantidade, que é a seguinte: a condição para que este sistema permaneça receptivo aos períodos da percepção é que a ocupação de seus neurônios esteja num nível ótimo, que não exceda ou não caia abaixo de certo limiar. Isto significa que, com presença das sensações de prazer e desprazer que indicam essa oscilação de nível, “*desaparece a aptidão para perceber qualidades sensoriais, que se situam, por assim dizer, numa zona de indiferença entre prazer e desprazer.*” (FREUD, 1988h, p.357). O que está plenamente de acordo com a experiência, pois, como é possível observar, o sistema da percepção fica temporariamente inoperante no caso de um sofrimento psíquico muito intenso (ansiedade, desespero etc.) ou de uma experiência prazerosa muito vívida cujo protótipo seria o orgasmo sexual, por exemplo. (SIMANKE, 2004b, p.173).

1.4. O interior do corpo e a mola impulsiva do mecanismo psíquico

Concluída essas etapas da construção da estrutura do aparelho, em que se articularam memória, percepção e consciência, resta figurar seu modo de operação, mediante o que será possível ponderar a produção dos *efeitos psíquicos* advindos dos processos excitatórios que percorrem seus sistemas e as conseqüências de sua relação indissociável com o interior do corpo. Uma etapa que visa articular os elementos necessários à consideração do aparelho do ponto de vista de suas operações e atividades vitais, ou seja, que permita a passagem do plano estrutural para a compreensão do lugar e da significação das vivências nessa composição.

Cabe examinar primeiramente seu modo de operação quanto às magnitudes de excitação provindas do mundo exterior. A porção do aparelho que está em contato com o mundo externo, os neurônios *phi*, não está exposta diretamente aos estímulos exógenos. Na periferia está *protegida* por aparelhos de terminações nervosas que não permitem que as quantidades ajam em *psi* sem redução, “*atuam como filtro, de modo que em cada um dos lugares terminais não podem operar estímulos de qualquer índole.*” (FREUD, 1988h, p.357). Os processos externos sofrem uma dupla transformação para que possam se converter em estímulos passíveis de serem tramitados pelo aparelho. Segundo a quantidade, são *reduzidos* e *limitados* por um corte, acima ou abaixo do qual não há conversão, e de acordo com a qualidade são *descontínuos*, a razão de que certos períodos não podem atuar como estímulos. (FREUD, 1988h, p.358).

A vida de relação do aparelho implica a ligação direta do sistema *phi*, perceptual, com *o aparelho motor*. Pelo lado da qualidade, o período, por não haver impedimento para seu trânsito, desaparece pelo lado motor. Pelo lado da quantidade, o estímulo *phi* excita à tendência a descarga que rege as operações no aparelho, neste sentido as quantidades são traduzidas em uma excitação motora proporcional. (FREUD, 1988h, p.358). As quantidades assim traduzidas, quando atingem músculos e glândulas, agem aí não mais por *transferências* como entre os neurônios, mas por *desprendimento*. Ou seja, a excitação, quando atinge essas articulações, produz um efeito muito superior a ela mesma, pois *libera* uma reserva de quantidade própria dos músculos e glândulas que, por sua vez é canalizada para fora produzindo sensações de movimentos.

Definido o modo de operação entre o *phi* e o mundo externo, Freud segue as considerações entre *phi* e *psi*, o que põe a questão sobre a magnitude do estímulo *phi* e a produção dos *efeitos psíquicos* propriamente ditos. Neste ponto cabe levar em conta outro dispositivo estrutural que também contribui para o afastamento da quantidade em *psi*. A

intensidade do estímulo *phi* não segue a intensidade dos efeitos psíquicos, pois a quantidade de excitação *phi* se expressa em *psi* por *complicação*, quanto maior a quantidade *phi*, maior o número de trilhas percorridas em *psi*. (FREUD, 1988h, p.359).

Além dessas relações com a condução sensória *phi*, o sistema *psi* também recebe quantidades do interior do corpo. Essa duplicidade na recepção de estímulos repercute na divisão de *psi* em dois grupos de neurônios: os neurônios do *manto*, ocupados desde a fonte externa pela percepção, e os neurônios do *núcleo* ocupados desde as conduções endógenas.

Há uma particularidade importante em relação à *estimulação endógena*: Freud situa essa fonte de excitação na raiz de todas as operações que se pode detalhar dentro do aparelho psíquico. Diferentemente da exógena, que age de modo intermitente e por impactos incidindo sobre a proteção dos aparelhos de terminações nervosas, o estímulo endógeno age por *somação*, sua excitação é gerada continuamente e seus impulsos têm uma *condução direta* e facilitada até o núcleo de *psi*: “*Por este lado psi está exposto sem proteção à Q [quantidade], e nisto reside à mola impulsora do mecanismo psíquico.*” (FREUD, 1988h, p.360) Uma vez que a condução alcance um nível suficiente para ultrapassar a resistência entre o aparelho psíquico e o interior do corpo ocupando assim os neurônios do *núcleo*, os estímulos endógenos se convertem então, *periodicamente*, em *estímulos psíquicos*. A somação é o processo que responde por essa conversão, pois, de certa quantidade em diante, as excitações endógenas “*atuam de maneira contínua como estímulo, e todo incremento de Q é percebido como incremento do estímulo psi.*” (FREUD, 1988h, p.361).

Tais estímulos provenientes dos elementos celulares se fazem conhecer em *psi* do núcleo através das grandes necessidades vitais: a fome, a respiração e a sexualidade; nessa exposição direta, em que o núcleo de *psi* fica inteiramente a mercê do estímulo, é que reside “*a impulsão que sustenta toda atividade psíquica. Temos notícias deste poder como a vontade, o derivado das pulsões.*” (FREUD, 1988h, p.362). Uma consequência fundamental

que se pode extrair dessas considerações é a de que, a origem de *toda atividade psíquica* será sempre *exterior* ao aparelho. Isto devido à ligação indissociável do núcleo de *psi* com as fontes de excitação advindas do interior do corpo que se constitui como elemento externo para o psiquismo, e que se faz valer aí, periodicamente, como impulso e demanda à atividade psíquica. (TORT, 1966, p.41).

CAPÍTULO 2

A realização alucinatória de desejo e o signo de realidade

(Realitätzeichen)

2.1 Vivências fundamentais: desamparo e satisfação

Com essas últimas pontuações foi possível articular os elementos necessários à consideração do aparelho do ponto de vista de suas operações e atividades vitais. Podemos seguir, a partir destes subsídios conceituais, da passagem do plano estrutural para a compreensão do lugar e da significação das vivências na evolução do aparelho desde seu estado originário, infantil.

Este estado de *desamparo originário* frente às excitações dá lugar às duas *vivências fundamentais* que organizam e estruturam *todo* o desenvolvimento do aparelho psíquico: a vivência de satisfação e a vivência de dor. Ambas retratam as experiências primárias do

vivente e trazem “*conseqüências mais profundas para o desenvolvimento das funções no indivíduo*”. (FREUD, 1988h, p.363)

Vejamos como são amplas as conseqüências. Da vivência de satisfação decorre a instalação no interior do aparelho dos *estados de desejo*; já da vivência de dor, dos *estados afetivos*. Cada qual dá origem a um tipo de processo primário, a *atração desiderativa primária* decorrente da vivência de satisfação, e a *defesa primária* decorrente da vivência dolorosa. A satisfação estrutura todo o funcionamento normal do aparelho, porém o funcionamento patológico não é uma decorrência direta da vivência de dor, a experiência de dor apenas fornece *o modelo* para se pensar à patologia.

Com a evolução do aparelho, estes processos primários sofrem uma inibição que permite o desenvolvimento de *processos secundários*, também decorrentes dessas duas vivências fundamentais. São eles: *pensamento e juízo* pelo lado da vivência de satisfação, e *defesa normal* pelo lado da vivência de dor. Contudo, mesmo estabelecida à inibição dos processos primários, estes podem voltar a ocorrer sob a forma de *processos primários póstumos*: *os sonhos*, derivados da vivência de satisfação e dos estados desiderativos, e a *defesa patológica (repressão)*, que segue o modelo da vivência de dor e dos estados afetivos. Com isso, temos então, duas séries distintas:

- *Vivência de satisfação* (estado desiderativo)

Processo primário: atração desiderativa

Processos secundários: pensamento e juízo

Processo primário póstumo: sonho

- *Vivência de dor* (estado afetivo)

Processo primário: defesa

Processo secundário: defesa normal

Processo primário póstumo: defesa patológica (repressão)

Essa divergência, somada à observação de que a vivência de dor fornece apenas o modelo para pensar patologia psíquica (repressão) sem ser uma decorrência direta dessa, chama a atenção para o fato de que a neurose, neste momento, não pode estar correlacionada, ao menos teoricamente, com os estados de desejo.

A vivência de satisfação é descrita pela seguinte situação: o núcleo de psi, o mais afastado e protegido contra a violência dos estímulos do mundo externo, quando preenchido pelas quantidades endógenas derivadas das necessidades vitais, como a fome, por exemplo, tende a derivar a excitação, assim como todas as operações do aparelho psíquico, através da descarga motora. De início, segundo a experiência, o vivente não tem meios para realizar de modo eficiente uma ação no mundo que propiciaria a satisfação de suas necessidades. Sua ação inicial frente às urgências é unicamente reflexa, como o grito, o choro (expressão das emoções), inervação vascular, agitação motora etc., que são vias de eliminação. Porém, neste caso, isso não resulta em alívio, pois o estímulo, desde as fontes endógenas, após atingir certo limiar, continua agindo de maneira constante e progressiva. No entanto, este ponto de partida reflexo abre caminho ao que levará à alteração interna adequada ao cancelamento do estímulo. A descarga adquire uma função secundária fundamental nessa vivência, que é a comunicação entre o vivente em desamparo e o agente prestativo que é capaz de realizar uma ação específica, o provisãoamento do alimento. A inclusão necessária de um outro prestativo nestes desempenhos vitais traz amplas conseqüências para o desenvolvimento psíquico, e o conjunto dessas operações constitui o que Freud chama de vivência de satisfação. (FREUD, 1988h, p.363). Ainda é importante destacar em relação ao desamparo, como o faz MILLIDONI (1993, p.117), que “é pela via do prazer que esse outro, que vem “de fora”, intermediará a emergência de “motivos morais” no seio do “biológico” mais “interior” que se encontra em psi do núcleo.”

Desse modo, a satisfação inscreve no aparelho o registro de uma série de eventos psíquicos que se associam entre si, por meio do qual se pode verificar que, além dos fatores estruturais filogenéticos anteriormente considerados, Freud põe todo acento na importância das vivências e das aquisições psíquicas na formação do aparelho. Essas são constitutivas, e colocam em relação os seguintes processos:

- a) A eliminação da quantidade devido à experiência de satisfação se traduz em *ômega* numa *sensação consciente de prazer*, ao que se segue o restabelecimento da resistência entre o *núcleo de psi* e o *interior do corpo*, cessando o estímulo.
- b) Essa vivência também inscreve no *manto de psi* uma *imagem mnêmica da percepção* do objeto que trouxe a satisfação – o seio.
- c) Por último, são registrados nos neurônios do *manto de psi* mensagens de descargas ocasionadas em várias partes do organismo decorrentes do movimento de alteração interna reflexa que segue a ação específica, formando uma *imagem mnêmica motora* deste movimento – a sucção.

Freud, a partir desses processos, se ocupa em ponderar o que a formação dessas *facilitações* entre essas imagens mnêmicas pode dizer sobre o *desenvolvimento de psi*. O sistema *psi*, como foi descrito, se divide em duas partes: o *manto* que se altera em decorrência das *percepções*, e o *núcleo* que é alterado pelas *excitações internas*. Essas alterações constituem a memória desses eventos, cada qual, sendo representado por suas respectivas imagens mnêmicas. Essas recordações entre o estado de tensão decorrente das necessidades vitais e o objeto que trouxe a satisfação (o seio) se associam de tal maneira que revelam uma lei associativa na base de todas as conexões *psi*: a lei fundamental da “*associação por simultaneidade*”, que se afirma em toda a atividade *psi* pura. (FREUD, 1988h, p.363).

Com a simultaneidade, mais uma vez o que está em questão é *como e por que* um processo segue uma direção e não outra; ela representa um terceiro fator na determinação das facilitações, juntamente com a magnitude e a frequência do decurso. Essa lei diz fundamentalmente que duas representações se associam mais facilmente se forem ocupadas ao mesmo tempo do que em momentos distintos. A introdução da simultaneidade visa dar conta das conseqüências advindas da vivência de satisfação quanto às relações associativas entre percepção e representação de objeto e ainda mais quanto às relações entre o manto e o núcleo de *psi*. Ela explica o fato de que o decurso dos *processos do núcleo* estabelece relações na dependência da simultaneidade associativa com o objeto da percepção. Pois esses processos de origem pulsional que ocorrem no núcleo, a princípio, não têm relação a nenhum objeto específico, não têm uma direção predeterminada. A formação dos circuitos irá depender da simultaneidade associativa entre as ocorrências do núcleo e do manto através da percepção do objeto. O que implica um *determinismo* na base das reproduções: assim a recordação de uma dessas ocorrências sempre reanimará *simultaneamente* a memória das outras, ou seja, a cena que levou a satisfação é reproduzida em sua totalidade. Vejamos como isto se aplica à vivência de satisfação.

Assim, por meio da vivência de satisfação cria-se uma facilitação entre as duas imagens mnêmicas e o neurônios do núcleo que são investidos no estado de urgência {*Drang*}. Com a descarga de satisfação, a *Qn* é, sem dúvida, retirada das imagens recordativas. Com o reaparecimento do estado de urgência ou de desejo, a ocupação transpassa sobre as duas recordações e as anima. Talvez a imagem recordativa do objeto seja a primeira a ser afetada pela reanimação do desejo. (FREUD, 1988h, p.364).

Da reanimação da recordação do objeto segue-se a recordação dos movimentos reflexos relacionados à satisfação (a sucção): “*Não tenho dúvida de que essa animação de desejo produza inicialmente o mesmo efeito que a percepção, a saber, uma alucinação. Se em conseqüência disso a ação reflexa for iniciada, não há como faltar a desilusão.*” (FREUD, 1988h, p.364).

A conseqüência mais ampla deixada por essa vivência infantil pode ser descrita, segundo MILLIDONI (1993, p.118), pela

constituição desse aparelho em um nível que já se pode chamar de psíquico [...] o dito aparelho começará a funcionar também em um plano representacional, já que uma constelação de representações da vivência de satisfação fixar-se-á em psi sob a forma de recordações (“imagens mnêmicas”).

O que permite, a partir daí, a emergência de um novo estado em *psi*, o *estado desiderativo*, cujos processos se diferenciam da estrita ordem da satisfação das necessidades, muito embora, as pressuponha como ponto de partida e apoio. Os estados desiderativos se destacam dessas por se tratar, nesses processos, de repetir o circuito arcaico do prazer e da satisfação fora das condições biológicas das necessidades.

Já as conseqüências mais pontuais, como o fato de que a animação de desejo produza *o mesmo efeito* que a percepção, e, ainda em decorrência disto, haja o desencadeamento de uma ação motora produzindo uma *desilusão*, são tópicos que precisam aguardar outros elementos conceituais para serem devidamente esclarecidos.

A vivência dolorosa, neste texto de 1895, exhibe um mecanismo, uma fonte e uma conseqüência diferentes da vivência de satisfação, mas, por envolver um processo *psi*, também implica na formação de facilitações, em que a lei fundamental da associação por simultaneidade também faz valer sua influência no processo reprodutivo. A vivência da dor (a princípio, física) decorre de uma exposição anormal de *psi* a intensas quantidades exógenas que rompem os dispositivos de proteção periférica sensorial, produzindo em *psi*:

- a) Um aumento de excitação sentido como desprazer.
- b) Uma inclinação à descarga motora.

c) Uma facilitação entre essa inclinação e a imagem mnêmica do objeto hostil.

Examinemos a seguinte situação: durante a vivência dolorosa se constitui então, uma excitação desprazerosa, uma facilitação em direção a imagem mnêmica do objeto hostil e uma tendência à eliminação. Num momento posterior a vivência, com a ocorrência de uma percepção ou recordação que remeta, por algum elo associativo, às representações da cena dolorosa, o decurso da excitação liberada deixa-se guiar pelas trilhas facilitadas pela vivência até ocupar a imagem recordativa do objeto hostil, resultando na reanimação da cena dolorosa. Essa reprodução mnêmica que acompanha a produção de *desprazer* na ausência do objeto hostil, Freud chama de *afeto*. A diferença do afeto para com a vivência genuína é que o desprazer com que o aparelho é dominado durante o estado afetivo é *liberado* desde o interior do corpo. Para tanto, é preciso supor a existência de *neurônios secretores (neurônios chave)*, “*que quando excitados, originam do interior do corpo algo que tem ação eficiente como estímulo sobre as conduções endógenas até psi*” (FREUD, 1988h, p.365). Como foi descrito sobre a relação quantitativa de *phi* com os músculos e glândulas, a liberação pode desprender uma excitação superior a que deu origem à vivência. Nisto, Freud faz uma importante aproximação entre a liberação afetiva e a *liberação sexual*: ambas compartilham dessa superioridade do efeito liberado por reproduções psíquicas temporalmente distantes da vivência original.

É importante observar que todo evento que envolve a atividade *psi*, como foi demonstrado pelas duas vivências fundamentais, *conduz sempre a uma reprodução*. Isto se explica pelo pressuposto de que as facilitações abertas pelas vivências se constituem como alterações permanentes e indestrutíveis em *psi*, compondo uma rede de processos dinâmicos associativos entre o aparelho, o corpo e o mundo, exercendo grande influência para o decurso dos processos. O que permite afirmar que: a teoria freudiana da memória, peça fundamental para a metapsicologia, sustenta neste texto, de forma mais ou menos implícita, a tese de que

os processos *psi* deixados a si mesmos *tendem a se repetir indefinidamente*, exigindo do aparelho a criação de dispositivos que inibam a força dessas reproduções.

2.2 Conseqüências psíquicas: afeto, desejo e vida representacional

O semelhante entre as duas vivências é que ambas deixam o que se pode chamar de *restos ativos* no interior do sistema *psi*, que são os estados de *afeto e de desejo*.

Os dois estados são da máxima significação para o decurso em *psi*, pois deixam como seqüelas motivos compulsivos. Do estado de desejo segue diretamente uma *atração* pelo objeto de desejo, ou melhor, por sua imagem mnêmica; da vivência de dor resulta uma *repulsa*, uma aversão, a manter ocupada a imagem mnêmica hostil. São essas a *atração desiderativa primária* e a *defesa primária*. (FREUD, 1988h, p.367).

Estes restos são ativos na medida em que são capazes por si mesmos de mobilizarem grandes quantidades desde o interior do aparelho sem que haja uma referência direta à presença dos objetos na percepção. Pois, no estado de desejo a compulsão exercida pela atração desiderativa está voltada *primariamente* para *imagem recordativa do objeto*, e não para sua presença efetiva na percepção. O mesmo se passa com o estado afetivo em que, a defesa primária é a repulsa em ocupar a *imagem recordativa do objeto hostil*. Deste modo, a animação desses processos mnêmicos dá lugar no aparelho psíquico à *reprodução alucinatoria* da vivência de satisfação, e à *reprodução do afeto* no estado que decorre da vivência traumática. Estes fenômenos podem ser tomados como índices seguros da existência e da eficácia da memória psíquica na teoria do aparelho, que é definida por Freud como “*o poder de uma vivência de seguir produzindo efeitos continuamente*” (FREUD, 1988h, p.345).

A animação destes processos reprodutivos que, no limite, levam até a alucinação passa a representar a presença da atividade de *processos primários* em *psi*. Processos que mobilizam intensas somas de excitação em livre curso, cuja principal característica resulta na impossibilidade do aparelho em diferenciar percepção e recordação (*Wahrnehmung und Vorstellung*), que é o que indica o fenômeno alucinatório e a reprodução afetiva. Como já foi demonstrado anteriormente, essa diferenciação está parcialmente comprometida devido a um problema colocado pela localização tópica dos sistemas (*phi* - *psi* - *ômega*), pois o sistema *ômega*, o mais afastado da periferia sensorial, responsável pela consciência qualitativa e pelas sensações conscientes de prazer e desprazer, recebe o curso da quantidade de *psi* e, por essa via quantitativa, não tem relações diretas com a percepção. Portanto, não tem também como diferenciar a fonte da quantidade que lhe chega: se advém do sistema *phi* ou se decorre do próprio sistema *psi*, o que explica a origem estrutural dessa indistinção primária entre percepção e recordação.

Também é importante lembrar que a intensidade das sensações de prazer e desprazer torna o sistema da percepção temporariamente inoperante. Assim, originariamente, o aparelho psíquico encontra-se submetido de maneira compulsória à força da ação psíquica da recordação. É somente *a posteriori*, e por *aprendizagem*, que a percepção adquire uma relativa autonomia e importância frente à memória, isto na medida em que as necessidades da vida impõem à observância das condições externas ao aparelho psíquico. (GABBI JR., 2003, p.65).

Tudo indica que o critério para acertar essa diferença não é dado *a priori*, e também tem de vir de outra fonte. Sua importância para a manutenção da atividade psíquica se encontra no fato de que, com essa indistinção primária, o aparelho sofre repetidas vezes dano e desamparo devido ao fracasso em obter a satisfação efetiva de suas necessidades vitais pela via alucinatória. Por outro lado, também existe a necessidade de um signo advindo de algum

lugar que possa evitar o desencadeamento da defesa primária excessiva frente à ocupação da imagem recordativa do objeto hostil. (FREUD, 1988h, p.370).

Os repetidos fracassos em se obter satisfação efetiva pela via alucinatória incitam, no interior de *psi*, a uma *organização* que visa dar conta de superar essa via reflexa, evitando o desprazer e os gastos excessivos com a defesa primária. Essa organização que tem por base a totalidade das facilitações entre os neurônios desse sistema, Freud denomina *eu*. Os neurônios que compõe estes processos do eu organizados no interior de *psi* se encontram permanentemente ocupados, isto devido à relação direta do núcleo com o interior do corpo e a recepção constante das quantidades endógenas.

A função dessa organização, *que não deve ser confundida com a consciência*, passa ser a de inibir o desenvolvimento de processos associativos primários através de *ocupações laterais*. O eu, nessas ocupações, age desviando o decurso excitatório do caminho que levaria à animação alucinatória de desejo ou à defesa primária. Estes desvios se explicam pela simultaneidade de ocupações: uma ocupação simultânea pelo eu entre duas representações adjacentes à facilitação primária desviam o decurso do processo, e a facilitação é percorrida por uma fração menor de excitação, o que produz uma *rememoração inibida*, ou seja, o processo alucinatório é interrompido. A excitação, que sem a inibição estaria em estado livre, passa a ser ligada pela ação do eu, e essa ligação passa a ser uma condição necessária, porém não suficiente para criação de um signo que possa indicar uma diferença entre percepção e recordação.

2.3 O signo de realidade

A hipótese de Freud é que este signo pode ser fornecido pelo sistema *ômega*, e ele o chama de *signo de realidade* (*Realitätszeichen*). A ocupação dos neurônios desse sistema produz fundamentalmente *sensações*, e essa nova produção – o signo de realidade – não foge a regra, também deve ser revestido de alguma qualidade. É preciso, então, saber como e a partir de que estes são produzidos. A percepção guarda uma relação direta e indireta com o sistema *ômega*, direta através da propagação do período, indireta pelo curso da quantidade. A excitação qualitativa em *ômega* pelos períodos da percepção gera também uma eliminação que chega até *psi* como uma mensagem. Essa *mensagem de eliminação* em *ômega*, segundo Freud, constitui um signo qualitativo ou de realidade para o aparelho, pois indica por sensações a presença efetiva de objetos na percepção. Assim, a descarga de excitação por esse sistema seria um meio de acesso aos objetos, um signo da existência real e objetiva do mundo externo pela mediação das sensações. No entanto, na seqüência Freud reconhece um problema para a eficácia deste signo, que é o seguinte:

Se o objeto desiderativo for ocupado com abundância, de modo a ser animado alucinatoriamente, também resulta o mesmo signo de eliminação ou de realidade que na percepção externa. O critério falha neste caso. (FREUD, 1988h, p.371).

Essa afirmação de Freud reúne os principais elementos do problema em questão e expõe de maneira inequívoca seu núcleo, através do reconhecimento de uma falha na mediação do aparelho com o mundo; mais especificamente, com uma parte do mundo, aquela que interessa à resolução de suas urgências vitais: o objeto desiderativo. Este objeto, após a vivência de satisfação, se constituiu para o aparelho também como uma *representação*, e se essa representação, diante do estado de desejo, for ocupada com abundância, como é

característico do curso da energia livre no processo primário, dá lugar a uma animação alucinatória. O problema que Freud está apresentando é que essa animação alucinatória também resulta *no mesmo* signo de eliminação ou de realidade que aqueles emitidos para a percepção externa, ou seja, a alucinação do objeto de desejo também acompanha as mesmas sensações geradas quando da presença efetiva do objeto para percepção externa. Logo, a mediação pelas sensações deixa de ser um meio de atestar a existência real de objetos externos, para se tornar justamente o oposto, o meio pelo qual a diferença entre recordação e percepção se apaga. O aparelho psíquico, submetido às urgências da vida e à intensa excitação de suas próprias recordações relacionadas à experiência de satisfação, toma-as inevitavelmente como se tratasse de uma percepção. A consequência desse erro é que os movimentos de sucção são realizados na ausência do objeto, (o seio, por exemplo) o que *aumenta o desprazer* e, como Freud diz, aí não há como evitar a desilusão.

Para entender essa falha na base dos processos psíquicos é preciso conceber que a eliminação *ômega*, cuja mensagem constitui o signo de realidade, decorre de uma inscrição em *psi* de uma descarga motora que passou por *ômega* e foi eliminada gerando uma sensação de movimento. O signo de realidade é então registrado em *psi* como uma representação da sensação de movimento, o que nos leva a seguinte questão: *que realidade é essa que o signo indica justamente quando falha em distinguir recordação e percepção?* Freud não faz essa pergunta neste momento, mas há indicações de que a questão começa a se impor, e parece não ser nada abusivo formular a seguinte hipótese: se, sob a vigência dos processos primários, é produzido *o mesmo* signo de eliminação que é produzido para a percepção, e se, sua função é indicar uma realidade (*Realität*), este signo pode ser pensado, quando emitido diante da *animação alucinatória*, como *signo de realidade psíquica (Psychische Realität)*. Trata-se de uma mensagem qualitativa, índice da existência e da eficácia da atividade psíquica do desejo no momento em que essa incide sob os circuitos representacionais que compõem a memória

inconsciente. Memória cujos processos dinâmicos associativos são o fundamento de toda essa reprodução e que parece ter a consistência de uma realidade para o aparelho.⁵⁰

A seguir, Freud finalmente encontra uma solução para o estabelecimento de um critério eficiente para a distinção em jogo, reconhecendo uma condição para que o signo de realidade seja emitido *somente* junto às sensações produzidas pela presença de objetos na percepção. A condição é que a ocupação das imagens recordativas dos objetos do desejo seja *inibida* pelo *eu*; isso no decorrer de um processo de aprendizagem diante do desprazer, portanto, um critério adquirido. Os processos do eu, por meio das ocupações laterais, seriam responsáveis por impedir que o curso psíquico, sob a intensa animação do desejo, siga livremente para a representação do objeto e resulte com isso em um signo qualitativo. Deste modo, é a *inibição do eu* que fornece as condições para que o critério funcione e haja uma via de distinção entre percepção e recordação. A partir disto, “*o signo de qualidade se produz desde fora por qualquer intensidade de ocupação, e desde psi somente com grandes intensidades*”. (FREUD, 1988h, p.371).

Com a animação do desejo sob inibição, a intensidade das quantidades advindas da percepção da realidade externa é aumentada, mantendo a *atenção psíquica* voltada para as condições externas ao aparelho mediante a ocupação dos signos de qualidade. “*Portanto: com a inibição por um eu ocupado, os signos de descarga ômega tornam-se universalmente signos de realidade que psi aprende a valorizar biologicamente.*” (FREUD, 1988h, p.372).

⁵⁰ Essa hipótese estaria plenamente de acordo com todo o desenvolvimento metapsicológico realizado até o momento; porém, é preciso lembrar que este texto, *Projeto de uma psicologia* (1895), foi escrito, entre outras coisas, para justificar a *teoria da sedução*. Portanto, apesar das evidências da organização e eficácia dessa realidade psíquica, neste trabalho em que não há referência à *fantasia*, Freud precisa dar predominância à realidade externa objetiva do atentado sexual como causa dos sintomas. Esse é o argumento que sustenta sua hipótese etiológica de que a histeria é *adquirida* e não uma degeneração hereditária. O paradoxal e talvez o mais interessante destes argumentos é justamente que nessas reproduções alucinatórias primárias, que formam a base do que mais adiante poderá se dizer sobre as fantasias, não é a realidade externa que está em ação e sim os restos ativos deixados pelas vivências.

A instituição dessa inibição psíquica da realização alucinatória do desejo por parte do *eu*, neste contexto, funciona mais como uma defesa primária contra o desprazer. *Desprazer e desilusão* se constituem como grandes operadores destes desenvolvimentos em *psi*; mais enfaticamente, Freud considera mesmo que o desprazer “*segue sendo o único meio de educação.*” (FREUD, 1988h, p.419). A inibição, resultante dessa aprendizagem que ocorre durante os estados de desejo (expectativa), possibilita um *retardo* da descarga reflexa automática que consiste em suportar o desprazer até que surja um signo de realidade que sinalize a presença efetiva do objeto amado na percepção, momento o qual, ocorrendo à eliminação motora, a satisfação é coroada de êxito.

No momento em que a facilitação primária é percorrida por uma fração menor de excitação, a inibição do decurso produz, não mais uma alucinação e sim uma rememoração, será essa que permitirá o desenvolvimento do juízo enquanto processo desiderativo que possibilita comparações entre a percepção atual e as representações do objeto. Essa distinção entre alucinação e percepção é uma aquisição fundamental do funcionamento psíquico, ao que se segue à possibilidade do desenvolvimento de uma série de funções superiores no interior do aparelho.

Este é o sentido e o lugar da função desempenhada pelo signo de realidade nas origens do aparelho: ele participa, juntamente com os desempenhos do *eu*, da substituição dos processos psíquicos primários pelos processos psíquicos secundários, o que, em termos econômicos, equivale à passagem do princípio de inércia para a tendência à constância. Os *processos secundários* são todas as atividades psíquicas advindas sob a condição dessa inibição psíquica do processo primário alucinatório. O reconhecer, o julgar, o recordar, o pensamento, a fala, são processos que começam a se organizar em função da necessidade vital de se observar as condições externas ao psiquismo. Aí o recurso ao signo de realidade serve, a cada uma dessas operações, como um elemento mediador entre o aparelho e o mundo, *um*

mecanismo diferenciador e organizador da relação entre interno e externo. (GABBI JR, 2003, p.69).

CAPÍTULO 3

O sentido da crença na teoria freudiana do juízo

3.1 Pensamento e desejo

Este momento representa uma elaboração mais refinada da relação do aparelho com o mundo no que concerne à busca de satisfação e demonstra a progressiva especialização do aparelho psíquico em seu extremo perceptual. Dada à eficácia do critério que, na presença do estado desiderativo, permite reconhecer a animação da recordação do objeto desejado como não real, a seqüência do processo segue na direção de um trabalho judicativo. *A condição alucinatória originária é paulatinamente substituída pela atividade do pensamento, e os signos de realidade passam a ser reaproveitados no interior dos processos do pensar.* Mais ainda, Freud chega a dizer que o uso correto destes signos de realidade é a própria condição destes processos. (FREUD, 1988h, p.372)

Devido à complexidade e abrangência da teoria freudiana do pensamento e do juízo, isolaremos apenas um de seus aspectos, e remetemos o leitor, para uma leitura mais detalhada dessas operações, ao exame realizado por PRIBRAM & GILL (1976) e também ao trabalho crítico de GABBI JR. (1994; 2003) e de MILIDONI (1993). Freud parte da seguinte distinção: existem dois tipos básicos de pensamento, o *pensamento judicativo* e o *reprodutivo*.

O primeiro deles, o judicativo, “*relaciona-se com o fato de que algum pensamento está principalmente dedicado à exploração de um objeto de percepção externamente derivado, enquanto o outro pensamento [reprodutivo] se dedica primordialmente à reprodução (recordação) de eventos passados.*” (PRIBRAM & GILL, 1976, p.109). Ambos fazem parte de uma categoria mais ampla chamada de *pensamento prático*, definido como sendo aqueles pensamentos que são dirigidos por um propósito pragmático, a realização de desejo, sendo guiados pela memória arcaica da satisfação. Porém, é preciso notar que, diferente do processo alucinatorio, o pensar, um *processo secundário*, se dá por uma alteração da seqüência associativa primária, ou seja, “*é uma repetição do curso psi originário em um nível inferior, com quantidades menores.*” (FREUD, 1988h, p.380).

O pensamento, a princípio, pode ser equiparado à ação, “*o pensamento é ação experimental*” (PRIBRAM & GILL, 1976, p.106), é somente mais tarde, com a aquisição da linguagem que pensamento e movimento muscular se separam, podendo o pensar antecipar-se à ação. Examinemos a seguinte situação: no estado desiderativo (de expectativa), simultaneamente à evocação da imagem recordativa do objeto desejado, está presente uma percepção que concorda apenas em parte com representação evocada. Essa discordância é o elemento chave para inauguração do processo, ela “*dá o impulso ao trabalho de pensar, que por sua vez termina com a coincidência.*” (FREUD, 1988h, p.373). O trabalho cumpre a meta então de reencontrar “*essa identidade que se estabeleceu quando teve lugar a primeira gratificação bem sucedida.*” (PRIBRAM & GILL, 1976, p.98).

O processo se inicia com um *ato judicativo*, sua tarefa é decompor os complexos mnêmicos e perceptivos, o que permite apresentá-los como uma parte *constante* (coisa) e outra *variável* (seu predicado – atividade ou atributo). Essa decomposição pelo *juízo* recebe a seguinte fórmula:

- Ocupação de desejo = neurônio *a* (coisa) + neurônio *b* (predicado).
- Ocupação perceptiva = neurônio *a* (coisa) + neurônio *c* (predicado).

“*A experiência biológica ensinará que é inseguro iniciar a eliminação enquanto os signos de realidade não concordarem com a totalidade do complexo.*” (FREUD, 1988h, p.373). Como é possível notar, a presença ou ausência desses signos não deixa inalterado o funcionamento psíquico. Sua utilização adequada, que pressupõe a ação inibitória do eu, regula o modo de atividade dos três sistemas, controla a ação e as descargas motoras, protegendo o aparelho contra os danos provocados pela alucinação. Nessas circunstâncias, a produção dos signos de realidade ocupa o lugar de um posto avançado em conexão com a periferia perceptiva, desempenhando aí a função de um elemento mediador entre o interior do aparelho e o mundo, entre a busca desiderativa e os objetos percebidos.

A etapa subsequente a essa decomposição judicativa é realizada pelo *julgar* que resulta da comparação entre os complexos perceptivos e abre o caminho para ação do *pensamento reprodutivo* fornecendo os complexos decompostos e julgados. O pensar reprodutivo visa, em última instância, assim como todo o pensamento prático, reproduzir, por outras vias que não a alucinatória, a vivência de satisfação. Em outros termos, encontrar um caminho pela ação experimental do pensamento que vá da similaridade à identidade.

Este acesso até o predicado faltante se dá por intermédio do pensamento em sua forma primária, como ação motora, exploratória, que, guiada pela recordação da experiência primária, alcança um outro perfil da coisa, o atributo desejado. “*O trabalho do eu segue as ligações desse neurônio *c* e faz surgir [reproduz], por meio da corrente de *Qn'* ao longo das ligações, novas ocupações até encontrar um acesso para o neurônio *b* faltante.*” (FREUD, 1988h, p.374).

- Ocupação de desejo = neurônio *a* + neurônio *b*.
- Ocupação perceptiva = neurônio *a* + neurônio *c* + trabalho do eu = neurônio *b* faltante.

Nessa ação judicativa que consiste na divisão do objeto de percepção em uma parte constante, (*das Ding*), e outra variável, seu predicado (*Prädikat*), *é a parte variável do complexo que pode ser compreendida*. A constante “*a – a*” cumpre aí uma função referencial, não é passível de julgamento: “*o que chamamos de coisas são restos que se subtraem à apreciação judicativa.*” (FREUD, 1988h, p.379). Nesse sentido, Freud chama a atenção para uma semelhança que “*de fato existe entre o núcleo do eu e o elemento constante da percepção, e as ocupações mutáveis dentro do manto e o elemento inconstante [da percepção]*” (FREUD, 1988h, p.373). A semelhança está em que, tanto o núcleo do eu quanto o campo da percepção, apresenta um resto permanente e impossível de predicar. Já o elemento variável, por se encontrar dentro do domínio do que é passível de comparação, é predicável e comum tanto as ocupações do manto quanto ao que se apresenta a percepção.

Feito os devidos esclarecimentos, é importante notar que Freud concebe essa primeira forma de juízo associativo, como uma operação pré-verbal, pois, como é possível sustentar, na sua forma mais elementar, anterior à aquisição da linguagem, o pensar se equipara à ação motora, e o julgar, a um ato sensitivo. Vejamos o exemplo dado por Freud: Seja a imagem recordativa desiderativa a imagem do busto materno e seu mamilo na visão frontal, e a primeira percepção ocorrida na recorrência do estado de desejo, uma visão lateral deste objeto sem o mamilo.

É preciso encontrar um caminho pela ação experimental do pensamento que vá da similaridade a identidade. Este acesso até o predicado faltante (a visão frontal do seio com o mamilo) se dá por intermédio de uma ação motora, exploratória, que alcança um outro perfil da coisa, o atributo desejado.

Na recordação da criança, acha-se uma experiência ocorrida por acaso na amamentação, na qual um movimento determinado da cabeça transformou a imagem frontal em lateral. Essa imagem lateral vista conduz agora a um movimento de cabeça que – uma tentativa mostra –, tem de ser executado ao contrario, e chega-se à percepção da visão frontal. (Freud, 1988h, p.374) Ou seja, entre a imagem desejada e a percepção discordante se intercala uma imagem motora que conduz a um movimento capaz de encontrar a identidade procurada.

O processo de comparação, de checagem dos atributos se depara com dois perfis da mesma coisa representados pelo neurônio *b* e *c*. Cumpre decidir, dentre eles, por aquele em que há maior coincidência com a imagem recordativa do desejo; o critério é prático – encontrar a satisfação. Neste sentido a procura por essa identidade, que nunca é absoluta, pois sempre se pode acrescentar ou retirar um atributo do complexo, visa um *exame preliminar de certo estado de coisas para que a ação subsequente seja eficaz*. O que não ocorre, por exemplo, com a alucinação, onde a ação é fracassada: o desamparado suga o vazio.

*“Então se alcança uma identidade e um direito de eliminação se surgir ainda o signo de realidade desde o neurônio *b*”*. (FREUD, 1988h, p.375). Dentre os atributos que coincidem com a memória do objeto desejado (neste caso o seio) é preciso – antes de liberar a ação e a descarga motora – esperar pelas indicações dos signos de realidade que cumprem verificar, por meio das sensações de movimento, a existência efetiva desse predicado para percepção. Aí está mais uma vez a contribuição do signo de realidade para com a *meta* de todo processo: sua presença decide a eficácia do conjunto das operações.

3.2 Crença e juízo de realidade

Ao fim dessa primeira etapa de análise e classificação dos processos judicativos que corresponde às seções de 15 a 18 do texto do “Projeto...” (1895), Freud faz a seguinte afirmação:

O pensar judicativo trabalha com antecipação em relação ao pensar reprodutor, pois lhe oferece facilidades prontas para a migração associativa posterior. **Se, após a conclusão do ato de pensar, chegar o signo de realidade para a percepção, obtém-se o juízo de realidade, a crença,** alcançando-se a meta de todo o trabalho. (FREUD, 1988h, p.378, grifo nosso).

A totalidade do trabalho repercute desse modo num salto qualitativo da mediação do aparelho psíquico com o mundo externo, num *ajustamento* de suas funções. O interessante é que Freud afirma que esse *juízo de realidade* (*Realitätsurteil*) obtido pela conclusão das operações judicativas, estreitamente relacionado com a verificação da existência de objetos externos, nada mais é do que uma *crença*. Freud não dá maiores esclarecimentos a respeito, portanto, só nos resta inserir essa afirmação no conjunto conceitual sintetizado nessa pesquisa, assim como na explicitação de alguns pressupostos aí subentendidos, e extrair disso, quiçá, uma boa hipótese de trabalho.

Diante disso, a *hipótese auxiliar* que levantamos a respeito do sentido que se pode atribuir à *crença* na teoria freudiana do juízo, visa examinar presença de alguns pressupostos filosóficos na fundamentação dessa teoria. De acordo com GABBI JR. (2003, p.9), Freud, um naturalista assumido, compartilha uma série de teses em comum com o empirismo britânico, em particular, com a filosofia de John Stuart Mill. Fato esse amplamente demonstrado na

primeira parte desse trabalho dedicado a materialidade do conceito de representação.⁵¹ Dentre tais teses é possível situar a problemática em relação à mediação do aparelho com o mundo, ou seja, a crença. De acordo com essa tradição de pensamento “*o único ponto firme e acessível do qual se pode partir são as sensações: elas são os únicos elementos que conhecemos. Todo o resto resulta de inferências. Não temos conhecimento direto do mundo, nem da mente.*” (GABBI JR. 1997, p.180). Disto segue que,

os objetos externos, mais uma tese decorrente da adoção do programa para psicologia empírica de Mill, só podem ser objetos de crença; pois uma vez que não são entendidos como substâncias, mas como inferências constituídas segundo a associação de complexos perceptivos, é impossível estabelecer de forma absoluta sua existência. (GABBI JR., 2003 p.71).

Segundo nosso desenvolvimento anterior, parece bastante razoável a hipótese de que Freud partilha de alguns dos pressupostos do empirismo, pelo menos quanto à questão da crença: “*Talvez parte da tentativa de justificar a presença de signos de realidade também seja na verdade uma tentativa de mostrar como as cadeias associativas são construídas pelo fluxo de sensações.*” (GABBI JR., 2003, p.68). O ponto comum onde essas teses se encontram parece dizer a respeito ao lugar ocupado pelas sensações na construção dos processos. Isto a nosso ver se dá em dois planos:

1. A construção da relação com o mundo se dá pelo intermédio das sensações e das associações constituídas pela experiência.
2. A afirmação da existência de objetos externos é inferida mediante a utilização das sensações no interior de processos judicativos.

No entanto, é preciso deixar claro que, no caso de Freud, com o juízo de realidade obtido pela totalidade do processo do pensar, se trata de uma modalidade de crença bastante

⁵¹ (Cf. Parte I, cap. 3).

específica. A crença em Freud situa-se no interior de um quadro conceitual próprio, em que a existência dos objetos para a percepção pode ser afirmada ou negada pelo remanejamento das sensações ou, em termos freudianos, dos signos de realidade, no interior de uma busca de satisfação. Para isso lança mão de uma série de dispositivos e desempenhos e os utiliza para averiguar um determinado estado de coisas levando em consideração as condições externas ao aparelho. *Um processo ativo, dirigido pelo desejo, movido pela pulsão.*

Ainda assim, salvo a especificidade do projeto freudiano, em apoio à hipótese de uma aproximação com os pressupostos do empirismo, é importante considerar dois posicionamentos de Freud a respeito. Primeiro, a afirmação fundamental de que a condição de possibilidade de todo o juízo está na “*preexistência de experiências corporais, sensações e imagens de movimento próprias. Na medida em que faltem, a parte variável do complexo perceptivo permanecerá incompreendida.*” (FREUD, 1988h, p.378). Segundo posicionamento a considerar: quanto à possibilidade de acesso a esse domínio Freud é bastante claro ao dizer que aquilo que chamamos de coisas são “*restos que se subtraem à apreciação judicativa.*” (FREUD, 1988h, p.379). Na medida em que afirma a similaridade existente entre o elemento mnêmico constante (o núcleo do eu) e o elemento constante da percepção, ambos seriam restos não passíveis de predicação. No entanto, esses restos subtraídos não constituem um domínio extrínseco às sensações, mas sim grupos de possibilidades permanentes de sensação. (Cf. Parte I, seção 3.1 e 3.2).

Resta interrogar, dentro do quadro conceitual freudiano anteriormente desenvolvido, que relação há entre esses restos subtraídos ao julgamento e o fato psicológico denominado crença. A sentença em que a questão se coloca diz: “*Se, após a conclusão do ato de pensar, chegar o signo de realidade para a percepção, obtém-se o juízo de realidade, a crença, alcançando-se a meta de todo o trabalho.*” (FREUD, 1988h, p.378).

Apesar de Freud não dar maiores esclarecimentos, a hipótese é de que a resposta se encontra no próprio processo judicativo anteriormente descrito, qual seja: diante do estado de desejo se apresenta ao juízo um complexo recordativo desejado e um complexo percebido. Diante de uma discordância inicial, por meio da ação experimental do pensamento encontra-se um outro perfil da mesma coisa que conduz ao predicado desejado, no caso, a transição da visão lateral para a visão frontal do seio com o mamilo, é preciso ainda antes de deflagrar a ação, verificar por meio das sensações a presença efetiva do objeto.

Caso diante do objeto percebido se vivencie tais e tais sensações, as vivências anteriores indicaram que, invariavelmente, após tais sensações, a ação pode ser iniciada que a consequência será a satisfação da necessidade e obtenção de prazer. Portanto, esses signos de realidade quando emitidos indicam, dão um sinal, da possibilidade efetiva de satisfação. São sensações reais que são requeridas para mostrar que as possibilidades de se obter as sensações desejadas estão realmente presentes.

Essa é a explicação que se pode dar para crença na teoria freudiana do juízo, que em últimos termos se trata da crença na causalidade, pois Freud mostra que diante de um estado de expectativa a presença de uma dada sensação antecedente leva a crer que se seguirá tal consequência esperada. A criança diante das sensações que lhe proporcionam o seio crê na possibilidade da satisfação desejada. O fundamento da crença repousa na lei fundamental da associação por simultaneidade. As sensações, assim como as representações, se sucedem umas as outras em certa ordem fixada pela própria repetição da experiência de satisfação, e que resultam em certas combinações constantes que a criança aprende a reconhecer.

Portanto, como conclui Freud: se, após a conclusão do pensar, a princípio, um ato sensitivo, chegar o signo de realidade para a percepção, obtém-se o juízo de realidade, a crença. A crença de que, de acordo com as experiências anteriores, a presença deste signo antecipa as consequências esperadas. Esta ordem não significa que de um antecedente seguirá

imediatamente tal conseqüente, mas que, dada tal sensação está presente à *possibilidade* de um grupo de outras associadas.

De acordo com a experiência biológica (evitar o desprazer), não se deve iniciar uma ação até que os signos de realidade tenham concordado com a totalidade do complexo, que implicaria na plena identidade entre recordação e percepção do objeto, porém essa identidade nunca é alcançada de forma absoluta. A *crença* se constitui aí como uma *expectativa* em relação à *possibilidade de reencontro* do objeto gerada pela memória arcaica da satisfação. Só há crença onde há desejo; a crença é uma decorrência interna do próprio estado desiderativo, sem o qual o trabalho do juízo nunca poderia ser concluído e, conseqüentemente, o aparelho psíquico nunca chegaria a uma ação específica no mundo, estaria fadado a retornar ao processo alucinatório. A crença cumpre a função de manejar essa *diferença irreduzível* entre os complexos, decidindo a ação motriz adequada em razão do grau de proximidade entre representação desejada e objeto percebido, levando-se em conta a presença dos signos de realidade para percepção que indicam a existência de possibilidades efetivas de satisfação.

Com a inibição do processo alucinatório permitindo o desenvolvimento dos processos do pensar, a conseqüência que se pode extrair do sentido da crença na teoria do juízo é que: trata-se da consolidação de dispositivos que tornam o psiquismo apto a um determinado modo de ação em relação ao desejo e à realidade. E o desdobramento mais significativo para o futuro da metapsicologia é que a própria ação, enquanto meio de reprodução do prazer, a partir de então, *irá sempre requerer uma crença*, uma aposta em relação à realidade para agir. (DELOUYA, 2004, p.333).

CAPÍTULO 4

Traços de realidade e realidade do pensar

4.1 Os signos de descarga lingüística

Outro problema relacionado, de suma importância para análise da constituição e da natureza da realidade no interior da teoria do aparelho psíquico, é posto pelas diferenças entre os *traços de realidade* e a *memória do pensar*. O pensamento, de acordo com os desenvolvimentos anteriores, passa a representar tudo aquilo que, enquanto trabalho, se interpõe entre o surgimento do desejo e sua realização. Trata-se de um processo *psi* que, por meio do controle e direcionamento inibitório, provoca uma *alteração da compulsão a associar*, em que o curso *psi* originário passa a ser percorrido por quantidades menores, o que permite uma *atenção* e um *juízo* sobre a realidade. Porém, as facilitações são concebidas por Freud como *traços de realidade* (*Spuren der Realität*) deixados pelas vivências de dor e satisfação, e enquanto tais, não podem ser alterados pelo pensamento. Para tanto, é preciso supor que o pensar também constitua traços, isto permitiria representar uma memória para os pensamentos, separando-os dos traços de realidade. (FREUD, 1988h, p.380)

Que o pensar também deixe atrás de si facilitações como traços é algo que, segundo Freud, a observação psicológica torna evidente, como na aprendizagem: um determinado processo de pensamento, quando percorrido inúmeras vezes, ou apenas uma única muito intensamente, nas futuras recorrências oferece menos resistências e se realiza com maior facilidade.

Do ponto de vista metapsicológico, estrutural, a realidade externa se faz representar no *manto* de *psi* por traços formados por meio de percepções, ou seja, ocupações em *psi* a partir

de *phi*; são alterações permanentes em *psi* que permitem que os processos possam ser reproduzidos. As facilitações somente se constituem enquanto *traços de realidade* em função da frequência e da magnitude das *impressões*.

A questão que começa a ser formulada é: por quais dispositivos as facilitações formadas pelas influências experimentadas em *psi desde os processos de pensamento* (desejo), se tornariam psiquicamente aproveitáveis, ou seja, capazes de despertarem a atenção consciente, assim como os processos de percepção o fazem? (FREUD, 1988h, p.412). É uma questão fundamental, porque se isso for concebível, os processos de pensamento se tornariam equiparáveis, em termos de realidade, aos processos perceptivos.

Tendo como referência os processos de percepção, em que a atenção *psi* é biologicamente condicionada a seguir curso indicado pelos signos de descarga sensorial, na mesma orientação sensório-motora, pensamentos e recordações, a princípio *inconscientes*, tornam-se susceptíveis de atenção e rememoração *psi* na medida em que se associam com *representações sonoras e imagens motoras lingüísticas*. Eis o processo:

Da imagem sonora, a excitação alcança sempre a imagem-palavra, e dessa a descarga. Por conseguinte, se as imagens mnêmicas são de tal índole que uma corrente parcial pode ir desde elas até as imagens sonoras e imagens motoras da palavra, a ocupação das imagens mnêmicas é acompanhada de notícias de descarga que serão signos de qualidade, e por isto também signos de consciência da recordação. (FREUD, 1988h, p.413).

Estes *signos de descarga lingüística* (Sprachabfuhrzeichen) que se desprendem da palavra falada no momento em que se associam às imagens mnêmicas equivalem, em importância e função, aos signos qualitativos perceptuais, atraem a atenção consciente e “*equiparam os processos do pensar aos processos perceptivos, proporcionam a eles uma realidade [Realität] e possibilitam sua memória.*” (FREUD, 1988h, p.414, grifo do autor). Assim se efetua a separação entre os traços de realidade deixados pelas vivências primárias e os traços do pensar. “*Os signos de descarga lingüísticos são, em certo sentido, também signos*

de realidade, da realidade do pensar (Denkrealität), mas não da realidade externa.”

(FREUD, 1988h, p.421).

Freud não deixa dúvidas, algo somente pode ser indexado pelo aparelho enquanto *Realität* se for:

1. Uma *ocupação de percepção* susceptível de atenção e de representação em *psi*.
2. Uma *ocupação psi* (processos de pensamento-desejo) *suscetível de associação com as representações verbais*, o que as torna conscientes e passíveis de rememoração.

Isso revela muito da concepção e natureza da realidade com que Freud lida em sua *teoria e técnica* neste momento de sua obra (1895). Como bem observa DAYAN (1985a, p.50), em ambos os casos, do ponto de vista de alguém que dispõe de tal aparelho, a realidade se faz representar por descargas sensoriais:

Uma das idéias originais que é exposta neste ensaio consiste em reconstituir o entorno do aparelho nervoso – este que tem o valor de “mundo” – ao olhar de um indivíduo que dispõe de tal aparelho – a partir dos índices de qualidade ou de realidade. (*Realitätszeichen*) Contudo, as mesmas descargas sensoriais que permitem indexar [...] a realidade do mundo exterior, porque elas requerem um maior investimento – essa é a lei biológica da atenção – as mesmas descargas que se efetuam, na ausência de toda ação motriz sobre o meio ambiente, para as emissões de palavras, servem para indexar uma “realidade de pensamento” (*Denkrealität*) bem distinta da realidade exterior.

Segundo esses desenvolvimentos, o fundamental que decide o *estatuto de realidade* destes processos mentais é essa característica *memorável* que lhes é conferida pelos índices de descarga verbal. (DAYAN, 1985, p.50). Estes processos de pensamento, cujo curso deixa atrás de si facilitações como traços, em si mesmos, não são passíveis de memória no sentido psicológico, são inconscientes, de suas facilitações permanecem somente *os efeitos*, e não

lembranças. (FREUD, 1988h, p.414). Esse enlace com as associações lingüísticas é o que lhes confere uma *existência subjetiva*, ou seja, consciência e rememoração. Assim, os processos psíquicos – enquanto inconscientes – não participam deste domínio subjetivo; por mais que tenham sua existência e eficácia conferida no plano econômico e representacional (enquanto estrutura e não qualidade), nesse trabalho, Freud ainda não lhes confere o estatuto de realidade psíquica. A realidade dos eventos externos mantém o foco das considerações, isto por razões que já discutimos a respeito da defesa por parte de Freud da importância e da significação dos fatores adquiridos na etiologia das neuroses.

Capítulo 5

Psicopatologia e os processos primários póstumos

5.1 Os sonhos: desejo e alucinação onírica

Quanto ao aparelho assim consolidado, cujas facilitações e processos se organizam em ordem crescente de complexidade exigindo um ajustamento permanente de suas funções secundárias, é preciso ponderar o fato de que: mesmo tendo sido inibido pelo desenvolvimento de *psi*, o processo primário segue sendo capaz, sob certas condições, de voltar a influenciar o decurso dos processos tal como era efetivo antes da consolidação do eu e dos processos secundários. Um dos fenômenos que exibem as condições propícias ao retorno deste modo de operação é o *sonho*, um processo normal; outro é o *sintoma*, um processo psicopatológico, ambos concebidos enquanto processos primários *póstumos*, ou seja,

que ocorrem após a constituição do eu. A análise do processo onírico, segundo Freud, é um recurso técnico e teórico que permite avançar no exame e na elucidação dos processos que envolvem a formação dos sintomas, possibilitando com isso o ajustamento de seu esquema psíquico aos dados da observação clínica da qual ele partiu.

Freud afirma que o *estado de sono*, como se pode observar na criança, se estabelece com a condição de que não haja nenhum carecimento ou estímulo externo. A criança adormece com a satisfação (no seio) assim como o adulto adormece *post coenam et coitum*. (FREUD, 1988h, p.381). Incorporada à teoria:

A condição do dormir, é assim, o decréscimo da carga endógena no núcleo de *psi*, que torna supérflua a função secundária. No dormir, o indivíduo está no estado ideal de inércia, isento do armazenamento de Qn. No adulto, este armazenamento está reunido dentro do “eu”, temos o direito de supor que a descarga do eu é que condiciona e caracteriza o dormir. E como de imediato se esclarece, com isto se proporciona também a condição para os processos psíquicos primários. (FREUD, 1988h, p.382)

Essa *dissolução* temporária e parcial das funções secundárias *libera* os processos primários de sua inibição; assim, no estado de desejo onírico volta a dominar a compulsão associativa característica da vida psíquica primária, cuja ação resulta na própria formação do sonho. Segundo Freud, dentre as características apresentadas pelo sono e sonhos, a mais importante delas é a seguinte: as idéias oníricas são de índole alucinatória, despertam a consciência e são passíveis de crença. (FREUD, 1988h, p.384). Temos numa sentença três problemas oníricos que precisam ser explicados: alucinação, consciência e crença.

Entre as explicações para essa natureza alucinatória das idéias oníricas, Freud considera a hipótese de que, durante os sonhos, a excitação no aparelho é submetida a um *retrocesso*. Haveria uma inversão do decurso da excitação que, durante a vigília vai de *phi* a *psi*, e que durante o sonho, quando a motricidade e a periferia perceptual estão fora de ação, seria conduzida regressivamente de *psi* (memória) até *phi* (extremo perceptual), onde as representações *psi* regressariam a seu modo de expressão primário, não através de

representações de palavras, mas por *representações de objeto* (sensações e imagens visuais): “*fecham-se os olhos e alucina-se, eles se abrem e pensa-se com palavras.*” (FREUD, 1988h, p.384). O que demarca bem a transição entre os dois processos.

Que a consciência seja despertada durante o sonho revela, primeiro, que essa não está atrelada ao eu e pode ser agregada a todos os processos *psi* e, segundo, que processos primários não devem ser identificados a processos inconscientes (FREUD, 1988h, p.386). O sonho fornece signos de qualidade (despertam atenção *psi*) na medida em que estes não pressupõem nenhum objeto real e sim intensidade de ocupação. Como no sonho, pela dissolução temporária das funções do eu, não há signos de realidade que permitam diferenciar recordação de percepção, a crença onírica não pode ser da mesma natureza que a crença obtida pela conclusão do trabalho judicativo. A crença, enquanto resultado de um juízo, se apóia em um processo que pressupõe, já no seu ponto de partida, um dispositivo apto a inibir a alucinação. Nos sonhos trata-se de uma crença imediata produzida pelo caminho mais curto da identidade de percepção.

Sendo o sonho uma reprodução das vivências primárias de satisfação, Freud não encontra nenhuma dificuldade em atribuir-lhe sentido e finalidade: *o sonho é uma realização de desejo*. A alucinação onírica demonstra com clareza a natureza essencialmente psíquica do desejo, que, embora nasça à raiz das carências orgânicas, visa uma satisfação irredutível à necessidade, em um circuito de prazer relacionado à reprodução da percepção do objeto amado.

A observação de que o significado dos sonhos como realização de desejo se encontra *ocultado* por uma série de processos *psi*, aproxima o sonho de processos patológicos que também resultam nessa falta de sentido. (FREUD, 1988h, p.386). Já de saída, no início da sessão em que discute os sonhos, Freud alertara sobre essas semelhanças:

[...] os mecanismos patológicos que a mais cuidadosa análise põe a descoberto nas psiconeuroses tem a máxima semelhança com os processos oníricos. Dessa comparação, que logo explicitaremos, resultam as mais importantes conclusões. (FREUD, 1988h, p.381).

A relação entre processos patológicos e processos oníricos ainda é uma relação de analogia e não de identidade; em ambos se verifica a ação de *processos primários*, esses se dão sob a forma de um *deslocamento* da excitação entre as representações. Sonho e sintoma têm como característica comum um mecanismo particular de *substituição e deslocamento* que mantém associações intermediárias inconscientes, e faz com que estes fenômenos apresentem lacunas que os tornam aparentemente sem sentido. Já a diferença situa-se na observação de que, nos sonhos, o deslocamento se dá em razão da dissolução *passiva* e temporária das funções do eu (não há repressão nos sonhos), enquanto no sintoma, ele assume a forma de um processo *ativo* contra a reminiscência traumática (não há desejo nas neuroses).

Freud figura o mecanismo desse processo primário nos sonhos da seguinte maneira: imagine-se uma seqüência associativa de pensamentos oníricos (A – B – C – D) que, ao final deste processo, com a articulação da representação “D”, resultaria numa realização de desejo. A idéia “A” se tornou consciente, mas no lugar de “B” encontra-se “C” consciente (A – C); houve uma substituição, a ocupação de “B”, que é uma idéia intermediária, foi subtraída, e sua excitação foi deslocada para “C”, que ganha com isso uma vivacidade alucinatória; e “D”, por sua vez, também tem sua excitação subtraída, ou seja, não é consciente. O resultado pode ser figurado pelo seguinte esquema: (A – C) que representa a descontinuidade da consciência em relação às articulações intermediárias e a vivacidade alucinatória acrescida a um dos elementos. A consequência disso é que a *realização de desejo* é alucinada, mas o próprio *desejo*, ou seja, o sentido do sonho, não se faz consciente, o que o torna aparentemente absurdo. (FREUD, 1988h, p.388).

5.2 A compulsão histérica: formação de símbolos

Com os sintomas neuróticos também se verifica algo similar. Freud dá o exemplo dos efeitos psíquicos incompreensíveis decorrentes da ação compulsiva das chamadas *idéias excessivamente intensas (überstarken Vorstellungen)* presentes à consciência de pacientes neuróticos. Essas representações hiper-intensas, que se apresentam à consciência sem que se possa justificar sua origem e os motivos de sua permanência, se fazem acompanhar de conseqüências incompreensíveis, como inibições, afetos, inervações motoras, que não podem ser suprimidas pelo pensamento normal. Por meio da análise dessa compulsão, é possível inferir o processo pelo qual se produziu esse aparente absurdo, e o trabalho clínico demonstrou que o processo que leva à compreensão do sentido do sintoma (a reminiscência traumática) é o mesmo que resulta na sua solução.

Vejamos o resultado da análise no exemplo de Freud: antes da análise a idéia “A” é imposta à consciência, levando todas às vezes ao choro sem que o indivíduo saiba por que “A” o faz chorar. Após a análise, descobriu-se a existência de uma segunda idéia “B”, que tem todos os motivos para que se faça acompanhar pelo choro. O efeito de “B” é compreensível, e tende a se repetir inúmeras vezes enquanto o indivíduo não for capaz de realizar uma operação psíquica necessária à resolução do afeto. (FREUD, 1988h, p. 396). Assim, pela análise se descobriu que, na origem da compulsão houve uma *vivência* que consistiu em A + B, “A” foi uma circunstância acessória, porém “B” fora uma circunstância significativa para a produção do efeito. A questão é que, quando essa vivência é *reproduzida pela recordação*, a representação “A” sempre surge no lugar da representação “B”, o que explica por que a relação entre “A” e o efeito que segue, no caso o choro, torna-se inadequada e incompreensível. Este processo em que a excitação de “B” é subtraída e transferida a “A”,

Freud denomina *deslocamento*, um processo primário tal qual aquele observado nos sonhos. No entanto, no caso do sintoma, essa operação leva o nome de *repressão*, cujo resultado é a *formação de símbolo*. “A” simboliza (substitui) “B”, mas o histérico que chora por “A” *nada sabe* dessa substituição. Freud sintetiza: se “*A é do tipo compulsivo, B está reprimida [...] toda compulsão corresponde a uma repressão, e toda intromissão desmedida na consciência, a uma amnésia*”. (FREUD, 1988h, p.397).

A repressão subtrai a excitação (o afeto) de “B” e o transfere a “A” que, em razão desse acréscimo de excitação, desperta a atenção consciente podendo se articular às representações de palavra, o que lhe confere uma existência subjetiva; enquanto “B”, uma vez que sua excitação foi deslocada, permanece inconsciente, seu traço mnêmico é isolado do decurso associativo e separado das representações verbais. Contudo, seu afeto segue produzindo efeitos que somente podem ser resolvidos por um trabalho psíquico complexo: ligar o afeto deslocado (excitação sem significação) a sua representação de objeto “B”, articulando-o a linguagem falada, em outros termos, possibilitar um trâmite e um sentido para a excitação no interior do aparelho, propiciando uma descarga adequada. A fala substitui a ação sintomática e a repressão dá lugar à rememoração.

A experiência clínica de Freud tornou evidente o lugar ocupado pela *sexualidade* entre as condições exigidas para que uma representação seja reprimida: “*em primeiro lugar, a repressão diz respeito sem exceção a representações que despertam no eu um afeto penoso (desprazer); em segundo lugar, são representações provenientes da vida sexual*”. (FREUD, 1988h, p. 397). Essa evidência clínica coloca duas questões a Freud: uma quanto ao motivo pelo qual *apenas* os afetos e representações sexuais são passíveis de repressão; outra, quanto ao estado em que se encontram as representações reprimidas.

Como vimos o traço mnêmico de “B”, assim como as facilitações em geral, não pode ser apagado; porém, por se tratar do traço de uma representação que desperta no eu grande

desprazer (angústia), o processo repressivo, como uma *defesa patológica*, resulta numa forte *resistência* em se pensar com “B”. Trata-se de uma representação excluída do eu e de todo comércio associativo. Mesmo que essa idéia incompatível já tenha se tornado consciente, permanece excluída do processo do pensar. (FREUD, 1988h, p. 398). Essa forte resistência em articular afeto e representação sexual às representações verbais é a medida da força que mantém o sintoma e suas conseqüências psíquicas.

Quanto à questão sobre o motivo pelo qual somente as representações da vida sexual são passíveis de repressão, Freud é levado a explicar, desde o ponto de vista de seu modelo teórico: qual a condição psíquica que torna possível que um afeto sexual despertado dentro do eu leve essa organização secundária a mover um processo de defesa que ultrapasse a defesa normal contra o desprazer; dando lugar, dentro dessa organização, à ação de um processo primário como a repressão e a formação de símbolo. Desde o ponto de vista clínico, Freud é levado a examinar as características naturais da sexualidade que expliquem essa *condição psíquica especial* reconhecida à vida sexual na formação das patologias mentais.

CAPÍTULO 6

Sexualidade e etiologia

6.1 A etiologia traumática e a teoria da sedução

Há na descrição desses processos uma concepção bastante particular sobre a etiologia das neuroses que permeia todos os trabalhos da época. Desde os trabalhos com Charcot (1886), a noção do trauma enquanto causa específica da histeria vem sendo continuamente repensada. No texto em colaboração com Breuer “Estudos sobre a histeria” (1893-95) o traumatismo sexual e as reminiscências têm um lugar de destaque na descrição do mecanismo psíquico da histeria. No entanto, é no “Projeto de uma psicologia” (1895) que a noção do trauma enquanto *trauma psíquico* ganha um contorno mais definido ao ser examinado de acordo com os pressupostos da formação do aparelho.

Freud propõe discutir tais questões por meio de uma exposição clínica e apresenta o caso de uma jovem, Emma, submetida à *compulsão* de que *não pode ir sozinha a determinado lugar, uma loja*. O caso se organiza em duas cenas: a cena I é uma recordação que Emma acredita ser a justificativa de seu impedimento. Segundo essa justificativa (incompreensível), ela está impedida de ir a tal lugar *porque*, aos 12 anos, esteve *sozinha* numa loja e viu dois *balconistas rindo*. Diante dessa cena Emma é (inexplicavelmente) tomada por um *afeto de terror* e foge. Os pensamentos que lhe ocorrem são de que eles riam de seu *vestido* e de que um dos balconistas lhe *atraiu sexualmente*.

Devido ao fato de que a recordação e os pensamentos associados não permitem explicar o que determinou o sintoma, a investigação segue e as associações revelam uma

segunda lembrança relacionada, que ela diz não ter lhe ocorrido no momento da primeira. Emma se recorda de que aos 8 anos fora *sozinha* duas vezes à *loja* de um merceeiro para comprar doces. Na primeira vez, tal senhor, *rindo*, beliscou-a nos genitais por cima do *vestido*. Apesar do ocorrido Emma retorna uma segunda vez à loja, e atualmente se recrimina por ter voltado como *se quisesse* provocar o atentado. Como observou GABBI JR. (2003, p.119) esse retorno de Emma não é explicado por Freud, uma vez que a teoria desenvolvida no “Projeto...” é incapaz de pensar tanto a repressão do prazer quanto o desejo sexual infantil.

Entretanto, a análise da cena II permite compreender o efeito provocado pela cena I, na medida em que há uma *sobredeterminação* entre as cenas por meio de elos associativos comuns: ir *sozinha* a uma *loja*, o *balconista*, o *vestido*, a *sensação sexual*, mas o principal deles, o que evocou inconscientemente a recordação da cena com o merceeiro, foi o *riso*. Quanto ao que provocou a liberação do afeto de terror, isso é entendido pela consideração de que um novo fator fora acrescido entre as duas cenas: entre elas se intercalou o advento da *puberdade*.

A puberdade é um elemento explicativo que indica a presença de dois fatores importantes para desencadeamento do sintoma: o fator quantitativo e o semântico. Em primeiro lugar é preciso considerar a puberdade no que concerne à intensificação da capacidade de reação do aparelho sexual. É um momento em que a sexualidade se constitui como fonte importante de estimulação endógena. Para avaliar seu potencial traumático basta lembrar as considerações anteriores sobre o *desamparo* que o aparelho psíquico é submetido diante das excitações provenientes do interior do corpo, isto devido ao fato de que contra essa fonte de excitação, diferentemente das excitações exógenas, não há proteções e nem a possibilidade de fuga. Se, por um lado, essa desproteção se constitui como a própria *mola impulsiva* de todo desenvolvimento psíquico, por outro lado, a partir de certo limiar, torna-se intolerável. Não havendo meios de ligar essa excitação tornando-a psiquicamente aproveitável

e passível de descarga adequada, a tensão passa a representar um dos fatores que compõem a *condição psíquica especial* reconhecida por Freud à sexualidade na formação das perturbações mentais.

No caso Emma, por exemplo, os traços mnêmicos relacionados à vivência do atentado, que até então permaneciam em estado de repouso, a partir do momento em que ela tornou-se púbere, foram reanimados pelo intenso afluxo de excitação. Com isso as suas recordações passam a despertar o que naquele momento, anterior a puberdade, eram incapaz de fazer: “*um desprendimento sexual que se converte em angústia.*” (FREUD, 1988h, p.401).

6.2 O processo sexual e a teoria do aparelho

Essa conclusão sobre sexualidade e angústia tem como fundamento uma concepção bastante freqüente nos textos contemporâneos ao “Projeto...” (1895) a respeito do mecanismo e das operações que envolvem *o processo sexual*. Existe aí um esquema explicativo que se ajusta bem à teoria do aparelho psíquico, em que se pode observar o início de uma possível convergência entre desejo (decorrente da vivência de satisfação) e repressão (decorrente da vivência de dor). Ambos passam a ter como origem uma única vivência, a sexual. Contudo, isso, neste momento, não abrange a sexualidade infantil. Esse esquema é descrito nos Manuscritos E “Como se origina a angústia”, G “Melancolia” (1895) e também em textos publicados como “Sobre a justificativa de separar da neurastenia uma determinada síndrome intitulada neurose de angústia” (1895[1894]). De acordo com essas referências, a relação da angústia com o processo sexual é descrita da seguinte maneira: o corpo produz tensão sexual física continuamente, porém, essa somente é percebida quando atinge um determinado limiar;

a partir de então, a excitação endógena vence a resistência entre o interior do corpo e o núcleo do sistema *psi* convertendo-se em estímulo psíquico. Como estímulo psíquico, a excitação se liga aos grupos de representações sexuais correspondentes, dando origem à *libido*, em outras palavras, a *tensão sexual física*, por intermédio das representações, se converte então em *desejo psíquico*.

Este estado de tensão sexual psíquica, a *libido*, traz consigo uma ânsia e uma possibilidade de remover este estado de excitação por meio da produção de uma sensação voluptuosa através de uma ação específica adequada. Essa ação adequada que leva à descarga reflexa no coito é precedida e preparada pela conexão psíquica entre a tensão física e as representações sexuais relacionadas. Contudo, é preciso observar a seguinte condição: se, devido à insuficiência do desenvolvimento das representações sexuais ou por causa da tentativa de reprimi-las, a tensão sexual física não puder ser transformada em afeto sexual (desejo psíquico), essa mesma tensão, não sendo psiquicamente ligada, se converte em angústia. (FREUD, 1988a, p.232).

É o que ocorre com Emma, um caso típico: uma vivência atual inócua se associa a uma recordação que provoca uma excitação sexual. O anseio libidinal decorrente dessa ligação entre a sensação sexual e a representação psíquica é vivido como perigo (da repetição do atentado); diante da ameaça dessa idéia incompatível, o eu move uma defesa contra a recordação em que a excitação sexual é desligada de sua representação e se converte em angústia. O próximo passo é a formação do sintoma: através do processo patológico da formação de símbolo a excitação livre é deslocada para uma representação substitutiva. Assim, toda vez que a vivência, por algum elo associativo, for reproduzida pela recordação, a cena principal (merceeiro) será inconscientemente substituída pela cena secundária (balconistas), formando *ligações falsas* com o material existente. (FREUD, 1988h, p.402). O saldo desse processo de sobredeterminação ganha forma de um *impedimento* inexplicável

exercido pela ação compulsiva de uma idéia incompreensível que mantém Emma distante de determinadas situações.

Como é possível notar essa é uma teoria etiológica nada simples cujas conseqüências estão longe de serem esgotadas. Freud se pergunta neste caso: qual seria o ponto de partida, a *causa* do processo patológico? Sem dúvida, diz Freud, a *excitação sexual*; porém o surpreendente é que essa excitação está muito mais relacionada às *recordações* do atentado do que à vivência original: “*Aqui se dá o caso de que uma recordação desperta um afeto que a vivência não despertara.*” (FREUD, 1988h, p. 403). É um caso típico de repressão histórica: “*descobre-se que é reprimida uma recordação que apenas posteriormente { nachträglich } se tornou um trauma.*”(FREUD, 1988h, p.403). Um dos motivos deste *descompasso* entre a vivência e seu efeito, como foi apresentado, está no *atraso da puberdade* em relação ao desenvolvimento das outras funções psíquicas, conseqüentemente há um atraso da capacitação do aparelho sexual em relação às experiências.

6.3 A temporalidade do trauma e a significação do sexual

Além do fator quantitativo que a puberdade implica em termos da intensificação da excitação sexual póstuma às vivências, existe outro elemento importante para a eficácia traumática, que é o elemento *semântico* propiciado pela experiência. Segundo Freud, a puberdade também possibilita uma outra *compreensão* do vivido: “*Toda pessoa adolescente tem traços de recordação que somente podem ser compreendidos com a emergência de sensações sexuais próprias*”. (FREUD, 1988h, p.404). Ou seja, uma vez que o julgar tem como fundamento sensações e imagens de movimento, essas vivências primárias anteriores à

emergência de sensações sexuais deixam traços de memória, porém, essas *impressões* não são passíveis de julgamento, não são pensadas pelo sujeito.

Posteriormente, a *compreensão* do sentido sexual dessas *representações* faz com que se convertam numa *fonte endógena* geradora de excitação sexual. A significação traumática se deve ao fato de que, por meio da compreensão das representações, o sujeito tende a explicar a emergência do estado intenso de seu anseio libidinal convertido em angústia como decorrência da ação de um atentado sexual sofrido em sua infância. Os histéricos, é o que nos ensina a experiência, diz Freud, seriam pessoas que se tornaram sexualmente excitáveis *precocemente* por estimulação mecânica passiva e por masturbação. (FREUD, 1988c, p.404). É o que faz essa teoria do trauma também uma *teoria sobre a sedução*.

Como foi examinado por MONZANI (1989, p.159) e por LAPLANCHE (1985, p.49), a novidade dessa teoria em relação ao trauma físico (entendido como efração) é que, o que define o trauma enquanto *psíquico* é o fato de que nesse caso, o *traumatismo vem do interior*, pois o traumatizante não está no acontecimento em si, mas na *recordação*. Essa inversão da eficácia da recordação em relação à vivência dá origem ao que Freud denomina de *proton pseudos* (primeira mentira histérica), algo como uma *premissa falsa* que consiste, como observou GABBI JR. (2004, p.125), “*em tomar como motivo da liberação sexual uma vivência, quando efetivamente se trata de uma recordação.*” É o que se passa com Emma quando crê que a causa que justifica seu estado afetivo esteja na cena atual com os balconistas, posterior a puberdade. Essa premissa é falsa e decorre da repressão da cena infantil.

Como também observara GABBI JR. (2004), a introdução e a consideração por Freud a respeito da compreensão do significado sexual proporcionada pela puberdade em relação à recordação infantil permitem a reorganização da eficácia traumática desde a perspectiva dos efeitos de sentido. Vejamos quais as conseqüências que se podem extrair dessas

considerações. No exemplo dado por Freud, primeiro, “o recordado refere-se a uma liberação sexual precoce. O efeito de entendê-la como sexual a transforma em fonte geradora de quantidades endógenas, ou seja, em causa de uma nova liberação sexual.” (GABBI JR. 2004, p.125). Que a recordação, a partir de sua significação, torne-se fonte interna e permanente de excitação sexual, indica que,

a questão central progressivamente se desloca da quantidade para a possibilidade expressiva insuspeita que certas idéias possuem. Em outras palavras, a idéia sexual pode estar presente na mente como não-sexual. A descoberta do seu sentido sexual originário produz um efeito quantitativo levando à repressão. (GABBI JR., 2004, p.126).

É importante notar que o exame da eficácia traumática revela uma determinada organização na vida sexual do sujeito que a divide em dois tempos: um período infantil, pré-sexual, anterior à puberdade, e um período sexual, pós-puberdade. Na passagem entre eles instala-se a repressão, entendida como uma operação que atua no âmbito da significação, ou seja, age impedindo a associação entre as impressões infantis e as representações verbais. A articulação das impressões com a associação lingüística, além de ser a condição para que os traços mnêmicos adquiram existência subjetiva (consciência e rememoração) é também a condição subentendida nesse texto para a emergência da significação. *Compreender*, segundo “Projeto...” (1895), significa associar um traço de memória ou de percepção a uma imagem sonora que incita imagens motoras próprias, ou seja, uma representação de palavra. (FREUD, 1988h, p.414).

E importante notar, como o fez FORRESTER (1983, p.64), que se trata sempre de uma falta de coordenação entre o sexual e o verbal. Essa divisão entre *impressões infantis pré-verbais* e sua posterior *compreensão verbal* é fundamental para a metapsicologia, e se acentuará cada vez mais com o desenvolvimento da obra freudiana. Na “Comunicação Preliminar” (Breuer /Freud, 1893), por exemplo, esse descompasso entre impressão e palavra

se constitui no próprio fundamento do método. A resolução dos sintomas consiste em tornar possível a *tradução* das lembranças e dos afetos em palavras faladas. Segundo os autores, o processo psíquico que deu origem ao sintoma deve ser levado de volta a seu *status nascendi* e então receber uma expressão verbal. (BREUER, FREUD, 1987, p.32). Na discussão do caso Katharina (1893), Freud novamente acentua essa diferença ao afirmar que “*as impressões do período pré-sexual que não produziram nenhum efeito na criança, mais tarde cobram, como recordações, uma violência traumática ao abrir-se [...] a compreensão da vida sexual.*” (FREUD, 1987, p.148).

No “Projeto...” (1985), Freud reafirma esse discernimento, ao dizer que, nesses casos que envolvem trauma psíquico, todo o peso recai sobre a *precocidade* da liberação sexual. A partir de então, essa *condição precoce*, em que fora localizada a origem do processo, receberá um exame cada vez mais detalhado no sentido de circunscrever seu significado para a teoria do aparelho psíquico. É um marco na obra freudiana.

A teoria do aparelho, tal como é proposta neste “Projeto de uma psicologia”, traz um quadro conceitual que já subtende essas diferenças sob a forma de dois modos distintos de funcionamento mental, o processo primário e processo secundário. A própria evolução do aparelho pressupõe a sobreposição das aquisições psíquicas em ordem crescente de complexidade, porém as aquisições secundárias, mais tardias, advindas pela consolidação da memória do pensar por meio das descargas verbais, não elimina a *organização primária infantil*, essa segue existindo enquanto possibilidade, sob inibição. No entanto, se as aquisições são definitivas, a inibição não o é: a irrupção do afeto de angústia, por exemplo, pode tornar essa inibição inoperante, o que abre a possibilidade de sobredeterminação entre os processos. Essa questão é tratada por Freud no último tópico do capítulo dedicado à psicopatologia.

6.4 Estados afetivos e a *Proton pseudos*

As alterações provocadas pelo afeto são muito similares às aquelas observadas nos sonhos. Tanto nos sonhos como nos estados afetivos há uma desarticulação do decurso normal do pensar. Isso se explica por que em ambos as trilhas mais recentes formadas pela memória do pensamento são esquecidas, deixam de ser percorridas pela excitação, e as facilitações abertas pelas vivências infantis – isto é, *a antiguidade* – impõe-se: “*Com este esquecimento, em total semelhança ao que ocorre no sonho, desaparecem a escolha, a conveniência e a lógica do decurso.*” (FREUD, 1988h, p, 405). Ou seja, todas as aquisições secundárias instituídas pela inibição do eu desaparecem e aqueles caminhos de descarga, que de outro modo seriam evitados, passam a ser percorridos, dando lugar *a ações* durante o estado afetivo: “*Em suma, o processo afetivo se aproxima ao processo primário desinibido*” (FREUD, 1988h, p.405).

Considerando a condição psíquica especial reconhecida à vida sexual na formação das patologias mentais, Freud é levado a explicar como é possível que um afeto sexual convertido em angústia, leve à organização secundária a mover um processo de defesa primário como a repressão e a formação de símbolo. Em resposta a essa questão a teoria do aparelho possibilita o seguinte desdobramento: após a instituição da inibição do processo alucinatorio pelo eu, a atenção psíquica passa a ser regulada na direção das percepções: esse é o dispositivo que permite ao eu evitar aquelas percepções que levariam a liberação do afeto. Contudo, em se tratando da vida sexual, “*não é nenhuma percepção, mas um traço mnêmico que inesperadamente libera o desprazer, e o eu toma conhecimento desse fato muito tarde, consentiu com um processo primário, por que não o esperava.*” (FREUD, 1988h, p.406). Que o eu tome conhecimento muito tarde da origem do afeto significa que, durante o *estado*

afetivo, a distinção entre recordação e percepção está comprometida. Este estado de indistinção, característico dos processos primários desinibidos, favorece a repressão e a formação de símbolo, formando ligações falsas com o material existente. A percepção atual é tomada como causa da excitação sexual convertida em angústia, quando efetivamente se trata da ação de uma recordação inconsciente. Nesse sentido, *a recordação inconsciente se impõe ao campo da percepção e, através dessas ligações falsas com elementos intermediários entre os dois domínios, se atualiza como uma realidade perceptual para o sujeito.*

Com isso, é possível reconhecer, como o fez GABBI JR. (2003, p.53) que, para Freud, neste momento, “*o principal traço do patológico está na indistinção estabelecida entre recordação e percepção*”. Essa é uma observação metapsicológica importante, pois será a consideração desse traço que irá permitir, após a revisão exigida pela descoberta das fantasias, avançar rumo ao reconhecimento de uma realidade para o inconsciente.

CAPÍTULO 7

A materialidade das descargas sensoriais e a concepção de realidade no “Projeto...” (1895)

7.1 O psíquico *versus* o subjetivo

De acordo com desenvolvimento anterior pode-se concluir que Freud, até esse momento de sua obra (1895), trabalha com uma concepção de realidade que se duplica em dois registros, o da percepção e do pensamento. Em ambos os domínios, o estatuto de realidade conferido aos seus processos é definido pela *materialidade* das *descargas sensoriais*: os *signos de realidade* para a percepção e os *signos de descarga lingüística* para o pensamento. Essas descargas qualitativas produzidas durante os decursos desses processos é o que os tornam susceptíveis de *consciência* e de *rememoração*, ou seja, é o que lhes confere uma *existência subjetiva*.

Entretanto, com a introdução dessa *realidade do pensar* ainda não se trata do reconhecimento de uma *realidade psíquica stricto sensu*. A gênese da realidade do pensamento está internamente articulada a *representações de palavra* e a *atividade consciente*, que é o que define o campo *subjetivo* dos fenômenos mentais. (FREUD, 1988h, p.355). Já o que Freud considera como o *psíquico* propriamente dito, diferente desse domínio subjetivo, é estritamente definido enquanto *inconsciente*. O psíquico e o subjetivo são dois domínios perfeitamente discerníveis nesse trabalho de 1895 “Projeto de uma psicologia”. (Cf. CAROPRESO, 2003, p.346).

Como tentamos tornar evidente, a teoria da sedução, em si mesma, não faz obstáculo ao reconhecimento da existência e da eficácia de uma realidade psíquica, basta considerar o lugar e peso dado às representações inconscientes na determinação dos sonhos e sintomas. O mais interessante desses argumentos, como vimos, é justamente que, nessas reproduções, não é a realidade externa que está em ação e sim os restos ativos deixados pelas vivências. Isto permite avançar a seguinte hipótese: muito mais do que a teoria da sedução (um lugar comum na crítica de Freud) é essa concepção da natureza e da composição da realidade enquanto *domínio subjetivo* que impede ou adia a problematização do estatuto de realidade do *psíquico inconsciente*.

Contudo, como pondera DAYAN (1985, p.51), o reconhecimento e a circunscrição de uma *realidade interna* apta a se reinscrever pela materialidade das descargas verbais (a realidade do pensar), ainda que distante da *realidade muda* do inconsciente recalcado – como é estabelecida nas últimas páginas da “Interpretação dos sonhos” (1900) – funciona aí como um protótipo em razão da manifestação de certa *invariância* dos eventos psíquicos.

Nos textos subseqüentes ao “Projeto...” (1895), como veremos a seguir, torna-se evidente a incompatibilidade ou a insuficiência dessa concepção de realidade em relação aos problemas colocados pela crescente especificação tópica do domínio inconsciente. E a pergunta que começa se impor é: *como algo pode ser real se está fora do campo subjetivo?*

PARTE III:

DA TEORIA DO TRAUMA A INTRODUÇÃO DA FANTASIA: A ESTRATIFICAÇÃO DA MEMÓRIA E A PRODUÇÃO DA CENA PSÍQUICA INCONSCIENTE

CAPÍTULO 1

Repressão e prazer: o núcleo do enigma

1.1 Progresso clínico *versus* pressuposições teóricas

O empreendimento realizado no “Projeto de uma psicologia” (1895) consistiu num esforço de fornecer uma sustentação teórica à hipótese etiológica do trauma e da sedução. Esse movimento se concentrou na tentativa de explicar a defesa (repressão) enquanto uma predisposição específica e adquirida, a partir de uma base constitucional comum a patologia e a normalidade. No entanto, a defesa neurótica é um problema que essa estrutura teórica não dá conta de resolver, “*o processo de repressão permanece sendo o núcleo do enigma.*” (FREUD, 1988h, p.399).

Um dos motivos que faz com esse problema permaneça sem solução é o fato de que, nessa teoria do aparelho psíquico a repressão é concebida a partir do modelo fornecido pela vivência de dor, não tendo relação alguma com o prazer e a satisfação. Isso é o que torna impossível correlacionar essa noção de repressão às novas observações clínicas sobre a presença do *prazer* na origem das neuroses. O empenho de Freud no “Projeto...” em estabelecer semelhanças entre sonhos e sintomas pode ser entendido como uma tentativa de resolver tal problema. Porém, em vista da divergência entre os pontos de partida, como observou GABBI JR. (1994, p.106), nesse momento da obra freudiana, “*nada mais afastado teoricamente do que a vinculação entre desejo e repressão*”.

Na carta a Fliess de 8 de outubro de 1895, três dias após ter lhe enviado a última parte do “Projeto...”, essa incoerência entre progresso clínico e fundamentação teórica se apresenta pela primeira vez:

O que ainda não está coerente não é o mecanismo – posso ser paciente quanto a isso –, e sim a elucidação do recalçamento – cujo conhecimento clínico fez grandes progressos em outros aspectos. (MASSON, 1986, p.142).

O progresso clínico a qual Freud se refere concerne à descoberta de que a cena primária na base das obsessões se faz acompanhar por prazer:

*“Será que já lhe revelei o grande segredo clínico? [...] A neurose obsessiva é consequência de um **prazer sexual pré-sexual**, que se transforma, posteriormente, em auto-recriminação.”* (MASSON, 1986, p.145, grifo do autor).

Vale lembrar que a teoria do trauma está sustentada pelo pressuposto da ausência da sexualidade na infância, portanto, se a criança é assexuada, como é possível integrar teoricamente essas novas observações sobre o prazer durante a vivência infantil? (Cf. IZENBERG, 1999).

O problema se acentua ainda mais na medida em que essa observação sobre o prazer sexual não fica restrita a neurose obsessiva. Para histeria, por exemplo, Freud propõe uma nova solução clínica, afirmando que em sua raiz *“há sempre um conflito (prazer sexual, ao lado, possivelmente, de um desprazer concomitante)”*. (MASSON, 1986, p.155). Com isso, todo trabalho metapsicológico é reorientado mais uma vez na direção do estatuto clínico da repressão e, nesse movimento duas questões fundamentais começam a se impor; por um lado, no que tange a defesa, a questão é: *como é possível pensar a repressão de algo que na sua origem é prazeroso?* Por outro, no que diz da teoria da sexualidade: *é possível conceber prazer sexual num período anterior à puberdade?*

Com vistas a essa problemática e suas conseqüências para a concepção e a natureza da realidade no interior da teoria do aparelho psíquico, iremos examinar os escritos do ano de 1896, na seguinte seqüência: carta 39, de 1 de janeiro, e o anexo "Rascunho K – Neuroses de defesa"; os dois artigos publicados "A hereditariedade e a etiologia das neuroses" (30 de março) e "Novos comentários sobre as neuropsicoses de defesa" (15 de maio), que foram enviados aos seus editores no mesmo dia, 5 de fevereiro; carta 46, de 30 de maio; o terceiro e último texto publicado neste ano, "A etiologia da histeria" de 31 de maio; e enfim, a importante carta 52, de 6 de dezembro.

Nestes trabalhos também será possível observar a lenta transição das hipóteses de Freud rumo a uma representação tópica do aparelho psíquico. Neste percurso, o estudo da cronologia das vivências (que logo será abandonada), não passa de um elemento intermediário, porém necessário, para constituição da tópica psíquica. Sendo essa última o principal instrumento metapsicológico a qual Freud recorrerá na circunscrição de um novo domínio do real, distinto da realidade da cena consciente.

* * *

A carta 39 traz, antes de tudo, uma importante revisão na teoria do aparelho psíquico. O novo esquema insere os neurônios *ômega* entre os neurônios *phi* e *psi*, (phi – ômega – psi), e as principais conseqüências desse remanejamento são:

1º Os processos *psi* são originariamente inconscientes e somente adquirem uma consciência secundária ao serem ligados a processos de descarga e percepção decorrentes das associações da fala.

2º As sensações não levam quantidade a *psi*, conseqüentemente, sua fonte de energia passa a ser unicamente as vias de condução orgânicas, endógenas. Freud ainda observa que

essas vias de onde advém a força propulsora da atividade psíquica e da formação de sintomas são as vias da excitação sexual. (MASSON, 1986, p.161).

Quanto ao enigma da repressão, no “Rascunho K” temos a seguinte observação, a respeito na neurose obsessiva, diz: “*a repressão pode processar-se devido ao fato de que a recordação do prazer, em si mesmo, produz desprazer, quando anos depois é recordada*”. (FREUD, 1988, p.263). Encontra-se nessa formulação o essencial sobre a nova hipótese que será proposta para explicar a repressão; a hipótese é de que há uma transformação do prazer – vivido numa cena primária infantil – em desprazer – quando essa mesma cena primária é recordada anos depois na puberdade. O enigma a ser resolvido é precisamente essa transformação do prazer em desprazer; o desprazer produzido aciona o processo de defesa contra a recordação. Essa hipótese leva Freud a investigar, a partir de seu modelo de aparelho psíquico, quais as possíveis relações entre a repressão e a cronologia das vivências infantis.

Em “A hereditariedade e a etiologia das neuroses” afirma que percorrendo retrospectivamente a história da doença é possível estabelecer o ponto de partida do processo patológico. Nesse percurso, a causa específica das neuroses é, em todos os casos, invariavelmente, uma recordação inconsciente derivada de uma vivência sexual precoce, (com excitação efetiva dos genitais). Trata-se de um abuso cometido por outra pessoa, e acrescenta: “*o período da vida no qual ocorre esse fatal evento é a infância – até os 8 ou dez anos, antes que a criança tenha atingido a maturidade sexual.*” (FREUD, 1989e, p.151). Segundo as análises, a data mais comum dessas experiências sexuais é a idade entre 4 e 5 anos; caso essas vivências ocorram após a idade de 8 ou 10 anos elas não fundam a neurose; esse período, que corresponde à segunda dentição, é uma linha de fronteira para a causação da doença. Os eventos subseqüentes à puberdade são considerados apenas *agents provocateurs* que possuem a faculdade de despertar o *traço psíquico inconsciente* do evento infantil; esse traço relacionado à infância é designado aí como uma *impressão patogênica primária*.

O texto “Novos comentários sobre as neuropsicoses de defesa” reafirma as observações sobre a natureza dos traumas sexuais e seus períodos. Em relação ao trabalho anterior acrescenta a importante afirmativa de que o limite inferior para que a vivência possa desempenhar um papel efetivo na causação do processo recua na medida da própria memória – isto é, até a tenra idade de 1 ano e meio a 2 anos. (FREUD, 1989f, p.166). Mais adiante, também observar que a maturidade sexual psíquica não coincide necessariamente com capacitação do aparelho sexual, é mesmo anterior a ela, ocorrendo entre 8 e 10 anos. (FREUD, 1989f, p.168). De posse dessas noções, Freud avança à seguinte hipótese: a precocidade do desenvolvimento da libido deixa-se ver pelo prazer proporcionado pela vivência primária que, quando reproduzido, assume a forma de um ato de agressão *inspirado no desejo* (no caso do menino) ou de um ato de participação nas relações sexuais *acompanhada de gozo* (no caso da garotinha). (FREUD, 1989e, p.154). Do fato de que a maturidade da libido psíquica se antecipe à capacitação do aparelho genital, decorre também a possibilidade de se pensar a sexualidade na infância enquanto perversão, como será explorada por Freud adiante.

CAPÍTULO 2

*Working hypotheses*⁵²

2.1 Um novo esquema etiológico: infância e cronologia

Diante dessa série de problemas e intuições desdobradas desde a observação do prazer nas neuroses, Freud, na carta 46, propõe uma solução através de um esquema cronológico do desenvolvimento psíquico e sexual aplicado à questão da repressão e da escolha da neurose. A idéia é a seguinte: a vida do sujeito é desdobrada em quatro períodos (Ia-Ib-II-III), e entre eles estão localizados dois períodos de transição (A-B), durante os quais ocorre a repressão.

Ia	Ib	A	II	B	III
Até os 4 anos	Até os 8 anos		Até os 14 anos		Até X
Anteconsciente	Infantil		Pré-puberdade		Maturidade

FIGURA 2. Esquema cronológico do desenvolvimento psíquico e sexual.

⁵² Este é o modo como Freud definiu o trabalho metapsicológico elaborado nas cartas desse período que iremos analisar. Essa definição confere um grande valor epistemológico a esses rascunhos. Neles é possível acompanhar o longo caminho percorrido por Freud entre as intuições clínicas e a formulação dos conceitos. Neste ínterim, suas próprias hipóteses são postas à prova da experiência. Em carta de 17 de dezembro de 1896 diz: “Fico muito satisfeito, porém, com a recepção dada a minhas fantasias. Sei que você as coloca no lugar certo, investiga esses pontos de vista um pouco mais e não me encara nem como um devaneador, pelo fato de eu comunicar essas coisas incompletas, nem como um tolo, que, por essa razão, acredita estar acima da investigação minuciosa e da correção. Trata-se de sínteses e *working hypotheses* [hipóteses de trabalho], que espero podermos trocar um com o outro sem preocupações.” (MASSON, 1986, p.216).

No esquema, a ação póstuma dos traumas infantis é explicada pela seguinte consideração: a recordação de uma cena sexual numa época posterior ao período em que ela ocorreu, produz um *excesso de sexualidade*, e esse, por sua vez, inibe o pensamento normal conferindo à lembrança e às suas conseqüências um caráter *compulsivo* impossível de inibir. Nesse caso, como a neurose obsessiva tem demonstrado, trata-se da tendência a repetir um prazer desinibido. A compulsão somente pode ser inibida com a condição de que, na transição de um período para o outro, as recordações, a princípio sob a forma de traços mnêmicos, sejam psiquicamente traduzidos, o que implicaria na conversão da excitação sexual física em libido psíquica. Porém, o próprio excesso de sexualidade torna-se um obstáculo à tradução devido ao fato de que os traços mnêmicos são insuficientes para ligar a excitação sexual liberada.

Ao excesso de sexualidade não traduzido sob a forma de uma compulsão ao prazer, se opõem a *vergonha* e a *moralidade*, que representam duas forças psíquicas repressoras no aparelho. Importante lembrar que, segundo o “Projeto...” (1895), a emergência dos motivos morais no sujeito é intermediada pela sua relação ao outro, que lhe assiste em seu estado de desamparo inicial. Contudo, mesmo com a introdução dessas forças, o problema da transformação do prazer em desprazer ainda permanece sem explicação.

Freud também apresenta quais seriam os requisitos cronológicos das cenas sexuais para as diferentes neuroses. Neste esquema explicativo, o que decide a escolha da neurose são os períodos em que ocorrem as vivências traumáticas.

	Ia	Ib	A	II	B	III
	Até os 4	Até os 8		Até os 14		Até x
Histeria	Cena		Repressão		Repressão	
Neur. Obs.		Cena	Repressão		Repressão	
Paranóia				Cena	Repressão	

FIGURA 3. Esquema explicativo da etiologia e da formação das psiconeuroses.

No caso da histeria, as cenas ocorrem no primeiro período da infância (Ia) até os 4 anos. As cenas ocorridas nesse período têm a particularidade de serem intraduzíveis, ou seja, seus restos mnêmicos não estão disponíveis sob a forma de representações de palavra. Assim, uma recordação de uma cena sexual (Ia) não conduz a conseqüências psíquicas, e sim a *realizações* (conversão). (FREUD, 1988, p.270). Na neurose obsessiva as cenas ocorrem em (Ib) e já dispõem da tradução em palavras. Quando recordadas em períodos posteriores, produzem um excesso de excitação na forma de uma compulsão sexual, que, sob a ação da repressão, dão lugar, não mais a conversão, e sim, a sintomas psíquicos (obsessões). Já na paranóia, as cenas ocorrem após a segunda dentição e dá lugar a desconfiança.⁵³

Na seqüência, Freud tece algumas considerações que situam esse esquema dentro de um contexto teórico ainda bastante ligado às teses expostas no “Projeto...” (1895). A consciência das recordações, por exemplo, é determinada fundamentalmente pela associação das impressões mnêmicas às representações de palavra, portanto, não se trata de conceber “a consciência”, e sim, o “tornar-se consciente” de uma representação. A consciência não é

⁵³ A repressão em A e B consistira na deflagração de uma defesa primária contra as representações sexuais relacionadas ao surgimento do desprazer advindo da formação desse excedente de excitação sexual na transição entre os períodos. O que pressupõe, dada a proximidade com as teses do “Projeto...” (1895), o processo de deslocamento da excitação afetiva e substituição das recordações na formação de símbolos, que é o mecanismo pelo qual Freud descreveu a formação dos sintomas. (Cf. Parte II, seção 5.2).

inerente “ao reino chamado – inconsciente –, nem ao reino chamado – consciente – (...) de modo que estes termos devem ser recusados.” (FREUD, 1988, p.272). Segundo Freud, a distinção principal continua sendo entre processos psíquicos *inibidos* e *não-inibidos* pela ação do pensamento, portanto, a idéia de um *consciente* e um *inconsciente* (no sentido tópico ou substantivado do termo), nesse momento, é desnecessária.

Assim, tanto o acesso à consciência quanto à formação dos sintomas, são influenciados por um *compromisso* entre forças psíquicas que entram em conflito entre si. Nesse conflito entre processos primários e secundários, deve-se considerar a força quantitativa inerente a toda representação, assim como a atração ou o desvio da atenção psíquica segundo as regras impostas pelos signos de qualidade e pela defesa contra o desprazer. A força inerente aos processos primários não-inibidos está na base da emergência de distúrbios no interior do aparelho; e o desprazer segue sendo o único critério que impede as transições associativas entre esses processos.

Apesar de ter sido insuficiente para elucidar a transformação do prazer em desprazer pela repressão, essas tabelas cronológicas acabaram por introduzir, mesmo a revelia de Freud como vimos, os rudimentos para a uma *representação tópica* do aparelho psíquico. A noção de tradução entre períodos permitiu pensar a presença de dois registros temporalmente separados pela evolução dos processos no aparelho: a possibilidade de se produzir duas versões diferentes de uma mesma cena, o registro primário das impressões, sob a forma dos traços mnêmicos, e o secundário das representações verbais.

2.2 Da cronologia a tópica: a estratificação do psíquico (Carta 52)

O texto subsequente, “A etiologia da histeria” (1896), trabalha com uma noção de estratificação do psíquico em diferentes camadas sobrepostas ao longo do tempo, uma noção já apresentada em “A psicoterapia da histeria” (1895). Nesse texto sobre a etiologia, ao tratar da possibilidade de *penetrar no conhecimento das causas a partir dos sintomas*, Freud propõe uma comparação entre o método analítico e o trabalho arqueológico. O trabalho todo consiste em retroagir do sintoma à cena do trauma. Neste trajeto, frequentemente, se encontram cenas inoperantes que podem ocultar atrás de si outras de maior eficácia. A estratificação recua, como Freud já apontou, na medida da própria memória – isto é, até a tenra idade de 1 ano e meio a 2 anos. Essas cenas infantis, muito mais uniformes em seus conteúdos do que as cenas da puberdade passam a reivindicar o lugar de causa universal na etiologia das neuroses.

Entretanto, o texto apresenta, não somente intuições clínicas a respeito da estratificação, que posteriormente receberão uma justificativa teórica adequada, mas também anuncia uma nova problemática: a concepção do inconsciente enquanto tópica psíquica. Quanto a isso é preciso observar dois posicionamentos de Freud a respeito. O primeiro, em que o problema é apresentado em sua relação com as condições exigidas para a produção de sintomas nas neuroses:

[...] não importa somente a existência de vivências sexuais infantis; conta também uma condição psicológica. Essas cenas devem estar presentes como *recordações inconscientes*; só quando são, e na medida em que são inconscientes, é que elas podem produzir e sustentar sintomas histéricos [...] existe aí um novo problema [...]. (FREUD, 1989g, p.210).

No segundo posicionamento assistimos a uma inversão que coloca a questão em outras bases. A respeito da intuição de que os neuróticos são sujeitos que se tornam incapazes de tramitar (dispor de) estímulos psíquicos, diz:

[...] é como se a dificuldade para a tramitação, a impossibilidade de mudar uma impressão atual em uma recordação inofensiva, dependera justamente do caráter **do inconsciente psíquico**. (FREUD, 1989g, p.216, grifo nosso)

Os termos consciente e inconsciente foram utilizados até o momento, como pontuamos anteriormente, como exprimindo a presença ou a ausência de qualidade. Também é importante lembrar que, no “Projeto...” (1895), em termos estruturais, há uma relação de identidade entre o psíquico e a memória, e nesse contexto o termo inconsciente diz respeito ao estado originário dos registros mnêmicos, ou seja, indicaria a ausência de qualidade. Aqui, parece haver uma inversão quanto ao uso do termo, a sentença não diz: *o psíquico inconsciente*, e sim, *o inconsciente psíquico*. O inconsciente, nessa acepção, vem para o primeiro plano, indicando não mais apenas ausência de qualidade, mas sim, um registro psíquico particular, um prelúdio à tópica.

Na carta 52 o trabalho vai precisamente nessa direção, quando propõe uma reformulação da teoria do aparelho tal qual lhe é exigida pela consideração das *impossibilidades de tramitação dos estímulos impostas pelas características deste inconsciente psíquico representacional*. Nessa carta a noção de estratificação psíquica é articulada com a idéia de tradução entre períodos, dando origem a uma nova teoria sobre a memória.

[...] estou trabalhando com a hipótese de que nosso mecanismo psíquico formou-se por estratificação sucessiva: o material presente sob a forma de traços mnêmicos fica sujeito, de tempos em tempos, a um *rearranjo*, de acordo com as novas circunstâncias – a uma *retranscrição* {*Umshrift*}. Assim, o que há de essencialmente novo na minha teoria é a tese de que a memória não preexiste de maneira simples, mas de maneira múltipla [que se desdobra em vários tempos]; está registrada em diversas variedades de signos. Há algum tempo atrás (Afasia) postulei a existência de um rearranjo semelhante para as vias que provém da periferia [do corpo até o córtex cerebral]⁵⁴. (FREUD, 1988, p.274, grifo nosso).

⁵⁴ (Cf. Parte I, seção 2.1; Parte II, seção 1.2, principalmente nota 48; Parte IV, seção 4.1).

O novo esquema propõe uma representação espacial para o aparelho, o que permite representar a estratificação sucessiva da memória segundo sua ordem constitutiva, onde seus diferentes estratos passam a se organizar em sistemas. A tramitação dos processos psíquicos no aparelho realiza o seguinte trajeto: o estímulo recebido pela extremidade perceptual (*W*) deve atravessar o aparelho sofrendo uma série de rearranjos e restranscrições na transição entre os sistemas até chegar a tornar-se apto, no extremo oposto, a consciência verbal (*Bews*).

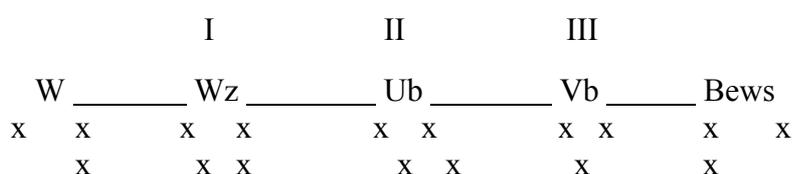


FIGURA 4. Diagrama esquemático da estratificação mnêmica do mecanismo psíquico.

Assim, no pólo receptor está o sistema *W* (percepções), no qual se originam as percepções; sua estrutura não permite que haja memória dos acontecimentos, portanto, sua atividade consiste exclusivamente na recepção sensorial. Em *Wz* (signos de percepção) se produz a primeira transcrição das percepções, dando forma aos primeiros registros de memória no aparelho; é por completo insusceptível de consciência, e seus traços mnêmicos encontram-se dispostos segundo as associações por simultaneidade. *Ub* (inconsciência) é o segundo registro, corresponde a recordações conceituais também inacessíveis a consciência. *Vb* (pré-consciência) é a terceira transcrição ligada às representações verbais que corresponde a nosso *eu* oficial. (FREUD, 1988, 275).

Essas transcrições que se seguem umas às outras representam a realização psíquica de épocas sucessivas da vida, entretanto, na fronteira de uma época para outra deve haver uma tradução do material psíquico. Cada transcrição posterior *inibe* a anterior e lhe desvia o processo excitatório. Isso é justamente o que *não* ocorre com as neuroses, nesses casos há

uma *falha na tradução*. Consequentemente, uma parte do material, assim como sua excitação, permanece como não traduzido, seguindo as leis e as vias de eliminação abertas no período anterior. “*Subsistiria assim um anacronismo, numa determinada região ainda vigoram determinados ‘fueros’, estamos na presença de ‘sobrevivências’.*” (FREUD, 1988, 276).

Uma vez que as recordações que se prestam à repressão, serem, invariavelmente, aquelas relacionadas à vida sexual, isto permite conceber que, os anacronismos que subsistem nos sistemas Wz e Ub como material psíquico não tramitado e inconsciente, referem-se, fundamentalmente, às vivências sexuais infantis. No final dessa carta, Freud inaugura então, uma aproximação entre as vivências infantis e as perversões sexuais, introduzindo, pela primeira vez, a idéia de *zonas erógenas abandonadas*. Essas seriam lugares do corpo, sexualmente ativos durante a infância, produtores de liberação sexual, que posteriormente são abandonados devido ao fato de que em determinado momento deixam de produzir prazer e passam a produzir angústia. Freud chega até mesmo a considerar que todo o progresso cultural, assim como o desenvolvimento moral e psicológico do indivíduo, residiria nessa diferenciação e limitação observada pelo abandono de tais zonas erógenas. (FREUD, 1988, p.280).

Contudo, suas hipóteses acerca da sedução ainda não lhe permitem considerar a possibilidade da existência de uma sexualidade própria à vida infantil. A perversão é introduzida no pensamento freudiano no contexto de um afunilamento de sua hipótese etiológica, onde o agente do trauma, o sedutor, é reiteradamente reconhecido pelas análises como sendo o *Pater*, e é este que, enquanto perverso, quem introduz a perversão na vida infantil: “*A histeria se insinua cada vez mais como conseqüência de uma perversão por parte do sedutor, e cada vez mais que a hereditariedade é a sedução pelo pai.*” (FREUD, 1988, p.279). Do contexto dessa nova hipótese sobre a sedução paterna decorre a afirmação de

longo alcance na obra freudiana de que, nas neuroses, não é a sexualidade que é desautorizada pela repressão, e sim, a perversão. (FREUD, 1988, p.279).

O mais interessante é que Freud, na seqüência, começa a considerar que os ataques histéricos, assim como alguns sintomas, muito mais do que uma simples descarga, tem o estatuto de uma *ação*, ou seja, visam reproduzir um prazer obtido durante as cenas primárias. Essa reprodução implica nela mesma, a referência a um *outro* que na cena ocuparia o lugar do sedutor: *“tudo isto tem como alvo um outro, no mais das vezes um outro pré-histórico inesquecível, que nunca é igualado por nenhum posterior.”* (FREUD, 1988, p.280). Existem aí dois movimentos que cumprem um mesmo processo e que tem como modelo a vivência de satisfação e suas conseqüências psíquicas, porém, nessa última, o paradigma foi à fome; aqui, temos o mesmo modelo aplicado à libido. (Cf. AMACHER, 1965, p.83). A cena de sedução se constitui enquanto uma vivência cujas impressões estão associadas à descarga sexual. Essas impressões se organizam em traços mnêmicos que, diante dos estados de desejo, são reanimados e reproduzidos pelos sintomas no sentido de repetir a satisfação desejada.

Com este movimento começa a se tornar insustentável afirmação sobre ausência da sexualidade na vida infantil, que é um postulado central para a teoria da sedução. A progressiva desmontagem desses pressupostos tem como contrapartida a possibilidade da articulação entre repressão e prazer, que até então eram teoricamente incompatíveis devido as suas origens distintas. Esses processos começam, lentamente, a convergir para uma única vivência, a vivência sexual infantil.

Portanto, as características que se podem atribuir ao inconsciente concebido, a partir de então, como um sistema psíquico distinto, são: inscrições de traços mnêmicos insusceptíveis de consciência, ou seja, não disponíveis sob a forma de representações verbais, formados por impressões sexuais infantis de natureza perversa decorrentes de uma cena de sedução. Essas inscrições tomam parte no desenvolvimento de uma atividade psíquica retirada

do poder das funções conscientes e que tende a se reproduzir na vida psíquica sob a forma de sintomas.

Contudo, é importante lembrar que, essa crescente especificação do inconsciente psíquico enquanto sistema, e do caráter universal atribuído às cenas de sedução, acentua a incompatibilidade entre esses avanços clínico-teóricos e a concepção de realidade com que Freud maneja desde o “Projeto...” (1895), fundada no *domínio subjetivo* dos eventos mentais. Tal incompatibilidade faz com que a reprodução dessas cenas, sob a forma de recordações, assim como o próprio inconsciente psíquico, permaneça sem um estatuto de realidade definido.

CAPÍTULO 3

Questões acerca da autenticidade e da realidade das cenas

3.1 A resenha crítica de Adolf von Strümpell

A falta de um estatuto de realidade próprio ao inconsciente é um problema que também foi identificado por outros autores, e se tornou público desde as críticas advindas do círculo médico alemão ao texto “Estudos sobre histeria” (1895). Dentre essas, a mais importante, e a que teve mais impacto sobre Freud, foi uma resenha escrita pelo neurologista Adolf von Strümpell, publicada em 1896 no *Deutsche Zeitschrift für Nervenheilkunde*.

Segundo STRÜMPPELL, a investigação minuciosa da intimidade sexual assim como os resultados expostos pelos autores (Breuer e Freud), são profundamente questionáveis:

Não consigo eliminar minhas dúvidas em termos de saber se o que é extraído dos pacientes hipnotizados por meio de perguntas sempre corresponde exatamente à realidade. Temo que, nessas circunstâncias, alguns histéricos dêem asas à fantasia livremente e inventem histórias. Por conseguinte, é muito fácil para o médico descobrir-se numa posição extremamente escorregadia. Em resumo [...] não posso recomendar incondicionalmente a adoção do método. (apud, MASSON, 1986, p.172).

Segundo DECKER, essa crítica foi um suporte significativo para a recepção da psicanálise na Alemanha,

[...] pois foi à primeira resenha extensa e séria do trabalho de Freud a ser feita por uma figura médica respeitada. As observações dele foram frequentemente citadas por outros médicos e seus argumentos vieram repetidamente à baila. (apud MASSON, 1986, p.162).

Apesar do desagrado de Freud, que recebeu essa resenha como uma crítica infame a seu trabalho, de acordo com SULLOWAY, os problemas levantados acerca da realidade daquilo que é extraído dos pacientes neuróticos através do método catártico, “*difícilmente seriam questões descabidas numa resenha esclarecida de Estudos sobre a Histeria.*” (apud, MASSON, 1986, p.172). Desde então, essas questões acerca da autenticidade e da realidade das cenas passaram a permear todo o movimento clínico-teórico realizado por Freud durante o ano de 1896. Todos os três trabalhos publicados durante esse ano acolhem e tentam responder a tais críticas reunindo as evidências e os argumentos a favor da realidade do material em questão. As evidências fornecidas pelos textos “A hereditariedade e a etiologia das neuroses” e “Novos comentários sobre as neuropsicoses de defesa” se encontram reagrupadas e examinadas com maior profundidade em “A etiologia da histeria”. Nesse último, o problema é examinado em suas duas vertentes, a do método e a da autenticidade. Quanto ao método, a

questão é: não ocorrerá que o médico imponha tais cenas aos pacientes? Por outro lado, como se certificar de que aquilo que os pacientes relatam ao médico não seja pura imaginação, invenções deliberadas, como ficar convencido da realidade dessas confissões analíticas?

3.2 As evidências em três domínios: clínico, lógico e terapêutico

Quanto às dúvidas acerca da autenticidade das cenas sexuais infantis, os argumentos se organizam em três domínios: *clínico, lógico e terapêutico*. Em todos os níveis é possível verificar que o fundamento último de tais eventos repousa sempre em sua teoria sobre a estratificação psíquica e na hipótese clínica da sedução traumática.

O primeiro argumento decorre da observação clínica acerca do comportamento dos pacientes durante as reproduções induzidas pela análise: *“o comportamento dos enfermos enquanto reproduzem essas vivências infantis é sob todos os aspectos incompatível com a suposição de que as cenas não sejam uma realidade sentida com desgosto e reproduzida com a maior relutância.”* (FREUD, 1989g, p.203, grifo nosso) E acrescenta que, antes da análise, os pacientes nada sabem sobre tais cenas, e quando estão despertando os traços mnêmicos dessas vivências infantis, sofrem das mais violentas sensações das quais se envergonham e as quais procuram esconder. Tentam negar-lhes a crença e afirmam nunca terem vivido a sensação de tê-las como recordações. (FREUD, 1989g, p.203). Ainda no domínio clínico, existem outras observações que garantiriam a realidade de tais cenas, como a uniformidade de certos detalhes, por exemplo.

Contudo, Freud afirma que a prova mais forte advém das relações lógicas que se verifica através dos traços indeléveis deixados pelas cenas infantis e suas relações com o conjunto de toda história clínica.

É exatamente como montar as peças de um quebra cabeças infantil: depois de muitas tentativas ficamos no fim absolutamente certos de que cada peça corresponde a cada um dos espaços que permanecem livres – por que somente tal peça completa a imagem, ao passo que seu contorno irregular se ajusta perfeitamente com o contorno das outras [...], do mesmo modo as cenas infantis provam ser por seu conteúdo como complementos irrecusáveis à estrutura associativa e lógica das neuroses, e somente sua inserção torna o processo inteligível – na maioria das vezes poderia dizer – torna-o evidente por si mesmo. (FREUD, 1989g, p.204).

Ainda que a história clínica representada pelos sintomas não possa ser explicada de outra maneira, existem evidências terapêuticas quanto à autenticidade do material infantil, pois a análise dos casos demonstra que não se obtém nenhum avanço até que o trabalho alcance seu término natural com a descoberta dos traumas mais antigos. (FREUD, 1989g, p.205). O efeito terapêutico falha caso não se tenha penetrado tão fundo, e então, não resta qualquer escolha além de rejeitar ou aceitar o conjunto. (FREUD, 1989a, p.153).

3.3 A correlação com a estratificação psicológica e as primeiras dúvidas quanto à hipótese da sedução

Dentre os argumentos existem duas observações de Freud que consideramos importante destacar devido à estreita articulação que elas apresentam entre as cenas sexuais infantis e a nova hipótese sobre a constituição da memória psíquica: a primeira delas diz respeito ao fato de que, os pacientes, quando induzidos pelo método analítico a reproduzirem

a cena traumática, afirmam, com freqüência, *nunca terem experimentado quaisquer recordações desses acontecimentos*, mesmo quando durante essas reproduções são tomados por sensações e afetos difíceis de negar. A segunda é uma observação correlacionada que provém da análise dos sintomas. Freud observa que muitos sintomas retroagem a uma modalidade infantil de sexualidade – *antiga nobreza*⁵⁵ – e que essas estruturas se fazem acompanhar de numerosas sensações e parestesias dos órgãos sexuais e de outras partes do corpo “*que simplesmente correspondem ao conteúdo sensorial das cenas infantis, reproduzidas alucinatoriamente e, com freqüência, intensificadas dolorosamente.*” (FREUD, 1989g, p.212).

As duas observações estão em perfeito ajuste com o novo esquema sobre o aparelho psíquico e permitem articular a hipótese de uma relação direta entre esse grupo de sensações e a estratificação psicológica. (FREUD, 1988, p.282). Os traços mnêmicos que constituem os primeiros estratos do aparelho exibem a particularidade de não estarem disponíveis sob a forma de representações verbais. A natureza intraduzível das recordações que daí provém somente pode manifestar seus efeitos sob a forma primária das alucinações sensoriais, uma das poucas formas pela qual o aparelho pode vir a dispor das recordações desse período; outra opção seriam os sonhos, como veremos adiante.

Nessa crescente tentativa de formular uma justificativa teórica adequada quanto à questão da realidade de suas descobertas, no texto “Novos comentários sobre as neuropsicoses

⁵⁵ A expressão “antiga nobreza” faz referência às sensações erógenas obtidas de diferentes partes do corpo (posteriormente abandonadas pelo desenvolvimento) como a cavidade oral, o reto, o aparelho urinário e seus produtos que, a exemplo das perversões, ainda não se diferenciaram de outras funções vitais. Nos sintomas, após a repressão, a reprodução de tais sensações assume diferentes formas como: a vontade dolorosa de urinar, sensação de defecar, distúrbios intestinais, vômito, repugnância à comida, asfixia, todos derivados das vivências infantis. (Cf. FREUD, 1989g, p.212). Freud, em carta a Fliess de 11 de janeiro de 1987, se refere a esse grupo de sensações erógenas como algo muito próximo ao lugar ocupado pelos sentidos na vida sexual dos animais: “Com relação a isto, convém recordar que o sentido principal nos animais (também para a sexualidade) é o olfato, que é deposto no ser humano. Enquanto governa o olfato (ou o gosto), o cabelo, as fezes e toda a superfície do corpo, e até o sangue, produzem um efeito sexualmente excitante. O aumento do sentido do olfato na histeria sem dúvida está em conexão com isso.” (FREUD, 1988, p.282).

de defesa” (1896), Freud, pela primeira vez, expõe suas dúvidas, e considera a possibilidade de que as cenas que se atribui à causa das neuroses possam ser *ficções*. Muito embora, não abra mão, em momento algum, da autenticidade do material, como pudemos verificar. Ao referir-se ao propósito do método de tornar consciente o que até então estivera inconsciente, diz: “*Eu próprio me inclino a pensar que as tão freqüentes ficções de atentados {Dichtung...} a que se entregam as histéricas são inventos compulsivos que emergem do traço mnêmico do trauma infantil.*” (FREUD, 1989f, p.165). Em carta de 8 de fevereiro de 1987, a respeito do lugar atribuído a sedução paterna na etiologia traumática acrescenta: “*a freqüência dessa situação, muitas vezes, causa-me estranheza.*” (MASSON, 1986, p.232). Como é possível notar, a teoria mnêmica e a etiologia sexual se mantêm inabaláveis, o que começa a ser posto em questão é o lugar ocupado pelas fantasias na formação dos sintomas.

CAPÍTULO 4

A introdução da fantasia e a tópica inconsciente

4.1 Estruturas protetoras *versus* derivados das pulsões

A noção de fantasia aparece pela primeira vez na correspondência a Fliess de 6 de abril de 1897:

O aspecto que me escapou na resolução da histeria consiste na descoberta de uma nova fonte, da qual deriva um elemento novo da produção inconsciente. Refiro-me as fantasias histéricas, que, segundo vejo, em geral remontam a

coisas ouvidas pelas crianças na mais tenra idade e só posteriormente compreendidas. (FREUD, 1988, p.285).

A nova fonte a qual Freud se refere concerne a sua recente descoberta a respeito da *memória auditiva* de seus pacientes relacionada às suas vivências sexuais e, principalmente, em relação à cena primária de sedução. (MASSON, 1986, p.227). Nessa introdução, a primeira coisa a destacar é o fato de que a fantasia, já de início, é situada como uma *produção inconsciente*. Ao que tudo indica, Freud está sugerindo a *eficácia* das fantasias em dois tempos: o tempo da impressão auditiva infantil, que não comporta nenhum elemento cognitivo, e o tempo posterior da compreensão verbal. Mas com isso não se compreende por que são chamadas fantasias e não simplesmente recordações.

Em 2 de maio a formulação avança mais um passo e, em relação à estrutura da histeria, diz:

[...] adquirir uma noção segura da estrutura da histeria. Tudo desemboca na reprodução de cenas. Uma se obtêm de maneira direta outras sempre através de fantasias interpostas. As fantasias provêm do ouvido, porém entendido posteriormente, e desde logo são genuínas em todo seu material. (FREUD, 1988, p.288).

Nessas reproduções, as fantasias são definidas como *estruturas protetoras*, embelezamento dos fatos, que servem também para o alívio pessoal: “*são fachadas psíquicas edificadas para bloquear o acesso às recordações. Ao mesmo tempo servem para refinar as recordações, sublima-las.*” (FREUD, 1988, p.289). Na sua origem inconsciente, combinam aquilo que foi vivenciado pelo sujeito com aquilo que foi ouvido a respeito da história dos pais e dos antepassados. Essa raiz nas impressões do vivido sustenta sua autenticidade. Na mesma carta, Freud faz outro discernimento muito importante que acaba por redefinir o próprio objeto da repressão. Reintroduz um elemento chave para a teoria do aparelho: *o impulso*.

[...] as estruturas psíquicas que na histeria são afetadas pela repressão não são na verdade as recordações, pois nenhum humano se entrega sem motivo a atividade mnêmica, mas sim os impulsos que derivam das cenas primordiais. Percebo agora que as três neuroses – histeria, neurose obsessiva e paranóia – mostram os mesmos elementos (junto com a idêntica etiologia), a saber: fragmentos mnêmicos, impulsos (derivados da recordação) e ficções protetoras. (FREUD, 1988, p.288).

O impulso que desde o “Projeto...” (1895) é concebido como um derivado das pulsões, dada à relação direta existente entre o núcleo do aparelho e o interior do corpo, aqui, mais uma vez, é reconhecido como *motivo e causa* de toda atividade mnêmica. Portanto, essa nova derivação do impulso a partir das *cenas primárias*, somente se justifica caso essas últimas sejam tomadas não apenas no sentido subjetivo do termo, mas em sua acepção psíquica representacional: enquanto representações sexuais constituídas a partir de uma vivência de satisfação, que num segundo momento são convertidas em fontes endógenas de excitação psíquica. Por outro lado, às fantasias, concebidas como estruturas protetoras que emergem durante os períodos de excitação, são formadas por meio de combinações inconscientes que visam tornar inacessíveis as representações primárias, numa tentativa de neutralizar o desenvolvimento dos impulsos. Segundo essa tendência, sua formação implica num processo de *distorção e decomposição* que resulta na falsificação das lembranças.

No manuscrito M (1897), essa distorção é descrita como uma fragmentação que rompe as relações cronológicas, em que uma cena visual combina-se a um fragmento de uma outra cena auditiva e assim por diante, tornando a conexão original impossível de rastrear.⁵⁶ (FREUD, 1988, p.293). Com isso, através da formação de fantasias, as cenas primárias genuínas, assim como os impulsos que assomam através delas, cessam de se impor, porém em seu lugar encontram-se agora substituídas e representadas por essas *ficções inconscientes*.

⁵⁶ Também é preciso destacar que, a distorção temporal utilizada pelas fantasias se constitui como um importante diferenciador das atividades entre os sistemas. A temporalidade no sentido do ordenamento cronológico dos eventos mentais, a partir de então, será uma função pré-consciente completamente desprezada pela atividade dos processos no inconsciente. (FREUD, 1988, p.294).

Portanto, conclui Freud, não basta considerar a repressão entre o inconsciente e o pré-consciente, é preciso considerar que a própria formação da fantasia (ao menos até o momento), é definida como uma formação de defesa que ocorre dentro do próprio sistema inconsciente. (FREUD, 1988, p.294). No entanto, caso a excitação relacionada às fantasias tome proporções que forcem sua passagem ao pré-consciente, e assim à palavra e a ação, elas próprias, após certa permanência, são repudiadas e acabam por sucumbir a um novo processo de repressão, gerando sintomas. Freud ainda observa que a irrupção da angústia também está relacionada à presença dessas fantasias reprimidas, ao que segue a seguinte questão: “*seria possível que os impulsos também derivassem das fantasias?*” (FREUD, 1988, p.297). Com isso, podemos verificar como, gradativamente, as fantasias começam a ocupar o lugar e as características anteriormente atribuídas às recordações na formação dos sintomas.

4.2 A natureza dos impulsos e as novas formações de compromisso

No manuscrito N (1897), a natureza dos impulsos que são objetos de repressão assume formas psíquicas que irão reordenar todo o campo analítico: dão lugar a desejos hostis e desejos sexuais. Quanto aos primeiros, Freud afirma: “*os impulsos hostis contra os pais (desejo de que morram) são, de igual modo, um elemento integrante das neuroses.*” (FREUD, 1988, p.296). Mais adiante complementa: “*recordar nunca é um motivo, mas apenas um meio, um modo. O motivo primeiro da formação do sintoma é, na ordem do tempo, a libido.*” (FREUD, 1988, p.298). Disso deriva a importante conclusão: “*os sintomas, tal como os sonhos, são a realização de um desejo.*” Ou seja, ambas as estruturas, sonhos e sintomas,

finalmente convergem como decorrências de uma mesma *vivência de satisfação*, a vivência sexual.

O que justifica que a libido sob a forma de um anseio sexual seja vivida como um perigo a ser evitado pela repressão é o fato de que, esses desejos, formados a partir das cenas primárias infantis, são desejos de natureza perversa e incestuosa ou desejos de morte contra pessoas queridas. Nesse sentido, o desejo, para que possa de alguma forma realizar-se, necessita atender aos requisitos da censura inconsciente dando origem a um *conflito psíquico* e a formação de sintomas que consistem num compromisso entre os *dois desejos* em questão.

Isto acontece se o sintoma pode funcionar como castigo (a causa de um impulso hostil ou por falta de confiança em impedir o desejo sexual). Assim se somam então os motivos da libido e o cumprimento de desejo como castigo. (FREUD, 1988, p.298).

É o que ocorre nos casos em que os pacientes desejam adoecer e se agarram ao sofrimento como uma proteção contra a ameaça advinda de sua própria libido, ou ainda, nos casos do desejo de morte, em que se apegam às doenças como meio de autopunição por terem alimentado tais anseios inconscientes.

Num segundo momento, Freud remete essas descobertas clínicas à hipótese estrutural sobre a composição dos estratos psíquicos com a qual estão correlacionadas. Na correspondência de 7 de julho de 1897 descreve a hierarquia dos processos desde as cenas primárias até a formação dos sintomas. Para maior clareza da descrição iremos correlacioná-la com seu esquema tópico.

	I		II		III		
W	Wz		Ub		Vb		Bews
x	x	x	x	x	x	x	x
	x	x	x	x	x		x

A idéia é a seguinte: para que as cenas primárias em Wz (signos de percepção), anteriores a aquisição da linguagem, sejam reorganizadas e dêem origem a um novo estrato psíquico, Ub (inconsciente), é necessário que sejam transcritas. Devido a forte resistência imposta pela própria forma bruta e sensorial na qual o material mnêmico Wz se encontra disposto, assim como por sua natureza sexual, essa transcrição produz um *excesso de excitação* que se converte em angústia, o que resulta num processo de defesa na própria constituição do inconsciente Ub. O processo de defesa se dá através da formação de fantasias que reproduzem de forma distorcida e sublimada as recordações Wz: “*vejo que a defesa contra as recordações não impede que essas dêem origem a produtos psíquicos superiores.*” (FREUD, 1988, p.299). Os produtos aos quais Freud se refere nada mais são do que as próprias *fantasias*. O importante é notar que a formação dessas ficções passa a ter implicações na própria constituição dos processos no inconsciente.

Conheço mais ou menos as regras segundo as quais estes produtos se compõem, e os fundamentos para que sejam mais intensos que as recordações genuínas, e assim, tenho aprendido algo novo sobre a característica dos processos no interior do Icc. Junto a este se geram impulsos perversos, e a raiz da repressão dessas fantasias e impulsos, que logo se faz necessária, surgem como resultado os determinismos mais elevados dos sintomas que se seguem das recordações, e novos motivos para aferrar-se a enfermidade. Tomo notícia de alguns casos típicos de composição dessas fantasias e impulsos, e de algumas condições típicas para o advento da repressão contra os mesmos. (FREUD, 1988, p.300).

CAPÍTULO 5

Não acredito mais em minha neurótica

Essa relativa segurança expressa em relação à composição das fantasias e seu lugar na estrutura psíquica, Freud já havia demonstrado quando, no contexto da descoberta clínica da participação do desejo na formação dos sintomas, comparou a formação das fantasias com o que se dá na formação dos sonhos.

É possível acompanhar a trajetória, a época e o material da formação das fantasias, que por outra parte é em todo semelhante à formação dos sonhos, salvo que não é uma regressão e sim uma progressão dentro da figuração. Relação entre sonho, fantasia e reprodução. (FREUD, 1988, p.291).

Muito embora Freud no momento não desenvolva de forma sistematizada essas observações, o avanço clínico acerca da participação das fantasias e do desejo na estrutura das neuroses abalou um dos pilares de sua teoria etiológica, provocando um desequilíbrio interno duradouro na obra freudiana. Importante lembrar que esse abalo foi precedido pela observação do prazer e da auto-recriminação nas neuroses de obsessão.

Tendo acompanhado passo a passo essa trajetória, não nos parece nada espantoso, nem mesmo ao próprio Freud, as declarações que faz a Fliess na famosa carta 69 de 21 de setembro de 1897:

Aqui estou eu de novo, desde ontem de manhã, reanimado, bem-disposto, empobrecido e sem trabalho no momento [...]. E agora quero confiar-lhe o grande segredo que pouco a pouco foi despontando em mim nessas últimas semanas. Não acredito mais em minha *neurótica*. [teoria das neuroses] (FREUD, 1988, p.301).

A descrença, sem dúvida, foi lentamente revelada pela inegável evidência da presença efetiva da sexualidade na vida psíquica infantil. (Cf. IZENBERG, 1999). O colapso eminente

se deve ao fato de que, toda teoria traumática, baseada na hipótese da realidade da cena de sedução, foi edificada sob o pressuposto da inexistência do elemento sexual na infância. Essa concepção sobre a sexualidade a qual Freud adere inicialmente, é uma concepção ortodoxa *“pacientemente montada pela biologia e pela psiquiatria do século passado [...] Desde Buffon e Bichat, passando por Pinel, Esquirol, Morel até Krafft-Ebbing e H. Ellis.”* (MONZANI, 1989, p.29). A partir dessa tradição, o problema que se impõe a Freud é, precisamente:

como provar a existência da sexualidade infantil se não dispomos de outro critério da natureza sexual de um processo se não o relativo à reprodução? (BOURGUIGNON, 1991b, p.98).

No entanto, é sobre esse pressuposto que se assenta toda eficácia da teoria do trauma. Nessa concepção, as impressões infantis somente manifestam seu efeito quando recordadas após a puberdade (até então considerada como o início da vida sexual para o sujeito), quando recebem um excedente de excitação sexual que resulta num traumatismo psíquico e na formação de sintomas. Pudemos acompanhar as alterações internas por que passou esse esquema explicativo, ao longo dos anos de 1896 e 1897, para dar conta dos novos problemas surgidos nesse trajeto.

5.1 No inconsciente não existe um signo de realidade

Neste progressivo *deslocamento da eficácia* das reminiscências traumáticas para as fantasias na causação das neuroses, Freud, ainda nessa carta, relaciona os motivos que o levaram a sua descrença. É importante observar que os diferentes motivos estão internamente

correlacionados com um mesmo problema: a refutação da hipótese da sedução e da inexistência do desejo sexual na vida psíquica infantil.

1. O primeiro grupo é formado por motivos clínicos: o fracasso em conduzir as análises a uma conclusão real, a debandada de pacientes, a falta de sucessos absolutos, e a possibilidade de explicar por outras formas os sucessos parciais.
2. O segundo grupo diz da questionável probabilidade da revelação de que, na totalidade dos casos, o pai deveria ser acusado de pervertido.
3. Em terceiro lugar, uma conclusão metapsicológica: o conhecimento seguro da ausência de signos de realidade no inconsciente, o que torna impossível a distinção entre verdade e ficção.
4. Quarto, a consideração de que as lembranças inconscientes que guardam os segredos da vivência infantil não se revelam nem mesmo na mais profunda psicose.

O terceiro e quarto motivo trazem duas conclusões que visam às funções e à própria estrutura do aparelho psíquico na sua relação com a realidade e com a teoria da formação dos sintomas. Vejamos a primeira delas:

[...] no inconsciente não existe um signo de realidade, de modo que não se pode distinguir entre a verdade e a ficção que foram investidas pelo afeto. (Segundo isto, restaria a seguinte solução: a fantasia sexual se prende invariavelmente ao tema dos pais.) (FREUD, 1988, p.302).

De acordo com as teses elaboradas no “Projeto...” (1895), a emissão dos signos de realidade é um critério fornecido ao juízo para que o aparelho possa, durante os estados de desejo, distinguir se está diante de uma recordação ou quando se trata de uma percepção. No entanto, esse critério somente funciona com a condição de que seja precedido por uma inibição dos processos primários alucinatorios por parte do eu, que tem como efeito o redirecionamento da atenção psíquica para os signos qualitativos emitidos para as percepções.

Neste novo contexto, em que o aparelho está disposto em sistemas, é bastante pertinente a afirmação de não há signos de realidade no inconsciente. Isto se deve ao fato de que, no interior dessa organização, os processos decorrem de forma desinibida, pois estão topicamente isolados das funções exercidas pelo eu: *“Crer (duvidar) é um fenômeno que pertence por inteiro ao sistema do eu (Cc) e não tem contrapartida alguma no Icc.”* (FREUD, 1988, p.297).

Portanto, uma vez que as produções do inconsciente sejam investidas pelo afeto, despertando signos de qualidade, sem serem, no entanto, inibidas pela tradução verbal que ocorre entre os sistemas, o juízo não tem meios de discernir, nessas reproduções, o que são recordações verdadeiras e o que são ficções; que é o que define a própria formação das fantasias. Nesse sentido, como foi observado no *“Projeto...”* (1895), *a recordação inconsciente se impõe ao campo da percepção e, através de ligações falsas com elementos intermediários entre os dois domínios, se atualiza como uma realidade perceptual para o sujeito.*⁵⁷ A consequência disso é que: as recordações verdadeiras nunca podem ser alcançadas de maneira direta, no limite, o que se tem são sempre formações mistas, reproduções mnêmicas distorcidas por um processo de decomposição e combinação inconsciente, o que lhes permite a passagem livre e desinibida entre os sistemas.

A segunda conclusão a que Freud chega ao revelar o quarto motivo de sua descrença está intimamente relacionada a essa primeira: *“as verdadeiras lembranças, essas que guardam o segredo das vivências infantis, não nos são reveladas nem mesmo na psicose mais profunda.”* (FREUD, 1988, p.302). Esse material mnêmico, isolado como o segredo das vivências infantis, passa a ocupar, no esquema psicológico de Freud, o lugar de um primeiro estrato psíquico, inacessível, permanente e eficaz, que é preciso inferir na origem dos processos. A afirmação de que para tais traços não há signos de realidade, indica que esse

⁵⁷ (Cf. Parte II, seção 6.4).

material ainda está sendo tratado por instrumentos teóricos advindos de outro domínio, o da realidade subjetiva, configurada pela ação conjunta da percepção, do juízo e da memória consciente. Ao que tudo indica, com essas constatações está-se abrindo lentamente um campo distinto de pesquisa: um *domínio do real*, psíquico, porém extrínseco ao campo subjetivo, que para ser circunscrito exige a criação de outros instrumentos técnicos e teóricos, como a associação livre e representação tópica, por exemplo.

Da incerteza quanto aos fundamentos da “neurótica” decorre uma série de problemas que já haviam sido superados pela teoria da sedução como, por exemplo, o importante lugar ocupado pelos fatores adquiridos na formação das neuroses, assim como na própria constituição do aparelho. Com a introdução das fantasias, a realidade e a preponderância destes fatores adquiridos foram minimizados ao máximo. (MONZANI, 1989, p.43). O que trouxe um grave inconveniente, colocando em risco a totalidade do empreendimento analítico, pois, como o próprio autor reconhece:

Com tudo isso eu estava predisposto a uma dupla renúncia: a solução completa de uma neurose e do conhecimento seguro de sua etiologia na infância. [...] Assim o fator da predisposição hereditária recupera uma jurisdição da qual eu me incumbira de desalojá-la. (FREUD, 1988, p.302).

Entretanto, Freud também dá indícios do caminho que tomará na resolução dessas questões. Numa referência clara ao “Projeto...” (1895) e a seu redimensionamento no livro sobre os sonhos, conclui que, apesar do abalo, o essencial do trabalho está a salvo.⁵⁸

Neste colapso de tudo o que é valioso, apenas o psicológico permaneceu inalterado. O livro sobre o sonho continua inteiramente seguro e meus

⁵⁸ Ainda é preciso notar, como observou IZENBERG (1999, p.37), que a análise das cartas desse período, entre 1897 e 1899, torna patente às contínuas dúvidas de Freud a respeito do colapso de sua teoria, e que, em algumas passagens tem-se a impressão de que a existência das fantasias não chegou a abalar completamente a crença de Freud na realidade da sedução, “ele continuou explorar as fantasias enquanto simultaneamente tentava encontrar evidências para confirmar o abuso por parte do pai.”

primórdios do trabalho metapsicológico só fizeram crescer no meu apreço.
(MASSON, 1986, p.267).

Tendo que, a partir dessa base, dar conta das seguintes questões:

- a) Sem poder contar com o solo firme da realidade do atentado sexual, qual o referente, o ponto de apoio real, para onde remeter a origem dos sintomas?
- b) Como conceber estes processos internos ao aparelho que transcorrem entre o desejo, a memória e a realidade nas formações de compromisso?

CAPÍTULO 6

O elemento universal e a derivação do infantil

6.1 Édipo Rei: uma compulsão

Freud, por meio da interpretação de seus próprios sonhos – que considera como algo *indispensável* na resolução desses problemas – encontra as evidências de uma intensa atividade mental relacionada ao sexo em sua própria infância. Em carta de 3 de outubro de 1897 revela: *”(entre dois e dois anos e meio) minha libido foi despertada para a matrem⁵⁹, e isto por ocasião de uma viagem com ela de Leipzig a Viena (...) dormimos juntos e devo ter tido a oportunidade de vê-la nuda.”* (FREUD, 1988, p.303). Em 15 de outubro (carta 71),

⁵⁹ De acordo com AMACHER (1965, p.83), o termo libido parece estar sendo usado aqui como a contraparte sexual extraída do modelo da fome.

duas semanas depois, afirma que nesse intervalo lhe ocorreu uma idéia, confirmada por sua auto-análise, que julga possuir um *valor universal*:

Descobri, também em mim, o apaixonamento pela mãe e o ciúmes do pai, que agora considero como um evento universal do início da infância [...]. Se isto é assim, podemos entender o poder de atração do Édipo Rei [...], a saga grega captura uma compulsão que cada um reconhece por que registrou sua existência dentro de si mesmo. Cada um dos ouvintes foi uma vez em germe na fantasia um Édipo, assim, diante da realização do sonho trazida aqui para a realidade, recua espantado com toda força da repressão que separa seu estado infantil do estado atual. (FREUD, 1988, p.307).

Como observou SANTI (1995, p.47), a teoria da sedução dependia de fatores adquiridos, porém, acidentais; se Freud fundamentar o desejo infantil em componentes universais, a teoria poderá pretender estender-se ao humano como um todo. A referência à saga de Édipo Rei, assim como a Hamlet, nos parece também servir a esse propósito. O elemento universal que aqui está sendo *posto à prova*, é algo da ordem de uma *compulsão*, um acontecimento universal da primeira infância. De acordo com a metapsicologia, uma compulsão pode ser descrita da seguinte forma: durante os intensos estados de anseio o aparelho tende a repetir, por intermédio da formação de uma fantasia, um prazer desinibido relacionado à memória de uma vivência de satisfação. Essa reprodução, como já foi afirmado⁶⁰, implica, em sua própria estrutura, na referência a um outro, pré-histórico, inesquecível, que nunca é igualado por nenhum outro posterior, que nesse caso é nomeadamente a mãe, o primeiro objeto do amor infantil. Importante observar também o deslocamento em relação à fantasia, que de uma estrutura de defesa passa a assumir também a veiculação de um desejo. Esse, por sua vez, quando transplantado para a realidade da cena consciente, causa horror e repúdio, expressão da força repressora que *separa*, no aparelho, seu *estado desinibido infantil* de seu *estado inibido atual*.

⁶⁰ (Cf. Parte III, seção 2.2).

6.2 O caráter infantil e *a coisa* por detrás da repressão

Em 27 de outubro de 1897, Freud afirma que a existência e a eficácia deste *estado infantil* no aparelho mantido sob repressão no sujeito adulto, pode ser observada no decurso dos tratamentos através do fenômeno da *resistência*, cuja ação acaba por paralisar todo trabalho analítico. Essa resistência diz Freud:

[...] não é outra coisa que o antigo caráter da criança, o caráter degenerativo que se desenvolveu ou se desenvolveria como resultado daquelas vivências que costumamos encontrar como conscientes nos casos chamados degenerativos, caráter que aqui, porém, tem sobre si um estrato superposto por obra do desenvolvimento-repressão. Mediante o trabalho eu o exumo, ele se revolve; o homem que no começo era tão nobre e leal torna-se vulgar, mentiroso ou obstinado, um simulador, até que eu lhe digo isso e assim se torna possível superar esse caráter. (FREUD, 1988, p.308).

Em seguida, faz a importante observação de que estes *traços de caráter* degenerativo se desenvolvem na criança como conseqüência de um intenso estado de anseio gerado por ter sido afastada das vivências sexuais, e que sua formação também está relacionada à masturbação e à formação das fantasias: “*Durante este mesmo período de anseio são formadas as fantasias e a masturbação é praticada (regularmente?), o que logo cede à repressão.*” (FREUD, 1988, p.309). Com isso, afirma Freud, o caráter infantil sob a forma de resistência tornou-se algo real e palpável, porém, acredita que para além dessa descoberta é necessário ainda alcançar “a coisa” mesma [*sache*] que se oculta por trás da repressão.

A coisa, objeto da repressão, foi anteriormente redefinida como sendo algo da ordem dos derivados da pulsão, mais precisamente, como *impulsos perversos* desprendidos das cenas primárias de satisfação. Neste momento, a questão é retomada, no entanto, aqui há uma

grande síntese ⁶¹ em que a sexualidade é reconhecida na primeira infância a partir de características próprias. Assim, em 14 de novembro de 1897, Freud começa observando que, segundo sua conjectura, na repressão cooperaria algo de orgânico que estaria originariamente relacionado à alteração do desempenho das sensações do olfato decorrente da adoção do andar ereto:

[...] o nariz levantado do chão e com ele se tornam repugnantes – por um processo que, todavia desconheço – certas sensações próprias ligadas à terra que antes despertavam interesse. [...] Ora, as zonas que no ser humano normal e maduro não mais produzem uma descarga sexual tem que ser a região do ânus, assim como da boca e garganta. [...] Nos animais essas zonas sexuais seguem em vigência em ambos sentidos; quando isto persiste também nos seres humanos, o resultado é a perversão. Devemos pressupor que, na primeira infância, a liberação sexual todavia não está tão localizado como depois, de modo que as zonas que depois são abandonadas (talvez também toda a superfície do corpo) incitam algo análogo a posterior descarga sexual. (FREUD, 1988, p.310).

Assim, essa nova liberação, produzida pela ação adiada de traços mnêmicos inconscientes, quando relacionada às vivências ligadas ao genital, produziriam uma compulsão à masturbação e a libido. Na medida em que estejam relacionadas a vivências ligadas ao ânus, a boca e a cavidade oral resultariam em uma repulsa psíquica (asco), cujo resultado final Freud correlaciona com seu esquema da estratificação e da tradução entre sistemas:

[...] o conseqüente estado final é que uma quota de libido, não pode irromper, como em outros casos, até a ação ou a tradução em termos psíquicos, sendo obrigada a abrir passagem numa direção regressiva (como acontece nos sonhos). (FREUD, 1988, p.312).

⁶¹ Os principais momentos que compõe essa síntese são estes: carta 52 (6 de dezembro de 1896), com a noção de zonas erógenas abandonadas e sua relação com as perversões; “A etiologia da histeria” (31 de maio de 1896), com a observação de que os sintomas reproduzem de maneira dolorosa o conteúdo sensorial das cenas infantis; “Manuscrito N” de 2 de maio deste mesmo ano, em que os impulsos dão lugar aos desejos hostis e sexuais; e finalmente na carta de 11 de janeiro de 1897, onde relaciona o lugar dos sentidos na vida sexual dos animais com aqueles que são encontrados nos estratos psíquicos mais arcaicos dos sujeitos histéricos. (Cf. Parte III, seção 3.3).

Em “A sexualidade na etiologia das neuroses” (1898), reafirma o mesmo raciocínio traumático que agora passa a incluir a liberação sexual na infância. Essa última, quando recordada anos depois, produz um efeito intensificado, pois, durante o intervalo entre a *impressão* e sua *reprodução*, tanto o aparelho somático quanto o psíquico sofrem um importante desenvolvimento que resulta na intensificação dos impulsos; isto explica por que “*a ingerência dessas vivências sexuais infantis leva a uma reação psíquica anormal: geram formações psicopatológicas.*” (FREUD, 1989h, p.273). Portanto, a teoria das psiconeuroses, que começou a deslocar seu ponto de apoio do atentado sexual para realização de desejo, mantém dois de seus principais fatores: a natureza traumática e adiada do efeito, e o estado infantil do aparelho psíquico e sexual.

6.3 A fonte do inconsciente

Quanto a esse *estado infantil*, em 10 de março de 1898, Freud o traz para o primeiro plano ao reconhecer que, biologicamente, a vida onírica e, conseqüentemente, toda vida psíquica,

parece derivar inteiramente dos resíduos da fase pré-histórica da vida (entre 1 e 3 anos de idade), o mesmo período que é fonte do inconsciente e que contém, sozinho, a etiologia de todas as psiconeuroses. (FREUD, 1988, p.316).

Essa derivação que, partindo da cronologia, acaba por fornecer os resíduos necessários à elaboração de uma tópica⁶² (fonte do inconsciente), é para Freud a *contraparte metapsíquica da solução psicológica trazida pela teoria da realização de desejo.*

⁶² Neste momento, em relação a essa transição para a tópica inconsciente, Freud já conta com o apoio das idéias de Fechner, em carta de 9 de fevereiro de 1898, ao avaliar a literatura sobre os sonhos, diz:

Ainda sobre estes resíduos da pré-história infantil dos quais se deriva toda vida psíquica, é preciso considerar que, como fonte do inconsciente, essas representações se constituem num período da vida do sujeito em que é impossível sua tradução como consciência verbal. Portanto, devido a essa característica, permanecem como anacronismos topicamente isolados, não obstante, eficazes, pois sua natureza intraduzível (não inibida) é a própria medida de sua força, cujo ímpeto se faz valer enquanto *causa* da atividade psíquica e da formação de sintomas.

São essas considerações de base que permitem que Freud, na seqüência, proponha a seguinte *fórmula* (síntese das descobertas): aquilo que é *visto* neste período pré-histórico, resulta em sonhos; o que foi *ouvido*, em fantasias; e o *vivenciado sexualmente*, sintomas neuróticos. A repetição do que foi vivido na pré-história do aparelho é, em si, e por si mesma, a realização de um desejo; um desejo atual somente conduz a formação de um sonho quando pode ligar-se ao material mnêmico dessa pré-história infantil, ou seja, quando o desejo recente for um derivado do desejo infantil. (FREUD, 1988, p.316). É importante observar que nenhuma dessas reproduções: sonhos, fantasias e sintomas implicam necessariamente na tradução dos restos infantis à consciência verbal; essa última é secundária e artificial em relação à consciência alucinatória presente nessas formações. Portanto, aí, nessas formações de compromisso, que, em si mesmas já comportam a deformação das lembranças em prol da realização de desejo, o desejo é alucinado, porém os motivos permanecem verbalmente intraduzíveis; isto é o que configura a cena psíquica onde deve incidir a terapêutica psicanalítica.

Nas correspondências que seguem, Freud avança em mais alguns detalhes. Em 24 de março (1898) encontra indícios de que a própria cena de sedução possa ser uma *expressão*

“A única idéia sensata ocorreu ao velho Fechner em sua sublime simplicidade: o processo do sonho se desenrola num território psíquico diferente. Farei um relato sobre o primeiro mapa grosseiro desse território.” (MASSON, 1986, p.300).

invertida de um desses intensos desejos infantis. Tal evidência lhe foi fornecida através da observação de seu próprio filho, Martin. Freud nos relata que, recentemente, Martin produziu um poema cujo tema era: “a sedução de um ganso por uma raposa”. Segundo Freud, nesse poema, “*as palavras de persuasão [do Papai raposa para o ganso] foram: Eu o amo do fundo do coração. Venha, dê-me um beijo; você poderia ser meu favorito dentre todos os animais.*” (MASSON, 1986, p.306). Em 27 de abril, conclui que até então havia definido a etiologia de modo muito estreito, e a parcela que se pode atribuir à fantasia é muito maior do que se imaginara. Dois meses depois, em 20 de junho, afirma que todos os neuróticos criam aquilo que se pode chamar de *romance familiar*, composto de adultérios, filhos ilegítimos e coisas semelhantes, cujo material é fornecido pelas brigas entre os pais. De acordo com Freud, tais ficções atendem de um lado, à necessidade de auto-enaltecimento dos sujeitos, e de outro, servem como uma defesa, na medida em que o romance de uma filiação ilegítima os isenta em relação ao incesto. (MASSON, 1986, p.318).

CAPÍTULO 7

A teoria da memória segundo a formação das fantasias

7.1 O mecanismo psíquico do esquecimento

Com todos esses desdobramentos tornou-se inevitável para Freud uma revisão de sua teoria sobre a memória, peça fundamental de toda a metapsicologia. Em carta de 26 de agosto

(1898) a questão recebe uma primeira abordagem através da análise dos lapsos mnêmicos, particularmente o esquecimento de nomes. O fenômeno observado é o seguinte: durante uma conversação o sujeito quer lembrar de um nome específico e, apesar da intensa concentração da atenção, nada se obtém. No entanto, frequentemente no lugar do nome esquecido surge um outro, que apesar de ser incorreto, persiste em retornar.

Em dezembro de 1898 essas observações ganham uma justificativa mais sistematizada com a publicação do artigo “O mecanismo psíquico do esquecimento”. Freud propõe explicar *o processo* pelo qual tal esquecimento é produzido através da análise psíquica de suas formações substitutivas. No exemplo dado, o esquecimento do nome *Signorelli*⁶³ é seguido pela formação dos seguintes nomes substitutivos: *Botticelli* e *Boltraffio*. O motivo que tornou o nome *Signorelli* inacessível para a recordação, que o reprimiu, está relacionado à íntima associação desse nome com um outro curso de pensamentos anteriormente suprimidos cujo tema era o valor que se atribui à morte e a perda do gozo sexual. O nome *Signorelli*, por estar relacionado a estes pensamentos inconscientes capazes de produzirem o desprendimento de afeto (angústia), é então isolado do decurso associativo. Porém, afirma Freud: “*o tema sufocado quer estabelecer por todos os meios a conexão com o que não está sufocado, e para isso não se despreza o caminho da associação externa.*” (FREUD, 1989i, p.284). Ou seja, o material reprimido – morte e impotência sexual relacionados ao nome *Signorelli* – força a passagem para a consciência verbal impulsionando a produção de formações substitutivas – *Botticelli* e *Boltraffio* – cuja estrutura nada mais é do que um compromisso entre este desejo de expressão e a resistência oferecida por certa instância psíquica. Essas formações são produzidas através de um processo de decomposição e recombinação dos nomes, em que as

⁶³ Pintor italiano autor de afrescos cujos temas os quais Freud se refere são: O Fim do Mundo e Juízo Final.

associações são baseadas muito mais na *homofonia* entre as sílabas (semelhanças sonoras) do que no nexos de significado a elas relacionado (conceito) ⁶⁴.(FREUD, 1989i, p.284).

Segundo Freud, o interesse de se esclarecer o mecanismo de um acontecimento psíquico como esse, reside no fato de que daí pode-se extrair um *modelo* para os processos psicopatológicos. Na verdade, o essencial desse modelo se encontra estabelecido desde o “Projeto...” (1895), com a descrição dos processos primários de *deslocamento* e *substituição*. A novidade trazida pelo presente texto está em que, primeiro, os processos aí descritos estão implicitamente referidos a uma representação tópica do aparelho; segundo, que na descrição do mecanismo do esquecimento Freud confere maior atenção e importância ao lugar ocupado pela linguagem e pelas associações entre os elementos que compõe as representações verbais no processo que leva à formação dos sintomas. ⁶⁵

No que concerne às conseqüências das análises para a teoria da memória, é importante notar que, aquilo que foi anteriormente estabelecido sobre as distorções produzidas pela formação das fantasias, agora, através da descrição do mecanismo psíquico do esquecimento, está sendo *generalizado* para a função da memória como um todo.

Cabe asseverar com total universalidade: a facilidade – e definitivamente também a fidelidade – com que evocamos certa impressão na memória não depende somente da constituição psíquica do indivíduo, da intensidade da

⁶⁴ Cf. carta 79 de 22 de dezembro de 1897 (FREUD, 1988, p.314).

⁶⁵ A diferença para com o “Projeto...”, onde os processos são descritos em termos de subtração e transferência de excitação entre os neurônios, é que nesse momento Freud não consegue ajustar essa explicação às formações mais complexas. Nesse artigo, o que se desloca e se substitui são as partes que compõem os nomes, portanto um deslocamento semântico. (Cf. GABBI JR., 1991b, p.176) Em carta de 22 de setembro de 1898 diz: “não tenho a menor inclinação a deixar a psicologia suspensa no ar, sem uma base orgânica. No entanto, à parte essa convicção, não sei como prosseguir, nem teórica, nem terapêuticamente, de modo que preciso me comportar como se apenas o psicológico estivesse em exame.” (MASSON, 1986, p.327) Na passagem fica evidente o dualismo metodológico assumido por Freud, que apesar de optar por uma descrição psicológica não deixa de sustentar as seguintes teses que afirmar compartilhar com LIPPS: “a consciência é apenas um órgão sensorial; todo conteúdo psíquico é apenas uma representação; todos os processos psíquicos são inconscientes.” (MASSON, 1986, p.326).

impressão no momento em que era recente, do interesse que se lhe atribui, da constelação psíquica presente, do interesse que se tenha no momento de evocá-la, dos enlaces em cujo interior a impressão se estabeleceu, etc., mas que também depende da atitude favorável ou desfavorável de **um fator psíquico particular que se recusa a reproduzir qualquer coisa que possa liberar desprazer**. (FREUD, 1989i, p.287, grifo nosso).

Se, por um lado, as impressões infantis mais significativas estão impedidas de serem recordadas, (ao menos na forma convencional) em razão de sua natureza intraduzível, por outro, as impressões que estão disponíveis a tradução verbal, para que possam ser evocadas, precisam se ajustar à tendência geral contra o desprazer. Esse ajustamento é o que realiza o esquecimento e a formação das fantasias, em que se pode reconhecer o lugar ocupado pela repressão na organização das operações mnêmicas. Assim, a função da memória, como todas as atividades no aparelho, está sujeita a restrição por uma tendência da vontade. Freud é enfático: não se pode conceber a memória de maneira ingênua como um arquivo aberto. Tanto as recordações quanto os esquecimentos são de natureza tendenciosas, a primazia é do desprazer e não da autenticidade.

7.2 Pequenos avanços na teoria do desejo

As restrições impostas à facilidade e a fidelidade no exercício da função mnêmica são decorrências diretas da descrença de Freud na teoria da sedução e da crescente importância dada às fantasias e a libido nas formações de compromisso; fazem parte de um mesmo movimento. Na carta de 27 de setembro (1898), por exemplo, relata a descoberta de que o sintoma da enurese está relacionado a uma vivência infantil da excitação sexual, ao que se segue à polêmica questão: tal excitação se dá de forma espontânea ou por sedução? Em 3 de

janeiro de 1899, responde: “*Quanto à pergunta pelo que ocorreu na primeira infância, a resposta é: Nada, mas existia o germe de um impulso sexual.*” (FREUD, 1988, p.318). Na correspondência de 16 de janeiro as fantasias são apresentadas como elementos chave na resolução dos sintomas e seus desempenhos são ilustrados em três recortes clínicos. O último deles é segundo Freud, esclarecedor: uma jovem que se apaixonara por um homem idoso de posição elevada e de vasta fortuna, sofre dos seguintes sintomas: durante o coito é tomada de um acesso de tremores, tem quatro ou cinco orgasmos e cai num estado de sono patológico durante o qual fala como em hipnose; ao se recompor há uma *amnésia* completa. Hipótese: isso se deve, diz Freud, a uma possível identificação desse cavalheiro com o pai imensamente abastado da infância da moça, o que tem o efeito, evidentemente, de conseguir *liberar a libido vinculada às fantasias dela*. Ele pretende casar-se com ela, com o marido certamente será anestésica. (FREUD, 1988, p.320).

Após uma série de evidências e confirmações, em 19 de fevereiro, afirma que sua última generalização se sustentou e parece querer alcançar proporções imprevisíveis. Não apenas os sonhos, mas também os ataques histéricos e os demais produtos das neuroses são realizações de desejos. Disso conclui que, nossa vida psíquica emerge de dois opostos: *realidade e realização de desejo*. (FREUD, 1988, p.320). No entanto, observa uma distinção importante entre sonho e sintoma: os sonhos estão muito mais voltados à realização de desejo, pois são mantidos distantes da realidade da cena da vigília, já os sintomas, inseridos em meio à vida diurna, precisam ser também a realização de desejo do pensamento repressor. O sentido dos sintomas: um par de contrários que consegue unir-se na realização do desejo; essa chave abre muitas portas. (FREUD, 1988, p.321).

7.3 Lembranças encobridoras

Diante das novas considerações, Freud se volta mais uma vez ao estudo da memória, e neste retorno confere às fantasias um lugar fundamental na formação das recordações. Em maio de 1899 conclui o ensaio “Recordações encobridoras”, que é publicado em setembro desse mesmo ano. Freud parte de dois fatos consolidados por sua clínica e teoria: 1. a importância patogênica conferida às impressões da primeira infância. 2. o fato indiscutível de que as vivências infantis deixam traços não erradicáveis na constituição de nosso aparelho mental. (FREUD, 1989j, p.297). Essas considerações pressupõem uma teoria da memória cuja estrutura, composição e funcionamento podem ser sintetizados pela seguinte asserção: a memória é constituída por *traços* formados a partir de *impressões* advindas da experiência capazes de serem rememoradas através de sua tradução em *imagens mnêmicas* reproduzíveis. (FREUD, 1989j, p.301).

Segundo a teoria, existe uma relação direta entre a importância psíquica de uma vivência e sua retenção na memória. Assim, de acordo com essa premissa, as impressões que são importantes devido a seus efeitos imediatos, ou por suas consequências posteriores, são fixadas em imagens mnêmicas, e o que é julgado como não essencial é esquecido. No entanto, diz Freud, algo não se ajusta com as observações, pois, se inquirimos nossa memória sobre aquelas impressões de nossa infância que estão destinadas a permanecer e a nos influenciar até o fim de nossas vidas, ou nada obtemos, ou bem ela nos entrega recordações isoladas e de importância duvidosa. (FREUD, 1989j, p.297). Isso faz crer, diz o autor, que haveria uma diferença entre o funcionamento psíquico das crianças e dos adultos no que concerne a função mnêmica. O vínculo entre a importância psíquica e sua conservação na memória, segundo

essa hipótese, parece valer apenas para aquelas vivências ocorridas a partir do sexto ou sétimo ano de vida.

Porém, os rendimentos obtidos pelo trabalho com a psicopatologia levam a questionar essa via de explicação pela imaturidade constitucional. Freud observa que há uma estreita analogia entre a amnésia normal e a amnésia patológica encontrada nas psiconeuroses. O elemento comum está no fato de que em ambas o esquecimento se abate precisamente sobre as vivências mais significativas dos primeiros anos da infância, o que fornece indícios da íntima relação entre o conteúdo psíquico das neuroses e a vida psíquica infantil.

O problema se desloca então da imaturidade para o exame da determinação do conteúdo das reminiscências infantis. Freud extrai de uma pesquisa realizada por V. e C. Henri (1895) os elementos que lhe permitem aprofundar o problema. Segundo a pesquisa, a idade a qual se referem as mais antigas recordações se encontra entre dois e quatro anos, já o conteúdo, freqüentemente, diz respeito a situações que envolvem medo, vergonha, dor, doenças, mortes, nascimento de irmãos e irmãs, etc. Portanto, estaria confirmada também para o funcionamento da memória na infância a relação esperada entre a força das impressões e sua retenção mnêmica. Entretanto, a mesma pesquisa trouxe a tona um fato diametralmente oposto que contraria todas as expectativas; num delimitado número de sujeitos, as recordações infantis estão enigmaticamente relacionadas com eventos cotidianos, indiferentes, e que não possuem a capacidade de produzir qualquer efeito emocional, mesmo nas crianças e, ainda sim, são recordados detalhadamente e com uma nitidez sensorial fora do comum. Enquanto aqueles eventos contemporâneos que, segundo outras testemunhas, foram altamente comoventes para o sujeito, não deixaram nenhuma imagem mnêmica. (FREUD, 1989j, p.300).

Apesar dos autores descreverem esses casos como sendo raros, a experiência analítica com pacientes neuróticos indica que são os mais freqüentes, e nesses, ao invés de

esquecimento seria mais adequado falar em *omissão* de elementos altamente significativos. Com frequência, afirma Freud, por meio do tratamento psicanalítico pode-se descobrir a peça faltante da vivência infantil, e assim demonstrar que, a impressão da qual se reteve na memória uma parcela realmente obedecia à premissa de que na memória se conserva o mais importante. No entanto, o grande problema a ser esclarecido é outro, pois essa descoberta “*não nos explica a rara seleção que a memória pratica entre os elementos de uma vivência; devemos antes de tudo investigar por que o substantivo foi sufocado e se conservou o indiferente.*” (FREUD, 1989j, p.300). Essa é a questão que o ensaio “Recordações encobridoras” pretende esclarecer, e para tanto, é preciso penetrar no mecanismo de tais processos.

Freud expõe o processo psíquico através da seguinte figuração: *duas forças psíquicas participam da produção dessas recordações*, uma delas toma como motivo a importância da vivência para ser recordada, a outra se opõe como resistência à seleção. Essas forças de efeitos contrários não se cancelam entre si, e nenhuma delas predomina sobre a outra, o que sobrevém é a formação de um compromisso cujo resultado é: o que é fixado numa imagem mnêmica reproduzível não é a vivência desagradável, e sim outro elemento psíquico a ela associado. A recordação substituta, aparentemente indiferente, somente justifica sua persistência e sua nitidez sensorial através da relação associativa que mantém com o material que fora reprimido. Esse é um dos casos mais simples em que os elementos essenciais de uma vivência são representados na memória pelos menos importantes. Isso se faz por meio de um processo de “*deslocamento para alguma coisa associada por contigüidade, ou tendo em vista o processo na sua íntegra, uma repressão com substituição por algo próximo (no espaço e no tempo).*” (FREUD, 1989j, p.301).

Segundo Freud, a série operativa – conflito, repressão e substituição com formação de compromisso – é um processo que se verifica na formação de todos os sintomas

psiconeuróticos. São hipóteses sobre processos de defesa tal qual foram estabelecidas no “Projeto...” (1895), cuja descrição mais detalhada é preciso aguardar as futuras investigações, pois ainda não foi possível “*comprovar em que estratos da atividade psíquica atuam e sobre quais as condições que passam a operar*”. (FREUD, 1989j, p.302). Nesses termos, todo *processo* teria por fundamento a seguinte asserção, (que também aguarda comprovação): uma intensidade psíquica é deslocada de uma representação e transferida à outra que passa a desempenhar o papel psicológico da primeira.

7.4 A produção da cena inconsciente

Freud propõe o relato de um caso (autobiográfico) em que é possível acompanhar o processo de formação das recordações. Segundo o caso, a recordação a ser analisada corresponde ao 2º e 3º ano de vida do sujeito que na ocasião do relato tem a idade 38 anos. A cena se refere a um grupo de recordações relacionadas à partida do sujeito de sua bem afortunada terra natal para uma vida difícil num grande centro urbano. Porém, seu conteúdo lhe parece algo bastante indiferente, o que torna incompreensível sua fixação. A recordação possui as seguintes características: é uma cena curta, entretanto, muito bem conservada e provida de todos os detalhes da percepção sensorial, ao qual se opõem as imagens mnêmicas da maturidade nas quais está inteiramente ausente o elemento visual. (FREUD, 1989j, p.303). A cena é a seguinte: trata-se de uma pradaria verde onde há grande número de flores amarelas. No alto uma casa de campo e a frente de sua porta duas mulheres conversando. Três crianças brincam na grama, uma delas é o sujeito em questão (aos 3 anos), as outras duas um primo um ano mais velho e uma prima da mesma idade que a do sujeito. Estão colhendo

flores e os *meninos arrebatam as flores da garotinha* que sai correndo em prantos e é consolada pela camponesa que lhe dá um pedaço de pão. Os garotos correm na direção da casa e também ganham uma fatia, *o pão tem um sabor inigualável*.

Nessa cena infantil, dois elementos se destacam por sua *intensidade sensorial*: o amarelo das flores e o sabor do pão. Ambos representam à presença de duas fantasias posteriores projetadas na infância que contribuíram para a formação da lembrança. A peça chave que leva a sua interpretação é o fato de que essa recordação nunca lhe ocorrera na infância, e as duas ocasiões que levaram a sua restituição datam da idade de 17 anos.

A primeira delas lhe ocorreu quando pela primeira vez retornou ao lugar de onde nasceu e foi hospedado por uma família cuja amizade data desde sua pré-história infantil. O sujeito também se recorda que é filho de pais que eram originalmente abastados e levavam uma vida bastante confortável naquele lugar. Quando tinha 3 anos adveio uma catástrofe nos negócios do pai e então perderam tudo, sendo obrigados a mudarem para a cidade grande e disso seguiram longos e difíceis anos. Nesse retorno, também se encontrou com a filha de seus hospedeiros por quem se apaixonou: *“foi esse meu primeiro amor, muito intenso, mas o mantive em completo segredo”* (FREUD, 1899j, p.306). Ao se separarem o sujeito passava muitas horas construindo castelos no ar que procuravam melhorar o passado: *“se ao menos a catástrofe não tivesse ocorrido”* (FREUD, 1899j, p.306), teriam crescido juntos e se amado. Depois de alguns anos, a moça casou-se, e hoje, fato que lhe causa estranheza, a moça é alguém para ele completamente indiferente.

O segundo evento que suscitou a formação da recordação refere-se a uma visita que fez três anos depois a seu tio, momento em que se encontrou com os primos que tinham sido seus primeiros companheiros de infância, os mesmos que participam da cena. A família do tio também abandonou a terra natal, porém, prosperaram em outra cidade. Na ocasião seu pai e seu tio pareciam combinar um casamento do sujeito com sua prima como um modo de

compensar a grande perda que se abatera sobre a família. Em troca o sujeito teria de abandonar seus estudos e trocá-los por uma atividade mais prática junto aos negócios da família, o que lhe daria uma vida mais confortável, não tendo que lutar tanto por seu pão de cada dia.(FREUD, 1989j, p.308).

Esses elementos, e outros detalhes fornecidos pelo sujeito, levam a seguinte interpretação: o intenso amarelo das flores está relacionado, para esse sujeito, à cor amarela do vestido da moça por quem se apaixonara, portanto, trata-se de uma *fantasia de defloramento*; já o sabor delicioso do pão corresponde à *fantasia de uma vida confortável*. Assim, as duas fantasias se projetaram uma sobre a outra e daí se constituiu uma recordação de infância. (FREUD, 1989j, p.309). Uma *criação inconsciente*, ao modo de um trabalho de ficção, acionado num momento de grande aspereza e insatisfação, que teve o intuito de melhorar o passado e dessa forma corrigir o presente, o que tornaria possível a realização de dois desejos insatisfeitos: o sexual e o de uma vida confortável.

Muito embora esse seja o resultado de uma ficção, segundo o relato do sujeito, existe um *sentimento* de que a cena recordada é autêntica. Em geral, não se tem garantia alguma quanto ao que é fornecido pela memória, observa Freud, no entanto, se a cena é autêntica, ela deve ter sido *selecionada* devido ao conteúdo – em si mesmo indiferente – pois era apta para figurar as duas fantasias que haviam adquirido profunda importância para o sujeito. (FREUD, 1989j, p.309). Uma recordação como essa, cujo valor consiste em representar na memória, mediante elos simbólicos, impressões e pensamentos de um tempo posterior, Freud denomina *recordações encobridoras*. No caso descrito, sua aparente inocência está destinada a ilustrar e a encobrir os mais importantes pontos críticos da vida do sujeito, a influência das duas mais poderosas forças pulsionais: a fome e o amor.

No entanto, não se compreende por que tais fantasias destinadas a representar essas forças pulsionais não possam ser fantasias conscientes que o sujeito possa se lembrar. Freud

faz notar que tais fantasias, a princípio, podem ser conscientes, entretanto, elas são *continuadas* em pensamentos inconscientes, por exemplo: o sujeito, no auge das urgências da vida e de sua timidez juvenil, pensa: “*se eu tivesse casado com essa ou aquela menina, minha vida se teria tornado muito mais agradável*”. Por traz desse pensamento há um *impulso de formar uma cena* ao qual pertence o “*estar casado*”. A formação dessa cena que prolonga a fantasia consciente precisa ser disfarçada⁶⁶, portanto é continuada no inconsciente. A esse propósito serve o caminho alusivo de uma cena infantil que permite, ao mesmo tempo, figurar e descaracterizar o desejo de agressão sexual grosseira representado pela cena inconsciente. (FREUD, 1989j, p.310).

Freud descreve o processo: a corrente sensual apropria-se do pensamento “*se eu tivesse casado com essa ou aquela menina*” e o *repete em imagens* (representações) capazes de proporcionar uma satisfação sensual. Essas imagens representam uma segunda versão do pensamento que permaneceu inconsciente. Por ter permanecido inconsciente, a cena *persistiu inalterada* mesmo depois que sua versão consciente se transformou conforme as alterações de sua realidade. (FREUD, 1989j, p.310). Enquanto inconsciente a cena, por meio de formações substitutas, foi transformada numa cena infantil por meio da qual poderia tornar-se consciente. Ao que segue duas novas re-configurações: uma que retira da cena o material chocante expressando-o por uma alusão figurativa (arrancar as flores de uma menina); outra

⁶⁶ É importante observar que Freud relata apenas uma parte da fantasia, aquela que diz dos devaneios conscientes, já sua verdadeira continuação no inconsciente não é apresentada. Como faz notar GABBI JR. (1991, p.176), Freud sabia, desde o primeiro instante, que se sentira atraído pela jovem e que recriminara o seu pai pela situação econômica na qual se encontrava. “Portanto, esses elementos não podem ser responsabilizados pela distorção produzida. A motivação está na relação que os elementos criaram com outros cuja tradução para o sistema pré-consciente se acha bloqueada”: os desejos edípicos. Essa observação se justifica devido ao fato, primeiro, de que o caráter primordial e estruturante dos desejos infantis incestuosos e desejos vingança se encontra plenamente estabelecido nas cartas que antecedem o artigo. (Cf. Parte III, cap. 6). Segundo, que o próprio relato da cena informa o caminho que a análise deveria seguir quando diz: “*foi esse meu primeiro amor, muito intenso, mas o mantive em completo segredo*”, e a acusação: “*se ao menos a catástrofe não tivesse ocorrido*” [teriam se amado] (FREUD, 1899j, p.306). Do ponto de vista metapsicológico a presença estruturante dos desejos edípicos também está assinalado pelos elementos quase alucinatórios presentes na recordação infantil.

que impõe a segunda parte da oração, “*minha vida teria se tornado muito mais agradável*”, uma forma susceptível de figuração visual através de uma representação intermediária (o sabor delicioso do pão). Assim, a formação da fantasia serviu para a satisfação de dois desejos sufocados, o de defloramento e o de conforto material. Esclarecidos os motivos que levaram a formação da fantasia (desejos insatisfeitos), Freud chega a importante conclusão: com as fantasias “*se trata de algo que jamais acontecera, mas que fora ilicitamente contrabandeado entre minhas recordações de infância.*” (FREUD, 1989j, p.311).

Contudo, essa *encenação* de algo que teve apenas uma possibilidade de existir⁶⁷, não tem meios de se produzir a não ser que haja um *traço de memória* cujo conteúdo ofereça um *ponto de apoio* à fantasia; no caso apresentado “o arrancar as flores”, por exemplo. Mesmo que a recordação tenha sido falseada, seu material bruto fora utilizado, caso contrário não teria sido possível para essa recordação em particular ter-se tornando consciente. Por outro lado, algumas imagens mnêmicas não se adequam ao sentido requerido pela fantasia, o que demonstra que “*a fantasia não coincide por completo com a cena infantil, somente se apóia em determinados pontos. Isto depõe a favor da autenticidade da recordação.*” (FREUD, 1989j, p.312).

Freud considera que as lembranças encobridoras não são elementos heterogêneos entre o restante de nossas recordações infantis e, ao que tudo indica, *essas formações participam do próprio estabelecimento de nosso tesouro mnêmico*. De acordo com as considerações, a premissa de que as recordações são geradas simultaneamente com o vivenciar como *conseqüências imediatas* das impressões que depois são reproduzidas, precisa ser revista, pois

⁶⁷ Essa admissão de uma memória daquilo que teve apenas a possibilidade de existir é um momento decisivo para a teoria da fantasia e do desejo. Conforme GABBI JR. (1991, p.177), desde o “Projeto...” a memória teve sempre a função de evitar o desprazer, como o desejo decorrente da vivência de satisfação sempre levava ao prazer, não havia motivos para deformá-lo. A partir das cartas, como analisamos, houve uma alteração com a consideração do prazer na neurose que tornou necessário pensar a memória como uma função produtiva capaz de distorcer e encenar o desejo que, se deixado a si mesmo, levaria ao conflito e ao desprazer. Com essa reformulação da memória que inclui a deformação, abriu-se a possibilidade de haver recordações de coisas que nunca ocorreram, no entanto, tiveram uma possibilidade de existir, ou seja, foram desejadas.

os estudos realizados pelos Henris (1895) também trazem evidências de que “*as imagens mnêmicas não podem ser um repetição fiel da impressão sentida.*” (FREUD, 1989j,p.314). Isto pode ser provado pelo fato de que em muitas das recordações o sujeito aparece nelas como um objeto, quando, no evento original estava no meio da situação e não atentava para si mesmo, isto é um sinal, diz Freud, de que a *impressão original foi refundida.*

Tudo parece como se aqui o traço de memória da infância tivesse sido retraduzido em uma forma plástica e visual numa época posterior (a época do despertar da recordação). Sendo assim nunca se introduziu em nossa consciência a reprodução da impressão originária. (FREUD, 1989j, p.314).

Isto não quer dizer que as recordações são completas invenções, mas sim que, a própria passagem da impressão original para o estabelecimento de uma imagem mnêmica reproduzível implica em transformações que são, por natureza, tendenciosas, “*pois servem aos fins da repressão e da substituição das impressões chocantes ou desagradáveis.*” (FREUD, 1989j, p.315). Esses são fundamentos gerais que se podem comprovar com regularidade em todos os casos e não somente em pacientes neuróticos. Portanto, as imagens mnêmicas que resultam do conflito são sempre formações substitutas, e essas são as primeiras de que tomamos conhecimento. Já “*o material cru dos traços de memória, a partir do qual a recordação foi forjada, permanece desconhecido para nós em sua forma originária.*” (FREUD, 1989j, p.315). Esse entendimento, afirma Freud, reduz o abismo entre as recordações encobridoras e o restante das recordações infantis, até mesmo torna-se duvidoso que haja alguma lembrança *da* infância, parece ser mais adequado que as recordações tenham sido *formadas* em um período posterior.

Nestes tempos de despertar, as recordações de infância não emergiram, como se costuma dizer, mas sim que neste momento elas foram formadas. E inúmeros motivos, sem nenhuma referência a fidelidade histórica, participam de sua formação, assim como sobre a seleção das recordações. (FREUD, 1989j, p.315).

7.5 Do real dos traços a realidade das fantasias

Desse importante ensaio de Freud sobre a memória, no qual culmina toda elaboração advinda da superação da hipótese da sedução, podemos depreender dois domínios de realidade que começam a tomar consistência: *o real inacessível dos traços mnêmicos* e a *realidade das fantasias*. A fantasia inconsciente começa a obter um estatuto de realidade mais definido a partir do momento em que permanece *inalterada* e eficaz face às transformações da realidade subjetiva. O ensaio sobre as recordações traz muitos elementos que serão retomados no próximo trabalho “A interpretação dos sonhos” (1900), e que permitem à delimitação da formação e da eficácia deste domínio de realidade conferido às cenas inconscientes: se trata de algo que jamais acontecera, porém, fora vivido intensamente enquanto desejo. O que não retira nada da autenticidade e da realidade da formação, pois como foi examinado, esse movimento só se realiza se tiver como ponto de apoio os traços de memória. Os traços de realidade são re-trabalhados pelos processos e traduzidos em imagens e cenas capazes de proporcionar a satisfação dos impulsos irrepreensíveis que formam o núcleo infantil de nosso aparelho mental. A formação dessas cenas é, em linhas gerais, o problema que a “Interpretação dos sonhos” visa esclarecer fornecendo uma explicação que fundamente a operação de acordo com a estrutura e funcionamento de um aparelho psíquico devidamente redimensionado.

PARTE IV:
A CIRCUNSCRIÇÃO DO INFANTIL E O DOMÍNIO DO REAL:
A PRIMEIRA TÓPICA FREUDIANA

No prefácio à primeira edição da “Interpretação dos sonhos” (1900) Freud expõe as razões que o levaram ao estudo da formação onírica.

Nesta tentativa de expor a interpretação dos sonhos não creio haver ultrapassado o círculo de interesse da neuropatologia. Com efeito, o exame psicológico mostra que o **sonho é o primeiro membro de uma série de produtos psíquicos anormais**; outros membros são as fobias históricas, as representações obsessivas e as delirantes, as quais o médico tem de ocupar-se por razões práticas. Como se verá, o sonho não pode reivindicar uma importância prática; não obstante, tanto maior é seu valor teórico como paradigma, e quem quer que tenha falhado em **explicar a origem das imagens oníricas** se esforçará em vão por compreender as fobias, as idéias obsessivas e as delirantes, e inclusive, exercer sobre elas uma influência terapêutica. (FREUD, 1987f, p.17, grifo nosso).

O valor e o alcance dessas afirmações logo perdem o caráter aparentemente arbitrário se tomadas numa perspectiva histórica e epistemológica que as situe no centro de uma problemática cujo ponto de partida data dos primeiros anos do encontro de Freud com a histeria e a hipnose. Com efeito, o que se nos apresenta nessa abertura deve ser tomado como resultado e consolidação de um longo desenvolvimento clínico e conceitual que a presente pesquisa tentou situar minimamente seus momentos constitutivos. No entanto, a extensão e o alcance das questões postas pela obra exigem uma restrição nos temas a serem tratados. Assim, não será possível, nos limites dessa investigação, retomar o trabalho *já estabelecido* nas três partes antecedentes em relação ao passo a passo da origem de suas teses⁶⁸, bem como

⁶⁸ Ao leitor que queira localizar a origem e o desenvolvimento da problemática em questão o remetemos aos “Artigos sobre hipnotismo e sugestão” (1888-92), (Cf. Parte I, seção 1.2) ; ao trabalho “Estudos sobre histeria” (1893-1895) em que se pode verificar o lugar e a importância das recordações que assumem a forma de cenas muitas vezes alucinadas durante o tratamento. (Cf. Parte I, seção 4.3.). Ao próprio “Projeto de uma Psicologia” (1895) onde se apresenta a primeira teoria sobre os sonhos enquanto realização alucinatória de desejo e sua correlação com as primeiras vivências de satisfação. (Cf. Parte II, cap. 2, cap.5). O trabalho realizado nas cartas a Fliess (1896-1899), onde se pode verificar a busca pela delimitação das cenas primárias não disponíveis a tradução verbal consideradas como a fonte do inconsciente de onde deriva *toda* a vida onírica e responsável pela etiologia de *todas* as neuroses. (Cf. Parte III, cap.6). E mais recentemente o artigo “Lembranças encobridoras” (1899) onde se estabelece o lugar das fantasias na formação das recordações e na produção das cenas psíquicas inconscientes, base dos sintomas. (Cf. Parte III, cap. 7).

os detalhes das evidências fornecidas por meio da análise dos sonhos, o exame crítico da literatura⁶⁹, seus impasses e conclusões. O que se propõe nessa quarta e última parte do trabalho é o tratamento de um problema em particular que segundo o próprio autor não deixa de ser o coração de todo o empreendimento, qual seja: *explicar a origem das imagens oníricas*.

A carta 84 de 10 de março de 1898⁷⁰, bem como o último artigo analisado sobre as “Lembranças encobridoras” (1899), permite situar a dimensão que a origem e a formação da cena psíquica inconsciente adquiriram ao longo de todos os anos que separam o “Projeto...” (1895) da “Interpretação dos Sonhos” (1900).⁷¹ Seja na hipnose, nos ataques histéricos, nas alucinações, sonhos, fantasias ou recordações, o enigma da origem e do sentido das imagens organizadas sob a forma de *cenias primárias* sempre foi uma questão para a estrutura e o tratamento das neuroses. O que se pretende demonstrar é a forma que esse problema é tratado e explicado pela nova teoria do aparelho psíquico, que, no limite, acaba por conferir um estatuto de realidade inédito ao desejo inconsciente inferido como causa dessas formações.

⁶⁹ Cf. GABBI JR. (1991a) “A leitura freudiana das teorias pré-psicanalíticas sobre o sonho”.

⁷⁰ (Cf. Parte III, seção 6.3).

⁷¹ (Cf. Parte III, seção 7.5).

CAPÍTULO 1

O sonho é a realização disfarçada de um desejo reprimido

1.1. A deformação onírica: o manifesto e o latente

A “Interpretação dos sonhos” (1900) em seu capítulo inicial apresenta os seguintes objetivos, pretende demonstrar e dar provas de que:

- 1°. Existe uma técnica apropriada para se interpretar os sonhos.
- 2°. Essa nova técnica revela o sonho como uma estrutura psíquica provida de sentido.
- 3°. É possível assinalar o lugar do sentido dos sonhos nas atividades psíquicas da vigília.

A partir dos resultados daí obtidos se propõe a:

- 4°. Elucidar os processos que dão ao sonho o caráter de algo estranho e sem sentido.
- 5°. Desde os processos remontar a natureza das forças de cuja ação contrária nasce o sonho. (FREUD, 1987f, p.29).

Dentre esses objetivos iremos nos concentrar em três deles: o 3°, 4° e o 5° que estão mais diretamente relacionados com os propósitos do trabalho; os outros dois primeiros serão tratados na medida em que auxiliem no tratamento do problema em questão.

A tese fundamental de que o *sonho é uma realização de desejo* já se encontra plenamente estabelecida no contexto da primeira teoria da constituição do aparelho psíquico a partir de suas vivências primárias. Contudo, no “Projeto...” (1895), a aparente falta de sentido

dos sonhos se dava por uma *dissolução passiva* e temporária das funções do eu, ou seja, não havia lugar para a repressão na formação dos sonhos. Enquanto que, no sintoma, a distorção decorria de um *processo ativo* contra a recordação traumática, porém, o trauma não guardava relação alguma com o desejo. Portanto, entre sonho e sintoma havia apenas uma relação de analogia baseada em seus processos primários de deslocamento e condensação.⁷² No período das cartas, principalmente no Manuscrito N de 1897, ambas as estruturas convergem como derivadas de uma mesma vivência de satisfação, a vivência sexual infantil.⁷³ A partir de então o desejo passa a ocupar um lugar central na formação dos sintomas e a repressão decorrente da censura e do desprazer passa a ser investigada a partir do estudo da memória e da formação das fantasias.⁷⁴ Assim, desde essa perspectiva o que há de essencialmente novo nesse trabalho de 1900 é o reconhecimento da repressão também para os sonhos, o que tornou possível aplicar as formações oníricas os mesmos procedimentos utilizados para a elucidação dos sintomas. (MANIAKAS, 1994, p.48).

No capítulo IV da “Interpretação...” (1900) a deformação nos sonhos é inserida como argumento para rebater a uma série de objeções contra a tese de que o sentido de todo e qualquer sonho é a realização de um desejo. As objeções a essa generalização (baseada em exemplos analisados no capítulo III) vão desde sonhos de conteúdos penosos, sonhos de dor e desprazer até os sonhos de angústia. Freud argumenta que as objeções podem ser refutadas pela consideração de que sua doutrina não se apóia unicamente no conteúdo manifesto do sonho, mas que discerne nesse, mediante o trabalho de interpretação, um conteúdo de pensamento latente. “Ao *conteúdo manifesto* do sonho lhe contrapomos o *conteúdo latente*.” (FREUD, 1897f, p.154, grifo do autor). É verdade, argumenta Freud, que existem sonhos cujo conteúdo manifesto provoca desprazer, contudo, o exame da literatura especializada realizada

⁷² (Cf. Parte II, seção 5.1.).

⁷³ (Cf. Parte III, seção 4.2.).

⁷⁴ (Cf. Parte III, cap.7).

no capítulo I indica que nenhum autor foi capaz de interpretar os sonhos para descobrir atrás deles seu conteúdo latente. Assim, segue sendo possível que tais sonhos após sua interpretação se revelem como realização de desejos.

O segundo argumento a favor dessa tese é evocado mediante a seguinte questão: por que o sonho não diz diretamente, sem disfarce, seu sentido? A esse disfarce Freud denomina *desfiguração onírica*⁷⁵, e mais adiante afirma: onde a realização de desejo é irreconhecível “*deve de existir uma tendência à defesa contra esse desejo, em consequência disso o desejo não pode expressar-se de outro modo que desfigurado.*” (FREUD, 1987f, p.160). A analogia com a censura política exercida por sistemas autoritários contra escritores de oposição é bastante adequada, ao ponto mesmo de permitir supor, afirma Freud, que os sonhos adquirem sua forma mediante a ação simultânea de dois poderes ou sistemas. O primeiro sistema forma o desejo, o segundo exerce a censura e obriga a deformação. Desde o primeiro sistema, onde se formam os pensamentos latentes nada chega à consciência e ao conteúdo manifesto sem ter passado pela ação crítica do segundo sistema. Isso permite conceber que *o torna-se consciente é um ato psíquico distinto e independente do processo de formação de uma representação. A consciência nesse conflito entre instâncias ocupa o lugar de um órgão sensorial que percebe apenas o resultado final de um processo que se inicia em outro lugar.* (FREUD, 1987f, p.163).

Diante dessas hipóteses, que serão devidamente justificadas quando correlacionadas com a constituição do aparelho psíquico, as objeções feitas pelos sonhos de conteúdo penoso contra a tese da realização de desejos podem ser respondidas pela seguinte consideração: o conteúdo penoso serve ao propósito de disfarçar o desejado, ou ainda, de que conteúdo do

⁷⁵ Como apoio e esclarecimento da presença da desfiguração onírica Freud fornece a análise de um sonho próprio intitulado: “Tio da barba dourada”, ou ainda, “Meu amigo R. é meu tio”. (Cf. FREUD, 1987f, p.155).

sonho é penoso para a segunda instância, contudo, realiza o desejo da primeira de onde parte o impulso para a formação onírica.

Na seqüência Freud analisa uma série de sonhos apresentados como provas contrárias a sua tese⁷⁶ e conclui após a interpretação que: o sentimento de desprazer não exclui a existência do desejo, pois há em todo ser humano desejos que prefeririam não revelar aos outros, e ainda, desejos que não admitem se quer a si mesmos. Assim, a análise dos sonhos de desprazer exige uma modificação na fórmula que expressa a essência do sonho que passa a incluir a desfiguração: “o sonho é a realização (disfarçada) de um desejo (reprimido).” (FREUD, 1987f, p.177).⁷⁷

CAPÍTULO 2

O material e a fonte dos sonhos: a memória onírica

2.1. Não existem excitadores oníricos indiferentes

As evidências oferecidas pelo reconhecimento da repressão nas formações oníricas permitem retomar algumas contradições levantadas pela literatura. Com efeito, pondera Freud, tais problemas podem ser devidamente esclarecidos quando se parte da descoberta da

⁷⁶ Entre os sonhos analisados está o famoso sonho de uma de suas pacientes histéricas, o sonho do “Salmão defumado” que realiza o desejo de ter um desejo insatisfeito; também analisa outros sonhos cujo conteúdo manifesto versa sobre a morte de pessoas queridas entre outros. (Cf. FREUD, 1987f, p.164-176).

⁷⁷ O maior obstáculo dessa formulação advém, segundo Freud, dos sonhos de angústia. Sua hipótese é de que esse afeto no sonho não deve ser atribuído ao conteúdo manifesto e sim a vida sexual neurótica, pois, segundo nos informam as neuroses, os sonhos de angústia também decorreriam do fato de que a libido não encontrou aplicação psíquica e se transformou em afeto livre, desligado de seu conteúdo representacional. (FREUD, 1987f,p.178); (Cf. Parte II, seção 6.2.).

existência de um conteúdo onírico latente significativamente mais importante na configuração do sonho que o conteúdo manifesto.(FREUD, 1897f, p.180). Freud retoma três observações acerca do nexo do sonho com a vigília e da origem do material onírico que põem em questão as particularidades da memória nos sonhos, são elas:

- 1°. O sonho dá preferência a impressões do dia anterior.
- 2°. A seleção do material onírico se dá de tal forma que o indiferente é recordado e o essencial é esquecido.
- 3°. Encontra-se a disposição da formação onírica impressões triviais da mais remota infância a muito esquecidas.

O fato dos autores abordarem essas características da seleção do material onírico a partir do seu conteúdo manifesto põe obstáculos a sua elucidação. Freud, por sua vez, propõe examiná-las a partir do conteúdo onírico latente obtido mediante trabalho de interpretação.

Quanto à origem dos elementos que emergem no conteúdo dos sonhos, oferece a seguinte tese: “*em todo sonho se descobre um ponto de contanto com as vivências do dia anterior.*” (FREUD, 1987f, 182). A análise demonstra que o caminho mais direto para a interpretação é a investigação das vivências diurnas recentes que suscitaram o sonho.⁷⁸ Contudo, os sonhos também indicam a possibilidade de que a fonte excitadora, uma impressão recente, possa levar a recordação de uma impressão mais antiga. “*O sonho pode tomar seu material de qualquer época da vida, contanto que desde as vivências do dia do sonho (impressões recentes) até aquelas mais antigas haja uma linha de pensamento.*” (FREUD, 1987f, p.186).

Resta saber ao que se deve a preferência pelas impressões diurnas geralmente *indiferentes* no conteúdo onírico. As associações oferecidas pela análise do “Sonho da monografia botânica” demonstram que se trata de um fenômeno de desfiguração. Dentro do

⁷⁸ Os sonhos analisados nos capítulos anteriores que tornaram evidente esse caminho de interpretação são “O sonho da injeção de Irmã” e o sonho “Tio da barba dourada”.

conteúdo manifesto a impressão diurna indiferente é empregada como uma *alusão* a outro tema latente que a análise descobre como fonte onírica efetiva. O processo psicológico que responde pelas particularidades dessa operação em que uma vivência indiferente assume o lugar e o valor psíquico de uma outra é o *processo de deslocamento*. Esse se constitui como uma consequência da censura psíquica que opera na passagem entre as duas instâncias acima mencionadas. (FREUD, 1987f, p.193).

Freud ainda observa que as relações entre diferentes impressões não pré-existem, somente são tecidas posteriormente pelo trabalho do sonho com vistas a tornar viável o deslocamento. Assim, parece haver uma *necessidade*, para que se cumpra à formação do sonho, de que se estabeleçam essas conexões entre as impressões recentes, mesmo que triviais, e as fontes oníricas genuínas, pois, “*do contrário, seria igualmente viável que os pensamentos oníricos deslocassem seu acento a um elemento indiferente de seu próprio círculo de representações.*” (FREUD, 1897f, p.194). A pergunta que se impõe é então: qual a contribuição das impressões diurnas indiferentes ao conteúdo do sonho? Uma parte da resposta seria: tornar possível o deslocamento e representar por meio de alusão o grupo de representações de seu genuíno excitador. Contudo, continua Freud, é preciso dar um passo e formular uma outra questão: a fonte do sonho localizada mediante análise deve ser um acontecimento recente? Resposta: O excitador do sonho pode ser um processo interior, como uma recordação de uma vivência provida de valor psíquico que durante o dia *tornou-se recente* de algum modo pelo trabalho de pensamento. (FREUD, 1987f, p.195).

Feito esses discernimentos iniciais quanto ao trabalho de deformação Freud conclui que isso torna possível sustentar a seguinte tese: não existem excitadores oníricos indiferentes, conseqüentemente não há sonhos inocentes. Na seqüência apresenta a análise de uma série de cinco sonhos cujo conteúdo manifesto aparentemente inocente, simultaneamente, oculta e

representa temas e questões sexuais latentes cuja interpretação nos leva muitas vezes a épocas remotas da vida do sujeito.(FREUD, 1987f, p.198-203).

2.2. O infantil como fonte dos sonhos

A terceira peculiaridade examinada da atuação da memória nos sonhos é a capacidade de recordar impressões vividas na mais remota infância que se encontram inacessíveis à memória da vigília: *os sonhos são hipermnésicos*.⁷⁹ Geralmente, a literatura tende a fornecer as provas de que se trata de impressões infantis por meio de confirmações objetivas, recorrendo a testemunhos externos. Contudo, somente a análise pode revelar os motivos que levam aquele que sonha a reproduzir tais impressões. Mais ainda, afirma Freud, se passamos do conteúdo manifesto aos pensamentos do sonho que somente a análise descobre, comprovaremos a cooperação de vivências infantis mesmo em sonhos cujo conteúdo não havia suscitado semelhante suspeita.⁸⁰ (FREUD, 1987f, p. 205). Freud pretende sustentar através de uma outra série de sonhos que a análise permite não apenas verificar a cooperação das vivências infantis, mas sim, demonstrar algo fundamental:

Em outra série de sonhos a análise nos ensina que o desejo mesmo que excitou o sonho, e do qual esse se apresenta como sua realização, nasce da vida infantil, de modo que para nosso assombro encontramos no sonho a criança que segue vivendo com seus impulsos. (FREUD, 1987f, p.2006).

⁷⁹ No exame da literatura Freud discute o “fato assombroso” e de “grande importância teórica” do sonho dispor de recordações que são inacessíveis durante a vigília. A forma pela qual a memória se comporta no sonho permite sustentar a tese de que toda impressão, até a mais insignificante, deixa um traço inalterável, indefinidamente susceptível de reaparecer em nosso aparelho psíquico (Cf. FREUD, 1987f, p.38).

⁸⁰ Fato esse que pode ser observado na análise do “Sonho da monografia botânica”, por exemplo. (Cf. FREUD, 1987f, p.189).

O primeiro exemplo fornecido é um trecho do sonho autobiográfico “Meu amigo R. é meu tido” cuja análise do conteúdo manifesto reconduz as vivências infantis que deram origem à ambição doentia que leva o sujeito a maltratar no sonho dois eminentes colegas, um como idiota e outro delinqüente, como forma de realizar *desejos grandeza* e de *vingança* pertencentes a sua primeira infância. (FREUD, 1987f, p.206). O segundo exemplo é uma série: “Sonhos sobre Roma” que realizam o desejo infantil de igualar-se ao general Aníbal e a outros heróis que representam no sonho a tenacidade dos judeus contra o anti-semitismo diante do qual o sonhante teve que se posicionar desde muito cedo. (FREUD, 1987f, p.208). Quanto mais nos aprofundamos na análise de um sonho, afirma o autor, mais nos aproximamos dos rastros das experiências de infância que desempenharam um papel importante como fontes de seu conteúdo latente. Como é o caso do entusiasmo bélico desse último exemplo que representa uma *transferência* de uma relação de afeto já formada desde os jogos, ora amistosos, ora hostis, com companheiros de infância, para objetos atuais. (FREUD, 1987f, p.211). Nesse caso, trata-se de formas de relação com o semelhante consolidadas na infância e que foram substituídas na vida adulta por transferências: “*as vivências infantis mais antigas não as temos mais como tais, porém foram substituídas na análise por transferências e sonhos. [...] Transferências para o presente de velhos modos de pensar e agir.*” (FREUD, 1987f, p.199). Geralmente, tanto no caso do sonho como com a transferência, a cena infantil encontra-se representada no conteúdo manifesto por meio da alusão, e é a ela que a interpretação deve chegar.

Na seqüência Freud apresenta cinco breves reconduções ao material infantil a partir de sonhos de pacientes seus⁸¹ e dois sonhos próprios intitulados: “Sonho das três Parcas” e “Sonho do Conde Thun”. Com os dois últimos pretende dar provas de que motivos recentes

⁸¹ As impressões infantis obscuras ou mesmo esquecidas descobertas nesses sonhos referem-se muitas vezes a vivências que datam dos três primeiros anos de vida. Dizem respeito a jogos e traquinagens sexuais, a insaciabilidade do amor infantil, as impressões intensas causadas pelo testemunho de cenas amorosas, ameaças contra a curiosidade sexual etc.

podem unir-se a vivências infantis esquecidas como fontes dos sonhos. O sonho das Parcas tem como motivo atual o estímulo da fome durante o dormir, o sonho do Conde o estímulo é a vontade de urinar. Ambos, após analisados conduzem vivências e desejos infantis inocentes que fazem anteparo a desejos mais sérios impedidos de aparecer abertamente. No primeiro, a análise demonstra o caminho associativo percorrido desde o estímulo da fome até a formação de uma cena que recorda o anseio pela mulher como provedora do amor e do alimento: – “No peito da mulher coincidem o amor e fome” – bem como o assombro da criança vivido frente à descoberta da inevitável submissão humana à morte que lhe fora transmitido por sua mãe.(FREUD,1987f, p.218). Já o segundo trata-se de um sonho cujo estímulo da micção se associa a uma cena infantil que recorda a “rebelião contra o pai” devido uma reprimenda sofrida aos sete anos por ter infringido as regras da discipulação exibindo seu órgão sexual e urinado na presença de ambos os pais. Nessa ocasião o pai lhe pronunciou um veredicto: “Esse menino nunca chegará a nada”. Recorda que vivera a repreensão paterna como um golpe grave contra aquilo que reconhece como um ridículo delírio de grandeza e ambição a muito sufocado na vigília e que ousara aparecer no sonho.(FREUD,1987f, p.229).

Esses exemplos esclarecem o sentido da afirmação sobre a descoberta de que encontramos nos sonhos a criança que segue vivendo com seus impulsos e traços de caráter. A essa fonte onírica em particular sufocada na vigília Freud designou como “o infantil”. Apesar das análises terem confirmado sua existência, não foi possível explicá-la tal como foi feito em relação à preferência pelas impressões indiferentes como conteúdo do sonho, reconduzindo-as a desfiguração e a censura. Essa explicação deve aguardar as elucidações posteriores acerca da estrutura do aparelho psíquico. Contudo, pretende-se dar provas de que mesmo que os sonhos relevem múltiplos sentidos e reúna várias realizações de desejo que vão se sobrepondo uns aos outros, o último da base deve ser uma realização de desejo da primeira infância.(FREUD, 1897f, p.232).

2.3. Pensar e vivenciar são uma e a mesma coisa

No curso das interpretações Freud faz uma pontuação importante para a teoria da realidade. Trata-se de uma sentença que faz parte do próprio conteúdo do sonho “Conde Thun” que diz: penso num plano para tornar-me imperceptível e no mesmo momento vejo o plano realizado. “*Pensar e vivenciar são, por assim dizer, uma e a mesma coisa.*” (FREUD, 1987f, p.234).⁸² Primeiro, é preciso observar que tal equiparação confere ao pensamento uma materialidade sensório-visual que empresta forma e vivacidade aos traços mnêmicos infantis e a realização de desejo. Segundo, a particularidade do tempo na operação: penso e imediatamente vejo realizado. Porém, antes de afirmar qualquer estatuto de realidade ao pensamento onírico é preciso aguardar maiores esclarecimentos quanto à contribuição do material provindo das impressões e estímulos atuais na configuração sensível da qual resulta o trabalho que leva a formação do sonho.

⁸² Mais adiante, numa nota de rodapé, ao comentar o sentido dessa frase no sonho, a contextualiza na teoria da formação dos sintomas: “A versão do sonho “Pensar e vivenciar são uma e a mesma coisa” aponta para a explicação dos sintomas histéricos. Não é preciso explicar aos vienenses o princípio dos “Gschnas”; consiste em produzir objetos de aparência rara ou valiosa a partir de um material trivial (...) como gostam de fazê-los nossos artistas (...). Eu tinha observado que os histéricos fazem o mesmo; junto ao que realmente lhes aconteceu *criam inconscientemente em sua fantasia* eventos atozes ou dissolutos, construídos sobre o mais inocente e trivial material de vivências. E dessas fantasias dependem os sintomas, não das recordações dos fatos reais, sejam eles graves ou igualmente inocentes. Esse conhecimento me ajudara em muitas dificuldades e me causou grande alegria.” (FREUD, 1987f, p.231, grifo nosso).

2.4. A elaboração da excitação somática e os propósitos do sonho

Diante disso resta encontrar um lugar dentro da doutrina dos sonhos para os estímulos somáticos, tanto os *nervosos* como por exemplo, a fome, dor, micção, quanto para os *sensoriais* externos, tidos por muitos autores como a principal, quando não a única fonte excitadora do sonho. De acordo com essa doutrina médica do estímulo somático o sonho é compreendido como uma reação psíquica inútil e enigmática frente à estimulação durante o estado de sono: “os sonhos decorrem da indigestão”, por exemplo, não deixando lugar algum para motivos psíquicos na formação onírica.(FREUD, 1987f, p.235). Seu ponto fraco, segundo Freud, está em não conseguir explicar a seleção do material e relação que se estabelece entre os estímulos somáticos e o conteúdo representativo do sonho (FREUD, 1987f, p.236). Também se deve considerar que os estímulos dessa natureza não compelem *necessariamente* ao sonhar, uma vez que diante de um estímulo existe uma variedade de reações possíveis, portanto, a formação do sonho não poderia acontecer se o motivo do sonhar não se situasse fora das fontes somáticas de estímulo. (FREUD, 1987f, p.237). Contra as insuficiências dessa doutrina pretende-se demonstrar que:

1. O sonho possui um valor próprio como ação psíquica.
2. O desejo se constitui como o motivo de sua formação.
3. As vivências da véspera proporcionam ao conteúdo o material mais próximo. (FREUD, 1987f, p.240).

Segundo o trabalho do sonho, todo estímulo onírico, independente de sua fonte, é fusionado e elaborado numa *unidade de ação*. O material onírico sob a forma de traços

mnêmicos também é reunido e adquire (sem que se possa explicar por hora) a qualidade de ser atual: uma ação no tempo presente. O que ocorre se a essas atualidades mnêmicas se agrega enquanto se dorme um novo material de sensações? As novas sensações são reunidas com outras atualidades psíquicas a fim de fornecer o material para formação do sonho: “*os estímulos que surgem enquanto dormimos são elaborados dentro de uma realização de desejo cujos outros ingredientes são os restos psíquicos diurnos que já conhecemos.*” (FREUD, 1987f, p.240). Portanto, a essência do sonho não varia quando as suas fontes se agregam um material somático ou outro qualquer, ela segue sendo a realização de desejo.

Porém, segundo Freud, há uma outra conseqüência que se pode extrair dessas observações sobre os estímulos que revela um dos segredos do sonho como tal: “*em certo sentido todos os sonhos são sonhos de comodidade; servem ao propósito de continuar dormindo ao invés do despertar.*” (FREUD, 1987f, p.245). O *desejo de dormir*, ao qual o eu consciente e a censura se concentram, é reconhecido como sendo um *desejo universal*, distinto da necessidade, invariavelmente presente e estreitamente relacionado com os demais desejos realizados nos sonhos. A invariabilidade desse desejo se faz valer, por exemplo, pela seguinte situação: quando estímulos nervosos externos ou internos alcançam intensidade suficiente ao ponto de atrair a atenção psíquica e disso resultado a formação de um sonho ao invés do despertar, as sensações constituem-se como um ponto firme para a formação, um núcleo de material onírico. Contudo, essa é uma situação em que o conteúdo do sonho é ditado pelo elemento somático, pois para que se mantenha o dormir é necessário encontrar uma realização de desejo que incorpore e anule a capacidade da sensação de provocar o despertar: *que a despoje de sua realidade.*⁸³ (FREUD, 1987f, p.246-247). É preciso considerar

⁸³ Essa é uma das razões pela qual o estímulo não é reconhecido no sonho em sua verdadeira natureza, com certas considerações isso também se pode aplicar a vida da vigília. Um dos sonhos analisados que fornece evidências de uma elaboração onírica dessa natureza é o sonho autobiográfico nomeado: “Cavalgada (furúnculo)”. (Cf. FREUD, 1987f, p.241). Outros exemplos de como as necessidades corporais se ligam a impulsos mais intensos e sufocados são os dois sonhos acima apresentados “Sonho das Três Parcas” e “Conde Thun”.

a *existência* na vida psíquica de desejos reprimidos, pertencentes à primeira das instâncias psíquicas e recusado pela segunda.(FREUD, 1987f, 247). No caso da sensação atual ser de natureza dolorosa ou penosa recorre-se a representação desses desejos cuja realização provocaria desprazer. Nesse ponto Freud enfrenta novamente o problema levantado pelos sonhos de angústia, e a realização de desejos reprimidos é novamente evocada para dar conta da presença do desprazer nos sonhos.⁸⁴ Porém, aqui a explicação avança alguns passos com a reintrodução da idéia, bastante utilizada em trabalhos anteriores, de *inibição*⁸⁵ entre os sistemas e de considerações acerca da *forma de existência* dos desejos reprimidos garantida pela permanência de determinados arranjos psíquicos.

Como temos sabido, na vida psíquica existem desejos reprimidos que pertencem ao primeiro sistema cuja realização o segundo resiste. A expressão “**existe**” não a entendemos historicamente, a saber, que tais desejos estiveram presentes e depois se os aniquilou; o que afirma a doutrina da repressão, da qual não se pode prescindir no estudo das psiconeuroses, é que tais desejos reprimidos seguem existindo, mas ao mesmo tempo uma inibição pesa sobre eles. Em linguagem corrente: se diz que tais impulsos estão sufocados. **O dispositivo psíquico para que tais desejos sufocados abram caminho para a realização se conserva e segue sendo susceptível de uso.**⁸⁶ Caso ocorra que um desses desejos sufocados se cumpra, e a inibição do segundo sistema (susceptível de consciência) seja vencida, isso se exterioriza como desprazer. (FREUD, 1987f, p.247).

Os demais tipos de estímulos que se impõe ao sonho desde o interior do corpo como a cinestesia corporal, por exemplo, desempenham um papel semelhante às impressões diurnas que permanecem recentes, embora indiferentes. Tais sensações, selecionadas de acordo com o

⁸⁴ (Cf. Parte IV, seção Deformação onírica).

⁸⁵ (Cf. Parte II, seção 2.2 e 2.3; Parte III, seção 2.2).

⁸⁶ Ao que tudo indica Freud está se referindo a sua teoria da memória e representação estabelecida no “Projeto de uma psicologia” (1895). Segundo essa teoria tal dispositivo psíquico susceptível de uso é constituído por facilidades abertas pela experiência nas barreiras de contato entre os neurônios *psi* das quais resultam traços mnêmicos permanentes inerradicáveis do que fora vivido. No caso presente os traços passam a responder pela memória daquilo que existiu apenas enquanto possibilidade, ou seja, daquilo que fora apenas desejado. (Cf. Parte III, seção 7.3).

propósito do sonho, são fundidas ao conteúdo representacional advindo de suas fontes psíquicas e tratadas como material barato e prontamente disponível.

CAPÍTULO 3

Sonhos típicos e a psicologia do desejo infantil

3.1. Sonhos de embaraço por desnudez

Outra classe de sonhos examinados são aqueles designados *sonhos típicos*, que suscitam um interesse particular, pois, dada sua tipicidade se pode presumir que eles surgem das mesmas fontes em todos os casos. Portanto, parecem particularmente apropriados para o esclarecimento das fontes dos sonhos. (FREUD, 1987f, p.252).

O sonho de embaraço por desnudez é o primeiro a ser considerado; seu conteúdo manifesto versa sobre o estar nu ou mal vestido em presença de estranhos. Porém, pondera o autor, tais sonhos somente interessam à análise quando são acompanhados de vergonha e embaraço, diante de que se quer fugir ou ocultar-se, e no entanto, sobrevém uma estranha inibição que impede o sujeito de mover-se ou de alterar a situação embaraçosa. “O essencial [em sua forma típica] é a sensação penosa, a vergonha que leva ao desejo de ocultar a desnudez (quase sempre pela locomoção) e não poder fazê-lo.” (FREUD, 1987f, p. 253). Algumas características se destacam nesses sonhos: as pessoas diante de quem o sujeito se envergonha geralmente são desconhecidas, indeterminadas, e demonstram completa indiferença ao fato. A vergonha de quem sonha se apresenta incompatível com a indiferença

de quem vê; adequado seria se os estranhos o olhassem com assombro, indignação ou risos de zombaria. A incompatibilidade sugere que esse traço chocante foi eliminado pela realização de um desejo desfigurado pela atividade consciente e moralizante do segundo sistema psíquico.

Contudo, sabemos, sustenta Freud, que o contexto em que emergem tais sonhos durante as análises de neuróticos não deixa dúvidas que na base do sonho há uma recordação da primeira infância. (FREUD, 1987f,p.254). Observações diretas e cotidianas de crianças pequenas corroboram a tipicidade dessas ocorrências recordadas:

Somente em nossa infância foi o tempo em que familiares, amas, empregadas e visitas nos viram sem roupas, e nessa época não nos envergonhávamos de nossa desnudez. Em muitas crianças pode-se observar, inclusive em idade não tão precoce, que sua desnudez lhes produz algo como uma *embriaguez* no lugar de envergonhá-los. Riem, dão saltos ao redor, se golpeiam o corpo, até que a mãe ou quem está presente os repreende. (...) É freqüente que as crianças mostrem um impulso de exibição. (FREUD, 1987f, p.255, grifo nosso).

Freud também pontua que existem elementos culturais que confirmam o alcance de tais observações sobre a infância desprovida de vergonha. Como é o caso da fantasia coletiva a respeito do Paraíso onde os homens estão nus e não sentem vergonha uns dos outros, até o momento que a vergonha é despertada juntamente com a angustia. Sendo expulsos do Paraíso, começam a vida sexual e o trabalho da cultura.⁸⁷ (FREUD, 1987f, p.255). Os sonhos permitem retroceder a esse paraíso perdido todas as noites, pois, de acordo com a teoria da memória, as impressões do período pré-histórico (até os 3 anos aproximadamente), em si e por si mesmas, demandam reproduções cuja repetição é a realização de um desejo. “*Os sonhos de desnudez são então sonhos de exibição*”. (FREUD, 1987f, p.255).

⁸⁷ O autor também pontua as relações que julga não serem nada contingentes entre o material oferecido pelos sonhos típicos e as sagas, em particular a situação de Odisseu quando apareceu nu e coberto de lama diante dos olhos de Nausicaã e suas aias. (Cf. FREUD, 1987f, p.257).

As características incompatíveis acima citadas referentes ao conteúdo manifesto: vergonha injustificada diante de pessoas estranhas e indiferentes, podem ser melhor compreendidas se considerarmos que o sonho nunca se constitui como uma simples recordação.⁸⁸ Os estranhos representam o exato oposto das pessoas a quem se dirigiu o *interesse sexual* na infância, ou melhor, aquela única pessoa, bem familiar, para quem se oferece o desnudamento.⁸⁹ A repressão também explica a sensação penosa como resultado da reação do segundo sistema psíquico diante do conteúdo da cena de exibição. A sensação de paralisia tão freqüente é, por sua vez, muito apropriada para representar o *conflito* entre o propósito inconsciente e a exigência da censura. (FREUD, 1987f, p.256).⁹⁰

3.2. Sonhos de morte de pessoas queridas

A outra série de sonhos considerados como típicos são aqueles cujo conteúdo versa sobre *a morte de pessoas queridas*, entre elas, pais, irmãos, filhos etc. Esses sonhos geralmente se dividem em duas classes: a primeira delas em que o sujeito não é afetado pela dor do luto e quando desperto lhe provoca assombro a falta desse sentimento, e a segunda em que se vive uma profunda dor pela morte do ente querido acompanhada de choro e amargura mesmo antes de acordar. Os sonhos do primeiro grupo, segundo Freud, não podem ser considerados como sonhos típicos. A análise revela que o tema da morte nesses últimos se destina a ocultar outros desejos que não dão lugar a dor, daí a completa ausência de seu

⁸⁸ (Cf. Parte III, seção 7.3).

⁸⁹ (Cf. Parte III, seção 2.2).

⁹⁰ Entre as evidências oferecidas a favor da correção dessas hipóteses encontra-se a análise do sonho autobiográfico denominado: “Encontro na escada com uma mulher de serviço”. (Cf. FREUD, 1987f, p.249-25;257).

registro no sonho.⁹¹ Diante disso deve-se considerar que o afeto despertado pelo sonho não pertence ao seu conteúdo manifesto, mas sim ao latente, e em contraste com o que ocorre com as representações, o conteúdo afetivo se encontra livre da deformação.(FREUD, 1987f, p.259).

Freud, diante das compreensíveis objeções que sua tese possa suscitar, pretende explicar e dar provas de que: os sonhos em que é representada a morte de uma pessoa querida seguida do registro do afeto doloroso, são sonhos que expressão o desejo de que essa pessoa morra. (FREUD, 1987f, p.259). Contudo, tais sonhos não são utilizados como provas de que o desejo de morte de entes queridos seja um desejo atual, “*a teoria do sonho não exige tanto; se conforma a inferir que lhes tenha desejado a morte em algum momento da infância.*” (FREUD, 1987f, p.259).

Dito isso, Freud recorre a uma série de apontamentos recolhidos da observação direta de crianças que visam restaurar o que chama de um *fragmento esquecido da vida psíquica infantil*. A primeira delas se refere à relação da criança com seus irmãos. Não há razões para crer que essa deva ser uma relação amável, pondera Freud, pois os exemplos de hostilidade e desavença entre irmãos se impõem à experiência de todos. A criança maior maltrata e denigra a menor, lhe toma seus brinquedos, e o menor por sua vez, se consome em fúria impotente contra o opressor, e lhe endereça seus primeiros impulsos de liberdade e consciência do que é justo. Os pais testemunham tais hostilidades e com freqüência relatam que seus filhos não se suportam.

Não é difícil ver que o caráter da criança não é o que desejaríamos encontrar em um adulto. ***A criança é absolutamente egoísta***, sente com intensidade suas necessidades e luta impiedosamente para satisfazê-las, em particular contra seus rivais, as outras crianças, e em primeiro lugar contra seus irmãos. (FREUD, 1987f, p.260, grifo nosso).

⁹¹ Alguns sonhos dessa natureza são apresentados por Freud no capítulo IV dedicado a deformação onírica. Ali alguns sonhos de morte que versam sobre o *infanticídio* são apresentados como objeções à tese da realização de desejo. Porém, as análises revelam que a morte nesses casos serve como material intermediário para realização de outros desejos, fato esse mais uma vez confirmado pela ausência de registro do afeto de dor. (Cf. FREUD, 1987f, p.170).

Contudo, não se pode dizer que a criança pequena seja má, pois é de se esperar que a moral e os impulsos altruístas ausentes se desenvolvam ainda dentro dos limites da infância, portanto, o pequeno egoísta deve ser encarado apenas como uma criança levada que ainda não pode responder por seus atos. (FREUD, 1987f, p.260). Nos casos em que a moralidade não se desenvolve e o caráter primário infantil permanece desinibido, aí sim se pode falar em degeneração e perversidade. Muito embora, deva-se observar que esse caráter primário mesmo que recoberto e inibido pelos desenvolvimentos posteriores pode abrir caminho nos casos patológicos. Na histeria, por exemplo, é bastante chamativa a coincidência do caráter histérico com o de uma criança travessa. A hiper-moralidade característica das neuroses obsessivas, outro exemplo, devém de um reforço contra a emergência desse caráter primário e infantil.

Essas observações que visam pontuar a indestrutibilidade do caráter infantil permitem inferir e sustentar a possibilidade de que os adultos possam trazer consigo desejos infantis, permeados de hostilidade, que se realizam nos sonhos. Na seqüência Freud afirma que a observação da conduta de crianças de até 3 anos em relação a seus irmãos recém nascidos desperta um especial interesse. Com essa idade as crianças têm plena noção dos prejuízos causados com a chegada do estranho e sofrem intensamente com o sentimento do ciúme, desejando seu desaparecimento como forma de que a vida volte a ser como antes.⁹²

Não havendo dúvida quanto à presença de impulsos hostis na relação entre irmãos, resta elucidar os motivos que levam uma criança a desejar a morte de seus competidores e companheiros como se não houvesse outro castigo que pudesse expiar tais faltas. No entanto, pondera o autor, tal idéia de morte na criança é bastante peculiar.

⁹² Na seqüência Freud apresenta uma série de breves relatos de observações de crianças pequenas que corroboram suas afirmações. (Cf. FREUD, 1987, p. 261-262).

A criança nada sabe dos horrores da putrefação da carne. (...) Para as crianças, que além do mais são poupadas das cenas de sofrimento que precedem à morte, estar morto significa o mesmo de estar longe, e não molestar mais os sobreviventes.(...) Portanto, se a criança tem motivos para desejar a ausência de outra criança, nada o retém para não vestir esse desejo com a forma da morte. (FREUD, 1987f, p.263-264).

Não obstante, não se vê como o implacável egoísmo infantil pelo qual se explica o desejo de morte em relação aos irmãos competidores possa também explicar o *desejo de morte em relação aos pais*. Por duas razões: os pais são para as crianças aqueles que lhe dispensam amor e satisfazem suas necessidades, assim, preservá-los iria de encontro aos motivos egoístas. Aqui Freud se empenha em apresentar uma longa bateria de argumentos e evidências sobre esse desejo de morte em específico. O ponto de partida é a observação colhida da experiência de que com muita freqüência o homem sonha com a morte do pai e a mulher com a morte da mãe. Mesmo que por hora não se possa afirmar que isso ocorra universalmente se pode dizer que

as coisas se apresentam como se desde muito cedo se abre caminho para uma *preferencial sexual*, como se o menino visse no pai, e a menina na mãe, *competidores no amor*, cujo desaparecimento não lhes traria a não ser vantagens.(FREUD, 1987f, p.265, grifo nosso).

A observação cotidiana das relações reais entre pais e filhos, argumenta Freud, esconde muitos motivos de hostilidade, e são inúmeras as situações que propiciam a emergência de desejos censuráveis. Os exemplos fornecidos pela cultura demonstram que o conflito entre pai e filho, por exemplo, é imemorial. As mitologias e sagas são testemunhos dessa hostilidade nas sociedades antigas, Freud cita o despotismo paterno de Cronos que devora seus filhos, e a insurreição de Zeus que castra o pai e toma-lhe o lugar. Desde a família antiga até a família burguesa são muitas as circunstâncias que favorecem o desenvolvimento do germe de hostilidade contido nessa relação.(FREUD, 1987f, p.266). A relação entre filha e

mãe também esconde conflitos, principalmente nos casos em que a mãe comporta-se como um obstáculo a liberdade sexual da filha. Todas essas observações que dão o contexto de onde emerge o desejo de morte dos pais devem ser reconduzidas aos seus fundamentos na primeira infância e aos desejos sexuais da criança. As análises confirmam que a *primeira inclinação sexual* da menina se dirigiu ao pai e os *primeiros desejos* infantis do menino apontaram para a mãe, assim, para o menino o pai torna-se um rival e para a menina sua mãe; cada qual deseja tomar o lugar do rival e o faz se identificando com ele, uma inclinação bastante comum de se observar enquanto brincam: “Agora eu sou a mamãe...”. Nesses conflitos deve-se ter em mente que para as crianças obter o *amor exclusivo* de um adulto não se reduz à satisfação de uma necessidade particular, também significa que sua vontade será obedecida em tudo mais. (FREUD, 1987f, p.267).⁹³

Esses desejos que facilmente se traduzem como desejos de morte, de que o opositor esteja sempre ausente a fim de que se possa conservar o lugar junto ao pai ou a mãe amada, não exclui que a menina também ame a mãe e o menino o pai. Freud, após pontuar pequenas observações de crianças, dá três exemplos colhidos de análise de neuróticos adultos que confirmam isso que a psicologia infantil descreve. (Cf. FREUD, 1987f, p.267). O segundo exemplo é bastante esclarecedor devido à contribuição da análise dos sonhos. Trata-se de uma jovem paciente sua que durante a enfermidade atravessou diversos estados psíquicos. A fase inicial foi marcada por uma excitação confusional durante a qual agredia a mãe e insultava toda vez que essa se aproximava do leito, ao mesmo tempo em que se mostrava dócil e amorosa com uma irmã mais velha. Esse estado fora seguido por um segundo de lucidez e apatia com um sono muito agitado no qual teve início a análise dos sonhos. Tais sonhos em

⁹³ Em nota a um sonho do filho de seu amigo Fliess de menos de 4 anos Freud acrescenta a seguinte observação: “As crianças não abrigam um desejo mais ardente do que serem grandes, e de assim obterem tantas coisas como os grandes; é difícil se contentarem, nada lhes basta, pedem insaciavelmente a repetição do que gostaram e lhes fizera bem. Somente a cultura, por meio da educação, os ensina a medida, a moderar-se, a resignar-se. Como é sabido, também o neurótico se inclina ao sem medida e ao desmesurado.” (FREUD, 1987f, p.276).

sua grande maioria versavam sobre a morte da mãe de maneira mais ou menos velada, ora tratava-se do enterro de uma velha, ora de um estado de luto com a ausência da mãe. Com a melhora de seu estado surgiram às fobias, entre elas o intenso medo de algo acontecesse a sua mãe que lhe obrigava constantemente a verificar se ainda estava viva. Esse caso combinado com outras experiências, afirma Freud, foi altamente instrutivo:

mostrava numa tradução a várias línguas, por assim dizer, diferentes modos de reação do aparelho psíquico frente a mesa representação excitante. No estado de confusão, que concebi como a dominação da segunda instância psíquica pela primeira, normalmente sufocada, a hostilidade inconsciente para com a mãe adquiriu poder no plano motor; depois, quando sobreveio o primeiro apaziguamento, sufocada a revolta, se estabeleceu o império da censura e a hostilidade somente encontrou abertura onde pudesse realizar o desejo pela morte da mãe através dos sonhos; acentuada a normalidade, deu origem a exagerada preocupação para com a mãe como contra-reação histérica e um fenômeno de defesa. Dentro dessa concatenação não é mais inexplicável que as jovens histéricas mostrem um apego tão exagerado as suas mães.(FREUD, 1987f, p.268).

Segundo suas experiências que não são poucas, pondera o autor, os pais ocupam um lugar central na vida psíquica infantil, estar apaixonado por um dos progenitores e odiar o outro é um dos constituintes do material de impulsos psíquicos configurados nessa época como *“um patrimônio inalterado de enorme importância para a sintomatologia da neurose posterior”*. (FREUD, 1987f, p.269). Contudo, tais desejos apaixonados e hostis não parecem ser exclusivos de crianças que posteriormente se tornaram adultos neuróticos, uma vez que isso também se observa com muita frequência em crianças normais. A hipótese é de que se trata de um patrimônio universal da vida psíquica infantil.

3.3. *Oedipus Rex* e Hamlet: um patrimônio psíquico inalterado e universal

Nesse contexto, em apoio a essa generalização, Freud insere sua análise da saga de *Oedipus Rex* ⁹⁴ “cuja eficácia total e universal somente se compreende se é também universalmente válida nossa hipótese sobre a psicologia infantil.” (FREUD, 1987f, p.270). A ação do drama centrada na revelação do assassino de Laio é comparada por Freud com o trabalho de uma psicanálise. O efeito trágico milenar da saga de Édipo rei, sua capacidade de comover até mesmo o homem moderno, se deve unicamente por que poderia ter sido o nosso próprio destino: “deve haver algo em nossa interioridade, uma voz predisposta a reconhecer o império fatal [a força compulsiva] do destino de Édipo” (FREUD, 1987f, p.271). Trata-se da realização de um desejo infantil, pois como demonstram as análises e observações, é bem possível que todos os humanos dirijam o *primeiro impulso sexual* para suas mães e o *primeiro ódio* e desejo violento para seus pais. Porém, retrocedemos espantados diante da realização desses desejos antigos que permanecem reprimidos pela ação da censura, observa Freud, ao passo que

o poeta, no curso da investigação vai trazendo à luz a culpa de Édipo, nos vai forçando a conhecer nossa própria interioridade, de onde aqueles impulsos, embora sufocados, seguem existindo.(...) Como Édipo, vivemos na ignorância desses desejos que ofendem a moral, desses desejos que a natureza forçou em nós, e depois de sua revelação desejaríamos todos fechar os olhos para as cenas de nossa infância.(FREUD, 1987f, p. 272).

A poesia trágica de Hamlet, segundo Freud, se enraíza no mesmo material de Édipo, muito embora seja tratado de maneira diversa devido a um suposto “progresso secular da repressão” que separa os dois períodos da história psíquica humana que essas tragédias representam. (FREUD, 1987f, p.273). Em Édipo, idêntico ao que ocorre no sonho, a fantasia

⁹⁴ O valor da saga de *Oedipus Rex* foi sugerido pela primeira vez a Freud pela análise de seus próprios sonhos. (Cf. Parte III, seção 6.I).

de desejo infantil sufocada é trazida à luz e *realizada*. Quando que, em Hamlet, esta fantasia “*permanece reprimida, e somente averiguamos sua existência, as coisas se encadeiam aqui como numa neurose, por suas conseqüências inibidoras.*” (FREUD, 1987f, p.273). Hamlet não consegue vingar a morte do pai, mas os motivos de sua vacilação o texto não confessa. Freud faz notar que Hamlet se encontra impedido contra si mesmo de vingar-se justamente do homem que matou seu pai e tomou-lhe o lugar junto à sua mãe. A hipótese é de que Hamlet se identifica com o assassino do pai, e que isso lhe remete aos seus próprios desejos infantis reprimidos. Assim, o horror que deveria movê-lo a vingança é substituído por escrúpulos e auto-censuras incompreensíveis.(FREUD, 1987f, p.274).⁹⁵

Antes de prosseguir Freud reforça algumas considerações anteriormente apresentadas sobre aquilo que demonstra ser à base dessas formações oníricas que põe em cena o desejo de morte de pessoas queridas: o egoísmo da alma infantil. Sua tese é de que

todos os sonhos são absolutamente egoístas, em todos emerge o querido eu, mesmo que disfarçado. Os desejos que neles se realizam são via de regra desejos desse eu; que algum sonho possa engendrar-se por outro interesse não é senão uma ilusão enganadora. (FREUD, 1987f, p.276, grifo nosso).⁹⁶

⁹⁵ Os outros dois sonhos típicos menos significativos apresentados por Freud são sonhos de estar voando ou caindo e os sonhos de exame, ambos são remontados a vivências infantis. O primeiro está relacionado a jogos de movimento de onde despertam as primeiras ereções e sensações sexuais. O segundo faz alusão a más ações realizadas na infância e os temidos castigos sofridos, bem como, a provas de natureza sexual. (Cf.FREUD, 1987f, p.279-284).

⁹⁶ Na seqüência apresenta uma série de quatro sonhos que aparentemente contradizem essa afirmação.

CAPÍTULO 4

O trabalho dos sonhos e a transformação do material latente em conteúdo manifesto

A próxima tarefa que o livro sobre sonhos se propõe é de investigar os processos pelos quais os pensamentos latentes se *convertem* em conteúdo manifesto. Ambos são considerados como dois modos de expressão de um mesmo conteúdo, cada qual com suas formas e leis próprias de articulação. O conteúdo manifesto se nos apresenta em uma *pictografia* cujos signos devem ser transpostos individualmente para o modo de expressão dos pensamentos oníricos.(FREUD, 1987f, p.285). O sonho é análogo a um enigma sob a forma de figuras cuja leitura deve partir da substituição de cada imagem individual por uma sílaba ou palavra que lhe corresponda. As sentenças que resultam da associação entre as palavras obtidas são sentenças significativas: o sonho é um *rébus*, e como tal não deve ser tomado em seu valor de imagem mas segundo sua referência significante. (FREUD, 1987f, p.286). Interpreta-lo como composição pictórica conduz a erros que acabam por destituí-lo de seu valor e sentido para a vida psíquica daquele que sonha.

4.1. Os trabalhos de condensação e deslocamento

A desproporção que surge da comparação entre conteúdo e pensamento dos sonhos leva a inferir que houve um amplo *trabalho de condensação* dos pensamentos na formação do

sonho. O sonho é breve e pobre quando se compara com os pensamentos revelados pelo trabalho de associação. Em geral, assinala Freud, se subestima a medida da compressão produzida pelo trabalho que converte pensamentos em conteúdo manifesto. Com efeito, as análises mostram que a rigor nunca se está seguro de ter interpretado um sonho exaustivamente,

mesmo quando parece que a resolução é satisfatória e sem lacunas, *segue em aberto a possibilidade* de que através desse mesmo sonho se possa insinuar outro sentido. Por tanto, em sentido estrito, a cota de condensação é indeterminada. (FREUD, 1987f, p. 287, grifo nosso).

Essa possibilidade permanente de se associarem novas representações aos pensamentos oníricos contrasta em muito com a forma pictográfica sucinta com que se apresenta o sonho, o que levanta a questão de como se produz essa condensação de uma rede de pensamentos que se abre indefinidamente. A condensação, afirma o autor, opera por *omissão*: do conjunto de pensamentos que estiveram ativos na formação do sonho apenas uma minoria está *representada* por um de seus elementos no conteúdo manifesto. “*O sonho não seria uma tradução fiel nem uma projeção ponto por ponto daqueles pensamentos.*”⁹⁷ (FREUD, 1987f, p.289). Portanto, se apenas poucos elementos dos pensamentos alcançam o conteúdo como seus representantes, quais seriam as condições que determinam tal seleção? Com a análise do “Sonho da monografia botânica” Freud pretende demonstrar que os elementos escolhidos são aqueles aptos para exibirem o maior número de contatos possíveis com a rede onírica inconsciente, são elementos que se constituem como pontos nodais sobre os quais convergem muitas cadeias de representações. Tais elementos intermediários são, por

⁹⁷ Essa sentença deixa ver o ganho conceitual permanente obtido por Freud desde a crítica da idéia de projeção a favor do conceito de representação originalmente desenvolvido no Ensaio sobre as afasias (1891). (Cf. Parte I, seção 2.1; Parte II, seção 1.2, principalmente nota 48, Parte III, seção 2.2).

assim dizer, *sobredeterminados* na medida foram escolhidos por serem capazes de representar uma multiplicidade de pensamentos.⁹⁸

Com isso, prossegue Freud, pode-se observar uma outra disparidade da formação onírica: os elementos que no conteúdo manifesto se impõe como essenciais por serem determinantes múltiplos não desempenham a mesma importância nos pensamentos latentes. Do que se conclui que: aquilo que nos pensamentos é tido por essencial, o desejo inconsciente, não precisa necessariamente estar presente no conteúdo do sonho, basta que esteja indiretamente representado. Portanto, afirma o autor, *o sonho é diversamente centrado* pois se organiza em torno de outros elementos que não os pensamentos oníricos. Disso resulta que o centro do conteúdo manifesto aparece fora de todo nexos direto com seus genuínos desejos excitadores. (FREUD, 1987f, p. 311).

O intrigante nesse processo é o fato de que os elementos inconscientes sobre os quais recai um alto valor psíquico são tratados em relação ao conteúdo como destituídos de importância, enquanto que aqueles elementos selecionados por serem aptos a sobredeterminação, mesmo que indiferentes, são providos de uma intensidade desproporcional. Segundo Freud, essa fato sugere a seguinte hipótese: no trabalho onírico se exterioriza um *poder psíquico que despoja de sua intensidade os elementos de alto valor psíquico* e, pela via da sobredeterminação *cria novos valores a partir de elementos de valor ínfimo*, fazendo com que esses elementos alcancem o conteúdo onírico. Segundo essa hipótese: toda formação onírica opera uma transferência e um deslocamento de intensidades psíquicas cujo resultado é diferença de texto que se estabelece entre pictografia manifesta e pensamentos latentes. (FREUD, 1987f, 313).

⁹⁸ Entre os sonhos analisados para dar mostras dessa operação onírica, além do sonho da monografia acima citado, estão aqueles intitulados: “Um belo sonho”, “O sonho dos besouros”, “Sonho da injeção de Irmã” e mais outros seis pequenos relatos, entre eles o sonho “Autodisdasker”. (Cf. FREUD, 1987f, p.292-311).

O processo que com isso supomos é nada menos que *a peça essencial do trabalho onírico*: merece o nome de *deslocamento onírico*.⁹⁹ O deslocamento e a condensação são os dois principais mestres artesãos cuja atividade podemos atribuir à configuração dos sonhos. (FREUD, 1987f, p.313, grifo nosso).

O deslocamento onírico é um dos meios da deformação do desejo onírico que facilmente pode ser atribuído ao poder que a censura exerce sobre a primeira instância em que se forma e de onde parte a realização de desejo. Em vista disso, os elementos são selecionados e talhados pelo trabalho de condensação, sobredeterminação e deslocamento como um modo de *abrir caminho pela resistência* oferecida pela instância crítica ao desejo inconsciente.

4.2. Os meios de representação do sonho e a repulsa como afirmação (*Bejahung*) da realidade

Ao lado dos trabalhos de condensação e deslocamento que operam a mudança do material de pensamentos latentes em conteúdo onírico manifesto é necessário considerar algumas outras condições na seleção do material. Os pensamentos oníricos exibem a particularidade de serem compostos por um complexo de pensamentos e recordações de uma construção altamente intrincada com todas as características do pensamento da vigília. No entanto, Freud observa que é preciso considerar que o sonho não dispõe, a princípio, de meio algum que possa representar relações lógicas tais como, “se”, “porque”, “como”, “embora”, “ou...ou”, e outras conjunções sem as quais não se pode compreender as sentenças e os discursos.(FREUD, 1987f, p.318).

⁹⁹ Cf. O exame desse conceito na análise do “Projeto...” (1895), Parte II, seção 5.1, 5.2.

Uma restrição semelhante, pondera o autor, encontramos nas artes figurativas da pintura e da escultura da qual a poesia se diferencia por poder servir-se das palavras como matéria. O fundamento dessa incapacidade que o sonho compartilha com as artes figurativas está na natureza do material utilizado por ambas como meio de expressão. Contudo, tanto a pintura como os sonhos têm meios próprios de compensar essa desvantagem. No caso dos sonhos os meios são os seguintes: Relações lógicas são representadas por simultaneidade. Relações causais se apresentam por meio da seqüência temporal. Alternativas como “ou...ou” não podem ser expressas, não obstante, ambas são inseridas no texto dos sonhos como igualmente válidas, cada uma delas tem um sentido próprio e conduz a uma cadeia de pensamentos de idêntico valor. Antíteses e contradições são simplesmente desprezadas, o “não” parece não existir para o sonho que exhibe uma notável predileção em combinar os opostos em uma unidade ou representa-los no conteúdo manifesto por meio de um mesmo elemento.

Entre todas essas relações lógicas uma delas é extremamente favorecida pelo processo de formação do sonho: é a relação de semelhança, concordância, o “assim como” que nos sonhos pode-se representar por diversos meios.

São os primeiros pontos de apoio para a formação dos sonhos, e uma parte grande do trabalho do sonho consiste em criar novas semelhanças quando as existentes não podem *abrir caminho até o sonho* por causa da censura e da resistência.(FREUD, 1987f, p.325, grifo nosso).

Semelhança, concordância, comunidade são representadas no sonho pela reunião em uma unidade ou que já estava dada no material onírico, ou que é criada como algo novo. O primeiro caso denomina-se *identificação*¹⁰⁰, o segundo, *formação mista*. A identificação se emprega quando se trata de pessoas; a formação mista quanto o material são coisas. (FREUD,

¹⁰⁰ Nesse ponto Freud tece algumas considerações sobre o processo de identificação que é introduzido na obra sobre o sonho como tendo um papel significativo na formação onírica, bem como na formação de sintomas histéricos como é demonstrado pela análise do “Sonho do salmão defumado”.(Cf. FREUD, 1987f, p. 164-169).

1987f, p.325). A inversão, por sua vez, é um dos modos de representação preferidos pela formação do sonho e muito apropriado para impor a vigência da realização de desejo diante da censura.

Quanto aos caracteres formais como diferenças de intensidade sensorial, nitidez e vivacidade entre elementos oníricos, Freud pondera que não há justificativa para supor que os elementos do sonho que são derivados de impressões reais durante o sono (estímulos nervosos) se distingam por sua vivacidade de outros elementos que provém de recordações. “*O fator de realidade não conta para a determinação da intensidade das imagens oníricas.*” (FREUD, 1987f, p.334). Não obstante, continua o autor, poder-se-ia esperar que a intensidade sensorial de imagens oníricas estivesse relacionada com a intensidade psíquica dos elementos que lhes correspondem dentro dos pensamentos oníricos. Porém, “*a intensidade de um não está relacionada à do outro; entre material onírico e o sonho ocorre uma total subversão de todos os valores psíquicos.*” (FREUD, 1987f, p.335). As análises demonstram que a intensidade dos elementos do sonho vem a ser determinadas de outra forma e por dois fatores independentes: 1º. Os elementos que expressam a realização de desejo são representados com especial intensidade; 2º a análise também revela que os elementos mais vívidos de um sonho são aqueles sobre os quais houve um maior trabalho de condensação, são elementos sobredeterminados.(FREUD, 1987f, p.335).

Freud conclui essa seção sobre o trabalho onírico com algumas considerações a respeito da presença e do significado do juízo durante o sonho de grande interesse para a teoria da realidade. Qual o significado, se pergunta o autor, do juízo emergente durante o próprio sonho: “Isto é apenas um sonho”.

A intenção é desvalorizar o sonhado do sonho, ***arrebatar-lhe sua realidade***; o que se segue sonhando depois do despertar do ‘sonho dentro do sonho’ é o que o desejo onírico quer por no lugar da realidade obliterada. Pode-se supor que o sonhado contém a ***representação da realidade, a recordação***

real, e o sonho que segue, ao contrário, contém a representação do que aquele que sonha deseja. (FREUD, 1987f, p.343, grifo nosso).

Segundo essa hipótese, tal re-elaboração realiza o desejo de que a coisa sonhada jamais tivesse ocorrido, como uma forma de repulsa, mas, por outro lado, essa repulsa “*implica na mais decisiva corroboração da realidade desse fato, sua mais forte afirmação [Bejahung]*”. (FREUD, 1987f, p.343).

4.3. Consideração pela figurabilidade: uma unidade de ação isenta de censura

Como foi pontuado, no decurso do processo que conduz a formação do sonho o material onírico experimenta alterações significativas em sua forma original, entre elas: uma compressão da qual resulta um despojamento de parte de suas relações; um deslocamento de intensidades que subverte os valores psíquicos de seus elementos essenciais, bem como a substituição de uma representação por outra de característica ambígua apta a representar uma multiplicidade de sentidos favorecendo a convergência de muitas cadeias associativas.

Contudo, a que se considerar um segundo tipo de deslocamento, afirma Freud, pois a análise do sonho também dá mostras da existência de uma *permutação da expressão lingüística* dos pensamentos oníricos. A diferença entre as duas modalidades de deslocamento está em que, no primeiro, o resultado é a substituição de um elemento por outro, enquanto que no segundo, o que é substituído é a forma de linguagem pela qual se expressam; esse segundo tipo de deslocamento se consuma de acordo com a seguinte direção:

uma expressão descolorida e abstrata do pensamento onírico é trocada por outra, figural e concreta. A vantagem – e com ela o propósito – dessa substituição é patente. Para o sonho, o pictórico é susceptível de figuração, *pode inserir-se numa situação*. (FREUD, 1987f, p.345, grifo nosso).

Além de que, o remodelamento figural de um pensamento abstrato também favorece a condensação e formação de pontos nodais, pois “*em qualquer linguagem, em virtude de sua evolução, os termos concretos são mais ricos em associações que os conceituais.*” (FREUD, 1987f, p.346) ¹⁰¹. Em todos os casos, é preciso observar afirma Freud, que as substituições características do trabalho do sonho “*não tem o propósito que se as compreenda e não oferecem ao seu tradutor dificuldades maiores do que as oferecidas pela escrita hieroglífica dos antigos.*” (FREUD, 1987f, p. 347).

A transformação dos pensamentos oníricos em conteúdo do sonho deve incluir um terceiro fator acima descrito que é a *consideração pela figurabilidade do material psíquico* do qual se serve o sonho, ou seja, a consideração por sua aptidão ou dificuldade em ser representado por meio de imagens visuais.¹⁰² Com efeito, diante da diversidade de pensamentos intermediários a preferência é por aqueles que permitem uma figuração visual, e o trabalho do sonho não mede esforços de remodelar pensamentos e palavras inadapáveis numa nova forma verbal que facilite sua representação pictórica.(FREUD, 1987f, p.349).¹⁰³

¹⁰¹ Segundo Freud, a linguagem por suas características evolutivas pode em certos casos facilitar a figuração de pensamentos pois dispõe de uma série de palavras que originariamente possuíam um sentido figural e concreto e que na atualidade são utilizadas de modo abstrato.”Tudo o que o sonho tem de fazer é devolver seu significado primitivo ou descender um degrau na evolução de seu significado.” (FREUD, 1987f, p.408).

¹⁰² O sonho apresentado como evidencia desse trabalho de permutação intitula-se: “Torre na platéia do teatro”. (Cf. FREUD, 1987, p.348).

¹⁰³ Contudo, é importante pontuar que o material acústico, apesar de menos freqüente, também tem um lugar na formação onírica. Freud observa que elaboração onírica não pode criar falas, assim tudo o que o sonho pode fazer é extrai-las de falas pronunciadas, escritas ou ouvidas durante a vigília, que são fragmentadas e reunidas numa nova ordem segundo outros fins. (Cf.FREUD, 1987f, p.419). Portanto, com vistas à figurabilidade, os pensamentos devem ser reproduzidos não tão somente dentro do

Nesse sentido, para alcançar seu objetivo, qual seja: *uma figurabilidade isenta de censura*, ou em outros termos, uma unidade de ação isenta de censura, o trabalho do sonho também se apropria de alusões e substituições de palavras universalmente compartilhadas presentes nas sagas e nos usos populares. Agindo assim, a formação onírica não faz mais do que

transitar por vias que já se encontram facilitadas no pensamento inconsciente; prefere aquelas transmutações do material reprimido que na qualidade de chiste e alusão tem permitido o devir consciente, e das quais transbordam todas as fantasias dos neuróticos. (FREUD, 1987f, p.351, grifo nosso).

Tanto o fantasiar inconsciente como o sonho recorrem com facilidade a grupos de representações relacionados a *casa*, por exemplo, como seus pilares, colunas, portas, buracos e encanamentos, para simbolizar algo relativo a partes do corpo: pernas, aparelho urinário, órgãos sexuais, etc. Segundo Freud, esse é um fenômeno bastante freqüente no pensamento inconsciente que remonta a curiosidade sexual infantil. Outros grupos de representações muito utilizados para aludir e disfarçar imagens sexuais são aqueles relacionados à vida vegetal ou a cozinha.¹⁰⁴

Com alusões aparentemente inocentes a prática culinária pode-se pensar e sonhar os detalhes mais desagradáveis ou íntimos da vida sexual.(...) Onde quer que a neurose se serve de tais encobrimentos, recorre a caminhos já transitados por toda a humanidade em épocas remotas da cultura, e cuja existência dão hoje testemunho os usos lingüísticos, superstições e costumes.(FREUD, 1987f, p.352).¹⁰⁵

Na seqüência o autor empreende a análise de uma longa série de sonhos, entre eles sonhos típicos, com a intenção de oferecer exemplos e provas confirmatórias desse tipo de

material de traços de memória visuais mas também dos traços mnêmicos acústicos. (FREUD, 1987f, p.503).

¹⁰⁴ Deve-se observar que as *possibilidades de expressão* assumidas pelo pensamento substitutivo não deixam em nenhum momento de serem determinadas pelo propósito desiderativo do pensamento onírico inicial.(FREUD, 1987f, p.346).

¹⁰⁵ Cf. Análise do sonho: “Ramo com flores vermelhas” (FREUD, 1987f, p.353).

simbolização que, segundo ele, não é uma atividade exclusiva das formações oníricas, mas sim algo característico do representar inconsciente como tal. (FREUD, 1987f, p.356). Freud dedica toda uma seção a análise desse tipo de simbolismo (seção E do Capítulo VI).¹⁰⁶

4.4. O afeto faz do sonho uma vivência real

Como vimos, o propósito da permutação do modo de expressão dos pensamentos em imagens não é, de forma alguma, torna-los compreensíveis, e sim, possibilitar que os desejos reprimidos que eles vinculam possam inserir-se numa situação, ou seja, numa unidade de ação isenta de censura; é justamente essa passagem à ação que é impedida pela instancia crítica na vigília. A materialidade sensorial dessas cenas oníricas e a particularidade de seu tempo de ação (penso num plano e imediatamente o vejo realizado) é o que permite sustentar a tese de que nos sonhos *pensar e vivenciar são uma e a mesma coisa*. O exame da ação dos afetos nos sonhos demonstra o alcance dessa tese, e os resultados obtidos acabam por elevar o sonho ao estatuto de uma *vivência real*.

Freud parte da seguinte observação realizada por Stricker: “*Se eu no sonho sinto medo de ladrões, os ladrões são por certo imaginários, mas o medo é real*” (FREUD, 1987f,

¹⁰⁶ O conteúdo latente revelado pela análise desses sonhos versa, em sua grande maioria, sobre problemas referentes à sexualidade tanto de crianças como de adultos neuróticos e sádios; o trabalho associativo frequentemente os reconduz aos impulsos da vida sexual infantil.(Cf.FREUD, 1987f, 356-406). Chega mesmo a concluir que essa *predominância* do material sexual latente se justifica e se harmoniza com o princípio estabelecido por sua doutrina de que nenhuma outra pulsão teve de suportar desde a infância uma repressão tão grande quanto à pulsão sexual, e nenhuma outra deixou atrás de si, tantos e tão fortes desejos inconscientes que, posteriormente, passam a impulsionar a formação de sonhos e sintomas.(FREUD, 1987f, p.398).

p.458), e acrescenta que o mesmo ocorre quando o sonho resulta numa intensa satisfação: o regozijo é real.¹⁰⁷

De acordo com o *testemunho de nossa sensação*, o afeto vivenciado no sonho de modo algum é inferior aquele de igual intensidade vivenciado na vigília; e é por seu conteúdo afetivo que o sonho sustenta, mais energicamente que por seu conteúdo de representação, *o direito de que se o inclua entre as vivências reais de nossa alma*.(FREUD, 1987f, p.458, grifo nosso).

Contudo, as vivências oníricas quando apreciadas fora do estado do sono dificilmente são tidas por vivências reais que encontram lugar e sentido nas atividades psíquicas da vigília. Tal depreciação se deve, pondera Freud, devido ao fato de que sempre avaliamos o afeto por seu conteúdo representacional, porém, no caso dos sonhos as representações sofrem um amplo trabalho de deformação e remodelação lingüística que as torna aparentemente incompatíveis com os afetos que as acompanham. Por exemplo, pode acontecer de se estar no sonho numa situação temerosa, perigosa ou repugnante, e no entanto não sentir medo nem repulsa; noutras situações vivesse um grande espanto devido a coisas inofensivas, e assim por diante. Diante dessas distorções a análise nos ensina

que os conteúdos de representação experimentaram deslocamentos e substituições, enquanto os *afetos se mantiveram inalterados*. (...) Em um complexo psíquico submetido à censura da resistência [*Widerstand*] os afetos são a parte mais resistente [*Resistent*] a ação dessa última, e por isso a única que pode dar-nos indícios para uma reconstrução correta. Isso se revela nas psiconeuroses com maior nitidez que nos sonhos.(FREUD, 1987f, p.458, grifo nosso).

É importante destacar a diferença indicada pelo editor espanhol nos termos utilizados por Freud para designar dois modos distintos de resistência. Para a resistência da censura o termo é *Widerstand* que, segundo o editor, é utilizado para designar uma *resistência psíquica*.

¹⁰⁷ Freud traz inúmeros exemplos da realidade com que os afetos e desejos são vividos nos sonhos, que vão desde aqueles que resultam em poluções, até, em outro extremo, sonhos que conduzem à tristeza e ao choro amargurado enquanto ainda se dorme.

Enquanto que, a resistência oferecida pelos afetos é designada pelo termo *Resistent* que remeteria ao sentido físico da resistência, análogo a *resistência de um sólido*. (FREUD, 1987f, p. 459).

Dessa constatação decorre que, diante de um aparente absurdo posto pela relação de um afeto a uma representação qualquer, a psicanálise reconheça o afeto como justificado pondo-se no trabalho de busca da representação que lhe corresponde e que foi reprimida mediante uma substituição. A premissa que embasa essas considerações, prossegue Freud, é de que “*o desprendimento do afeto e o conteúdo de representação não formam uma unidade orgânica indissolúvel (...) ambas as peças podem estar soldadas, podendo ser separadas mediante a análise.*” (FREUD, 1987f, p.459).

No caso da dissolução do complexo tendo em vista a repressão o afeto aparece totalmente desligado da representação a que pertence podendo se ajustar a uma nova disposição. Freud recorre ao exemplo¹⁰⁸ do sonho cujo tema é a morte de um ente querido que, não obstante, transcorre sem que se viva qualquer afeto de dor ou luto. Com efeito, nesse caso o tema da morte é apenas um disfarce para outro desejo cuja representação se encontra sob repressão. Diante disso se pode concluir que, invariavelmente, *o afeto deve harmonizar-se com o desejo e não com seu disfarce*. (FREUD, 1987f, p.460).

A reconstrução dos pensamentos oníricos revela sua íntima relação com os mais intensos impulsos da vida anímica. As análises ensinam que não é possível alcança-los sem que se experimente uma profunda emoção. (FREUD, 1987f, p.465).¹⁰⁹ Mesmo permanecendo

¹⁰⁸ Ao todo são cinco os sonhos analisados nessa seção dedicada aos afetos.

¹⁰⁹ No entanto, Freud verifica ainda outras possibilidades quanto ao destino dos afetos nos sonhos. Uma vez que se os conceba como sendo *despertados por obra do pensamento inconsciente*, o trabalho do sonho tem meios de inibi-los via formação de representações e estados afetivos opostos que se anulam entre si, como é demonstrado pela análise do sonho de número IV dessa seção. (Cf.FREUD, 1987, p.466). O afeto pode ainda ser dissimulado pela transformação no seu contrário: “a mudança no contrário é possibilitada pelo íntimo encadeamento associativo que em nosso pensamento liga a representação de coisa [*Dingvorstellungen*] a seu oposto.” (Cf. FREUD, 1987f, p.468-470). Porém, a

inconscientes tais fontes de afeto mantêm-se ativas durante o sono e lutam para estabelecer uma conexão associativa com uma fonte permitida, isenta de censura, que “*lhes abre a facilitação {Bahnung} desejada para o desprendimento [afetivo].*” (FREUD, 1987f, p.476). Ou seja, isso dá mostras da existência de uma confluência entre diferentes fontes que se conjugam na composição do afeto tal como ele aparece no sonho: os afetos são assim sobredeterminados.

Freud passa a considerar então os casos em que a sobredeterminação põe em jogo o que ele designa por afeto de satisfação. Geralmente, ocorre que duas ou mais fontes cooperam na formação afetiva, porém, para os fins da análise, é preciso ir além da primeira fonte revelada junto aos pensamentos latentes e rastrear uma segunda fonte da formação de afeto (dentro dos próprios pensamentos oníricos) cuja satisfação se encontra interdita. O que ocorre é que, a presença da primeira fonte onírica livre de censura habilita, por proximidade associativa, a segunda fonte censurada a subtrair da repressão seu *afeto de satisfação* permitindo-lhe que se reúna a satisfação que procede de outra fonte, intensificando-a. (FREUD, 1987f, p.477). Segundo o símile: “*Ao abrirem-se as portas, irrompem por elas sem tropeços mais pessoas do que fora originalmente a intenção de deixar passar.*” (FREUD, 1987f, p.476).

Freud oferece alguns exemplos desse processo pela análise do sonho autobiográfico intitulado “*Non Vixit*”. As associações conduzem à análise do sonho, de camada em camada, das fontes de afetos atuais até as mais remotas e conclui que as últimas recebem reforços de fontes mais profundas que fluem dentro do infantil. (FREUD, 1987f, p.479). Portanto, o tipo de satisfação afetiva em questão que o processo acima descrito faz passar pela censura é uma satisfação proveniente do infantil, que geralmente se caracteriza por um egoísmo grosseiro e uma ambição desmedida associada a afetos hostis e amorosos. São modos de reação e formas

inibição do afeto deve ser considerada como uma consequência secundária da censura que é antecedida pelo trabalho de deformação onírica.(FREUD, 1987f, 466).

de pensar fixadas pelas vivências infantis, plenas de impulsos e desejos insatisfeitos que quando obtêm meios de se realizarem *nos sonhos* produzem o que Freud qualifica de uma *enorme satisfação*.¹¹⁰ (FREUD, 1987f, p.466). É importante pontuar que, na formação dos sonhos a satisfação encontra-se ligada a uma seqüência de pensamentos, em outras palavras, é uma determinada seqüência de pensamentos que se materializa no sonho e que conduz à satisfação.

Freud conclui sua avaliação sobre os afetos com a observação de que esses recebem o mesmo tratamento que é dispensado aos estímulos nervosos e demais representações durante o sono, tudo aquilo que dessas e de outras fontes advém como penoso não está destinado a ser representado no sonho. A formação onírica está sujeita a condição de que algo somente abrir caminho até a figuração se for possível ser re-trabalhado até que possa tornar-se útil para expressar a realização de desejo, sua fonte psíquica impulsora. (FREUD, 1987f, p.483).

4.5. A elaboração secundária: uma trama inteligível

Até o momento o trabalho do sonho foi concebido a partir da cooperação de três fatores: condensação, deslocamento e figurabilidade. Dentre eles é preciso reconhecer um quarto fator que opera na transformação dos pensamentos oníricos, Freud o denomina *elaboração secundária*. Essa é uma função onírica crítica cujo trabalho consiste em produzir elos por meio de pensamentos vinculatorios e com eles preencher lacunas da estrutura do sonho (FREUD, 1987f, p.486); em outros termos, “*por ordem no material, estabelecer relações e adequá-lo a expectativa de uma trama inteligível*”. (FREUD, 1987f, p.495).

¹¹⁰ Na análise do sonho “*Non vixit*” Freud confere novamente a transferência uma papel significativo nesses processos. (Cf. FREUD, 1987f, p.479-483).

Disso resulta que muitas vezes nos deparamos com sonhos que já foram interpretados antes mesmo de serem submetidos à interpretação. É o que torna evidente aqueles sonhos durante os quais se produzem observações críticas como por exemplo: “Isto é apenas um sonho”. Juízos dessa natureza demonstram que a instância crítica conhecida por sua função censora dá mostras de que também participa na formação do sonho com intercalações como essas e outros acrescentamentos que visam dar inteligibilidade e coerência a apresentação do material onírico. A elaboração parte de uma situação possível, prossegue por meio de transformações isentas de contradição criando um sentido manifesto “*mas na verdade esse sentido está muito longe do real significado do sonho*”.(FREUD, 1987f, p.487). Seu modo de trabalho é idêntico ao trabalho de coordenação lógica realizado pelo pensamento de vigília. O contraste com o modo do trabalho essencialmente onírico é grande, e a especificidade desse último se deixa ver mediante a seguinte fórmula: o trabalho do sonho se afasta do modelo de pensamento da vigília, pois *não pensa, não calcula, nem julga, se limita a transformar pensamentos, dar a eles uma nova forma.* (FREUD, 1987f, p.502).¹¹¹

¹¹¹ Em nota ao final da seção dedicada elaboração dos sonhos, Freud faz uma pontuação conclusiva que deixa ver a importância que esse trabalho em específico passou a ter para a compreensão da produção onírica. “No fundo, o sonho não é mais do que uma forma particular de pensamento possibilitada pelas condições do estado do dormir. É o **trabalho do sonho** que produz essa forma, e é sozinho *a essência do sonhar*, a explicação de sua especificidade.”(FREUD, 1987f, p.502, grifo nosso). Contudo, não se deve perder de vista esses rendimentos obtidos com o estudo dos sonhos visam à elucidação de outras estruturas psíquicas correlacionadas, como sintomas, fantasias, delírios, alucinações etc., pois, ao que tudo indica, o trabalho onírico lhes serve como modelo a partir do qual é possível pensar suas particularidades.

CAPÍTULO 5

O Aparelho Psíquico: desejo inconsciente, ética e o domínio do real

A abertura do sétimo capítulo do livro sobre os sonhos (1900) traz um problema muito bem definido que é apresentado por meio da análise de um sonho tido como paradigmático em vista da questão que o autor pretende elucidar.¹¹² O contexto de onde emerge o sonho é o seguinte:

Um pai assistiu noite e dia a seu filho mortamente enfermo. Falecida a criança, se retirou a uma habitação vizinha com o propósito de descansar, mas deixou a porta aberta a fim de poder ver desde seu dormitório a habitação donde jazia o corpo de seu filho, rodeado de velas. Um ancião a quem se lhe encarregou montar vigília se sentou próximo ao cadáver, murmurando orações. (FREUD, 1987f, p.504).

Depois de dormir algumas horas, prossegue o relato, o pai tem o seguinte sonho: “*seu filho está de pé junto a sua cama, lhe toma pelo braço e lhe sussurra esta censura: Pai, então não vês que estou queimando?*”. Desperto, o pai observa um forte clarão no quarto ao lado e corre até lá onde encontra o ancião adormecido e as roupas e parte do braço do cadáver da criança em chamas devido a uma vela acesa que tombara sobre ele. (FREUD, 1987f, p.504).

Trata-se, observa Freud, de um sonho aparentemente simples de se explicar. O clarão da chama incidiu sobre os olhos do adormecido e lhe sugeriu a *mesma conclusão que haveria extraído se estivesse acordado*: uma vela havia caído e incendiado o cadáver. Entre outros detalhes Freud observa que o que chama a atenção é o fato de nessas circunstâncias terem

¹¹² Como veremos se trata de um problema que confere uma unidade para a obra e que foi apresentado desde o prefácio de sua primeira edição como seu objetivo fundamental.(Cf. Parte IV, seção 1.1).

sobrevindo um sonho quando que o mais esperado era um brusco despertar. O sonho, pondera o autor, prevaleceu sobre o despertar e o pensamento de vigília por que pôde, mesmo que por um breve lapso, realizar o desejo de representar a criança ainda com vida. (FREUD, 1987f, p.505).

Segundo Freud, o que torna esse sonho paradigmático e exige explicação é fato dele problematizar de modo bastante claro “*os caracteres essenciais pelos quais os sonhos se afastam consideravelmente do nosso pensamento de vigília*” (FREUD, 1987f, p.505). Com vistas a demarcar essa distância fundamental e extrair dela o essencial sobre a formação onírica será necessário: “*estabelecer uma série de novos supostos que se aproximem mediante conjecturas do edifício do aparelho psíquico e o jogo de forças que neles atuam*” (FREUD, 1987f, p.506); ou seja, trata-se de se obter, por meio do estudo dos sonhos, uma inferência acerca da construção e do modo de trabalho do aparelho psíquico.¹¹³

5.1. O processo da regressão: a cena de ação e a transmutação ao sensível

O “sonho do menino que queima” mostra, antes de tudo, que é pela realização de um desejo que o processo de pensamento se transforma em sonho. Estabelecido o motivo da transformação deve-se interrogar a característica que separa os dois tipos de acontecer psíquico em questão, qual seja, o pensamento onírico e o sonho. No exemplo dado, o *pensamento onírico* daquele que dorme poderia ser assim formulado: “*Vejo um clarão que vem do cômodo onde jaz o cadáver. Talvez uma vela tenha caído e a criança esteja*

¹¹³ Porém, o autor alerta que tal inferência somente pode ser levada adiante se puder conjugar-se com o estudo comparativo entre outras estruturas e operações psíquicas, como o pensamento diurno e as fantasias, por exemplo, de onde se devem extrair os elementos de constância necessária.

queimando.” *O sonho*, por sua vez, não faz mais do que repetir *o resultado* dessa reflexão sem alterações, contudo, o que o diferencia enquanto processo é que ele “*o figura dentro de uma situação presente [atual] que os sentidos apreenderam como uma vivência da vigília.*” (FREUD, 1987f, p.527).¹¹⁴

Esse é o caráter psicológico mais geral e notável do sonhar; um pensamento, geralmente um pensamento desejado, é objetivado no sonho, é figurado como cena ou, segundo cremos, é vivenciado. (FREUD, 1987f, p.527).

A transmutação do material exibe características bem delimitadas, a primeira delas está relacionada ao tempo e a segunda a transposição do pensamento em imagens visuais e acústicas. Freud extrai outro exemplo de uma passagem do “Sonho da injeção de Irma”. Trata-se de mostrar que o pensamento onírico que alcança a figuração na tela do sonho é uma *oração desiderativa*, expressa uma expectativa: “*Oxalá que Otto seja o culpado pela enfermidade de Irmã !*”. O sonho, e isso é bem evidente, suplanta o optativo “*Oxalá Otto seja*”, e o substitui pelo presente direto: “*Sim, Otto é o culpado*” . Nessa nova situação o desejo se encontra realizado,¹¹⁵ o que não um processo é exclusivo dos sonhos, pondera Freud, as fantasias conscientes procedem do mesmo modo, contudo, nesses sonhos diurnos as representações de desejo são pensadas, quando que nos sonhos, são transpostas em imagens sensíveis que se dá crédito e se crê vivenciar. (FREUD, 1987f, p.528).

Essa *transmutação ao sensível*, mesmo que não seja completa e nem a única possibilidade da formação onírica, é de longe a sua característica mais notável, ao ponto,

¹¹⁴ No “Projeto...” (1895) essa transição entre os processos já se encontra plenamente estabelecida: “*Feçam-se os olhos e alucina-se, eles se abrem e pensa-se com palavras.*” (Cf. Parte II, seção 5.1). Contudo, no livro sobre os sonhos (1900) a formação onírica alcança o estatuto de uma vivência real equiparando-se em importância e conseqüências a vivência da vigília com a qual mantém um modo particular de relação.

¹¹⁵“ O sonho se vale do tempo presente com o mesmo direito que o sonho diurno. O presente é o tempo em que o desejo se figura como realizado.” (FREUD, 1987f, p.528).

afirma o autor, de não podermos conceber a vida onírica sem ela; o que exige extensas elucidações. Freud toma como ponto de partida para suas hipóteses uma fecunda observação de Fechner: “*A cena de ação do sonho é diferente daquela da vida de representações da vigília*”; e acrescenta uma pontuação fundamental: “*nenhuma outra hipótese permitiria conceitualizar as peculiaridades da vida onírica*”. (FREUD, 1987f, p.529).

O que está em jogo com essa hipótese sobre diferentes cenas de ação é a possibilidade de se pensar o aparelho mental por meio da idéia de *localidade psíquica*, ou seja, permite uma representação espacial para o aparelho. A seguir, Freud tece algumas considerações metodológicas sobre empreendimento em questão nas quais transparece, ainda que por exclusão, sua natureza neuropsicológica fundamental: “*Queremos deixar de lado por completo que o aparelho anímico de que aqui se trata nos é conhecido também como preparado anatômico*”. Com isso, Freud, mais uma vez, deixa claro que sua opção pelo dualismo é unicamente metodológica (Cf. Parte I, seção 2.2). Portanto, deve-se ter “*o maior cuidado em não cair na tentação de determinar essa localidade psíquica como se fora anatômica*”¹¹⁶. (FREUD, 1987f, p.529). Assim, a metodologia de trabalho permanece a mesma que a do ensaio “Sobre as afasias” (1891), dada à escassez de informações diretas e as dificuldades próprias da matéria: “*nos manteremos no terreno psicológico*”. (FREUD, 1987f, p.529)

Não se deve perder de vista que a necessidade de se propor uma representação espacial para o aparelho psíquico é uma exigência do problema que se pretende explicar. A representação topográfica é tida como a única maneira de tornar inteligível a formação da

¹¹⁶ Como foi anteriormente desenvolvido, a anatomia é encarada por Freud desde o ponto de vista *funcional* e não *morfológico* como se encontra plenamente estabelecido por sua teoria da memória e da representação. Assim, determinar a espacialização do psíquico desde a perspectiva funcional é realmente uma forte tentação para Freud. (Cf. Parte I, seção 2.3; Parte II, seção 1.2) É o que demonstra a presença constante de alusões e de afirmações diretas sobre a formação dos traços mnêmicos por meio das facilitações entre neurônios ao longo da “Interpretação dos Sonhos” (1900). (Cf. Parte IV, seção, 4.4; 5.1, 5.2, 5.5)

cena sensório-visual em que se desenrola a ação desiderativa a partir dos pensamentos oníricos. Freud num primeiro momento propõe uma *analogia*, o intuito é tornar compreensível a complexidade dessa operação psíquica e correlaciona-la à estrutura de um aparelho: imaginemos o instrumento do qual se valem às operações psíquicas, sugere o autor, como se fossem um microscópio ou um aparelho fotográfico.

A localidade psíquica corresponde então a um lugar no interior do aparelho em que se produz um dos estágios prévios da imagem. No microscópio e no telescópio, como é sabido, essas são em parte localizações ideais, em regiões nas quais não se acha situado nenhum componente tangível do aparelho.” (FREUD, 1987f, p.530).

A analogia põe em destaque o elemento em comum entre os aparelhos. Em ambos o que está em jogo é a autonomia do ponto de vista funcional que descarta a necessidade de uma apreensão morfológica das atividades envolvidas na produção da imagem: a operação se dá, sim, no interior do aparelho, no entanto, em pontos ideais que não podem ser localizados em nenhum componente tangível. Segundo a analogia, em tese, essa propriedade virtual deve se aplicar também às produções do aparelho psíquico.

Em uma primeira aproximação de algo desconhecido, afirma Freud, tudo o que precisamos é de *representações auxiliares*, hipóteses de trabalho que permitam uma primeira descrição e sistematização, ainda que grosseira, do domínio problemático. Imaginemos então, prossegue o autor, o aparelho psíquico

como um instrumento composto cujos componentes chamaremos instâncias, ou para o bem da clareza, sistemas. Depois formulamos a expectativa de que esses sistemas possam ter uma orientação espacial constante, ao modo como os diversos sistemas de lentes de um telescópio se seguem uns aos outros. Em rigor, não necessitamos supor um ordenamento realmente espacial (...). Bastanos que se estabeleça entre eles uma seqüência fixa, que a raiz de certos processos psíquicos os sistemas sejam percorridos dentro de uma série temporal. (FREUD, 1987f, p.530).

A idéia que se quer testar é a seguinte: os processos psíquicos percorrem os *sistemas psi* que compõe o aparelho em uma determinada direção. “*Toda nossa atividade psíquica parte de estímulos (internos ou externos) e termina em inervações.*” (FREUD, 1987f, p.530). Conseqüentemente o trabalho psíquico propriamente dito deve ser concebido como algo que transcorre e opera no intervalo existente entre uma extremidade sensorial, apta a receber percepções, e outra extremidade motriz, do qual depende o acesso à descarga via ação motora.

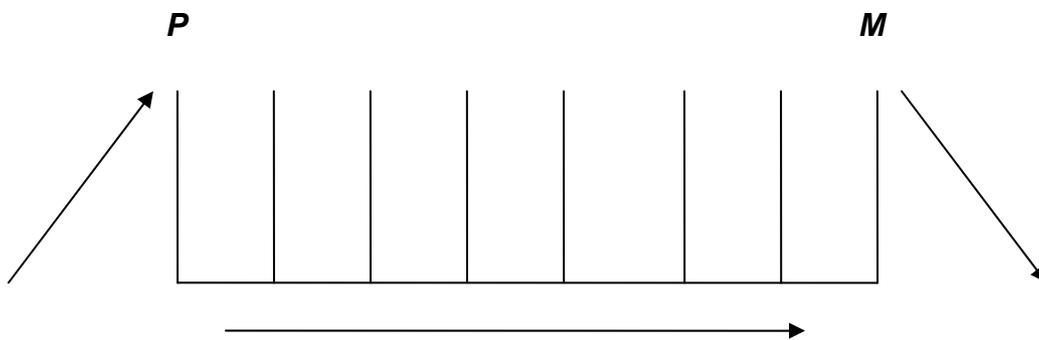


FIGURA 5. Esquema do aparelho reflexo.

O esquema permite visualizar aquilo que Freud entende ser um requisito indispensável na construção do aparelho psíquico, ele deve ser erguido primeiramente como um aparelho reflexo. “*O processo do reflexo segue sendo o modelo de toda operação psíquica.*” (FREUD, 1987f, p.531).

Estabelecido esse fundamento segue uma primeira diferenciação: de acordo com a experiência os estímulos perceptivos que afetam o primeiro sistema sensorial deixam atrás de si, em um segundo sistema, o que se pode denominar por “traços mnêmicos”. O primeiro sistema carece de memória, tem uma função unicamente receptiva, o segundo cumpre então a tarefa de transpor a excitação momentânea do sistema de percepção em traços permanentes; como se pode ver no segundo esquema:

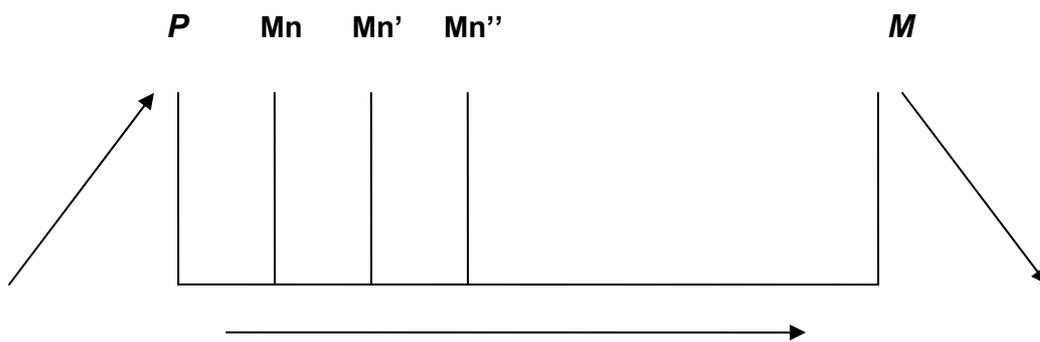


FIGURA 6. Esquema do aparelho de memória.

A impressão perceptiva quando transposta aos sistemas *psi* produz aí alterações permanentes. Seu traço é registrado como um elemento que se encontra associado a outras impressões que se deram de maneira simultânea na experiência, nunca de forma isolada. Segundo a teoria das barreiras de contato entre os neurônios, a *associação* deve ser compreendida como uma consequência da “*redução na resistência e de facilitações*”; uma vez que os caminhos sejam facilitados pela experiência, “*desde um dos elementos Mn a excitação se propaga melhor até um segundo elemento Mn do que até um terceiro*” (FREUD, 1987f, p.532), o que garante a possibilidade permanente de associação. Também se deve considerar que uma mesma excitação propagada desde os elementos perceptuais “*experimenta uma fixação {Fixierung} de índole diversa*”. (FREUDf, 1987, p.532). O primeiro sistema *Mn* é composto e organizado pela fixação das associações por simultaneidade. Nos sistemas posteriores o mesmo material mnêmico se ordenará segundo outros modos de relação como as de semelhança, consequência, e assim por diante.

Contudo, Freud dedica atenção especial a esses registros primários cujo significado psíquico não se pode traduzir em palavras. O que caracterizaria o primeiro sistema *psi* seria a intimidade de seus vínculos com o material mnêmico bruto. De maneira geral, para o que segue, deve-se ter mente que se as qualidades sensoriais são emitidas unicamente pelo sistema

da percepção, as recordações, por sua vez, são em si mesmas *inconscientes*, o que não as impede de seguir produzindo efeitos. Dito isso, Freud segue afirmando que as impressões vividas na primeira infância, as que produzem um efeito psíquico mais intenso sob o aparelho, dificilmente se tornam conscientes, não obstante, boa parte do que chamamos de nosso *caráter* se baseia justamente nos traços mnêmicos dessas impressões. (FREUD, 1987f, p.533).

Essas considerações psicológicas, juntamente com as primeiras etapas da construção do instrumento psíquico, foram obtidas sem o auxílio do estudo dos sonhos, cabe agora introduzi-lo. O sonho serve a Freud como fonte de prova para o conhecimento de uma segunda peça do aparelho, pois a investigação mostrou a impossibilidade de compreender a formação onírica sem que se conceba um *conflito entre instâncias*, agora substituídas por sistemas. Assim, o sistema crítico que mantém relações estreitas com a consciência deve situar-se no extremo motor do aparelho, dele depende as decisões que guiam as ações motoras voluntárias.

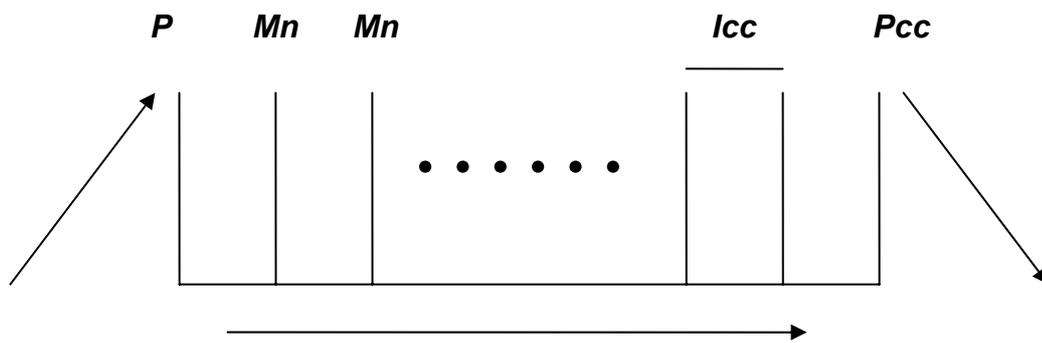


FIGURA 7. Esquema do aparelho psíquico.

A esse sistema, afirma o autor, denominamos *pré-consciente* (Pcc); o nome indica que seus processos de excitação podem, sem demora, alcançar a consciência assim que se cumpram determinadas condições, como atingir uma intensidade suficiente para despertar a

atenção psíquica, por exemplo. (FREUD, 1987f, p.534). O sistema que lhe antecede é denominado *inconsciente* (Icc), e indica o fato de que seu acesso à consciência somente se faz pela mediação do pré-consciente, o que produz alterações significativas em seus processos de excitação. (FREUD, 1987f, p.535).

De volta aos sonhos, pode-se dizer que, quando tratamos do desejo onírico, deve-se reconhecer que *o impulso* para a formação dos sonhos é fornecido pelo sistema inconsciente.

O sistema inconsciente é o ponto de partida para a formação do sonho. Como todas as outras formações de pensamento, esta excitação onírica exteriorizará o afã de atravessar o Pcc e alcançar desde aí o acesso à consciência”. (FREUD, 1987f, p.535).

A experiência nos ensina, observa Freud, que durante a vigília a censura barra aos pensamentos oníricos o acesso à consciência. Segundo essa linha de raciocínio, durante o sono a resistência da censura situada entre inconsciente e pré-consciente diminuiria e deixaria livre o acesso, mas isso não ajuda a compreender o caráter alucinatório da formação que se propõe a esclarecer. O que ocorre com o sonho alucinatório somente pode ser descrito da seguinte maneira “*a excitação toma um caminho de refluxo. No lugar de propagar-se até o extremo motor do aparelho, o faz até o extremo sensorial, e por último alcança o sistema das percepções.*” (FREUD, 1987f, p.536). O mesmo ocorre no recordar deliberado ou em outros processos normais, a excitação põe-se em marcha regressiva desde algum ato complexo de representações até sua base na matéria bruta dos traços mnêmicos. Contudo, “*na vigília essa retrogressão não vai além das imagens mnêmicas, não pode produzir a animação alucinatória das imagens perceptivas.*” (FREUD, 1987f, p.536).

No caso do sonho, o sistema da percepção é plenamente investido partindo-se dos pensamentos. “*Assim chamamos – regressão – o fato de que no sonho a representação é novamente transformada na imagem sensorial da qual se originou.*” (FREUD, 1987f, p.537).

Segundo Freud, esse é um fato, primeiro, *empiricamente comprovado* se temos em vista que durante o trabalho de condensação, por exemplo, todas as relações lógicas entre os pensamentos se perdem; e segundo, é *teoricamente justificado* quando correlacionado ao esquema, pois as relações lógicas não fazem parte dos primeiros sistemas Mn, e por isso a regressão que a eles retorna despoja os pensamentos desse meio de expressão e os oferece um outro mediante imagens perceptivas. “*O conjunto dos pensamentos oníricos é reduzido, pela regressão, a seu material bruto.*” (FREUD, 1987f, p.537).

Que alteração, pergunta-se Freud, permite essa e outros tipos de regressão como às alucinações da histeria e da paranóia ou mesmo as visões de pessoas normais? Em todos os casos trata-se de pensamentos transformados em imagens, contudo, essa mudança só se efetiva para aqueles pensamentos que se associam às recordações sufocadas ou inconscientes. Quanto aos sonhos, pode-se supor que a mudança dos pensamentos em imagens seja consequência da *atração* exercida pelas recordações visuais infantis que lutam por *realização*.

Segundo essa concepção o sonho pode ser descrito também como o substituto da cena infantil alterado por transferência ao atual. A cena infantil não pode impor sua renovação, deve conformar-se em regressar como sonho.” (FREUD, 1987f, p. 540).

Assim, a regressão, onde quer que apareça, depende de dois fatores: *a resistência* que se opõe a penetração do pensamento na consciência e a simultânea *atração seletiva* exercida pelas recordações que subsistem sob a forma sensorial. No sonho, o processo de refluxo da excitação atraído pelas cenas primárias é facilitado pela interrupção da corrente progressiva que durante o dia parte dos órgãos sensoriais até o pólo motor. Freud distingue três perspectivas da regressão que se pode observar num mesmo movimento, a regressão tópica, temporal e formal; sua simultaneidade se deixa apreender pela seguinte fórmula: “*O mais antigo no tempo é mais primitivo no sentido formal [modos de expressão] e o mais próximo do extremo perceptivo dentro da tópica psíquica.*” (FREUD, 1987f, p.542).

Vale lembrar, conclui o autor, que a regressão exerce um papel não menos importante na teoria das neuroses cujo desenvolvimento deve reconduzir a pesquisa a esta mesma região que se impõe insistentemente no estudo dos sonhos, qual seja: “*que o sonhar em seu conjunto é uma regressão a condição mais primitiva daquele que sonha, uma reanimação de sua infância, das moções pulsionais que o governaram e dos modos de expressão de que dispunha.*” (FREUD, 1987f, p. 542).

5.2. Desejar: a atividade psíquica por excelência

Diante do estabelecido, Freud julga necessário tecer uma série de considerações que correlacionem o desejo, concebido como força impulsora do trabalho anímico, com o novo esquema do aparelho psíquico. Existem três possibilidades para a gênese de um desejo, pondera o autor: 1º pode ser um desejo diurno, pré-consciente, admitido mas não tramitado; 2º um desejo diurno não tramitado por que censurado, remetido do pré-consciente ao inconsciente; 3º um desejo reprimido que “carece de relação com a vida diurna”, inteiramente incapaz de transpor o sistema inconsciente.(FREUD, 1987f, p.544).

Em todos os casos trata-se sempre de desejos pendentes, não satisfeitos. A questão é se todos têm a mesma significatividade para a formação onírica. Os *sonhos de crianças*, pondera o autor, não deixam dúvidas de que um *desejo diurno* insatisfeito pode por si só despertar um sonho, porém, deve-se considerar que nesses casos se trata “*do desejo de uma criança, de uma moção de desejo com a força própria do infantil.*”(FREUD, 1987f, p.545). No adulto, o esperado é que a vida pulsional encontre-se, em certa medida, dominada pela atividade do pensamento de vigília que gradualmente acaba por renunciar, por julgar inútil, “*a formação*

ou conservação de desejos tão intensos como a criança conhece.” (FREUD, 1987f, p.545). Assim, no caso de um aparelho inteiramente constituído, o desejo consciente carece da intensidade necessária à formação de um sonho e somente torna-se capaz de excitá-lo mediante a conexão com desejos inconscientes, esses sim, *“sempre alertas e dispostos a todo o momento a procurar expressão quando se lhes oferece oportunidade de aliar-se a um impulso do consciente e de transferir sua maior intensidade”*. (FREUD, 1987f, p.545). Tais desejos insusceptíveis de consciência, bem como todos os outros atos psíquicos realmente inconscientes,

partilham deste caráter de *indestrutibilidade* (...). *São vias facilitadas de uma vez por todas*, que nunca caem em desuso e que sempre que uma excitação inconsciente as reinveste estão prontas a conduzir o processo de excitação à descarga. (FREUD, 1987f, p.546, grifo nosso).

Uma representação de desejo indestrutível, sem relação alguma com a vida diurna, é incapaz por si mesma de ingressar no pré-consciente e somente exterioriza efeitos nesse último mediante a conexão com uma representação indiferente selecionada entre os restos diurnos que lhe permita a transferência de sua intensidade. Com efeito, os restos diurnos contribuem com a formação do sonho emprestando-lhe material de transferência como ponto de apoio *necessário* à força figurante do desejo reprimido.

A prevalência do impulso inconsciente na realização alucinatória de desejo pode ser devidamente justificada com o auxílio do esquema do aparelho psíquico; cabe então interrogar através desse a natureza propriamente psíquica do desejar. Freud reapresenta as etapas de constituição do aparelho tal qual foram estabelecidas no “Projeto...” (1895).¹¹⁷ Desde um aparelho reflexo guiado unicamente pela tendência a manter-se livre de estímulos, passando pela introdução das necessidades internas que lhes exigem uma alteração no modo de operação, até a consideração desse aparelho a partir de suas primeiras vivências de

¹¹⁷ (Cf. Parte II, cap.1 e 2).

satisfação, das quais resulta a introdução da vida representacional no aparelho: o psíquico no seu ponto de origem.¹¹⁸

No contexto da formação do aparelho, o desejo se constitui como consequência das primeiras vivências de satisfação, trata-se mesmo da “primeira atividade psíquica”, ou ainda, da “primeira atividade de pensamento”¹¹⁹: um impulso que visa restabelecer mediante a reanimação sensorial da representação do objeto amado uma situação original de satisfação. (FREUD, 1987f, p.557). O desejar é uma primeira *atividade genuinamente psíquica* por se tratar de repetir mediante representações o prazer e a satisfação fora das condições biológicas das necessidades, muito embora, as pressuponha como ponto de partida e apoio. Tal atividade inicialmente apontava para a produção de uma *identidade de percepção*, em outros termos, diante do reaparecimento do estado de anseio a excitação, guiada pela memória da cena de satisfação, tendia a reproduzir aquela percepção originária da qual resultou na satisfação da necessidade: desejar terminava em alucinar. Porém, a experiência vital com o desprazer exigiu do aparelho uma *inibição* da regressão alucinatória e sua substituição pelo pensamento judicativo.¹²⁰

Dado todos os desenvolvimentos anteriores, é possível reconhecer o seguinte fato psicológico fundamental: *o desejar se constitui como a atividade psíquica por excelência*. O desejo está na origem de todas as formações anímicas pois, “*somente um desejo pode colocar em trabalho nosso aparelho psíquico.*”¹²¹ (FREUD, 1987f, p.559). O sonho tido como primeiro membro de uma série de outras formações pode ser considerado como um

¹¹⁸ (Cf. Parte II, seção 2.1 e 2.2).

¹¹⁹ (Cf. Parte II, seção 3.1).

¹²⁰ (Cf. Parte II, seção 2.3).

¹²¹ É importante lembrar que o desejo somente pode ser concebido como força impulsora de toda atividade psíquica em decorrência de suas *raízes pulsionais*, como se encontra estabelecido desde o “Projeto...” (1985), que pressupõe o desamparo do aparelho psíquico diante da ausência de proteção frente à condução direta da estimulação endógena até o núcleo de *psi*. (Cf., Parte II, seção 1.4).

testemunho desse modo de trabalho primário do aparelho, um modo infantil de se obter a satisfação desejada, que foi abandonado pela vigília por ser absolutamente inadequado frente às urgências da vida.

Não obstante, os impulsos de desejo inconscientes também aspiram durante o dia “*abrir caminho*” através do sistema pré-consciente até a consciência e o controle da atividade motora, é o que se pode observar tanto nas psicoses como no fenômeno da transferência.(FREUD, 1987f, p.559). Nesse sentido, a censura entre o inconsciente e o pré-consciente torna-se a guardiã da saúde mental. No caso dos sonhos, ao mesmo tempo em que a censura relaxa sua ação crítica, fecham-se também as portas para a motricidade, assim, as realizações de desejo resultam inofensivas por que “*não são capazes de por em movimento o aparelho motor, o único que pode atuar sobre o mundo externo o transformado.*” (FREUD, 1987f, p.559). Menos inofensiva, prossegue Freud, são as *situações de vigília* que envolvem um debilitamento da instância crítica por meio de um reforço patológico das excitações inconscientes que nessas condições sobrepujam o pré-consciente e “*assumem o controle da fala e da ação*”, ou ainda, guiam o aparelho na direção de uma psicose alucinatória.(FREUD, 1987f, p.560). No caso dos sintomas neuróticos a situação é outra, pois eles sempre comportam um compromisso conflituoso entre duas realizações de desejos opostos, realizam, simultaneamente, uma fantasia de desejo e um pensamento punitório cujo resultado é uma produção psíquica inibida e reativa.

5.3. O sonho e sua função: a tramitação da excitação inconsciente

Essas diferentes possibilidades de que os impulsos a muito suprimidos da vida diurna possam sob certas condições abrir caminho até a fala e a ação, são as evidências mais surpreendentes da eficácia contínua e da indestrutibilidade desses processos. Freud justifica essa eficácia permanente concebendo-a como decorrente da conservação dos dispositivos psíquicos pelos quais esses processos transcorrem e seguem sendo susceptíveis de uso. São caminhos sempre transitáveis, reafirma o autor, tão pronto uma quantidade de excitação deles se sirva. Mas, nesse momento acrescenta que é uma particularidade dos processos inconscientes permanecerem indestrutíveis, pois “*no inconsciente nada pode findar, nada é passado e nem está esquecido.*” (FREUD, 1987f, p.569). Uma afronta, por exemplo, ocorrida há trinta anos atrás produz seus efeitos agora como se fosse recente. Basta que sua recordação seja evocada para que reviva e se mostre investida de grande excitação procurando descarga motriz em um ataque.

É precisamente aí que a psicoterapia deve atuar, tornando possível a tramitação desses processos visando torna-los susceptíveis de esquecimento por meio de um debilitamento afetivo dessas impressões. O mesmo vale para os intensos desejos infantis incompatíveis com a vida diurna, o que não implica em destruí-los, o que é impossível, e sim tramita-los. Enquanto inconscientes tais representações não sofrem a influência primária do tempo sobre seus restos mnêmicos. Isto só é possível mediante alterações secundárias obtidas por árduo trabalho que implica em submeter o inconsciente ao império do pré-consciente. (FREUD, 1987f, p.569).

Para cada *processo de excitação inconsciente* existem duas saídas, observa Freud:

1. É deixado a si mesmo, podendo irromper em alguma situação que favoreça o acesso a ação motora como via de descarga para sua excitação.
2. Ao invés da descarga cega, submete sua excitação à influência do pré-consciente tornando-se uma excitação ligada.

Disso segue uma observação fundamental: o tramite que leva a ligação da excitação é justamente o que ocorre no processo onírico. “*O pré-consciente liga a excitação inconsciente do sonho e a torna inócua enquanto perturbação*”. (FREUD, 1987f, p.570). Do ponto de vista econômico é muito mais vantajoso dar tramite ao desejo inconsciente no sonho do que mantê-lo sob repressão constante.

Pode-se conjecturar que o sonho, mesmo que na sua origem não fosse um processo com um propósito definido, dentro do jogo de forças da vida psíquica se apropriou de uma função. E agora podemos ver de que função se trata. **Assumiu a tarefa de trazer de novo sob o império do pré-consciente a excitação do inconsciente que foi deixada livre.** Assim se constitui como um compromisso, como todas as outras formações psíquicas da série a qual pertence: serve simultaneamente aos dois sistemas realizando ambos os desejos com a condição de que sejam compatíveis. (FREUD, 1987f, p.570, grifo nosso).

Contudo, outras formações como os sintomas, por exemplo, permitem observar que mesmo onde a saúde psíquica é plena a submissão do inconsciente pelo pré-consciente nunca é total. Os sistemas se encontram em permanente conflito, e os sintomas representam uma trégua provisória. Não obstante, os sintomas também oferecem ao pré-consciente a *possibilidade* de alguma tramitação da excitação inconsciente. (FREUD, 1987f, p.572).

Vale lembrar, como demonstra à análise dos sonhos de angústia, que para Freud a excitação em jogo nessas formações psíquicas é inequivocamente a *excitação sexual*. Um bom exemplo disso, afirma o autor, pode-se observar no *pavor nocturnus* em crianças que dá mostras da angústia infantil diante do despertar de uma excitação sexual crescente, incompreensível e impossível de dominar. (FREUD, 1987f, p.575).

5.4. A lacuna na eficácia funcional e o que se separa do desenvolvimento

O destino dos pensamentos na formação dos sonhos pode ser visto ainda de um outro ângulo. Freud pondera que os pensamentos oníricos geralmente se originam durante o dia e se processam de uma forma tal que passam muitas vezes inadvertidos para a consciência até o adormecer, quando inicia a segunda etapa do trabalho onírico. Outra possibilidade, por exemplo, ocorre quando certa seqüência de pensamentos segue determinado caminho associativo até encontrar-se com uma representação alvo de censura e desprazer. Desse ponto em diante a cadeia de pensamentos é desinvestida pela atenção consciente e o processo prossegue sem que seja notado, de forma pré-consciente, assim como no caso anterior. Nesse sistema as representações, quando *abandonadas a si mesmas*, estabelecem conexões com os desejos inconscientes sempre alertas, são expropriadas, servindo de material intermediário para a transferência da excitação do processo de desejo reprimido. A partir daí o itinerário de pensamentos pré-consciente sofre uma série de transformações anormais exemplificadas pelo conjunto de operações que compõem o trabalho do sonho: “*Podemos dizer que a cadeia de pensamentos até então pré-consciente foi agora arrastada ao inconsciente*” (FREUD, 1987f, p.584), atraída por grupos mnêmicos que existem somente sob a forma de investimentos visuais.

A subjugação de seqüências de pensamentos conscientes e pré-conscientes por processos inconscientes é parte do trabalho que leva a formação tanto dos sonhos como dos sintomas. O principal traço dessas transformações anormais é o empenho em tornar a energia móvel susceptível de descarga; a significatividade própria dos elementos psíquicos fica em segundo plano.(FREUD, 1987f, p.586). É nessa direção que Freud conduz a investigação que devera explicar que fatores ainda desconhecidos possibilitam essas transações cujo saldo para

a vida de vigília é uma perda da eficácia pré-consciente e conseqüentemente de uma parcela da vida psíquica normal.

As diferenças no destino e no modo de tratamento da excitação exigem outras elucidacões acerca da construção do aparelho psíquico. Na seqüência Freud retoma amplamente as teses estabelecidas no “Projeto...” (1895). Segundo esse, o aparelho psíquico primitivo exibe um funcionamento reflexo diante da excitação. Após as primeiras vivências, o desprazer advindo da ausência do objeto e da conseqüente somatória da excitação interna põe o aparelho em atividade na direção do prazer, a isso se denominou desejo: um impulso para reencontrar uma satisfação perdida.

O exame desses e de outros processos similares permitem sustentar a seguinte tese: “*o decurso da excitação dentro deste [aparelho] é regulado automaticamente pelas percepções de prazer e desprazer.*” (FREUD, 1987f, p.588). Nos seus primórdios, o aparelho exibe uma atividade unicamente alucinatória e completamente inadequada para fazer cessar o estímulo interno. Esse tramite alucinatório da excitação é inibido pela consolidação de novas aquisições psíquicas (como a constituição do eu, por exemplo) sendo gradualmente substituído por processos de pensamento judicativos aptos a diferenciar percepção e recordação e assim reencontrar o objeto perdido desde modificações no mundo exterior.¹²² Para poder efetivamente modificar o mundo mediante a ação motora, pondera o autor, é necessário fixar as experiências em sistemas mnêmicos de maneira múltipla que permita ao pensamento usufruir da experiência passada e proceder por ensaios antes de decidir a ação eficaz sob o objeto real.¹²³ Correlacionado com a hipótese sobre os sistemas pode-se dizer que a atividade alucinatória do primeiro sistema *psi* está dirigida a *livre descarga das quantidades de excitação*, já as atividades que se consolidam com o desenvolvimento do segundo sistema

¹²² (Cf. Parte II, seção 2.2 e 2.3).

¹²³ (Cf. Parte II, seção 3.1).

produzem uma *inibição* desse processo, torna os investimentos quiescentes. (FREUD, 1987f, p.589).

O processo psíquico que convém exclusivamente ao primeiro sistema denomina-se *processo primário*, aquele que resulta da inibição imposta pelo segundo sistema, *processo secundário*.¹²⁴ Regido pelo *princípio do desprazer* o primeiro sistema é incapaz de incluir algo desagradável na sua trama de pensamentos, não pode fazer outra coisa que desejar. Segundo esse princípio regulador, o segundo sistema somente pode investir uma representação se estiver em condições de inibir o desprendimento de desprazer que dela parte, caso contrário procede por repressão (deslocamento e substituição). Contudo, pondera o autor,

não é essa a *lacuna na eficácia funcional* de nosso aparelho psíquico pela qual se possibilita que pensamentos constituídos como resultado do trabalho de pensamento secundário caiam sob o domínio do processo psíquico primário, fórmula esta com a qual agora podemos descrever o trabalho que leva aos sonhos e aos sintomas histéricos.(FREUD, 1987f, p.592, grifo nosso).

As restrições impostas pela vigência implacável do princípio do desprazer não conduzem necessariamente o aparelho psíquico a uma perda de sua eficácia funcional. Não obstante, essa lacuna existe, observa Freud, ela torna o aparelho susceptível à dissociação de seus processos normais e é produzida pela convergência de dois fatores procedentes de sua própria história evolutiva. Um deles está relacionado à história de emergência e de vínculo entre os sistemas, o outro, diz respeito à introdução na vida psíquica de forças pulsionais de origem orgânica.

Quanto à história evolutiva dos sistemas é preciso considerar que o termo *primário* utilizado para designar uma classe dos processos psíquicos em questão, tem três acepções: 1.

¹²⁴ (Cf. Parte II, seção 2.2). Contudo, apesar da inibição, os processos primários podem sobrevir “onde quer que as representações sejam abandonadas pelo investimento pré-consciente, deixadas a si mesmas podem ser investidas com a energia não inibida do inconsciente” que aspira unicamente a descarga motora, ou quando o caminho está aberto, “a reanimação alucinatória da desejada identidade perceptiva”. (FREUD, 1987f, p.594).

se refere à posição desse sistema num ordenamento hierárquico; 2. diz de um modo de operação; 3. tem um sentido cronológico. Assim, os processos primários estão presentes no aparelho desde o princípio, enquanto *os secundários* somente se constituem pouco a pouco no curso da vida psíquica, seu desenvolvimento inibe e sobrepõem-se aos processos primários, e talvez, pondera o autor, somente na plena maturidade conseguem submetê-los a seu império. (FREUD, 1987f, p.592). Existe assim, um descompasso temporal na emergência dos sistemas que resulta numa conseqüência estrutural ímpar:

Em conseqüência desta emergência tardia dos processos secundários, *o núcleo de nosso ser*, que consiste em moções de desejos inconscientes, *permanece inapreensível e não inibível para o pré-consciente*, cujo papel ficou limitado de uma vez por todas a assinalar as moções de desejo que provém do inconsciente um caminho mais adequado a seu fim. (FREUD, 1987f, p.593, grifo nosso).

Portanto, esse retardo no desenvolvimento dos processos secundários explica não só a susceptibilidade permanente do aparelho frente à natureza irrepreensível de seus impulsos de desejo mais antigos, como também a função vital e conflitiva que os estratos mais elevados adquirem ao longo da experiência.

Esses desejos inconscientes constituem para todas as tendências psíquicas posteriores, uma *compulsão* com a qual tem que adequar-se e a qual talvez possam empenhar-se em desviar e dirigir, até metas mais elevadas. (FREUD, 1987f, p.593, grifo nosso).

“O núcleo do ser”, afirma Freud, é formado precisamente por moções de desejo indestrutíveis provenientes do infantil, o centro psíquico do aparelho, formado por impulsos desiderativos contra os quais durante o desenvolvimento se erguem barreiras como o asco, a vergonha e a moralidade, por exemplo, inexistentes na pré-história psíquica infantil. São desejos impossíveis de inibir pelo trabalho de ligação pré-consciente, unicamente pelo fato de que “*as recordações desde as quais o desejo inconsciente provoca o desprendimento de afeto*

nunca foram acessíveis ao pré-consciente” (FREUD, 1987f, p.593). Muito embora, os pensamentos pré-conscientes sirvam como material de transferência para esses desejos e seus processos de excitação. Mas, tão logo seja acionado o princípio do desprazer, observa Freud, o pré-consciente tende a se afastar desses pensamentos de transferência sob os quais se ocultam desejos infantis, assim, tais pensamentos

são abandonados a si mesmos, são reprimidos {desalojados}, é dessa maneira que a *existência de um tesouro de recordações infantis* subtraído desde o começo do Pré-consciente passa a ser a *condição prévia da repressão*.¹²⁵ (FREUD, 1987f, p.593, grifo nosso).

O segundo fator que converge na produção da lacuna na eficácia funcional a qual se atribui a *não submissão* disso que se separa do desenvolvimento ulterior no aparelho, é da ordem de um *reforço pulsional* que os desejos reprimidos experimentam em determinados momentos da constituição sexual que os reinveste de um excedente de excitação. (FREUD, 1987f, p.594). O mesmo reforço pode também advir sob circunstâncias sexuais desfavoráveis, mas o fato indiscutível, afirma Freud, é que em todos os casos trata-se invariavelmente de impulsos de desejos sexuais insatisfeitos procedentes do infantil. (FREUD, 1987f, p.595).

Os dois fatores acima apresentados referentes à própria história evolutiva do aparelho psíquico, qual seja: retardo na emergência dos processos secundários, e o excedente pulsional característico da constituição sexual humana, intervêm na formação de sonhos e sintomas. Porém, é preciso observar, alerta Freud, que *“o sonho não é um fenômeno patológico; não tem por premissa nenhuma perturbação do equilíbrio psíquico e não deixa como seqüela nenhum*

¹²⁵ Nesse sentido, parece bastante pertinente a pontuação e as conseqüências extraídas por DAYAN (1985, p.332) quando afirma, por exemplo, que “o infantil o qual Freud atribui o essencial do inconsciente (...) é uma determinação tópica do recalcado (...) como conseqüência de uma separação primeira [não traduzível]. É essa aptidão a um isolamento tópico que é o essencial, e que aparece como a condição de possibilidade do recalçamento sob a égide do princípio do prazer, por que essa separação devém, ela mesma, realidade psíquica.”

debilitamento da eficiência.” (FREUD, 1987f, p.596). Não se pode dizer o mesmo sobre os sintomas que debilitam e deixam seqüelas permanentes no funcionamento psíquico. O fato do sonho não poder ser considerado um fenômeno patológico, torna-o um instrumento importante na investigação da constituição do mecanismo psíquico em geral.

Quando desde os fenômenos inferimos suas forças pulsionais, reconhecemos que o mecanismo psíquico de que se serve a neurose não é criado primeiro por uma perturbação patológica que ataca a vida psíquica, se não que já se encontra disposto dentro do edifício normal do aparelho psíquico. Os dois sistemas psíquicos, a censura na passagem entre eles, à inibição e a sobreposição de uma atividade por outra, as relações de ambos com a consciência (...) tudo isso pertence ao edifício normal de nosso instrumento psíquico e o sonho nos indica os caminhos que levam ao conhecimento de sua estrutura. (FREUD, 1987f, p.596).

Mais ainda, afirma o autor, os sonhos fornecem mesmo *as provas* de que o reprimido persiste e segue sendo capaz de operações psíquicas também no estado de saúde normal. (FREUD, 1987f, p.596). Os impulsos sufocados impedidos de expressarem-se durante a vigília encontram no sonho os meios para abrir caminho a consciência e a satisfação: *Flectere si nequeo superos, Acheronta moverbo*¹²⁶. Dessa forma, conclui o autor, a interpretação do sonho se consolida como a *via régia* para o conhecimento do inconsciente e para uma intelecção mais profunda da composição do aparelho psíquico, possibilitando ainda, em conjunto com outras formações, encontrar uma base psicológica para psicopatologia funcional. (FREUD, 1987f, p.597).

¹²⁶ “Se não posso dobrar os poderes mais altos, moverei as águas do inferno.” Virgílio, (Eneida).

5.5. O psíquico verdadeiramente real

Freud inicia seção F do último capítulo da “Interpretação dos Sonhos” (1900) com uma reavaliação do alcance efetivo de suas hipóteses e seu manejo metodológico. Anteriormente havia atribuído a cada um dos sistemas situados na extremidade motora do aparelho, o inconsciente e o pré-consciente, dois modos diferentes de tramitação da excitação psíquica, os processos primários e secundários respectivamente. Na presente seção, o autor afirma que se trata mesmo da intenção de substituir um determinado tipo representação auxiliar, os sistemas, por outro, os processos de excitação, numa tentativa de aproximação mais efetiva e direta da realidade desconhecida que se quer investigar. (FREUD, 1987f, p.598). A hipótese sobre os dois sistemas pode levar a mal entendidos, alerta Freud, se forem entendidos como duas localidades situadas no interior do aparelho. O uso de analogias e termos como tradução, reprimir, irromper, transcrever pode induzir o leitor ao erro de uma interpretação localizacionista e a supor, por exemplo, que os pensamentos inconscientes se encontram agrupados em um determinado lugar e necessitam ser traduzidos em outro onde se tornam pré-conscientes. Mas, se quisermos substituir esses símiles, pondera Freud, pelo que parece responder melhor ao “*estado real das coisas*” que se quer representar,

podemos dizer que um investimento é imposto a um determinado ordenamento ou retirado dele, de sorte que o produto psíquico em questão cai sob o império de uma instância ou dela se subtrai. De novo substituímos o modo de representação tópico por um dinâmico. Não é o produto psíquico que se nos aparece como móvel e sim sua inervação. (FREUD, 1987f, p.598).¹²⁷

¹²⁷ Em nota, Freud observa que o problema em questão deve ser reformulado na medida em que se considera a diferença fundamental que separa uma representação pré-consciente de outra inconsciente implícita em todo o desenvolvimento anterior. A representação pré-consciente se caracteriza por uma íntima relação com *restos de representação de palavra*, suas imagens acústicas, enquanto a representação inconsciente compreenderia apenas a *representação de objeto*, cujo elemento central é a imagem visual. (FREUD, 1987f, p.598).

Não obstante, Freud julga o modo de representação tópico justificado por ser altamente fecundo e intuitivo em relação aos problemas que se propõe elucidar.¹²⁸ Os mal entendidos desse modo de figuração podem ser corrigidos se não se perde de vista que “produtos psíquicos” não podem ser localizados dentro de elementos orgânicos do sistema nervoso, são processos que se dão “*entre eles, onde resistências e facilitações constituem seu correlato. Tudo o que pode ser objeto de nossa percepção interior é virtual.*” (FREUD, 1987f, p.599). Apesar da manutenção metodológica do paralelismo psicofísico¹²⁹, a representação dos processos por meio dos conceitos de resistências e facilitações é para Freud mais próxima da realidade em questão: “*quem quer que queira tomas essas idéias a sério teria de procurar analogias físicas para elas e descobrir um meio de representar os movimentos que acompanham a excitação dos neurônios.*” (FREUD, 1987f, p.589). No que

¹²⁸ Deve-se ter em mente que a concepção de tópica psíquica em Freud está internamente correlacionada com a consolidação da autonomia do ponto de vista funcional na abordagem dos problemas psíquicos, propiciada, principalmente, pela apropriação dos conceitos jacksonianos de processo e dissolução e pela concepção de Bastian sobre os três estados de redução da excitabilidade na atividade de uma função. (Cf. Parte I, seção 2.3). Essa apropriação de um modelo funcionalista permitiu uma ruptura com a idéia de que as funções mentais têm de ser simétricas a sua descrição anatômica. O mais significativo, como observou SIMANKE (2004a,b), é que essa autonomia dos processos funcionais não depende do conhecimento do cérebro: por mais que se conheça o cérebro um esquema não tem que equivaler ao outro. Essas duas dimensões não são homólogas. A problemática que se desdobra desta abertura implica que o lugar é construído e não mais somente descrito, trata-se de uma dimensão deduzida da análise. (Cf. NASSIF, 1977, p.127). Como afirma Freud no “Ensaio sobre as Afásias” (1973, p.68) as relações topográficas “se mantêm somente na medida em que se ajustam as necessidades da função”, ou seja, a topografia psíquica não pré-existe ao processo, mas é estabelecida por ele. (Cf. SIMANKE, 1994a). Portanto, com a introdução da tópica não se trata tão somente de um recurso didático e intuitivo, e sim de um modo original e legítimo de conceber a espacialização do aparelho sem perder de vista a materialidade de seus processos.

¹²⁹ Como foi desenvolvido anteriormente (Cf. Parte I, seção 2.2, Parte II, seção 1.2) a superação do paralelismo psicofísico em direção de uma abordagem **materialista não reducionista** dos processos mentais (Cf. Teixeira, 2000a) encontra-se latente nas inovações introduzidas pelo conceito de representação no “Ensaio sobre as Afásias” (1891) e desenvolvidas no “Projeto...” (1895). No exame crítico desses trabalhos pôde-se verificar a existência, no interior do próprio desenvolvimento conceitual freudiano, de uma solução **emergentista** para o problema mente-cérebro. Esse seria um horizonte aberto pela própria teoria e compatível com suas metas e pressupostos originais – uma possibilidade. Tanto aqui como no problema anterior acerca da espacialização do psíquico partilhamos do pressuposto de que “arsenal teórico freudiano possui certo potencial intrínseco para resolução de seus impasses, de modo que não é necessário introduzir um excesso de elementos estrangeiros na teoria para melhor definir seus conceitos.” (SIMANKE, 1994a, p.11).

tange a construção do aparelho anímico, trata-se mesmo de inferências, clinicamente correlacionadas, acerca do enraizamento material dos processos psíquicos representacionais.

Feita essas ponderações Freud passa ao exame comparativo entre suas teses e outras doutrinas contemporâneas acerca da questão do inconsciente. Freud reconhece na crítica de THEODOR LIPPS, professor de psicologia em Munique, um parentesco muito grande com suas próprias idéias. Ambos reconhecem, contra a asseveração de que a consciência é algo indispensável ao psíquico, que falar em termos de “*processos psíquicos inconscientes é a expressão adequada e plenamente justificada de um fato efetivo.*” (FREUD, 1987f, p.599). Basta à análise de um sonho, argumenta Freud, para impor a convicção de que processos de pensamento altamente complexos e sofisticados podem ocorrer sem excitar a consciência. Freud, de acordo com Lipps, compreende que uma intelecção correta da “origem do psíquico” deve subtrair a propriedade consciência como requisito indispensável, e o inconsciente deve alçar o estatuto de “base universal da vida psíquica”. (FREUD, 1987f, p.600).

Contudo, é preciso reconhecer que dos processos inconscientes, em si mesmos, nada se sabe até que tenham exercido sobre a consciência um efeito susceptível de comunicação ou de observação. “*O efeito consciente não é senão uma repercussão psíquica remota do processo inconsciente que como tal, não se tornou consciente. Não obstante, [o médico] saberá que esse tem existido e operado sem se transpor à consciência.*” (FREUD, 1987f, p.600). Essa impossibilidade de uma apreensão direta exige que se avance, desde o efeito até causa psíquica desconhecida, mediante um processo de inferência. Nesse sentido, pondera Freud:

O inconsciente é o psíquico verdadeiramente real, nos é tão ***desconhecido*** em sua natureza interna como o real do mundo exterior, e nos é apresentado pelos dados da consciência de maneira tão incompleta quanto o é o mundo externo pelas indicações de nossos órgãos sensoriais. (FREUD, 1987f, p.600, grifo nosso).

Existem outras passagens da obra sobre os sonhos (1900) que permitem situar minimamente o sentido dessa problemática afirmação acerca do “psíquico verdadeiramente real”. Na análise do “Sonho da injeção de Irmã” o autor faz a seguinte observação: “*todo sonho tem pelo menos um lugar no qual é insondável, um umbigo pelo qual se conecta com o não conhecido.*” (FREUD, 1987f, p.132). No capítulo VII seção A, retoma e aprofunda o problema ao criticar os empenhos teóricos que insistem em velar “*as condições básicas da formação do sonho e a desviar o interesse de suas raízes pulsionais*”¹³⁰, acrescentando que

até mesmo os sonhos melhor interpretados é preciso deixar um lugar em sombras, por que na interpretação se observa que nesse ponto existe uma meada de pensamentos oníricos que não se deixam desenredar (...) ***Esse é o umbigo do sonho, o ponto central de onde mergulha no desconhecido.*** Os pensamentos oníricos acham-se obrigados a ramificar-se em todas as direções dentro da emaranhada rede de nosso mundo de pensamentos. E ***desde um lugar mais espesso desse tecido o desejo onírico se desenvolve*** como um cogumelo de seu micélio. (FREUD, 1987f, p.519, grifo nosso).

Assim, numa primeira aproximação, dizer que o inconsciente, centro psíquico do aparelho, é reconhecido como algo verdadeiramente real, significa afirmar que se trata de algo desconhecido para o qual converge toda trama psíquica e que a análise indica ser o ponto de onde o desejo se desenvolve desde suas raízes pulsionais.¹³¹

¹³⁰ (Cf. Parte I, seção 3.1, Parte II, seção 1.4, 6.1, 6.2, Parte III, seção 2.2, 3.3 nota 55 e seção 4.1).

¹³¹ SANTI (1999), FULGENCIO (2001a) e LOPARIC (2001) são autores que se dedicaram a essa passagem sobre o real. Apesar do louvável trabalho de resgatar o artigo de Lipps citado por Freud, LOPARIC faz uma avaliação da passagem em questão que não se sustenta no projeto conceitual freudiano. Afirma, por exemplo, que o “fundamento” da afirmação de Freud sobre o psíquico real deva ser buscado no artigo de LIPPS “O conceito de inconsciente na psicologia”, e até mesmo na filosofia de Kant. (2001, p.320). Muito embora Freud reconheça a proximidade efetiva de suas idéias com as concepções de Lipps, pretende-se demonstrar que a semelhança não permite inscrever o fundamento real do inconsciente freudiano numa tradição kantiana postulando-o como “coisa em si” atrás dos fenômenos conscientes, como foi afirmado por LOPARIC (2001, p.320,328-329), FULGÊNCIO (2001a), LAPLANCHE (*apud* SANTI, 1999, p.120) e sugerido por SANTI (1999, p.119).

O exame da formação do conceito de *representação de objeto* [*Objektvorstellung*] no “Ensaio sobre as afasias” (1891) *interdita* qualquer interpretação da concepção de real em Freud em termos de “*coisa em si*” no sentido kantiano, ou seja, como a existência de algo incognoscível absolutamente extrínseco a experiência sensível. Dentre as razões dessa interdição deve-se considerar, primeiro, que o processo de formação da *Objektvorstellung* é o mesmo que leva a constituição dos primeiros estratos da vida psíquica¹³², num tempo em que o aparelho não está inteiramente constituído. A princípio só haveria representações de objeto e não haveria a divisão inconsciente e pré-consciente. Portanto, essas representações podem ser reconhecidas como núcleo do aparelho psíquico, inapreensível, indestrutível e impossível de inibir. Trata-se mesmo do umbigo do sonho.

Segundo, como vimos anteriormente¹³³, a representação de objeto se constitui no aparelho de linguagem como uma referência extralingüística. É Integrada por uma diversidade indefinida de impressões que a princípio precede a formação de palavras, ou seja, sua emergência enquanto processo psíquico é absolutamente independente da constituição dos processos lingüísticos, daí a aproximação estabelecida por Freud entre essa concepção de objeto e o conceito de “coisa”. Segundo sugere Freud, a representação de objeto, por ser um complexo aberto, comporta sempre um resto que se subtrai ao processo de significação por meio da associação com as representações verbais. Esse resto não verbal e inconsciente, com efeito, é o que se pode designar: *o psíquico verdadeiramente real*. Diferente da idéia de real enquanto *coisa em si*, cuja existência independe da experiência, *o real freudiano* designa, antes de tudo: algo desconhecido para o qual converge toda trama psíquica e que encontra seu enraizamento material no complexo aberto das representações de objeto, organizado

¹³² (Cf. Parte III, seção 2.2).

¹³³ (Cf. Parte I, seção 3.1 e 3.2).

principalmente em torno de seus elementos visuais, referentes às vivências sexuais infantis¹³⁴ e que constituem os primeiros estratos psíquicos do aparelho anímico.

Terceiro, como pudemos demonstrar, para Freud, a existência das coisas, do ponto de vista psicológico, não pode ser provada extrinsecamente em relação às impressões que delas temos (não contém nada mais que isto: sensações complexas).¹³⁵ Desde esse ponto de vista, a *concepção de matéria* mais adequada, e até mesmo pressuposta nos desenvolvimentos freudianos sobre o psíquico real, tem seu ponto de partida na obra de Stuart Mill.¹³⁶ Como foi possível verificar, para Mill, em última instância, “existir é excitar”, ou seja, tudo aquilo que se pretende designar por matéria, ou processo material, deve necessariamente “ser capaz de excitar”, mesmo no caso em que a fonte da excitação seja algo negativo (ausente) como uma possibilidade.

Segundo essa concepção, a teoria da representação e da formação das fantasias apresenta todos os requisitos exigidos para que seus processos sejam reconhecidos como processos materiais. Nos trabalhos sobre a memória que antecederam a “Interpretação dos sonhos” (1900), a *fantasia de desejo* se constitui, em sonhos e sintomas, como uma encenação psíquica de algo que teve apenas uma *possibilidade de existir*, ou seja, trata-se da constituição de cenas que de fato nunca ocorreram, mas, no entanto, foram e continuam sendo intensamente desejadas.¹³⁷ O trabalho com os sonhos deu provas de que tais desejos insusceptíveis de consciência seguem sendo a única *fonte excitadora* capaz de por em movimento o aparelho psíquico e suas representações. É tão somente por se constituir enquanto “possibilidade permanente de excitação” que as representações de desejo devem ser consideradas como um processo psíquico material:

¹³⁴ (Cf. Parte III, seção 2.2, 3.3, 4.2 e cap. 6).

¹³⁵ (Cf. Parte I, seção 3.1).

¹³⁶ É preciso considerar, como fora exposto anteriormente, que a pretensão de Mill nas obras citadas por Freud é justamente fornecer uma explicação da *origem psicológica* da idéia de matéria que não contradiga as leis reconhecidas pelas ciências naturais. (Cf. Parte II, seção 3.2)

¹³⁷ (Cf. Parte III, seção 7.4).

São vias facilitadas de uma vez por todas, que nunca caem em desuso e que sempre que uma *excitação inconsciente* as reinveste estão prontas a conduzir o processo de excitação à descarga. (FREUD, 1987f, p.546, grifo nosso).

Freud, após marcar as semelhanças de suas concepções com as de Lipps, se dedica a pontuar *o que torna seu conceito de inconsciente único* diante dessa e de outras concepções que lhes são contemporâneas¹³⁸. *A produção desse conceito no interior de um aparelho clinicamente correlacionado* é segundo Freud, *a grande novidade de sua elaboração*.

O novo que nos ensina a análise das formações psicopatológicas e do primeiro membro dessa série, o sonho, consiste em que o ***inconsciente – o psíquico – ocorre como função de dois sistemas separados*** e isso sucede dentro da vida normal. (FREUD, 1987f, p.602, grifo nosso).¹³⁹

O que escapa a psicologia, prossegue Freud, é que o inconsciente freqüentemente tomado de forma única existe de dois modos distintos: o primeiro deles é denominado *Inconsciente*, e se caracteriza por ser insusceptível de consciência, e o segundo, é o *Pré-*

¹³⁸ A demarcação dessa diferença é fundamental para Freud, traz mesmo a marca de sua originalidade. Por outro lado trata-se de uma *necessidade* que se impôs desde o encontro com o texto de LIPPS, em carta a Fliess de 31 de agosto de 1898, por exemplo, diz: “A correspondência entre nossas idéias é estreita também no que concerne aos detalhes; talvez a bifurcação de onde poderão partir minhas próprias idéias novas surja mais adiante.” (MASSON, 1986, p.326). Para um exame das semelhanças em questão que vão além das mencionadas por Freud em seu exame comparativo, ver LIPPS (2001 [1897]).

¹³⁹ Como bem observou LOPARIC (2001, p.321, grifo do autor), “o que diferencia o inconsciente Freudiano do de Lipps é, primeiro, o fato de ele *ser algo reprimido* e, segundo, de ele *ser representado como algo espacial*.” O erro está em concluir que o *inconsciente freudiano espacialmente representado* é tão somente um “inconsciente metafórico, artificial, colorido fisicamente” (2001, p.322). (Sobre a originalidade do ponto de vista freudiano da espacialização do psíquico remetemos o leitor às notas nº128 e 129 nesta mesma seção). De acordo com os desenvolvimentos anteriores, as principais fontes desse equívoco estão: 1º. No desconhecimento da importância do “Ensaio sobre as afasias” (1891) em razão das inovações trazidas pelo conceito freudiano de representação, entre elas: o ponto de vista funcional e a adoção unicamente metodológica do paralelismo. (Cf. Parte I, cap.2, Parte II, seção 1.2). 2º. Por não considerar a continuidade de base existente entre os problemas e conceitos elaborados no “Ensaio sobre as afasias” e o “Projeto de uma psicologia” (1895). 3º. O autor parte do pressuposto, compartilhado por GARCIA-ROZA (2001, p.77), do abandono por parte de Freud das teses elaboradas no “Projeto...” (1895). Fato amplamente refutado pela presença constante e central que as teses em questão desempenham ao longo dos desdobramentos clínicos, conceituais e metodológicos na “Interpretação dos sonhos” (1900). (Cf. Parte IV, seção, 1.1, 2.4, 4.1, 4.4, 5.1, 5.2, 5.4, 5.5).

consciente, que recebe esse nome por que suas excitações podem, sob certas condições, tornarem-se conscientes. Freud sublinha que, a observação das modificações efetuadas no processo devido à censura, foi o que lhe sugeriu um símile espacial em que as excitações, para se tornarem conscientes, necessitam atravessar uma seqüência imutável de instâncias (FREUD, 1987f, p.602). O pré-consciente desempenha funções importantes nessa passagem, ele bloqueia o acesso à consciência, controla o acesso à atividade motora e tem a sua disposição uma energia de investimento móvel conhecida como atenção. A Consciência, por sua vez, é concebida como um *órgão sensorial para percepção de qualidades psíquicas*, assim, os processos de pensamentos, por serem destituídos de qualidade, para que possam ser percebidos necessitam se associarem às recordações de palavras que lhes emprestam qualidade suficiente para atrair a atenção da consciência. (FREUD, 1987f, p.605). Na seqüência, o autor fornece dois exemplos clínicos que visam mostrar que os pensamentos quando associados às palavras estão sujeitos a uma série de deformações e disfarces que lhes permitem um acesso mais ou menos livre a atividade consciente e a fala.

5.6. *Psychische Realität*: uma forma particular de existência

Freud conclui o último capítulo da obra numa avaliação do valor e das contribuições do estudo dos sonhos em duas vertentes do conhecimento: a teórica e a prática. Seu *valor teórico*, pondera o autor, estaria nas contribuições que o estudo pode dar ao conhecimento psicológico e para a compreensão preliminar na abordagem dos problemas postos pelas neuroses: é a via régia para o inconsciente. Os sonhos fornecem mesmo *as provas* de que o

reprimido persiste e segue sendo capaz de operações psíquicas também no estado de saúde normal.

Os dois sistemas psíquicos, a censura na passagem entre eles, à inibição e a sobreposição de uma atividade por outra, as relações de ambos com a consciência (...) tudo isso pertence ao edifício normal de nosso instrumento psíquico e o sonho nos indica os caminhos que levam ao conhecimento de sua estrutura.(FREUD, 1987f, p.596).

Por outro lado, a compreensão que os sonhos permitem alçar sobre a estrutura e funções do aparelho psíquico é, para Freud, *uma condição necessária* para que se possa exercer uma influência terapêutica favorável sobre as psiconeuroses. Algo plenamente estabelecido desde o prefácio à primeira edição:

Como se verá, o sonho não pode reivindicar uma importância prática; não obstante, tanto maior é seu valor teórico como paradigma, e quem quer que tenha falhado em explicar a origem das imagens oníricas se esforçará em vão por compreender as fobias, as idéias obsessivas e as delirantes, e inclusive, exercer sobre elas uma influência terapêutica. (FREUD, 1987f, p.17).

Como bem observou COTTET (1999, p.93), a dinâmica da cura em Freud tem por modelo a teoria da formação do aparelho psíquico, ou seja, a análise é homogênea a reconstrução dos momentos constitutivos do aparelho, devendo o analista buscar no seu funcionamento a lei de sua ação. Segundo o autor, essa é uma relação estabelecida desde o ponto de partida e que se mantém até o final. Com efeito, a respeito do método catártico, por exemplo, Freud afirma que ele “*é mais adequado por que imita fielmente o mecanismo segundo o qual se originam e dissipam as perturbações.*” (FREUD, 1988a, p.62). Portanto, ambos, dinâmica da cura e aparelho psíquico se encontram em constante e recíproca reformulação conforme a evolução dos problemas que se lhes apresentam.

Quanto ao *valor prático* do estudo, Freud se mostra bastante cauteloso, com efeito, pois o termo *prático* está sendo tomado numa acepção *moral e ética*. São três as questões postas desde essa perspectiva:

1.º Qual é o valor prático do estudo para o conhecimento da alma e o descobrimento das propriedades ocultas do caráter dos indivíduos?

2.º Acaso os impulsos inconscientes que o sonho manifesta não possuem um valor de reais poderes dentro da vida psíquica?

3.º Deve-se iluminar o significado ético dos desejos sufocados, que, assim como criam os sonhos, podem engendrar amanhã outra coisa (como uma ação, por exemplo)? (FREUD, 1987f, p.607).

Freud primeiramente observa que esse problema prático não foi desenvolvido pelo estudo, muito embora tenha recebido um tratamento preliminar no exame crítico da literatura.¹⁴⁰ Contudo, julga necessário deixar claro sua posição, e para isso retorna ao comentário de SCHOLTZ a respeito de uma passagem histórica sobre o “sonho de um cidadão romano”. Segundo Scholtz:

O imperador romano que mandou executar um de seus súditos por que esse havia sonhado que cortava a cabeça do governante não estava equivocado quando justificou seu ato dizendo que, aquele que assim sonha, também deve alimentar idéias parecidas quando desperto. (apud, FREUD, 1987f, p.90).

O imperador romano justificou a execução de seu súdito por entender que não há diferença entre os pensamentos dos sonhos e aqueles que ocorrem durante a vigília, ambos se

¹⁴⁰ No exame da literatura o autor dedica uma seção (F) as diferentes opiniões sobre a questão da presença ou inexistência dos sentimentos morais nas formações oníricas, bem como sobre a *responsabilidade* ou *irresponsabilidade* do sujeito para com seus sonhos imorais e a relação desses impulsos com a vida da vigília. Conclui com a elaboração de um problema que é retomado nesse último capítulo: “nos confrontamos com o problema de que parte dos processos psíquicos que ocorrem nos sonhos devem ser considerados como real, isto é, tem o direito de ser classificado entre os processos psíquicos da vigília ?” (FREUD, 1987f, p.97).

constituem como processos conscientes e se realizam na cena da ação da vigília, portanto, partilham da mesma realidade. Dessa forma, não haveria necessidade alguma do trabalho de interpretação, pois, esse entendimento abole, entre outros fundamentos, a distinção cara a Freud entre conteúdo manifesto e conteúdo latente assim como todo trabalho e tramite psíquico inconsciente que isso implica.¹⁴¹

Opino, simplesmente, pondera Freud, que o imperador romano *se equivocou* quando mandou executar seu súdito. O equívoco se deve a duas razões: 1º. O imperador deveria, antes de tudo, ter se preocupado em interrogar o significado do sonho; muito provavelmente não seria aquele que parecia ser. 2º. Mesmo que a interpretação de um sonho revelasse esse significado de *lese majesté*, não deveríamos, se pergunta Freud, aceitar o juízo de Platão de que o *virtuoso se contenta em sonhar o que o perverso realmente executa*? Diante da polêmica ética e moral Freud se posiciona ao lado de Platão asseverando que: “o melhor é deixar em liberdade os sonhos” (FREUD, 1987f, p.607). As razões são claras quando se considera que durante o estado de sono a atividade da *censura* relaxa, no entanto, fecham-se também as portas do movimento. Assim, quaisquer que sejam os impulsos inconscientes encenados, eles permanecem inofensivos por que “*não são capazes de por em movimento o aparelho motor, o único que pode atuar sobre o mundo externo, transformando-o. O estado de dormir garante a segurança da cidadela.*” (FREUD, 1987f, p.559).

É no contexto dessas questões sobre o valor dos sonhos para “o julgamento do caráter” que se encontra a célebre e problemática passagem que introduz no projeto clínico-conceitual freudiano uma nova ordem de realidade: a *realidade psíquica*. Essa introdução se faz em dois tempos; o primeiro é marcado pela questão prática que lhe antecedeu, qual seja: os desejos inconscientes, assim como criam os sonhos, podem engendrar amanhã outra coisa, como a ação temida pelo imperador romano, por exemplo? Uma questão altamente complexa do

¹⁴¹ (Cf. Parte IV, seção 1.1).

ponto de vista do *conflito* constitutivo das operações desiderativas no aparelho, daí a cautela de Freud:

“*Eu não sei se aos desejos inconscientes se deve reconhecer-lhes realidade; a todos os pensamentos intermediários e de transição, desde já, ela deve ser negada.*” (FREUD, 1987f, p.607, grifo nosso).

O contexto indica que o termo “realidade” está sendo utilizado nessa frase como uma referência à *realidade prática* tal qual ela *se constitui para cena de ação da vida diurna* dominada pela *censura* e pelo *juízo*. É o que justifica a dúvida que aí se instala: Eu não sei se aos desejos inconscientes oníricos, tal qual se nos apresentam mediante o trabalho de interpretação, se deve reconhecer-lhes a mesma realidade que vigora para os processos psíquicos da vigília, ou seja, a possibilidade de existirem *publicamente diante dos julgamentos morais* enquanto processos susceptíveis de representação verbal, atenção consciente e ação motora voluntária. Deve-se considerar que, na cena do sonho, o trabalho onírico opera justamente uma subversão dos valores produzindo uma cena que visa uma *unidade de ação isenta de censura*, onde não se pode mais distinguir verdade e ficção.

Porém, no que se refere aos pensamentos oníricos intermediários e de transição – em que se pode reconhecer a dimensão psicológica¹⁴² dos eventos psíquicos – não há dúvida: a todos eles a realidade deve ser negada. Com efeito, pois como foi demonstrado, o trabalho do sonho os despoja de sua realidade e os introduz em outras relações¹⁴³; os utiliza como material apto a representar e encobrir o desejo inconsciente diante da censura. A importância dos pensamentos intermediários é justamente ser um componente absolutamente necessário para que os desejos infantis possam obter uma satisfação substitutiva, bem como exercer seus

¹⁴² Sobre a diferença entre o psíquico e o subjetivo/psicológico ver Parte II, seção 4.1 e 7.1.

¹⁴³ (Cf. Parte IV, seção 2.4 e cap.4).

efeitos, ligando-se aos pensamentos da vigília e transferindo a eles sua carga de excitação. (RUDGE, 2003, p.18).

Na seqüência, a questão é colocada desde uma perspectiva epistemológica, logo a conclusão extraída deve ser lida como uma resposta a um problema clínico e conceitual cuja resolução foi precedida por uma longa etapa de elaboração, desde os trabalhos com a histeria, o hipnotismo e a linguagem (1888-1891), o “Projeto de uma psicologia” (1895), o colapso da teoria da sedução (1897) até a “Interpretação dos sonhos” (1900). Trata-se de uma decisão teórica: se não se pode reconhecer aos desejos inconscientes a mesma realidade que vigora para ação subjetiva dos processos da vigília, os resultados efetivos do trabalho clínico com os sonhos e sintomas conduzem ao reconhecimento de um domínio de realidade próprio ao inconsciente. Portanto:

Se estivermos frente aos desejos inconscientes em sua expressão última e mais verdadeira, é preciso concluir que a realidade *psíquica* [*Psychische Realität*] é uma forma particular de existência que não deve ser confundida com a realidade *material*. (FREUD, 1987f, p.607, grifo do autor).¹⁴⁴

A interpretação dos sonhos demonstra de modo inequívoco que o desejo inconsciente em sua *expressão* última e mais verdadeira é o infantil: a criança que segue vivendo com seus

¹⁴⁴ Deve-se considerar que a presente sentença não consta na 1ª edição da obra e foi estabelecida na sua forma final apenas em 1919. Em sua primeira versão de 1909 o conceito realidade psíquica se apresenta sem se opor a outra realidade: “se olharmos par aos desejos inconscientes reduzidos a sua forma mais fundamental e verdadeira, teremos de lembrar-nos, fora de dúvida, que também a realidade psíquica possui mais de uma forma de existência.” (FREUD, 1987f, p.616). Em 1914 enfatiza a diferença: “a realidade psíquica é uma forma especial de existência que não deve ser confundida com a realidade factual”. Textos contemporâneos, como “Contribuição à história do movimento psicanalítico” (1914), indicam que o uso que Freud faz do termo realidade factual, contrapondo-o a realidade psíquica, também tem uma acepção prática: “Se os histéricos reconduzem seus sintomas a traumas inventados, há aí um fato novo, a saber, que eles criam essas cenas na fantasia, e essa realidade psíquica deve ser apreciada junto à realidade prática.” (FREUD, 1989a p.17). Somente em 1919 a palavra factual é substituída por material. Sobre as razões da introdução tardia do conceito de realidade psíquica remetemos o leitor aos trabalhos de COELHO JR. (1994) e DAYAN (1984).

impulsos e traços de caráter.¹⁴⁵ A constatação contínua dessa afirmação, tanto em termos clínicos e terapêuticos quanto como exigência lógica, é que leva a concluir a favor do reconhecimento de uma *Psychische Realität*. Mas o que justifica o estatuto de realidade, e no que consiste esta forma particular de existência que *não deve ser confundida com realidade material da cena de ação consciente*? Primeiramente, é preciso considerar que, desde quando o inconsciente passou a assumir um lugar conceitual mais ou menos definido na determinação dos processos psíquicos, houve uma necessidade crescente de lhe reconhecer um estatuto de realidade. Pois, na ausência de um estatuto próprio, seus processos sempre foram tratados com instrumentos advindos de um outro domínio, a realidade da cena consciente.¹⁴⁶

Foi somente com a investigação que revelou a importância das fantasias na formação dos sintomas, e no limite para a própria constituição do inconsciente, que se abriu caminho para um novo campo de pesquisa: um domínio do real, *psíquico*, e extrínseco ao campo *subjetivo*. Esse novo domínio, para ser circunscrito, exigiu a criação de instrumentos teóricos e metodológicos diferentes dos utilizados para a cena consciente, e os mais importantes deles foram, sem dúvida, a associação livre e a representação tópica. MAURICE DAYAN (1985,

¹⁴⁵ (Cf. Parte II, seção 6.3, Parte III, cap.6 e Parte IV seção 2.2 e cap.3).

¹⁴⁶ Por exemplo, diante do colapso da teoria da sedução, Freud conclui que: *no inconsciente não há signos de realidade*. A utilização do signo de realidade indica que o inconsciente, o psíquico propriamente dito, é tratado nesse momento com instrumentos teóricos próprios da *realidade subjetiva*, psicológica, configurada pela ação conjunta da percepção, do juízo e da memória consciente, mediante a associação com as representações verbais. Contudo, apesar da insuficiência ou mesmo incompatibilidade desses instrumentos para tratar do domínio inconsciente, se deve reconhecer que o estabelecimento dessa realidade subjetiva, ou mais propriamente, a *realidade do pensar* (*Denkrealität*), foi um precursor importante para a realidade psíquica. Como vimos, (Cf. Parte III, cap. 4), o pensamento adquire realidade mediante o seguinte processo: os signos de descarga linguística que se desprendem da palavra falada no momento em que se associam às imagens mnêmicas equivalem, em importância e função, aos signos qualitativos perceptuais. Atraem a atenção consciente e “equiparam os processos do pensar aos processos perceptivos, lhes proporcionam uma realidade [*Realität*] e possibilitam sua memória.” (FREUD, 1988b, p.414.). Como observou DAYAN, (1985, p.50), em ambos os casos, do mundo externo ou do pensar, do ponto de vista de alguém que dispõe de tal aparelho, ou seja, do ponto de vista subjetivo, a realidade se faz representar por descargas sensoriais, os signos de realidade para a percepção e os signos de descarga linguística para o pensamento.

p.332) tece um comentário a respeito¹⁴⁷ que sintetiza com clareza a circunscrição conceitual em questão:

o infantil o qual Freud atribui o essencial do inconsciente (...) é uma determinação tópica do recalcado (...) como conseqüência de uma separação primeira (não traduzível) [carta 52]. É essa aptidão a um isolamento tópico é o essencial, e aparece como a condição de possibilidade do recalçamento sob a égide do princípio do prazer, por que essa separação devém, ela mesma, realidade psíquica.

O que essa observação traz de essencialmente novo é a conseqüência plenamente sustentável que ela extrai da determinação tópica do recalcado: *essa separação devém, ela mesma, realidade psíquica*. Os trabalhos dedicados às fantasias, bem como a própria investigação dos sonhos, demonstraram e estabeleceram que os intensos desejos provenientes do núcleo infantil, centro psíquico do aparelho anímico, exibem, devido a seu isolamento tópico, uma *forma particular de existência*: os desejos inconscientes, de acordo com a natureza do material eminentemente visual que os constitui, organizam-se como encenações psíquicas em torno de algo que teve apenas uma *possibilidade de existir*, que – de fato – nunca ocorreu, mas, no entanto, foi e continua sendo intensamente desejado.¹⁴⁸

Por outro lado, tais cenas representam os *restos ativos* de uma *simbolização primária*, não-verbal, referente às vivências sexuais próprias do infantil (a sedução é um exemplo): são cenas primárias, ou, se nos permitem o anacronismo, fantasias originárias. *A realidade psíquica – que resulta desse trabalho primário de simbolização – se constitui então como*

¹⁴⁷ (Cf. Parte IV, seção 5.4)

¹⁴⁸ Vale sublinhar a *natureza sexual* de tais desejos, pois se trata mesmo de um princípio estabelecido pela doutrina, uma vez que nenhuma outra pulsão teve de suportar desde a infância uma repressão tão grande quanto à pulsão sexual, e nenhuma outra deixou atrás de si, tantos e tão fortes desejos inconscientes que, posteriormente, passam a impulsionar a formação de sonhos e sintomas. (FREUD, 1987f, p.398). Importante também observar que o desejo inconsciente verdadeiramente real assume diferentes formas de expressão no contexto dos conflitos da vida amorosa infantil: desde a mania de grandeza, o egoísmo absolutista, e o exibicionismo ao desejo de morte, a vingança e a autopunição. (Cf. Parte IV, seção 2.2 e cap.3: sonhos típicos e a psicologia do desejo infantil).

forma particular de existência disso que se caracteriza como o psíquico verdadeiramente real: o ponto insondável e traumático de onde as representações do infantil se formam desde suas raízes pulsionais.

As características que justificam um estatuto de realidade e uma forma particular de existência as fantasias inconscientes, que não devem ser confundidas com a cena do sonho manifesto e os devaneios pré-conscientes, são:

1º. A constatação de que o desejo enquanto inconsciente permanece *inalterado* e *eficaz* face às transformações da realidade subjetiva. As fantasias que o encenam se destacam como realidade por sua perdurabilidade, sua fixidez, em outros termos, seu caráter determinante e impossível de mudar em razão da “lacuna na eficácia funcional” que divide o aparelho em dois sistemas em permanente conflito.¹⁴⁹

2º. As cenas inconscientes se constituem como realidade na medida em que veiculam nos sonhos – mediante trabalho de deformação e transferência para experiências atuais – uma *satisfação real e efetiva*, por mais repugnante e indesejável que se apresente às instâncias superiores do aparelho psíquico. Uma satisfação disfarçada e parcial de um desejo reprimido cuja própria natureza pressupõe um vínculo material indissociável entre corpo e representação, entre o desejo e suas raízes pulsionais.¹⁵⁰

¹⁴⁹ Do ponto de vista metapsicológico, estabilidade e eficácia permanente dessas cenas se sustenta graças à conservação dos dispositivos psíquicos pelos quais esses processos transcorrem e seguem sendo susceptíveis de uso. São caminhos sempre transitáveis tão pronto uma quantidade de excitação deles se sirva. Enquanto inconscientes, separadas de todo o resto, tais representações não sofrem a influência primária do tempo sobre seus restos mnêmicos: no inconsciente nada finda, nada é passado. Tal ação temporal somente se torna uma possibilidade mediante alterações secundárias obtidas por árduo trabalho que implica em submeter o inconsciente, o tanto quanto possível, ao império da palavra, o pré-consciente. É o trabalho da palavra que historiciza tais desejos pré-históricos e os torna susceptíveis de um debilitamento afetivo o que não implica em destruí-los, o que é impossível, e sim tramita-los.

¹⁵⁰ Do ponto de vista da experiência, vale lembrar que, segundo Freud, é o afeto que faz do sonho uma vivência real, o que inclui entre outros o afeto de satisfação: no sonho o regozijo é tão real quanto durante a vida diurna. (Cf. Parte IV, seção 4.4). Freud também observa que da perspectiva do sintoma a satisfação visada pelos impulsos de desejo pode se manifestar por meio de sensações e parestesias nos órgãos genitais e em outras partes do corpo, e que isso corresponde ao conteúdo sensorial das

Quanto à realidade material que se lhe opõe, é preciso observar que: ela não deve ser confundida com a realidade psíquica em mais de um sentido. Muito embora, nos limites dessa pesquisa não seja possível examinar a evolução conceitual por que passa essa outra realidade após 1900¹⁵¹, é importante pontuar os contextos que regulam as diferentes *acepções complementares* da palavra *material*. Existem, a princípio, três contextos a serem considerados: o original de 1891 a 1900, onde o conceito de realidade prática se sustenta plenamente; o segundo de 1914 que, em linhas gerais, corresponde ao original acentuando a incompatibilidade entre realidade e realização de desejo na formação dos sintomas¹⁵²; e o terceiro contexto 1919, onde a palavra material é introduzida complementando os sentidos anteriores e acentuando-os numa direção já presente nos desenvolvimentos iniciais. Em carta a Fliess de 1899, por exemplo, a oposição que aqui será retomada, é reconhecida como originária: “*Realidade e realização de desejo: desses opostos emerge nossa vida psíquica*”. (FREUD, 1988, p. 320).

A realidade material “*vai sendo constituída por oposição ao que é psíquico*” (COELHO JR, 1991, p.72)¹⁵³, e conforme se apresenta nesta progressão conceitual que culmina no “Mais além do princípio do prazer” (1920) e posteriormente no “Esboço de psicanálise” (1938), compreende que: no próprio seio da cena de ação da vida diurna e da materialidade dos fatos, existe um resto real designado material, equivalente ao real psíquico, porém, alheio e independente da realidade psíquica do desejo inconsciente. Conforme a

cenas infantis que são reproduzidas na vida adulta alucinatoriamente, e com frequência, intensificadas dolorosamente. (Cf. Parte III, seção 3.3).

¹⁵¹ Cf. COELHO JR. (1994) e DAYAN (1984).

¹⁵² Cf. “Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental” (1911) e “Conferências Introdutórias sobre a psicanálise, Parte III - Doutrina geral das neuroses.” (1916-1917).

¹⁵³ (Cf. Parte II, cap.2: A realização alucinatoria de desejo e o signo de realidade, cap.7: A materialidade das descargas sensoriais e a concepção de realidade no “Projeto...” (1895) e Parte III, seção 5.1: No inconsciente não existe signo de realidade).

conferência sobre a *Weltanschauung* (1932): trata-se daquilo “*que existe fora de nós e independente de nós, e, segundo nos ensinou a experiência, é decisivo para a satisfação ou a decepção de nossos desejos.*” (FREUD, 1989c, p.157).¹⁵⁴

Essa reformulação dos opostos e de seu modo de relação, incluindo a concepção de *matéria* pressuposta ¹⁵⁵, remete então a diferença entre um domínio de realidade que é configurado pelo desejo, e outro real que lhe é absoluta e dolorosamente indiferente – mas do qual *depende* –. Não obstante, é possível verificar algo comum entre esse real material e o real psíquico, ambos, distintos das realidades que os representam, se definem na vida de relação do aparelho como restos irreduzíveis, resistentes à análise e a subjetivação: um substrato de *possibilidades permanentes de excitação*, imprevisíveis e por vezes insuportáveis.

Como observou RUDGE (2003), a partir do “Além do princípio do prazer (1920)” o objetivo da realização de desejo passa a dividir o terreno com a função primordial de obter a ligação psíquica das impressões traumáticas ao longo de um processo de representação.¹⁵⁶ Do ponto de vista da constituição, o trabalho de *domínio das excitações* que ultrapassam o aparelho se torna algo que precede e prepara a instalação do funcionamento psíquico segundo o princípio do prazer. Uma atividade primária, evidenciada pelos sonhos traumáticos, que foi reconhecida como uma condição de possibilidade para que se instalem as condições necessárias para a futura realização de desejo. Nesse contexto traumático onde a ordem das prioridades é revista:

as surpresas e os acontecimentos imprevisíveis [...] [tomam] a precedência na formação onírica. *O real* assume um papel decisivo na psicanálise, recolocando sem cessar a necessidade da elaboração psíquica. Fazer face ao que de inesperado pode vir da natureza, do próprio corpo, ou de outras pessoas, algumas vezes constituindo um perigo para a sobrevivência psíquica, é uma tarefa permanente do psiquismo, e o sonho está a serviço desta tarefa. (RUDGE, 2003, p.22).

¹⁵⁴ (Parte IV, seção 4.2).

¹⁵⁵ (Cf. Parte I, cap.3, Parte IV, seção 5.5).

¹⁵⁶ (Cf. Parte IV, seção 5.3).

Portanto, o real, nas suas duas dimensões psíquica e material, assume o lugar de *causa* exigindo do aparelho um trabalho contínuo em prol da sobrevivência psíquica, o que, para Freud, é indissociável da vida sexual e do trabalho da cultura. (FREUD, 1987f, p.255).

Após ter reconhecido uma realidade própria ao desejo inconsciente distinta da realidade material, Freud conclui com mais algumas breves considerações sobre o aspecto ético do problema. Afirma que o discernimento entre realidades deve favorecer os indivíduos a tomarem para si a *responsabilidade* pelo caráter imoral de seus sonhos. Pois, as características chocantes da vida onírica e da vida de fantasia, como os desejos de morte ou os demais desejos imorais e ambiciosos, o mais das vezes, se dissipam pela apreciação de sua origem, bem como do conflito constitutivo e operante no funcionamento do aparelho. De modo geral, basta, para o julgamento do caráter, que se levem em conta às ações que se expressam conscientemente, uma vez que os impulsos infantis, via de regra, são cancelados, antes de resultarem em ações, por poderes reais consolidados pela história evolutiva do aparelho anímico. “Cada um [...], diante da realização do sonho trazida aqui para a realidade, **recua espantado** com toda força da repressão que separa seu estado infantil do estado atual.” (FREUD, 1988, p.307). Em todo caso, conclui, é instrutivo tomar conhecimento do terreno palmilhado do qual se levantam orgulhosas nossas virtudes. (FREUD, 1987f, p.608).

CONCLUSÃO

Os passos inaugurais da clínica freudiana em torno do diagnóstico e do tratamento da histeria puseram em questão o *estatuto da representação do corpo* estabelecido pela neurologia que lhe era contemporânea. O ensaio crítico sobre o conceito de representação e o aparelho de linguagem certamente abriu o campo e definiu as bases de uma nova disciplina no campo do saber. Corpo e representação, estiveram a partir de então, desde o ponto de vista psicológico, articulados sob uma mesma base material: as excitações e suas derivações sensoriais e afetivas. A clínica dos primeiros anos também exigiu a rearticulação desses conceitos numa teoria da memória que pudesse dar conta participação psíquica inconsciente na formação dos sintomas e na etiologia das neuroses. O importante é notar que a crescente complexidade dos problemas da qual resultou o primeiro aparelho de memória, uniu, de forma definitiva, corpo e representação. A articulação da relação direta, sem proteção, entre o núcleo do aparelho e as excitações provindas do interior do corpo se constituiu desde então como a mola impulsiva do desenvolvimento, fonte de desamparo e da introdução do semelhante e do desejo na estruturação psíquica humana.

A partir desses desdobramentos se inicia no percurso freudiano uma longa interrogação pelo estatuto do real cujos momentos cruciais é preciso sintetizar. Primeiro, é importante lembrar que a representação para Freud não se trata de uma cópia ou reprodução de algo, e sim de uma construção psíquica particular guiada por princípios próprios. Essa construção psíquica que põe em relação o aparelho, o mundo e o corpo, se faz em torno de uma abertura permanente cuja tentativa de significação mediante as representações de palavra deixa sempre um resto real impossível de significar. Além da representação não se definir numa projeção ponto a ponto do representado, e de sempre restar um saldo negativo de seu

processo, a própria teoria da memória pressupõe uma estratificação contínua que multiplica as formas de registro de um mesmo objeto ou evento que são transcritas em diferentes sistemas associativos ao longo das épocas da vida. Diante desse panorama, considerando-se a natureza sexual das recordações que interessa a Freud, as fantasias assumem um lugar significativo na determinação dos sintomas e da própria constituição dos primeiros sistemas do aparelho mental. Da crise teórica e clínica que daí se instala resulta na imensa redefinição da concepção de memória efetuada por Freud que acaba por implodir qualquer possibilidade de conceber uma identidade entre o evento material ou objeto e sua representação psíquica no aparelho. Freud reconhece nas atividades do aparelho psíquico um princípio regulador que se recusa a recordar qualquer coisa que possa liberar desprazer, assim, no ato da rememoração, a primazia é do desprazer e não da autenticidade: a teoria da memória passa a ser concebida a partir da formação das fantasias. Isso dá impulso às questões a respeito da origem e do modo de produção da cena psíquica inconsciente, bem como da circunscrição conceitual daquilo que pode ser considerado como a grande contribuição de Freud a psicologia: o infantil – o que da memória do desejo não pode ser recuperado pelo verbal – e que, no entanto, busca realizar-se conformando o presente a partir do modelo coercitivo construído no passado, a partir de uma matriz infantil de relação às coisas desejadas. (MEZAN, 1998a, p.263).

Na medida em que o sonho nos apresenta um desejo como realizado, nos conduz indubitavelmente para o futuro; mas esse futuro que representamos como presente é criado, por um desejo indestrutível, a imagem e semelhança do passado. (FREUD, 1987f, p.608).

Portanto, com a realidade psíquica do desejo inconsciente trata-se de uma hipótese sobre um existente que cumpre a função de completar a explicação psicológica e de justificar a tese de um determinismo estrito para cada ato psíquico, alicerçado na história individual. (SIMANKE, 2003, p.284). Em outros termos, pode-se dizer que as fantasias de desejo regulam, mesmo inconscientes, todas as expectativas de um sujeito, todas suas

convicções vitais e todas suas reações. (SOLER, 2004, p.54). Essa é, em linhas gerais, a progressão conceitual que precede e sustenta o reconhecimento teórico da realidade psíquica do desejo infantil, tal qual apresentamos nas últimas seções desse trabalho. Trata-se, enfim, no contexto dessa gênese conceitual, de uma realidade inconsciente necessária e correlativa da construção de um aparelho de memória regido por uma teoria materialista da representação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FREUD, S. (1887-1904): Fragmentos de la correspondencia con Fliess. In: *Obras Completas de Sigmund Freud*. Buenos Aires: Ed. Amorrortu, 1988, v.1, p. 213-322.

_____. (1888): Histeria. In: *Obras Completas de Sigmund Freud*. Buenos Aires: Ed. Amorrortu, 1988a. v.1, p.43-65.

_____. ([1888]1888-1889): Prólogo a la traducción de H. Bernheim, *De la suggestion*. In: *Obras Completas de Sigmund Freud*. Buenos Aires: Ed. Amorrortu, 1988b. v.1, p.79-91.

_____. (1890): Tratamiento Psíquico. In: *Obras Completas de Sigmund Freud*. Buenos Aires: Ed. Amorrortu, 1988c. v.1, p.113-132.

_____. (1891): *La Afasia..* Buenos Aires: Ed. Nueva Vision, 1973.

_____. (1891): *Zur Auffassung der Aphasien: eine kritische Studie*. Frankfurt: Fischer, 1992.

_____. (1892-93): Um caso de curación por hipnosis. In: *Obras Completas de Sigmund Freud*. Buenos Aires: Ed. Amorrortu, 1988d. v.1, p.149-162.

_____. (1892-94): Prólogo y notas de la traducción de J.-M. Charcot, *Leçons dum ardi de la Salpêtrière (1887-88)*. In: *Obras Completas de Sigmund Freud*. Buenos Aires: Ed. Amorrortu, 1988e. v.1, p.165-177.

_____. (1940-41 [1892]): Bosquejos de la “Comunicación preliminar” de 1893. In: *Obras Completas de Sigmund Freud*. Buenos Aires: Ed. Amorrortu, 1988f. v.1, 181-190.

_____. ([1893]1888-1893): Algunas consideraciones com miras a um estúdio comparativo de las parálisis motrices orgânicas e histéricas. In: *Obras Completas de Sigmund Freud*. Buenos Aires: Ed. Amorrortu, 1988g. v.1, p.193-210.

_____. (1893): Charcot. In: *Obras Completas de Sigmund Freud*. Buenos Aires: Ed. Amorrortu, 1989a, v.3, p. 9-24.

_____. (1893): Sobre el mecanismo psíquico de fenómenos histéricos: In: *Obras Completas de Sigmund Freud*. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1989b. v. 3, p.27-40.

_____. (1894): Las neuropsicoses de defesa: In: *Obras Completas de Sigmund Freud*. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1989c. v. 3, p.41-68.

FREUD, S. e BREUER, J. (1893): Sobre el mecanismo psíquico de fenómenos histéricos: comunicación preliminar. In: *Obras Completas de Sigmund Freud*. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1987a. v. 2, p.29-43.

_____. (1893-1895): Estudios sobre la histeria. In: *Obras Completas de Sigmund Freud*. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1987b. v. 2, p.23-194.

BREUER, J. (1895): Parte teórica. In: *Obras Completas de Sigmund Freud*. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1987c. v. 2, p.198-203.

FREUD, S. (1895): Sobre la psicoterapia de la histeria. In: *Obras Completas de Sigmund Freud*. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1987d. v. 2, p.263-309.

_____. ([1950]1895): Proyecto de psicología. In: *Obras Completas de Sigmund Freud*. Buenos Aires: Ed. Amorrortu, 1988h. v.1, p. 325-436.

_____. (1895/1950). Entwurf einer Psychologie. In: Sigmund Freud. *Gesammelte Werke*. Nachtragsband. Frankfurt: Fischer, 1987e, p. 387-477.

_____. (1895 [1894]): Sobre la justificación de separar de la neurastenia un determinado síndrome en calidad de neurosis de angústia. In: *Obras Completas de Sigmund Freud*. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1989d, vol. 3, p. 87-115.

_____. (1896): La herencia y la etiología de las neurosis. In: *Obras Completas de Sigmund Freud*. Buenos Aires: Ed. Amorrortu, 1989e, v.3, p. 141-156.

_____. (1896): Nuevas puntualizaciones sobre las neuropsicosis de defensa. In: *Obras Completas de Sigmund Freud*. Buenos Aires: Ed. Amorrortu, 1989f, v.3, p.159-184.

_____. (1896): La etiología de la histeria. In: *Obras Completas de Sigmund Freud*. Buenos Aires: Ed. Amorrortu, 1989g, v.3, p.187-218.

_____. (1898): La sexualidad en la etiología de las neurosis. In: *Obras Completas de Sigmund Freud*. Buenos Aires: Ed. Amorrortu, 1989h, v.3, p.253-276.

_____. (1898): Sobre el mecanismo psíquico de la desmemoria. In: *Obras Completas de Sigmund Freud*. Buenos Aires: Ed. Amorrortu, 1989i, v.3, p.279-289.

_____. (1899): Sobre los recuerdos encubridores. In: *Obras Completas de Sigmund Freud*. Buenos Aires: Ed. Amorrortu, 1989j, v.3, p.293-315.

_____. (1900): La interpretación de los sueños. In: *Obras Completas de Sigmund Freud*. Buenos Aires: Ed. Amorrortu, 1987f, v.4,5, p.03-608.

_____. (1911): Formulaciones sobre los dos principios del acontecer psíquico. In: *Obras Completas de Sigmund Freud*. Buenos Aires: Ed. Amorrortu, 1987g, v.12, p.217-232.

_____. (1914): Contribución a la historia del movimiento psicanalítico. In: *Obras Completas de Sigmund Freud*. Buenos Aires: Ed. Amorrortu, 1989a, v.14, p.03-64.

_____. (1916-17[1915-17]): Conferencias de introducción al psicoanálisis. Parte III Doctrina general de las neurosis. In: *Obras Completas de Sigmund Freud*. Buenos Aires: Ed. Amorrortu, 1987h, v.16, p.221-446.

_____. (1920): Más allá del principio de placer. In: *Obras Completas de Sigmund Freud*. Buenos Aires: Ed. Amorrortu, 1989b, v.18, p.03-62.

_____. (1932): 35ª conferencia. Em torno de una cosmovisión [*Weltanschauung*]. In: *Obras Completas de Sigmund Freud*. Buenos Aires: Ed. Amorrortu, 1989c, v.22, p.146-168.

_____. (1940 [1938]): Esquema del psicoanálisis. In: *Obras Completas de Sigmund Freud*. Buenos Aires: Ed. Amorrortu, 1989d, v.23, p.135-210.

OUTROS AUTORES

AMACHER, P. Freud's Neurological Education and Its Influence on Psychoanalytic Theory. *Psychological Issues*, New York: International University Press, vol. IV, nº 4. Monograph 16., 1965.

ARAUJO, S. F. O conceito freudiano de representação no texto “Zur auffassung der aphasien” (1891). *Revista Olhar*, São Carlo, ano 5, nº8, jan-jun, p.104-112, 2003.

BIRMAN, J. *Freud e a interpretação psicanalítica: a constituição da psicanálise*. RJ: Relume-Dumará, 1991.

_____. A linguagem na constituição da psicanálise – Uma leitura do ensaio Contribuição à concepção das afasias, de S. Freud. *Ensaio de teoria psicanalítica*, 1ª parte. RJ: Jorge Zahar Ed., 1993.

BOURGUIGNON, A. As funções do sonho. In: _____. *O conceito de renegação em Freud e outros ensaios*. RJ: Jorge Zahar Editor, 1991, p.77-93.

_____. A psicanálise e as ciências. In: _____. *O conceito de renegação em Freud e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1991, p.94-100.

_____. Alguns problemas epistemológicos colocados no campo da psicanálise freudiana. In: _____. *O conceito de renegação em Freud e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1991, p.101-138.

_____. Articulação entre a complexidade do SNC e a complexidade da organização psíquica. In: _____. *O conceito de renegação em Freud e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1991, p.139-153.

CARONE, M. Freud em português: tradução e tradição. In: SOUZA, P. C. (Org.). *Sigmund Freud e o gabinete do Dr. Lacan*. São Paulo: Brasiliense, 1989. p. 160-166.

CAROPRESO, F. S. *Representação e consciência na obra inicial de Freud*. 2002. Dissertação (Mestrado em Filosofia) Universidade Federal de São Carlos, São Carlos.

_____. As origens do conceito de inconsciente psíquico na teoria freudiana. *Natureza Humana*, São Paulo, vol.5, nº2, p.329-350 jul. - dez. 2003.

_____. Pensamento, linguagem e consciência nos textos iniciais de Freud. *Acheronta Revista de Psicoanálisis y Cultura*, n.22, 2005. Disponível em: <http://www.acheronta.org>. Acesso em 7 de mar. 2005.

COELHO JR, N. *A força da realidade na clínica freudiana*. 1994. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

COTTET, S. *Freud e o desejo do psicanalista*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1999.

DAVID-MÉNARD, M. *A histórica entre Freud e Lacan*. Corpo e linguagem em psicanálise. São Paulo: Editora Escuta, 2000.

DAYAN, M. *Inconscient et réalité*. PUF, Paris, 1985a.

_____. *Les relations au réel: critique de l'héritage freudien*. Paris: PUF, 1985b.

_____. Realidade psíquica e verdade histórica. *Boletim de Novidades – Pulsional Centro de Psicanálise*. Ano VIII nº. 73, mai., p.18-29, 1995.

_____. A relação de pertencimento regressivo. In: *Comunicação e representação: novas semiologias em psicopatologia*. São Paulo: Escuta, 1989, p.73-90.

DARWIN, C. *A expressão das emoções nos homens e nos animais*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

DELOUYA, D. Alucinação, desejo e hostilidade – eixo originário do projeto freudiano. *Jornal de Psicanálise*, São Paulo, v. 37, n. 68, p. 327-344, 2004.

ENGELHARDT JR., H. T.. John Hughlings Jackson and the Mind-Body relation. *Bulletin of the History of Medicine*, v.49, n.2, p.137-151, mar. 1975.

FRAYZE-PEREIRA, João A. Entre os sonhos e a interpretação: aparelho psíquico/aparelho simbólico. *Psicol. USP*, 1999, vol.10. Disponível em: <http://www.scielo.br>. Acesso em 30 de mar. 2005.

FERNANDES, M. H. *Corpo*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

FORRESTER, J. *A linguagem e as origens da psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago, 1983.

FULGÊNCIO, L. *O método especulativo em Freud*. 2001. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) Pontifícia Universidade Católica de São Paulo São Paulo.

_____. Comentários críticos das referências textuais de Freud a Kant. *Psicologia USP*, vol.12 nº1, São Paulo, 2001a, p.49-88.

FULGÊNCIO, L.; SIMANKE, R. T. (Org.). *Freud na filosofia brasileira*. São Paulo: Escuta, 2005.

GABBI JR., O. F. A pré-história do conceito de inconsciente. *Cadernos de História e Filosofia da Ciência*, nº7, p.43-65, 1984.

_____. A leitura freudiana das teorias pré-psicanalíticas sobre o sonho. In: PRADO JR., B. (org). *Filosofia da Psicanálise*. São Paulo: Brasiliense, 1991a. p. 139-162.

_____. Memória e desejo. In: PRADO JR., B. (org). *Filosofia da Psicanálise*. São Paulo: Brasiliense, 1991b. p.165-179.

_____. Sobre a concepção da afasia e da histeria: notas sobre a relação entre anatomia e linguagem nos primórdios da teoria freudiana. In: PRADO JR., B. (org). *Filosofia da Psicanálise*. São Paulo: Brasiliense, 1991c. p.183-198.

_____. *Freud: racionalidade, sentido e referência*. Campinas: UNICAMP, 1994.

_____. Mecanismo e Intencionalidade. In: GONZALES, M. E. Q; LUNGARZO, C. A; MILIDONI, C. B.; (Org.). *Encontro com as Ciências Cognitivas*. 2º ed. Marília, 1997, v. 1, p. 173-191.

_____. Notas sobre Linguagem e Pensamento em Freud. In: _____. *Fundamentos da Psicanálise: pensamento, linguagem, realidade e angústia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999, p.01-22.

_____. *Notas a projeto de uma psicologia: as origens utilitaristas da psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 2003.

GARCIA-ROZA, L. A. *Freud e o inconsciente*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

GREENBERG, V. D. *Freud and his aphasia book – language and the sources of psychoanalysis*. Ithaca and London: Cornell University Press, 1997.

GROSSMAN, W. I. Hierarquies, boundaries, and representation in a Freudian model of mental organization. *Journal of the American Psychoanalytical Association*, v.40, n.1, p.27-62, mar. 1992.

GEERARDYN, F. *Freud's Project: the roots of psychoanalysis*. London: Rebus Press, 1997.

HONDA, H. *Raízes britânicas da psicanálise: as apropriações de Stuart Mill e Hughlings Jackson por Freud*. 2002. Tese (Doutorado em Filosofia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

HOPKINS, J. The intepretation of dreams. In: NEU, J. (Org.) *The Cambridge Companion to Freud*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999. p.86-135.

IBERTIS, C. Representação e traço mnêmico no texto freudiano sobre as afasias. *Revista de Filosofia*, Curitiba, v.17, n.20, p. 11-23, jan./jun. 2005.

IZENBERG, G. Seduced and abandoned: the rise and fall of Freud's seduction theory. In: NEU, J. (Org.) *The Cambridge Companion to Freud*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999. p.25-43.

JACKSON, J. H. A dissolução do sistema nervoso. In: HERRNSTEIN, J. R.; BORING, E. G. *Textos básicos de história da psicologia*. São Paulo: Ed. Herder/Edusp, 1971. p. 285-289.

_____. (1878). On some implications of dissolution of the nervous system. In: James Taylor (org.). *Selected Writings of John Hughlings Jackson*. London: Staple Press, 1958a. vol.2. p. 29-44.

_____. (1878). Evolution and dissolution of the nervous system (Croonian lectures). In: James Taylor (org.). *Selected Writings of John Hughlings Jackson*. London: Staple Press, 1958b. vol.2. p. 45-75.

KEHL, M. R. O desejo da realidade. In: Adauto Novaes (org.). *O Desejo*. São Paulo: Companhia das Letras; [Rio de Janeiro]: Funarte, 1990. p.363-382.

LACAN, J. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

LAPLANCHE, J. *Vocabulário de Psicanálise*. SP: Martins Fontes, 1983.

_____. *Vida e morte em psicanálise*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J.B. *Fantasia originária, fantasias das origens, origens da fantasia*. RJ: Jorge Zahar Editor, 1985.

LEBRUN, Gérard. L'idee D'Epistemologie. *Manuscrito*, vol. I, nº1, p. 7-21, out. 1977.

LEVIN, K. Freud: *A primeira psicologia das neuroses*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1980.

LIPPS, T. O conceito de inconsciente na psicologia. *Natureza Humana*, São Paulo: Educ, v.1, n.1, p.335-356, jul. - dez. 2001.

LOPARIC, Z. Theodor Lipps: uma fonte esquecida do paradigma freudiano. *Natureza Humana*, São Paulo: Educ, v.1, n.1, p.315-331, jul. - dez. 2001.

MALAN, A. M. R. *O conceito de regressão na teoria freudiana*. Rio de Janeiro: Ed. Sul Americana, 1976.

MANIAKAS, G. C. O. F. *O sonho como fenômeno alucinatório de desejo*. Dissertação Mestrado, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 1994.

MARX. Freud and aphasia: an historical analysis. *American Journal of Psychiatry*, v.124, n.6, p. 123-133, dez. 1967.

MASSON, J.M. *A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Flies – 1887-1904*. Rio de Janeiro: Imago, 1986.

MEZAN, R. *Freud: a trama dos conceitos*. São Paulo: Perspectiva, 2003.

_____. A transferência em Freud: apontamentos para um debate. In: _____. *Tempo de muda: ensaios de psicanálise*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998a. p. 251-271.

_____. Metapsicologia: por que e para que. In: _____. *Tempo de muda: ensaios de psicanálise*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998b. p. 328-356.

MILIDONI, C. B. *Heurística Freudiana no “Projeto para uma psicologia científica”*. 1993. Tese (Doutorado em Filosofia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

MILL, J. S. *Sistema de lógica dedutiva e indutiva: exposição dos princípios da prova e dos métodos de investigação científica*. São Paulo: Abril Cultural, 1984.

_____. *Um exame da filosofia de Sir William Hamilton*. São Paulo: Abril Cultural, 1984.

_____. A química mental. In: HERRNSTEIN, J. R.; BORING, E. G. *Textos básicos de história da psicologia*. São Paulo: Ed. Herder/Edusp, 1971. p. 463-467.

MONTEIRO, J. P. Tendência e realidade em Hume e Freud. *Discurso* nº3 [S.1.: s.n.,19--].

MONZANI, L. R. Proposições para uma epistemologia da psicanálise. *Ide*, v.14, p.25, 1897.

_____. Sedução e fantasia. In: _____. *Freud: o movimento de um pensamento*. Campinas: Editora da Unicamp, 1989. p.27-55.

_____. A máquina de sonhar. In: _____. *Freud: o movimento de um pensamento*. Campinas: Editora da Unicamp, 1989. p.57-141.

_____. Discurso filosófico e discurso psicanalítico: balanço e perspectivas. In: PRADO JR., B. (org). *Filosofia da Psicanálise*. São Paulo: Brasiliense, 1991a, p. 109 -138.

_____. A teoria freudiana do sonho. In: FULGÊNCIO, L., SIMANKE, R. T. (Org.). *Freud na filosofia brasileira*. São Paulo: Escuta, 2005. p.135-143.

_____. O suplemento e o excesso. In: FULGÊNCIO, L., SIMANKE, R. T. (Org.). *Freud na filosofia brasileira*. São Paulo: Escuta, 2005. p.125-133.

_____. As tópicas psíquicas. In: FULGÊNCIO, L., SIMANKE, R. T. (Org.). *Freud na filosofia brasileira*. São Paulo: Escuta, 2005. p.145-157.

_____. O paradoxo do prazer em Freud. In: FULGÊNCIO, L., SIMANKE, R. T. (Org.). *Freud na filosofia brasileira*. São Paulo: Escuta, 2005. p.159-167.

NAGEL, E. La doctrina de la emergencia. In: _____. *La estructura de la ciencia*. Problemas de la lógica de la investigación científica. Buenos Aires: Editorial Paidós, 1978.

NASSIF, J. *Freud l'inconscient: sur les commencements de la psychanalyse*. Paris: Editions Galilée, 1977.

PRADO JR., B. (Org.) *Filosofia da Psicanálise*. São Paulo: Brasiliense, 1991.

_____. A narrativa na psicanálise: entre a história e a ficção. In: RIEDEL, D. C. (Org.) *Narrativa: ficção e história*. Rio de Janeiro: Imago, 1988, p.36-62.

PRIBRAM, K., GILL, M. *O projeto de Freud: um exame crítico*. São Paulo: Cultrix, 1976.

RIZZUTO, A.M. Freud's speech apparatus and spontaneous speech. *International Journal of Psycho-Analysis*, v.74, p.113-127, 1993.

_____. The origins of Freud's concept of object representation (Objektvorstellung) in his monograph "On Aphasia": its theoretical and technical importance. *International Journal of Psychoanalysis*, 71, p. 241-248, 1990.

_____. *Reflections about Freud's on aphasia and contemporary science*. Disponível em: http://br.geocities.com/materia_pensante/textos_entrada.html. Acesso em: 07 mar. 2006.

ROSSI, J. C. *Representação e afeto nas origens da metapsicologia freudiana*. 2004. Dissertação (Mestrado em Filosofia) Universidade Federal de São Carlos, São Carlos.

RUDGE, A. M. O infantil na metapsicologia. *Pulsional Revista de Psicanálise*, ano XII, nº.126, p.13-29, out. 1999.

_____. O trabalho do sonho. In: FILHO, R. A. P. et al (Org.). *Novas contribuições metapsicológicas à clínica psicanalítica*. Taubaté: Cabral Editora Universitária, 2003. p.17-28.

SANTI, P. L. R. *O conceito de fantasia na obra de Sigmund Freud*. 1995. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – Universidade de São Paulo, São Paulo.

_____. A realidade psíquica. In: GABBI JR., O. F. (Org.). *Fundamentos da psicanálise: pensamento, linguagem, realidade e angústia*. Campinas: UNICAMP, 1999. p.89-126.

SIMANKE, R. T. Clínica e metapsicologia de Freud a Lacan. *Temas em Psicologia*, São Paulo, nº2, p.1-12, 1994a.

_____. *A formação da teoria freudiana das psicoses*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1994b.

_____. Teoria da alucinação e a primeira versão do aparelho psíquico. In: _____. *A formação da teoria freudiana das psicoses*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1994c. p.13-70.

_____. As duas realidades. In: _____. *A formação da teoria freudiana das psicoses*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1994c. p.216-224.

_____. *O cérebro e a representação: elementos para uma metapsicologia da representação em Sobre a concepção das afasias (1891) de Freud*. Mimeo, 2004a.

_____. Memória, afeto e representação: o lugar do 'Projeto no desenvolvimento inicial da metapsicologia freudiana. *Acheronta Revista de Psicoanálisis y Cultura*, Buenos Aires - Argentina, v. 20, 2004b. Disponível em: <http://www.acheronta.org>. Acesso em 7 de mar. 2005.

_____. *Mente, cérebro e consciência nos primórdios da metapsicologia freudiana: uma análise do Projeto de uma psicologia (1895)*. 2004c, mimeo.

_____. Freud e o empirismo britânico: uma nova leitura do 'Projeto de uma psicologia'. *Psicologia: Revista de Psicanálise*, São Paulo, nº. 179, p.140-145, set. 2004d.

_____. A letra e o sentido do "retorno a Freud" de Lacan: a teoria como metáfora. In: SAFATLE, V. (Org.) *Um limite tenso: Lacan entre a filosofia e a psicanálise*. São Paulo: Editora UNESP, 2003. p.277-303.

SIMANKE, R. T. ; CAROPRESO, F. O conceito de consciência no Projeto de uma psicologia de Freud e suas implicações metapsicológicas. *Trans/Form/Ação*, Marília, v.28 n.1, 2005.

_____. *Temas de introdução à psicanálise freudiana*. 1. ed. São Carlos: EDUFSCar, 2006. v. 1.

SOLMS, M. e SALING, M. On psychoanalysis and neuroscience: Freud's attitude to the localizationist tradition. *International Journal of Psycho-Analysis*, v.67, p.397-416, 1986.

TEIXEIRA, J. F. Materialismo e teorias da identidade. In: _____. *Mente, cérebro e cognição*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000a. p. 66-88.

_____. Funcionalismo e mentes artificiais. In: _____. *Mente, cérebro e cognição*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000b. p.123-152.

TORT, M. A propos du concept freudian de "representant" (repräsentanz). *Les Cahiers pour l'analyse*. Paris, n.5, p.37-63, nov. 1966.

WILDLÖCHER, D. O paralelismo impossível. In: FÉDIDA, P. (Org.) In: *Comunicação e representação: novas semiologias em psicopatologia*. São Paulo: Escuta, 1989, p.231-260.

ZANETTI, C. E. Gênese e estruturação da realidade psíquica em Freud In: *XI encontro nacional de filosofia da Anpof*, 2004, Salvador, Atas..., Salvador, BA: Associação Nacional de Pós-Graduação em Filosofia, 2004, p.111 – 112.

_____. A introdução da fantasia na metapsicologia freudiana: a realização alucinatória de desejo e o signo de realidade. *Revista de Filosofia*, Curitiba, v.17, n.20, p. 25-43, jan./jun. 2005.

_____.O sentido da crença na teoria freudiana do juízo e as origens do aparelho psíquico. *Natureza Humana: Revista Internacional de Filosofia e Práticas Psicoterápicas*, São Paulo: Educ, 2006. (no prelo)

_____.A natureza e os limites da concepção freudiana de realidade no “Projeto de uma psicologia” (1895). 2006, mimeo.

_____. A sintomatologia da histeria: corpo, representação e matéria nos textos iniciais da obra freudiana. 2006, mimeo.

_____.Corpo, representação e direção de tratamento nos textos inaugurais da psicanálise freudiana. 2006, mimeo.